THE NEW YORK TIMES BESTSELLER

FREDRIK BACKMAN

# GENTE ANSIOSA

romance



NETFLIX
A NETFLIX SERIES



© Linnéa Jonasson Bernholm

**Fredrik Backman** nasceu em 1981, na Suécia, e foi colunista e *blogger* antes de se aventurar como romancista. Os seus livros são *bestsellers* mundiais, com grande sucesso junto do público e da crítica, e várias adaptações ao grande e pequeno ecrã, entre as quais se conta *Gente Ansiosa*, agora uma série da Netflix.

Na Porto Editora, publicou igualmente *A minha avó pede desculpa*, *Britt-Marie esteve aqui* e *Beartown*.

**Gente Ansiosa**
Fredrik Backman

Publicado em Portugal por
Porto Editora
Divisão Editorial Literária – Lisboa
Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:
*Folk med ångest*
© Fredrik Backman, 2019
Publicado por acordo com Salomonsson Agency

Tradução: Elsa T. S. Vieira

Design e ilustração da capa: © Kimberly Glyder

1.ª edição em papel: janeiro de 2022

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

**ISBN** 978-972-0-67364-0

*Este livro é dedicado às vozes na minha cabeça,*
*os mais extraordinários dos meus amigos.*
*E à minha mulher, que vive connosco.*

# 1

Um assalto a um banco. Um drama com reféns. As escadas de um prédio, apinhadas de agentes da polícia que se preparam para invadir um apartamento. Foi fácil chegar a este ponto, muito mais fácil do que se poderia imaginar.

Bastou uma única má ideia.

Esta história é sobre muitas coisas, mas acima de tudo é sobre idiotas. Assim, é preciso dizer desde já que é sempre muito fácil declarar que os outros são idiotas, mas apenas se esquecermos como é difícil sermos humanos. Em particular se tivermos alguém por quem tentamos ser humanos razoavelmente bons.

Porque, hoje em dia, é preciso lidar com uma quantidade inacreditável de coisas. Temos de ter um emprego, um sítio para viver e uma família, e temos de pagar impostos e ter roupa interior lavada e saber de cor o raio da *password* do *wi-fi*. Alguns de nós nunca conseguem controlar o caos por completo, por isso as nossas vidas vão simplesmente andando, e o mundo vai girando pelo espaço, a milhões de quilómetros por hora, enquanto saltitamos na sua superfície como peúgas perdidas. Os nossos corações são sabonetes que estão sempre a escorregar-nos da mão; assim que relaxamos, eles escapam-se e apaixonam-se e partem-se, tudo num abrir e fechar de olhos. Não temos controlo nenhum. Assim, aprendemos a fingir, constantemente, em relação aos nossos empregos e casamentos e filhos e tudo o resto. Fingimos que somos normais, que temos um mínimo de cultura, que sabemos o que são «níveis de amortização» e «taxas de inflação». Que sabemos como funciona o sexo. Na verdade, percebemos tanto de sexo como de fichas USB, e toda a gente sabe que é sempre preciso quatro tentativas para enfiar o raio das coisas. (*É ao contrário, é ao contrário, é ao contrário, ah, finalmente! Entrou!*) Fingimos que somos bons pais quando, na verdade, tudo o que fazemos é dar comida e roupa aos nossos filhos, e ralhar com eles quando enfiam pastilha elástica que apanharam do chão na boca. Tentámos ter peixes tropicais num aquário, uma vez, mas morreram todos. E na

realidade não percebemos mais de crianças do que de peixes tropicais; portanto, todas as manhãs a responsabilidade enche-nos de um terror mortal. Não temos um plano: limitamo-nos a fazer o que podemos para chegar ao fim do dia, porque amanhã começa outro.

Às vezes dói, dói mesmo, nem que seja apenas por parecer que a pele que vestimos não é a nossa. Às vezes entramos em pânico porque é preciso pagar as contas e temos de ser adultos e não sabemos bem como, porque é com uma facilidade horrível e assustadora que se fracassa nisto de ser adulto.

Porque toda a gente ama alguém, e qualquer pessoa que ame alguém já teve uma daquelas noites desesperadas em que ficamos acordados a tentar perceber como podemos continuar a ser humanos. Às vezes isso leva-nos a fazer coisas que parecem ridículas, em retrospetiva, mas que na altura pareciam ser a única saída.

Apenas uma má ideia. É o bastante.

Certa manhã, por exemplo, uma pessoa de trinta e nove anos, residente numa cidade não muito grande ou digna de nota, saiu de casa com uma pistola na mão, o que foi – em retrospetiva – uma ideia mesmo estúpida. Porque esta é uma história sobre um drama de reféns, mas não era essa a intenção. Quer dizer, havia a intenção de ser uma história, mas não um drama de reféns. Devia ter sido apenas a história de um assalto a um banco. Contudo, as coisas complicaram-se um bocadinho, porque é o que acontece às vezes com os assaltos a bancos. E, assim, esta pessoa de trinta e nove anos que tentou assaltar um banco fugiu, embora sem qualquer plano de fuga, e como a mãe costumava dizer-lhe anos antes, quando a pessoa que assaltou o banco era pequena e se esquecia do gelo e das rodelas de limão na cozinha e tinha de voltar para trás a correr: «Se a tua cabeça não está à altura do trabalho, as pernas têm de estar!» (É preciso que se note que, quando morreu, esta mãe tinha uma percentagem tão grande de *gin* tónico no sangue que nem se atreveram a cremá-la com medo de uma explosão, o que não significa que ela não tivesse bons conselhos para dar.) Assim, depois

do assalto ao banco, que não chegou a ser um assalto a um banco, a polícia apareceu, claro está, e o ladrão de bancos assustou-se e fugiu, atravessou a estrada a correr e enfiou-se na primeira porta que lhe apareceu à frente. Talvez seja um pouco duro rotular o ladrão de bancos de idiota apenas por causa disso, mas… bom, não há dúvidas de que não foi um ato de génio. Uma vez que a porta dava para umas escadas sem quaisquer outras saídas, a única opção que lhe restava era correr pelas escadas acima.

Note-se que este ladrão de bancos em particular estava tão em forma como qualquer pessoa normal de trinta e nove anos de idade. Não como um daqueles indivíduos de trinta e nove anos que vivem na cidade grande, e que lidam com a crise da meia-idade comprando calções de ciclismo e toucas de natação a preços exorbitantes porque têm um buraco negro na alma que se alimenta de fotografias no Instagram, mas sim como uma daquelas pessoas de trinta e nove anos cujo consumo diário de queijo e hidratos de carbono seria classificado, em termos médicos, mais como um grito de socorro do que como uma dieta. Assim, quando o ladrão de bancos chegou ao último andar, tinha todo o tipo de glândulas em secreção, e a sua respiração fazia lembrar algo que costumamos associar a membros de sociedades secretas, daquelas que exigem uma senha sussurrada através de um postigo. Nesta altura, qualquer hipótese de escapar à polícia era tão reduzida que se podia considerar mesmo inexistente.

Porém, por acaso, o ladrão virou-se e viu que a porta de um dos apartamentos do prédio estava aberta, porque aquele apartamento específico estava à venda e encontrava-se repleto de potenciais compradores, que o inspecionavam. Por isso, o ladrão de bancos entrou, cambaleante, a ofegar e todo transpirado, com a pistola em punho, e foi assim que esta história acabou por se tornar um drama de reféns.

E depois a situação desenrolou-se como é habitual: a polícia cercou o prédio, apareceram repórteres e a história chegou aos noticiários televisivos. Tudo isto prolongou-se durante várias horas, até o ladrão de bancos ter de desistir. Não havia alternativa. Assim, as oito pessoas que ele mantivera como reféns, sete potenciais compradores e uma agente imobiliária, foram libertadas. Minutos

depois, a polícia invadiu o apartamento. Mas, por essa altura, o sítio já estava vazio.

Ninguém sabia para onde tinha ido o ladrão de bancos.

E é tudo o que precisamos de saber, para já. Agora a história pode começar.

# 2

Há dez anos, um homem estava numa ponte. Esta história não é sobre esse homem, portanto, não precisa de pensar nele neste momento. Bom, claro que agora não consegue evitar pensar nele; é como sugerirem que não pensemos em bolachas, o que nos faz logo pensar em bolachas.

Não pense em bolachas!

Tudo o que precisa de saber é que, há dez anos, um homem estava numa ponte. Em cima do parapeito, bem acima da água, no final da sua vida. Agora não pense mais nisso. Pense em qualquer coisa mais agradável.

Pense em bolachas.

# 3

É antevéspera de Ano Novo numa cidade não muito grande. Um agente da polícia e uma agente imobiliária estão sentados numa sala de interrogatórios na esquadra. O polícia parece ter vinte anos, mas deve ser mais velho, e a agente imobiliária parece ter quarenta, mas deve ser mais nova. O uniforme do polícia é demasiado apertado, o casaco da agente imobiliária fica-lhe um pouco largo de mais. A agente imobiliária está com ar de quem preferia estar noutro lado qualquer e, depois de quinze minutos de conversa, o polícia fica com ar de quem também preferia que a agente imobiliária estivesse noutro lado qualquer. Quando a agente imobiliária sorri, nervosa, e abre a boca para falar, o polícia respira fundo, de uma forma que não deixa perceber bem se está a suspirar ou a tentar desobstruir o nariz.

– Responda à pergunta, por favor – implora.

A agente imobiliária acena rapidamente com a cabeça e diz:

– No Trinque.

– Eu pedi-lhe para responder à pergunta! – repete o polícia, com uma expressão comum em homens adultos a quem a vida desiludiu a dado momento da infância e que nunca mais conseguiram deixar de se sentir assim.

– Perguntou-me como se chama a minha agência! – insiste a agente imobiliária, tamborilando com os dedos na mesa de uma maneira que faz com que o polícia tenha vontade de lhe atirar objetos pontiagudos.

– Não. Perguntei-lhe se o *criminoso* que a fez *refém* com os…

– Chama-se *No Trinque*! Percebe? Porque quando uma pessoa compra um apartamento, quer adquirir uma casa sem problemas, não é? Por isso quando atendo o telefone digo: «Estou sim, está a falar com a Imobiliária No Trinque! Tudo nos trinques?»

É evidente que a agente imobiliária acaba de passar por uma experiência traumatizante; foi ameaçada com uma pistola e feita refém, e qualquer pessoa ficaria desorientada depois de uma coisa dessas. O polícia tenta ser paciente. Pressiona as sobrancelhas com os polegares, como se desejasse que fossem dois

botões e que, ao pressioná-las ao mesmo tempo durante dez segundos, pudesse reiniciar a vida com as configurações de fábrica.

– Está bem… Mas agora preciso de lhe fazer algumas perguntas sobre o apartamento e o criminoso – geme.

Também não está a ser um dia fácil para ele. A esquadra é pequena, os recursos são limitados, mas não há qualquer problema de competência. Tentou explicar isso por telefone ao chefe do chefe do seu chefe, assim que se iniciou o drama com os reféns, mas é claro que não adiantou de nada. Vão mandar uma equipa de investigação especial de Estocolmo para tomar conta do caso. O chefe não realçou as palavras «equipa de investigação» quando o informou, mas sim a palavra «Estocolmo», como se vir da capital fosse por si só uma espécie de superpoder. É mais como um problema médico, pensa o polícia, isso sim. Continua a pressionar as sobrancelhas com os polegares. Esta é a sua última oportunidade de mostrar aos chefes que consegue lidar com isto sozinho; mas como há de fazê-lo quando só tem testemunhas como esta mulher?

– *Okeydokey*! – cantarola a agente imobiliária, como se fosse uma palavra sueca verdadeira.

O polícia olha para os seus apontamentos.

– Não é um dia estranho para mostrar casas? Na antevéspera de Ano Novo?

A agente imobiliária abana a cabeça e sorri.

– Não há dias maus para a Imobiliária No Trinque!

O polícia respira fundo outra vez.

– Certo. Avancemos: quando viu o criminoso, qual foi a sua primeira rea…

– Não estava a dizer que me ia perguntar primeiro pelo apartamento? Disse «o apartamento e o criminoso», por isso pensei que o apartamento fosse primeiro…

– *OK* – resmunga o polícia.

– *OK*! – exclama a agente imobiliária em tom animado.

– Então, o *apartamento*… Está familiarizada com a disposição do apartamento?

– Claro! Afinal de contas, sou a agente imobiliária! – diz a agente

imobiliária, mas consegue conter-se antes de acrescentar «da Imobiliária No Trinque! Tudo nos trinques?», uma vez que o polícia parecia estar a desejar que as munições da sua pistola não fossem tão facilmente identificáveis.

– Pode descrevê-lo?

O rosto da agente imobiliária ilumina-se.

– É um sonho! Estamos a falar de uma oportunidade única para adquirir um apartamento exclusivo numa área tranquila, a poucos minutos do coração palpitante da cidade. Plano aberto! Janelas grandes que deixam entrar muita luz natural!

O polícia corta-lhe a palavra.

– O que queria saber é se há guarda-roupas, despensas, armários escondidos, esse tipo de coisas.

– Não gosta de apartamentos em plano aberto? Prefere paredes? Não há nada de errado em gostar de paredes! – responde a agente imobiliária de forma encorajadora, mas com um tom que sugere que, na sua experiência, as pessoas que gostam de paredes são o tipo de pessoa que gosta também de outro tipo de barreiras.

– Por exemplo, há algum guarda-roupa que não…

– Já mencionei a luz natural?

– Sim.

– Há estudos científicos que provam que a luz natural nos faz sentir melhor! Sabia disso?

A avaliar pela expressão do polícia, ele não quer mesmo ser obrigado a pensar naquilo. Há pessoas que querem decidir por si próprias se são felizes ou não.

– Podemos não nos afastar da questão?

– *Okeydokey*!

– Há algum espaço no apartamento que não esteja assinalado na planta?

– Está também numa localização excelente para crianças!

– O que é que isso tem a ver com o que eu perguntei?

– Queria apenas mencioná-la. A localização. Muito boa para crianças! Bom,

na verdade… excetuando hoje e esta situação toda com os reféns. Mas tirando isso, fica numa área fantástica para miúdos! E, claro, já se sabe que as crianças adoram carros da polícia!

A agente imobiliária roda alegremente a mão no ar e imita o som de uma sirene.

– Acho que isso é o som da carrinha dos gelados – comenta o polícia.

– Mas sabe o que eu quero dizer – insiste a agente imobiliária.

– Tenho de lhe pedir que responda à pergunta.

– Desculpe. Pode repetir?

– Exatamente de que tamanho é o apartamento?

A agente imobiliária sorri, confusa.

– Não quer falar sobre o ladrão de bancos? Pensei que estávamos aqui para falar sobre o assalto?

O polícia cerra os dentes com tanta força que parece que está a tentar respirar pelos dedos dos pés.

– Claro. Muito bem. Fale-me sobre o criminoso. Qual foi a sua primeira reação quando ele…

A agente imobiliária interrompe-o de modo ansioso.

– O ladrão de bancos? Sim! O ladrão de bancos entrou a correr pelo apartamento a meio da casa aberta e apontou-nos uma pistola a todos! E sabe porquê?

– Não.

– Porque é um apartamento em plano aberto! Caso contrário, o ladrão de bancos nunca teria conseguido apontar a arma a todos nós *ao mesmo tempo*!

O polícia massaja as sobrancelhas.

– Está bem, vamos experimentar outra coisa: há algum esconderijo no apartamento?

A agente imobiliária pestaneja tão devagar que parece que está a aprender a fazê-lo.

– Um esconderijo?

O polícia recosta-se na cadeira e olha para o teto. A mãe sempre lhe disse que

os polícias são apenas rapazes que nunca se deram ao trabalho de arranjar outro sonho. Todos os rapazes ouvem a pergunta: «O que queres ser quando fores grande?», e a dada altura quase todos respondem: «Polícia!», mas a maioria acaba por ultrapassar isso e encontrar um emprego melhor. Por um momento, o polícia deseja ter feito o mesmo, porque talvez os seus dias fossem menos complicados, e possivelmente a sua relação com a família também. Vale a pena mencionar que a mãe sempre se orgulhou dele, nunca foi ela que mostrou sinais de desaprovar a carreira que o filho escolheu. Ela era sacerdote, outro emprego que é mais do que apenas uma maneira de ganhar a vida; por isso, compreendia-o. O pai é que nunca gostou de ver o filho de uniforme. O peso dessa desilusão pode muito bem estar ainda a sobrecarregar o jovem polícia, porque quando ergue de novo os olhos para a agente imobiliária parece exausto.

– Sim. É isso que tenho estado a tentar explicar-lhe: pensamos que o criminoso ainda está no apartamento.

# 4

A verdade é que, quando o ladrão de bancos desistiu, todos os reféns – a agente imobiliária e os potenciais compradores – foram libertados ao mesmo tempo. Um polícia estava de guarda nas escadas à porta do apartamento quando eles saíram. Fecharam a porta atrás de si, o trinco encaixou, e depois desceram calmamente as escadas, saíram para a rua, entraram nos carros-patrulha que os esperavam e foram levados dali. O polícia à porta do apartamento esperou que os colegas subissem as escadas. Um negociador ligou para o assaltante. Pouco depois, a polícia invadiu o apartamento e descobriu que estava vazio. A porta da varanda estava trancada por dentro, todas as janelas estavam fechadas e não havia mais saídas.

Não era preciso ser de Estocolmo para perceber bastante depressa que um dos reféns ajudara o assaltante a escapar. A menos que o assaltante não tivesse escapado.

# 5

Muito bem. Um homem estava numa ponte. Pode pensar nisso agora. Tinha escrito uma carta que colocara no correio, deixara os filhos na escola, subira para o parapeito e estava lá em cima a olhar para baixo.

Dez anos depois, um ladrão de bancos malsucedido fez oito pessoas reféns na casa aberta de um apartamento para venda.

Se uma pessoa estiver de pé em cima daquela ponte, consegue ver a varanda desse apartamento.

Claro que nada disto tem a ver consigo. Bom, só um bocadinho. Porque presumo que seja uma pessoa normal e decente. O que teria feito se visse alguém de pé em cima do parapeito daquela ponte? Não há palavras certas nem erradas para dizer numa altura dessas, pois não? Teria simplesmente feito o que fosse preciso para impedir o homem de saltar. Nem sequer o conhece, mas é um instinto inato, a ideia de que não podemos deixar que desconhecidos se suicidem.

Portanto, tenta falar com ele, conquistar a sua confiança, persuadi-lo a não o fazer. Porque é bem provável que você também já tenha estado deprimido, que tenha tido dias de dores horríveis em sítios que não aparecem nas radiografias, dias em que não consegue encontrar as palavras para explicar o que sente, nem mesmo às pessoas que gostam de si. No fundo, em memórias que preferimos esconder até de nós próprios, sabemos que a diferença entre nós e aquele homem na ponte é mais pequena do que desejaríamos. A maior parte dos adultos já passou por vários momentos muito maus, e é óbvio que nem mesmo as pessoas felizes conseguem estar sempre contentes a toda a hora. Por isso, teria tentado salvá-lo. Porque é possível pôr fim à vida por engano, mas é preciso decidir saltar. É preciso subir a um ponto elevado e dar um passo em frente.

Você é uma pessoa decente. Não teria ficado a assistir sem fazer nada.

# 6

O jovem polícia está a apalpar a testa com as pontas dos dedos. Tem um galo do tamanho de um punho de bebé.

– Como é que fez isso? – quer saber a agente imobiliária, com ar de quem preferia, na realidade, estar outra vez a perguntar: «Tudo nos trinques?»

– Levei uma pancada na cabeça – resmunga o polícia, e depois olha para os apontamentos e diz: – O criminoso parecia habituado a lidar com armas de fogo?

A agente imobiliária sorri, surpreendida.

– Está a falar… da pistola?

– Sim. Parecia nervoso, ou parecia que já tinha manuseado uma pistola muitas vezes?

O polícia espera que a pergunta revele se a agente imobiliária acha ou não que o assaltante tinha antecedentes militares, por exemplo. Mas a agente responde com desenvoltura:

– Oh, não… Quer dizer, a pistola nem sequer era verdadeira!

O polícia franze os olhos, tentando obviamente perceber se ela está a brincar ou apenas a ser ingénua.

– O que a leva a dizer isso?

– Era evidente que era uma arma de brincar! Pensava que toda a gente se tinha apercebido disso.

O polícia fita-a com olhos semicerrados durante muito tempo. Ela não está a brincar. Uma expressão de entendimento passa brevemente pelo rosto do polícia.

– Então nunca teve… medo?

A agente imobiliária abana a cabeça.

– Não, não, não. Percebi logo que não corríamos perigo, está a ver. O ladrão de bancos nunca poderia ferir ninguém!

O polícia olha para os apontamentos. Percebe que ela não compreendeu.

– Quer beber alguma coisa? – oferece com simpatia.

– Não, obrigada. Já me perguntou isso.

O polícia decide ir buscar-lhe um copo de água na mesma.

# 7

Na verdade, nenhum dos reféns sabe o que aconteceu entre o momento em que foram libertados e aquele em que a polícia invadiu o apartamento. Os reféns já tinham entrado nos carros lá em baixo, na rua, e estavam a caminho da esquadra quando os polícias se reuniram nas escadas. Depois o negociador especial (que fora enviado de Estocolmo pelo chefe do chefe, uma vez que as pessoas em Estocolmo parecem considerar-se as únicas capazes de falar ao telemóvel) ligou para o ladrão de bancos na esperança de alcançar uma resolução pacífica para a situação. Mas o ladrão de bancos não atendeu. Em vez disso, ouviu-se um único tiro de pistola. Quando a polícia arrombou a porta do apartamento, já era tarde de mais. Quando entraram na sala, deram por si a pisar uma poça de sangue.

# 8

Na esquadra, na sala dos agentes, o jovem polícia cruza-se com um agente mais velho. O jovem foi buscar água, o mais velho está a beber café. A relação entre ambos é complicada, como é comum entre polícias de gerações diferentes. Na fase final da carreira procura-se o sentido das coisas, na fase inicial procura-se um objetivo.

– Bom dia! – exclama o homem mais velho.

– Olá – responde o mais novo, algo distraído.

– Oferecia-te um café, mas pelos vistos continuas a não gostar – diz o polícia mais velho, como se isso fosse uma incapacidade qualquer.

– Não – responde o mais novo, como se lhe tivessem oferecido um naco de carne humana.

Os dois homens têm pouco em comum no que diz respeito a comida e bebida, ou a qualquer outra coisa na verdade, o que é motivo de conflito constante sempre que se veem enfiados no mesmo carro-patrulha à hora de almoço. A comida preferida do polícia mais velho são os cachorros-quentes com puré de batata instantâneo da estação de serviço, e sempre que os empregados no restaurante local tentam tirar-lhe o prato da frente no bufete das sextas-feiras, ele segura-o com um ar horrorizado e exclama: «Ainda não acabei! Isto é um bufete! Quando eu acabar vão perceber facilmente, porque estarei enroscado debaixo da mesa!» A comida preferida do homem mais novo, se perguntarem ao polícia mais velho, são «essas porcarias inventadas, com algas e plantas do mar e peixe cru; deve pensar que é um caranguejo». Um gosta de café, o outro de chá. Um olha para o relógio quando estão a trabalhar para ver se falta muito para o almoço, o outro olha para o relógio durante o almoço para ver se falta muito para regressar ao trabalho. O homem mais velho acha que a coisa mais importante para um polícia é fazer aquilo que está certo, o mais novo pensa que o mais importante é fazer as coisas da maneira correta.

– De certeza? Podes beber um desses *frappuccinos* ou lá o que é. Até comprei leite de soja, mas não quero saber o que raio é que eles ordenharam para

o fazer! – diz o homem mais velho, com uma risada sonora, embora lançando um olhar ansioso ao colega mais novo.

– Hum – murmura o mais novo, sem lhe prestar muita atenção.

– A conversa com a agente imobiliária está a correr bem? – quer saber o polícia mais velho, num tom que sugere que está a brincar, para, em consideração pelo colega, disfarçar o facto de estar a fazer a pergunta.

– Otimamente! – declara o mais novo, cada vez com mais dificuldade em esconder a irritação, enquanto tenta dirigir-se à porta.

– E está tudo bem contigo? – quer saber o agente mais velho.

– Sim, sim, tudo bem – resmunga o mais novo.

– Quer dizer, depois do que aconteceu, se vires que precisas de…

– Está tudo bem – insiste o polícia mais novo.

– De certeza?

– Absoluta!

– Como é que está o?… – pergunta o mais velho, e aponta para o galo na testa do mais novo.

– Bem, sem problemas. Tenho de ir.

– Está bem. Bom, então não queres uma ajudinha para interrogar a agente imobiliária? – pergunta o mais velho, e tenta sorrir em vez de olhar ansiosamente para os sapatos do polícia mais novo.

– Consigo tratar disto sozinho.

– Não me importo de ajudar.

– Não é necessário… obrigado!

– De certeza? – pergunta o mais velho; mas a única resposta que obtém é silêncio.

Depois de o polícia mais novo sair, o mais velho fica sentado sozinho na sala dos agentes a beber o seu café. Os homens mais velhos raramente sabem o que dizer aos mais novos para lhes mostrar que se preocupam com eles. É tão difícil encontrar as palavras, quando tudo o que realmente querem dizer é: «Eu sei que estás a sofrer.»

Vê manchas vermelhas no chão, onde o agente mais novo estava. Ele ainda tem sangue nos sapatos e nem deu por isso. O polícia mais velho molha um pano e limpa cuidadosamente o chão. Tem os dedos a tremer. Talvez o polícia mais novo não esteja a mentir, talvez esteja mesmo bem. Mas o homem mais velho não está, de modo algum.

# 9

O polícia mais novo regressa à sala de interrogatório e pousa o copo de água na mesa. A agente imobiliária olha para ele e pensa que o polícia parece uma pessoa a quem amputaram o sentido de humor. O que não tem problema nenhum, claro está.

– Obrigada – diz com hesitação, olhando para o copo de água que não pediu.

– Tenho de lhe fazer mais algumas perguntas – adianta o jovem polícia em tom apologético, e pega numa folha de papel amachucado. Parece um desenho de criança.

A agente imobiliária assente com um aceno, mas não tem tempo de abrir a boca antes de a porta se abrir silenciosamente e o polícia mais velho entrar na sala. A agente imobiliária repara que os braços dele são um pouco compridos de mais para o corpo; se entornasse o café só se queimaria dos joelhos para baixo.

– Olá! Lembrei-me de vir ver se posso fazer alguma coisa para ajudar… – diz o polícia mais velho.

O mais novo ergue os olhos para o teto.

– Não! Obrigado! Como já disse, está tudo sob controlo.

– Certo. Está bem. Só queria oferecer – tenta o homem mais velho.

– Não, não, por amor de… Não! Isto é de uma falta de profissionalismo *incrível*! Não podes simplesmente entrar pela sala adentro a meio de uma conversa! – explode o homem mais novo.

– Está bem, desculpa, só queria ver onde é que já iam – murmura o homem mais velho, agora embaraçado, incapaz de disfarçar a preocupação.

– Ia perguntar-lhe sobre o desenho! – rosna o polícia mais novo, como se tivesse sido apanhado pelos pais a cheirar a tabaco e insistisse que só tinha segurado no cigarro de um amigo.

– Perguntar a quem? – pergunta o polícia mais velho.

– À agente imobiliária! – exclama o polícia mais novo, e aponta para ela.

Infelizmente, isto faz com que a agente imobiliária salte de imediato da cadeira de mão estendida.

– Eu sou a agente imobiliária! Da Imobiliária NO TRINQUE!

A agente faz uma pausa e sorri, muito satisfeita consigo própria.

– Oh, valha-me Deus, outra vez não – murmura o polícia mais novo enquanto a agente imobiliária respira fundo.

– Então, tudo nos trinques?

O homem mais velho lança um olhar interrogativo ao mais novo.

– Ainda não se calou com isso – esclarece o mais novo, pressionando as sobrancelhas com os polegares.

O polícia mais velho fita a agente imobiliária com os olhos semicerrados. Tem o hábito de fazer isso quando encontra indivíduos que não compreende, e uma vida inteira a franzir os olhos quase constantemente deixaram-no com a pele por baixo dos olhos a fazer lembrar gelado meio derretido. A agente imobiliária, que pelos vistos é uma daquelas pessoas que acha que ninguém a ouve à primeira, avança com uma explicação que ninguém pediu.

– Percebeu? Imobiliária NO TRINQUE. Tudo nos trinques? Está a perceber? Porque toda a gente quer uma casa sem problemas…

O polícia mais velho já percebeu e até lhe sorri de forma elogiosa, mas o mais novo aponta o indicador à agente imobiliária e depois à cadeira.

– Sente-se! – ordena, naquele tom assertivo que se costuma usar com crianças, cães e agentes imobiliários.

O sorriso da agente desaparece. Senta-se desastradamente e olha primeiro para um dos homens, depois para o outro.

– Peço desculpa. É a primeira vez que sou interrogada pela polícia. Não vão… sabem… fazer aquela coisa do polícia mau, polícia bom, como nos filmes, pois não? Em que um de vocês sai para ir buscar mais café, enquanto o outro me agride com uma lista telefónica e grita: «ONDE É QUE ESCONDEU O CORPO?»

Solta uma risada nervosa. O polícia mais velho sorri, mas o mais novo não, por isso ela continua, cada vez mais nervosa:

– Estava a brincar, claro. Já nem sequer existem listas telefónicas, pois não? O que podiam fazer, agredir-me com um *iPhone*?

Começa a abanar os braços para ilustrar como seria uma agressão com um telemóvel, e a gritar aquilo que os dois polícias só podem presumir que seja uma imitação das respetivas vozes.

– *Oh, não, acabei de gostar da fotografia da minha ex no Instagram sem querer! Apagar! Apagar!*

O polícia mais novo não parece nada satisfeito, o que faz com que a agente imobiliária fique menos animada. Entretanto, o mais velho inclina-se para os apontamentos do mais novo e pergunta, como se a agente imobiliária não estivesse ali na sala:

– Então o que é que ela disse do desenho?

– Ainda não tinha chegado até aí, porque tu entraste e interrompeste-me! – exclama o homem mais novo.

– Qual desenho? – pergunta a agente imobiliária.

– Bom, como eu estava a dizer antes de ser interrompido, encontrámos este desenho nas escadas, e pensamos que pode ter sido o criminoso a deixá-lo cair. Gostávamos de saber se… – começa o polícia mais novo, mas o mais velho interrompe-o.

– Já falaste com ela sobre a pistola?

– Por favor, não te metas! – sussurra o mais novo.

Isto faz com que o polícia mais velho levante os braços e murmure entre dentes:

– Está bem, está bem… Peço desculpa por estar aqui.

– Não era verdadeira! A pistola! Era um brinquedo! – diz a agente imobiliária muito depressa.

O homem mais velho fita-a, surpreendido, e depois olha para o mais novo e murmura, naquele tom que só homens a partir de uma certa idade consideram ser um murmúrio:

– Mas… ainda não lhe disseste?

– Não me disse o quê? – pergunta a agente imobiliária.

O polícia mais novo suspira e dobra o desenho, tão cuidadosamente como se estivesse a dobrar a cara do colega mais velho. Depois ergue os olhos para a

agente imobiliária.

– Bom, já lá ia chegar… Sabe, depois de o criminoso a libertar, a si e aos outros reféns, e de vos trazermos para a esquadra…

O polícia mais velho interrompe e diz de forma prestável:

– O criminoso, o ladrão de bancos… deu um tiro em si próprio!

O polícia mais novo aperta as mãos uma na outra, com força, para não estrangular o colega mais velho. Diz qualquer coisa, mas a agente imobiliária não o ouve: tem os ouvidos repletos de um zumbido abafado que cresce de intensidade até se tornar um rugido, à medida que o choque se apodera do seu sistema nervoso. Muito mais tarde, jurará que havia chuva a tamborilar nos vidros da janela da sala de interrogatórios, apesar de a sala de interrogatórios não ter janelas. Olha para os dois polícias de boca aberta.

– Então… a pistola… era?… – consegue articular.

– Era uma pistola verdadeira – confirma o homem mais velho.

– Eu… – começa a agente imobiliária, mas tem a boca demasiado seca para conseguir falar.

– Aqui tem. Beba um pouco de água! – oferece o homem mais velho, como se tivesse sido ele a ir buscá-la.

– Obrigada… eu… Mas se a pistola era verdadeira, então podíamos… podíamos ter *morrido* todos! – murmura ela, e bebe a água num estado de choque retroativo. O polícia mais velho acena com a cabeça de modo grave, tira os apontamentos da mão do colega e começa a acrescentar notas a caneta.

– Se calhar devíamos recomeçar este interrogatório? – sugere de forma prestável, e o polícia mais novo faz um intervalo para poder ir ao corredor e bater com a cabeça na parede.

Quando a porta bate com estrondo atrás dele, o homem mais velho dá um salto. Esta coisa das palavras é complicada, em particular quando uma pessoa é mais velha e tudo o que quer dizer a alguém mais novo é: «Vejo o teu sofrimento, e isso faz-me sofrer.» Os sapatos do agente mais novo deixaram marcas de sangue seco no chão por baixo da cadeira. O homem mais velho fita-

as, desconsolado. Era precisamente por isto que não queria que o filho fosse polícia.

# 10

A primeira pessoa que viu o homem na ponte, há dez anos, foi um rapaz adolescente cujo pai desejava que ele encontrasse um novo sonho. Talvez o rapaz pudesse ter esperado por ajuda, mas você faria isso? Se a sua mãe fosse sacerdote e o seu pai fosse polícia, se tivesse crescido a tomar como certo que devemos ajudar as pessoas sempre que pudermos, a não abandonar ninguém a menos que tenha mesmo de ser?

Assim, o rapaz adolescente correu para a ponte e gritou ao homem, e o homem parou. O rapaz não sabia o que havia de fazer mais, por isso começou a falar. A tentar conquistar a confiança do homem. Levá-lo a dar dois passos para trás e não para a frente. O vento puxava-lhes suavemente os casacos, havia chuva no ar e sentia-se o princípio do inverno na pele, e o rapaz tentou encontrar palavras que exprimissem que o homem devia ter tantas coisas pelas quais viver, mesmo que neste momento não lhe parecesse.

O homem na ponte tinha dois filhos, contou ele ao rapaz adolescente. Se calhar porque o rapaz o fazia lembrar-se deles. O rapaz suplicou-lhe, com o pânico a pesar em cada palavra:

– Por favor, não salte!

O homem olhou para ele calmamente, com uma expressão quase compreensiva, e respondeu:

– Sabes qual é a pior parte de ser pai? É que somos sempre julgados pelos nossos piores momentos. Podemos fazer um milhão de coisas bem, mas se fizermos uma coisinha de nada mal, somos para sempre o pai que estava a olhar para o telemóvel no parque quando o filho bateu com a cabeça no baloiço. Não tiramos os olhos de cima deles durante dias seguidos, mas depois lemos UMA mensagem e é como se todos os bons momentos nunca tivessem acontecido. Ninguém vai ao psicólogo para falar sobre as vezes em que *não* bateu com a cabeça no baloiço quando era pequeno. Os pais são definidos pelos seus erros.

O rapaz adolescente provavelmente não compreendia bem o que ele queria dizer. Tinha as mãos a tremer quando olhou por cima do parapeito da ponte e viu

a morte lá em baixo. O homem sorriu sem alegria e recuou meio passo. Nesse momento, pareceu um passo do tamanho do mundo.

Depois o homem explicou-lhe que tivera um bom emprego, montara o seu próprio negócio e era bastante bem-sucedido, comprara um apartamento muito agradável. Posteriormente, investira todo o seu dinheiro em ações de uma companhia de desenvolvimento imobiliário, para que os filhos pudessem ter empregos ainda melhores e apartamentos ainda mais agradáveis, para que pudessem ter a liberdade de não terem preocupações, de não terem de ir dormir todas as noites exaustos, com uma calculadora de bolso na mão. Porque era esse o trabalho dos pais: dar ombros. Ombros para os filhos se sentarem quando são pequenos de modo a conseguirem ver o mundo, ombros para os filhos se porem em pé conforme crescem para alcançar as nuvens, e às vezes ombros para se apoiarem quando tropeçam e se sentem inseguros. Os filhos confiam em nós, pais, e essa é uma responsabilidade esmagadora, porque ainda não perceberam que, na verdade, não sabemos o que estamos a fazer. Assim, o homem fez o que todos nós fazemos: fez de conta que sabia a resposta quando os filhos começaram a perguntar porque é que o cocó era castanho, e o que acontece depois de morrermos, e porque é que os ursos polares não comem os pinguins. Depois eles cresceram. Às vezes, o homem esquecia-se disso por um instante e dava por si a tentar dar-lhes a mão. Eles ficavam tão envergonhados. E ele também. É difícil explicar a um rapaz de doze anos que quando era pequeno e o pai andava demasiado depressa, ele corria para o apanhar e pegava-lhe na mão, e que esses eram os melhores momentos da vida do pai. Os dedos dos filhos na palma da sua mão. Antes de eles conhecerem a dimensão dos fracassos do pai.

O homem fingiu – em relação a tudo. Todos os especialistas financeiros lhe garantiram que as ações da companhia de desenvolvimento imobiliário eram um investimento seguro, porque toda a gente sabe que as propriedades nunca desvalorizam. E depois foi precisamente isso que aconteceu.

Houve uma crise financeira algures no mundo, um banco em Nova Iorque abriu falência, e, muito longe, numa pequena cidade num país completamente diferente, um homem perdeu tudo. Viu a ponte pela janela do escritório quando

desligou o telemóvel depois de falar com o advogado. Era de manhã cedo, o tempo ainda estava invulgarmente ameno para a época, mas havia no ar a promessa de chuva. O homem levou os filhos à escola como se nada tivesse acontecido. Fingiu. Murmurou-lhes ao ouvido que os amava e, de coração partido, viu-os revirar os olhos e suspirar. Depois conduziu em direção à água. Parou o carro num sítio onde não era permitido parar. Deixou as chaves na ignição. Saiu para a ponte e subiu ao parapeito.

Contou tudo isto ao rapaz adolescente, e nessa altura, claro, o rapaz percebeu que ia correr tudo bem. Porque, se um homem empoleirado num parapeito se dá ao trabalho de partilhar com um desconhecido o quanto gosta dos filhos, sabemos que não *quer* mesmo saltar.

E depois o homem saltou.

# 11

Dez anos mais tarde, o jovem polícia está parado no corredor, à porta da sala de interrogatórios. O pai ainda está lá dentro com a agente imobiliária. Claro que a mãe tinha razão: nunca deviam ter começado a trabalhar juntos, ele e o pai, era garantido que ia dar problemas. Mas ele não lhe deu ouvidos, porque, claro, nunca dava. De vez em quando, a mãe olhava para o filho, quando estava cansada ou já tinha bebido um ou dois copos de vinho, o bastante para se esquecer de esconder as emoções, e dizia: «Há dias em que não consigo evitar pensar que nunca voltaste daquela ponte, meu querido. Que ainda estás a tentar salvar aquele homem no parapeito, apesar de ser tão impossível agora como era na altura.»

Talvez seja verdade, mas ele não quer pensar nisso. Dez anos depois, ainda tem os mesmos pesadelos. Mesmo depois da Academia de Polícia, dos exames, de turno após turno, dos serões, de todo o trabalho na esquadra – um esforço que lhe conquistou tantos elogios, de todos menos do pai –, e de ainda mais serões, de tanto trabalho que acabou por detestar não estar a trabalhar, mesmo depois de muitas noites a regressar a casa de madrugada com passo inseguro, ao encontro das contas empilhadas na mesinha do corredor e de uma cama vazia, e dos comprimidos para dormir, e do álcool. Nas noites em que tudo se tornava absolutamente insustentável, ele saía e ia correr, quilómetro após quilómetro, na escuridão, no frio e no silêncio, com os pés a baterem no passeio cada vez mais depressa, mas nunca com intenção de chegar a algum lado, de alcançar alguma coisa. Há homens que correm como caçadores, mas ele corria como uma presa. Por fim, esgotado e exausto, arrastava-se para casa, saía para o trabalho e começava tudo de novo. Por vezes, alguns uísques eram suficientes para o ajudar a adormecer e, nas manhãs melhores, um duche gelado bastava para o acordar e, entre uma coisa e outra, fazia o que podia para adormecer a hipersensibilidade na pele, para conter as lágrimas quando as sentia no peito, muito antes de lhe chegarem à garganta e aos olhos. Enquanto tudo isto acontecia, continuava a ter sempre os mesmos pesadelos. O vento a puxar-lhe o casaco, o som abafado dos

sapatos do homem a rasparem no parapeito ao cair, o grito do rapaz a ecoar sobre a água, um grito que não parecia sequer ter saído dele. Mal o ouviu, de qualquer modo, de tal forma foi intenso o choque, de tal forma o dominou. E continua a dominá-lo.

Hoje ele foi o primeiro polícia a entrar depois de os reféns serem libertados e de o tiro de pistola ecoar dentro do apartamento. Foi ele que atravessou a sala a correr, por cima da carpete manchada de sangue, que abriu a porta da varanda e ali ficou, a olhar desconsolado por cima do parapeito, porque por mais que parecesse ilógico a todas as outras pessoas, o seu primeiro instinto e o seu maior medo foi: «Ele saltou!» Mas não havia nada lá em baixo, apenas os repórteres e os curiosos locais, todos a olhar para ele lá em cima através das câmaras dos telemóveis. O ladrão de bancos desaparecera sem deixar rasto e o polícia estava sozinho na varanda. Dali, conseguia ver a ponte. E agora estava no corredor da esquadra, incapaz sequer de limpar o sangue dos sapatos.

# 12

O ar passa pela garganta do polícia mais velho com tanta dificuldade como uma mobília pesada a ser arrastada sobre um soalho de madeira irregular. A partir de uma certa idade e peso, começou a reparar que a sua respiração agora era assim, roufenha, como se o ar se tornasse mais pesado à medida que envelhecemos. Sorri, embaraçado, à agente imobiliária.

– O meu colega, ele é… meu filho.

– Ah! – A agente acena com a cabeça, como quem diz que também tem filhos, ou talvez que *não* tem filhos, mas que leu sobre esse assunto num manual durante o curso de agente imobiliária. As suas crianças preferidas são as que têm brinquedos de cores neutras, porque combinam com tudo.

– A minha mulher bem disse que não era boa ideia trabalharmos juntos – admite o polícia.

– Compreendo – mente a agente imobiliária.

– Ela acha que eu sou excessivamente protetor. Que sou um daqueles pinguins que se senta em cima de uma pedra porque não quer aceitar que o ovo já lá não está. Ela diz que não podemos proteger os filhos da vida, porque a vida acaba por nos apanhar a todos, no fim.

A agente pensa em fingir que compreende, mas depois responde com franqueza:

– O que é que ela quer dizer com isso?

O polícia cora.

– Eu nunca quis… Oiça, é uma palermice da minha parte estar aqui sentado a falar consigo sobre estas coisas, mas eu nunca quis que o meu filho viesse para a polícia. Ele é demasiado sensível. É demasiado… bom. Percebe o que quero dizer? Há dez anos, correu para uma ponte e tentou fazer com que um homem que estava prestes a saltar tivesse o bom senso de não saltar. Fez tudo o que podia, *tudo*! Mas o homem saltou na mesma. Imagine o que isso faz a uma pessoa. O meu filho… quer sempre salvar toda a gente. Depois disso, ainda pensei que desistisse da ideia de ser polícia, mas foi o oposto. De repente,

queria-o mais do que nunca. Porque quer salvar pessoas. Mesmo os maus da fita.

A respiração da agente imobiliária está mais calma, o seu peito sobe e desce de forma quase impercetível.

– Refere-se ao ladrão de bancos?

O polícia mais velho acena afirmativamente.

– Sim. Havia sangue por todo o lado quando entrámos no apartamento. O meu filho diz que o ladrão vai morrer se não o encontrarmos a tempo.

A agente imobiliária vê o quanto isto significa para ele, pela tristeza nos seus olhos. Depois o polícia passa os dedos sobre a mesa e acrescenta, com uma formalidade forçada:

– Tenho de lhe recordar que tudo o que disser durante este interrogatório será gravado.

– Entendido – garante-lhe a agente imobiliária.

– É importante que compreenda isso. Tudo o que for dito nesta sala será incluído no relatório e pode ser lido por qualquer outro agente – insiste ele.

– Toda a gente pode ler. Compreendi muito bem.

O polícia mais velho desdobra o papel que o polícia mais novo deixou em cima da mesa. É um desenho, produzido por uma criança muitíssimo talentosa ou completamente desprovida de talento, conforme a idade que tiver. Parece mostrar três animais.

– Reconhece isto? Tal como já disse, foi encontrado nas escadas.

– Lamento muito – diz a agente imobiliária, e parece lamentar a sério.

O polícia força um sorriso.

– Os meus colegas acham que parece um macaco, uma rã e um cavalo. Eu acho que aquele parece mais uma girafa do que um cavalo. Quer dizer, nem sequer tem cauda! As girafas não têm cauda, pois não? Tenho a certeza de que é uma girafa.

A agente imobiliária respira fundo e diz aquilo que as mulheres costumam dizer aos homens que estão convencidos de que o facto de não saberem uma coisa não é motivo para não terem a certeza do que dizem.

– Deve ter razão.

Na verdade, não foi o homem na ponte que fez com que o rapaz adolescente quisesse ser polícia. Foi a rapariga adolescente em pé nesse mesmo parapeito uma semana depois.

A rapariga que não saltou.

# 13

O café é atirado com fúria. Passa por cima das duas secretárias, mas os mistérios da força centrífuga fazem com que a maior parte do conteúdo permaneça dentro da caneca até esta se despedaçar contra a parede, que é agora cor de *cappuccino*.

Os dois polícias fitam-se, um embaraçado, o outro preocupado. O polícia mais velho chama-se Jim. O mais novo, o seu filho, chama-se Jack. A esquadra é demasiado pequena para que estes dois homens se consigam evitar, portanto, como de costume, acabaram sentados cada um à sua secretária, apenas parcialmente escondidos atrás dos respetivos ecrãs de computador, porque hoje em dia o trabalho de um polícia é dez por cento trabalho policial propriamente dito e noventa por cento a escrever relatórios sobre o que fizeram nos outros dez por cento.

Jim nasceu numa geração que via os computadores como magia, e Jack numa geração que sempre os tomou como garantidos. Quando Jim era pequeno, o castigo das crianças era irem para o quarto; hoje em dia, é preciso obrigar os miúdos a sair do quarto. Numa geração, eram repreendidos por nunca estarem quietos, na geração seguinte, por nunca se mexerem. Assim, quando Jim escreve um relatório, pressiona cada tecla até ao fim muito deliberadamente, olha para o ecrã para se certificar de que não foi enganado, e só então pressiona a tecla seguinte. Porque Jim não é homem de se deixar enganar. Jack, por sua vez, claro que escreve como alguém que nunca viveu num mundo sem *internet* – consegue teclar de olhos fechados e pressiona as teclas tão ao de leve que nem um especialista forense conseguiria provar que lhes tocou.

Os dois homens dão um com o outro em doido, claro está, pelas mais pequenas coisas. Quando o filho está à procura de alguma coisa na *internet* chama-lhe «googlar», mas quando o pai faz o mesmo diz: «Vou procurar isso no Google.» Quando discordam em relação a alguma coisa, o pai diz: «Bom, deve estar certo porque li no Google!», e o filho exclama: «Não podes *ler* coisas no Google, pai, é só para *pesquisar*…»

Na verdade, não é o facto de o pai não compreender a tecnologia que dá com o filho em doido, mas o facto de ele *quase* a compreender. Por exemplo, Jim ainda não sabe como fazer uma captura de ecrã, portanto, quando quer guardar qualquer coisa que tem no ecrã do computador, tira-lhe uma fotografia com o telemóvel. Quando quer guardar alguma coisa que tem no ecrã do telemóvel, usa a máquina de fotocópias. A última grande discussão entre Jim e Jack foi quando um chefe de um chefe qualquer decidiu que a força policial da cidade devia ser «mais acessível nas redes sociais» (porque é claro que em Estocolmo a polícia está sempre acessível a toda a hora) e lhes pediu que tirassem fotografias uns aos outros no decurso de um dia de trabalho normal. Portanto, Jim tirou uma fotografia a Jack no carro-patrulha. Enquanto Jack conduzia. Com *flash*.

Agora estão sentados frente a frente, a escrever nos seus teclados, sempre dessincronizados um do outro. Jim é lento, Jack é eficiente. Jim conta uma história; Jack simplesmente redige um relatório. Jim apaga e corrige e recomeça, Jack limita-se a escrever e a escrever, como se não houvesse nada à face da Terra possível de ser descrito de mais do que uma maneira. Na juventude, Jim sonhava em ser escritor. Na verdade, ainda sonhava com isso quando Jack era pequeno. Depois começou a sonhar que Jack pudesse ser escritor. Isto é algo que é impossível os filhos compreenderem e que os pais têm vergonha de admitir: na verdade, não queremos que os nossos filhos persigam os seus próprios sonhos nem que sigam as nossas pegadas. Queremos, sim, seguir as pegadas *deles* enquanto perseguem os *nossos* sonhos.

Ambos os polícias têm em cima da secretária fotografias da mesma mulher. A mãe de um, a mulher do outro. Na secretária de Jim há também a fotografia de uma jovem, sete anos mais velha do que Jack, mas não falam muito sobre ela, e ela só entra em contacto com eles quando precisa de dinheiro. No início de todos os invernos, Jim diz em tom esperançoso: «Talvez a tua irmã venha passar o Natal a casa.» E Jack responde: «Claro, pai, logo se vê.»

O filho nunca diz ao pai que está a ser ingénuo. É um gesto de amor. E todas as noites de Natal os ombros do pai estão curvados sob o peso de pedregulhos invisíveis quando diz, ao final do dia: «A culpa não é dela, Jack. Ela…» Ao que

Jack responde sempre: «Está doente. Eu sei, pai. Queres outra cerveja?»

Há tantas coisas que se erguem entre o polícia mais velho e o mais novo, por mais perto que vivam um do outro. Porque Jack, a dada altura, desistiu de correr atrás da irmã – e essa é a principal diferença entre o irmão e o pai.

Quando a filha era adolescente, Jim pensava que os filhos eram como papagaios de papel e, por isso, agarrou no fio com todas as suas forças; mas o vento acabou por a levar, mesmo assim. Ela libertou-se e desapareceu no céu.

É difícil saber exatamente quando começa o abuso de substâncias por parte de alguém, e é por isso que toda a gente mente quando diz: «Está tudo controlado.» As drogas são uma espécie de crepúsculo que nos dá a ilusão de que somos nós que decidimos quando a luz se apaga, mas esse poder nunca nos pertence. A escuridão engole-nos quando muito bem entender.

Há alguns anos, Jim descobriu que Jack tinha levantado todas as suas poupanças, o dinheiro que estava a planear usar para comprar um apartamento, e as usara para pagar o tratamento da irmã numa clínica privada exclusiva. Jack levou a irmã até lá. Duas semanas depois, ela abandonou o tratamento, tarde de mais para ele conseguir recuperar o dinheiro. A irmã não disse nada durante seis meses e, ao fim desse tempo, telefonou certa vez inesperadamente, a meio da noite, como se nada tivesse acontecido, e pediu a Jack se lhe podia emprestar «umas milenas». Para comprar um bilhete de avião e voltar para casa, ao que parecia. Jack mandou-lhe o dinheiro, mas ela nunca apareceu. O pai ainda corre de um lado para o outro cá em baixo, a tentar não perder de vista o papagaio de papel lá bem em cima, e é essa a diferença entre o pai e o irmão. No próximo Natal, um deles dirá: «Ela…» E o outro responderá num murmúrio: «Eu sei, pai.» E irá buscar-lhe outra cerveja.

Claro que arranjam maneira de discutir também por causa de cerveja. Jack é um daqueles jovens que tem curiosidade de provar cervejas que sabem a toranja e a gengibre e a doces e a todo o tipo de porcarias. Jim quer cerveja que saiba a cerveja. Às vezes chama à versão mais complicada «cerveja de Estocolmo», mas não muitas vezes, claro, porque o filho fica tão irritado que Jim tem de comprar

a sua própria cerveja durante várias semanas. Por vezes, pensa que é impossível saber se os filhos saem tão diferentes um do outro apesar de crescerem juntos, ou precisamente por causa disso. Espreita por cima dos ecrãs e vê os dedos do filho no teclado. A pequena esquadra nesta cidade não muito grande é um sítio relativamente sossegado. Não acontece muita coisa: não estão habituados a dramas de reféns, ou a qualquer tipo de drama, na verdade. Por isso, Jim sabe que esta é a grande oportunidade de Jack mostrar aos chefes aquilo de que é capaz, que tipo de polícia pode ser. Antes que cheguem os especialistas de Estocolmo.

A frustração de Jack está a empurrar-lhe as sobrancelhas para baixo, e a agitação sopra dentro dele como um vendaval. Está à beira de um acesso de fúria desde que foi o primeiro agente a entrar no apartamento. Tem conseguido conter-se, mas depois do último interrogatório entrou na sala dos agentes e explodiu:

– Uma destas testemunhas *sabe* o que aconteceu! Alguém sabe e está a mentir-nos descaradamente! Não percebem que o homem pode estar escondido algures, a esvair-se em sangue, neste preciso momento? Como é que são capazes de mentir à polícia enquanto uma pessoa *morre*?

Jim não disse nada quando Jack se sentou ao computador após esta explosão. Mas quando a caneca de café se partiu contra a parede, não foi Jack que a atirou. Porque, se o filho estava furioso por não poder salvar a vida do criminoso, e odiava saber que um grupo de tipos de Estocolmo estava prestes a aparecer para lhe tirar a investigação das mãos, essa frustração não era nada ao pé daquela que o pai sentia por não o poder ajudar.

Segue-se um longo silêncio. Primeiro olham um para o outro, a seguir para os teclados. Por fim, Jim consegue dizer:

– Desculpa. Eu limpo tudo. É só que… Sei que isto está a dar contigo em doido. Quero apenas que saibas que também está a dar comigo em doido.

Tanto ele como Jack estudaram cada centímetro da planta do apartamento. Não há esconderijos, nenhum sítio para onde ir. Jack olha para o pai, depois para os cacos da caneca atrás de si, e diz baixinho:

– De certeza que ele teve ajuda. Está a escapar-nos aqui alguma coisa.

Jim olha para os apontamentos dos interrogatórios às testemunhas.

– Só podemos fazer o nosso melhor, filho.

É mais fácil falar de trabalho quando não se tem as palavras certas para falar sobre as outras coisas da vida, mas é claro que as palavras de Jim se podem aplicar simultaneamente a ambas as situações. Jack tem estado a pensar na ponte desde que o drama com os reféns começou, porque nas noites melhores ainda sonha que o homem não saltou, que conseguiu salvá-lo. Jim também pensa nessa ponte muitas vezes, porque nas noites piores sonha que foi Jack que saltou e não o homem.

– Ou uma destas testemunhas está a mentir, ou estão todas. Alguém tem de saber onde o tipo está escondido – repete Jack de forma mecânica.

Jim olha de relance para os dois dedos indicadores de Jack, a tamborilar no tampo da secretária, tal e qual como a mãe costumava fazer depois de uma noite mais complicada no hospital ou na prisão. Já passou demasiado tempo para o pai perguntar ao filho como está, demasiado tempo para o filho conseguir explicar. A distância entre eles é agora grande de mais.

No entanto, quando Jim se levanta lentamente da cadeira com toda a sinfonia de gemidos e grunhidos de um homem de meia-idade, para ir limpar a parede e apanhar os cacos da caneca que atirou, Jack levanta-se rapidamente e dirige-se à sala de pessoal. Volta com duas canecas. Jack não bebe café, mas compreende que, de vez em quando, é importante para o pai não ter de beber sozinho.

– Não me devia ter envolvido no teu interrogatório, filho – diz Jim em voz baixa.

– Não faz mal, pai – responde Jack.

Nenhum dos dois está a ser completamente sincero. Mentimos àqueles que amamos. Inclinam-se outra vez sobre os teclados e acabam de redigir as transcrições de todos os interrogatórios às testemunhas, relendo-os mais uma vez em busca de pistas.

Estão certos, ambos. As testemunhas não estão a dizer a verdade; pelo menos, toda a verdade. Pelo menos, algumas das testemunhas.

# 14

*Interrogatório a testemunha*
*Data:* 30 de dezembro
*Nome da testemunha:* London

**JACK:** Se calhar ficava mais confortável na cadeira do que no chão.

**LONDON:** Tem algum problema nos olhos ou quê? Não vê que o cabo do carregador do telemóvel não chega à cadeira?

**JACK:** É claro que mover a cadeira está fora de questão.

**LONDON:** O quê?

**JACK:** Nada.

**LONDON:** A rede aqui dentro é uma porcaria. Tipo, só tenho um traço…

**JACK:** Agradecia-lhe que desligasse o telemóvel para poder responder às minhas perguntas.

**LONDON:** Quem é que está a impedi-lo? Pergunte o que quiser. É mesmo polícia? Parece novo de mais para ser polícia.

**JACK:** O seu nome é London, correto?

**LONDON:** «Correto.» É assim que costuma falar? Parece que está a representar num joguinho sexual com alguém que se excita com contabilistas.

**JACK:** Agradecia-lhe se levasse isto a sério. O seu nome escreve-se L-O-N-D-O-N?

**LONDON:** Sim!

**JACK:** É um nome invulgar. Bom, talvez não seja bem invulgar; direi antes «interessante». De onde vem?

**LONDON:** De Inglaterra.

**JACK:** Sim, eu percebi isso. O que estava a perguntar é se há algum motivo especial para ter o nome London?

**LONDON:** Foi o nome que os meus pais decidiram dar-me. Esteve a fumar alguma coisa?

**JACK:** Sabe que mais? Vamos esquecer isso e avançar.

**LONDON:** Também não é preciso ficar irritado, sabe?

**JACK:** Não estou irritado.

**LONDON:** Claro que não! Não parece mesmo nada irritado.

**JACK:** Vamos concentrar-nos nas perguntas. Trabalha no banco, correto? E estava a trabalhar ao balcão quando o sujeito

entrou?

**LONDON:** O sujeito?

**JACK:** O assaltante.

**LONDON:** Sim, «correto».

**JACK:** Não precisa de fazer isso com os dedos.

**LONDON:** São astas. Vai escrever isto, não é? Quero que use as astas quando eu fizer isto, para quem ler o relatório perceber que estou a ser irónica. Senão, quem ler isto vai pensar que eu sou uma idiota!

**JACK:** Chamam-se «aspas».

**LONDON:** Mas há aqui algum eco?

**JACK:** Estava só a dizer-lhe como se chamam.

**LONDON:** «Estava só a dizer-lhe como se chamam!»

**JACK:** A minha voz não é assim.

**LONDON:** «A minha voz não é assim!»

**JACK:** Tenho de lhe pedir que leve isto mais a sério. Pode falar-me sobre o assalto?

**LONDON:** Oiça, nem sequer foi um assalto. Somos um banco digital, não temos dinheiro vivo, *OK*?

**JACK:** Por favor, conte-me o que aconteceu.

**LONDON:** Escreveu aí que o meu nome é London? Ou escreveu só «testemunha»? Quero que ponha o meu nome, para o caso de isto aparecer *online*e eu ficar famosa.

**JACK:** Isto não vai aparecer *online*.

**LONDON:** Tudo aparece *online*, mais cedo ou mais tarde.

**JACK:** Esteja descansada que eu ponho o seu nome.

**LONDON:** Fixe.

**JACK:** Desculpe?

**LONDON:** «Fixe». Não sabe o que quer dizer «fixe»? Quer dizer «boa», está bem?

**JACK:** Eu sei o que quer dizer. Só não percebi o que tinha dito.

**LONDON:** «Só não percebi o que tinha ditooo…»

**JACK:** Que idade tem?

**LONDON:** Que idade tem você?

**JACK:** Pergunto porque me parece bastante nova para trabalhar num banco.

**LONDON:** Tenho vinte anos. E sou só uma temporária, porque mais

ninguém queria trabalhar na antevéspera de Ano Novo. Estou a estudar para ser empregada de bar.

**JACK:** Não sabia que era preciso estudar para isso.

**LONDON:** É mais difícil do que ser polícia, de qualquer forma.

**JACK:** Claro que sim. Pode falar-me agora sobre o assalto, por favor?

**LONDON:** Céus, não consegue ser menos irritante? Está bem, eu falo-lhe sobre o «assalto»…

# 15

Era um dia completamente desprovido de características meteorológicas. Durante algumas semanas, na parte central da Escandinávia, o céu parece não estar para se dar ao trabalho de nos tentar sequer impressionar. Recebe-nos de manhã com a cor de um jornal numa poça de água, e a alvorada deixa para trás um nevoeiro como se alguém tivesse ateado fogo a fantasmas. Era, por outras palavras, um dia mau para ir ver apartamentos, porque ninguém quer viver em lado nenhum quando o tempo está assim. Ainda por cima, era a antevéspera de Ano Novo, e que espécie de maluco abre um apartamento para visitas num dia desses? Até era um dia mau para um assalto a um banco, embora, em defesa do tempo, isso fosse mais culpa do ladrão de bancos.

E, se quisermos ser rigorosos, aquilo nem sequer foi, em sentido estrito, um assalto a um banco. O que não significa que o ladrão de bancos não tivesse toda a intenção de o ser – porque essa era, sem sombra de dúvida, a sua verdadeira intenção –, mas deu-se apenas o caso de não ter escolhido um banco em que houvesse dinheiro para roubar. O que, por maioria de razão, deve ser considerado um dos principais pré-requisitos para que exista um assalto a um banco.

Contudo, essa circunstância não foi necessariamente culpa do ladrão. A culpa foi da sociedade. Não porque a sociedade fosse responsável pelas injustiças sociais que conduziram o ladrão de bancos ao caminho do crime (embora a sociedade possa na verdade ser responsável por isso, tal é irrelevante neste momento), mas porque nos últimos anos a sociedade se transformou num lugar em que já nada tem o nome daquilo que realmente é. Tempos houve em que um banco era um banco. Mas agora, claro, temos bancos digitais, sem dinheiro, e com certeza que isso é uma fantochada. Não admira que as pessoas andem confusas e que a sociedade esteja a ir por água abaixo, quando nos vemos rodeados de café sem cafeína, pão sem glúten e cerveja sem álcool.

Assim, o ladrão de bancos que não era um ladrão de bancos entrou no banco que mal se podia considerar um banco, e declarou o objetivo da sua visita de

forma bastante clara, com a ajuda da pistola. Mas atrás do balcão estava uma jovem de vinte anos chamada London, muito concentrada no tipo de rede social que destrói as competências sociais de uma pessoa ao ponto de, quando viu o ladrão de bancos, ela ter exclamado instintivamente:

– Você está a gozar ou quê? (O facto de não formular a pergunta como «*Isto* é a gozar?», mas saltar de imediato para o «você», talvez diga muito sobre a falta de respeito desta nova geração por ladrões de bancos mais velhos.) O ladrão de bancos lançou-lhe um olhar desapontado bastante condescendente, agitou a pistola e empurrou por cima do balcão um bilhete onde se podia ler: «Isto é um assalto! Dê-me 6500 coroas!»

London franziu a cara e observou, em tom desdenhoso:

– Seis mil e quinhentas? Não se esqueceu de um zero ou dois? De qualquer maneira, este é um banco digital sem dinheiro. Está mesmo a tentar assaltar um banco sem dinheiro? Mas você é idiota ou quê?

Apanhado de surpresa, o ladrão de bancos tossiu e murmurou algo inaudível. London levantou os braços e perguntou:

– Isso é uma pistola a sério? Uma pistola mesmo verdadeira? Porque vi num programa de televisão um tipo que foi considerado inocente de um assalto à mão armada porque não usou uma pistola verdadeira!

Nesta fase da conversa, o ladrão de bancos começava a sentir-se com muita idade, especialmente porque a rapariga de vinte anos do outro lado da conversa dava a impressão de não ter mais de catorze. Claro que não era esse o caso, mas o ladrão de bancos tinha trinta e nove e, portanto, chegara àquela altura da vida em que, de repente, a diferença entre catorze e vinte se tornava insignificante. É isso que faz com que uma pessoa se sinta velha.

– *Olá*? Vai *responder-me* ou quê? – exclamou London com impaciência; e naturalmente, em retrospetiva, é muito fácil pensar que não era lá muito sensato estar a falar assim com um ladrão de bancos de cara tapada e pistola em punho, mas, se conhecessem London, perceberiam que ela não o fez por ser estúpida. Era apenas uma pessoa infeliz. Era infeliz porque não tinha amigos, nem sequer nas redes sociais, e passava a maior parte do tempo chateada porque

celebridades de quem nem sequer gostava não tinham dado cabo das suas relações românticas, outra vez. Mesmo antes de o ladrão de bancos entrar, estava entretida a atualizar a página de *internet* no telemóvel para saber se dois atores famosos se iam divorciar ou não. Esperava que sim, porque às vezes é mais fácil viver com as nossas próprias ansiedades se soubermos que as outras pessoas também não são felizes.

Mas o ladrão de bancos não respondeu, e por esta altura estava até a começar a sentir-se bastante idiota e a arrepender-se da ideia. Era óbvio que assaltar um banco fora um plano assombrosamente estúpido desde o início. O ladrão de bancos estava prestes a explicar isto mesmo a London, a pedir desculpa e a sair, e assim talvez tudo o que aconteceu a seguir não tivesse acontecido, mas não teve oportunidade porque, nesse exato momento, London anunciou:

– Oiça, vou chamar a polícia!

Foi então que o ladrão de bancos entrou em pânico e saiu a correr do banco.

# 16

*Interrogatório a testemunha*
(*continuação*)

**JACK:** Pode dizer-me alguma coisa mais específica sobre o sujeito?

**LONDON:** Refere-se ao assaltante?

**JACK:** Sim.

**LONDON:** Porque é que não diz «assaltante», então?

**JACK:** Pode dizer-me alguma coisa mais específica sobre o *assaltante*?

**LONDON:** Tipo, o quê?

**JACK:** Lembra-se de alguma coisa da aparência dele?

**LONDON:** Céus, que pergunta tão superficial! Tem uma visão de género muito binária e doentia, não tem?

**JACK:** Lamento. Pode dizer-me mais alguma coisa sobre a «pessoa»?

**LONDON:** Não precisa de usar astas para isso.

**JACK:** Desculpe, mas vou ter de insistir que preciso. Pode dizer-me alguma coisa sobre a aparência do «assaltante»? Por exemplo, era um assaltante alto ou um assaltante baixo?

**LONDON:** Oiça, eu não descrevo as pessoas pela altura. Isso é muito preconceituoso. Quer dizer, eu sou baixa, e sei que isso pode deixar muitas pessoas altas complexadas.

**JACK:** Desculpe?

**LONDON:** Não sei se sabe, mas as pessoas altas também têm sentimentos.

**JACK:** Muito bem. Só posso pedir-lhe novamente desculpa. Deixe-me reformular a pergunta: o assaltante parecia ser do tipo de ter um complexo?

**LONDON:** Porque é que está a esfregar as sobrancelhas dessa maneira? É sinistro.

**JACK:** Desculpe. Qual foi a sua primeira impressão do assaltante?

**LONDON:** Está bem. A minha primeira «impressão» foi que o «assaltante» parecia ser um perfeito idiota.

**JACK:** Vou portanto partir do princípio de que não há problema algum em ter uma atitude binária em relação à inteligência.

**LONDON:** O quê?

**JACK:** Nada. Em que baseou a sua conclusão de que o assaltante era um idiota?

**LONDON:** Deu-me um bilhete a dizer: «Dê-me seis mil e quinhentas coroas.» Quem diabo é que vai assaltar um BANCO por seis mil e quinhentas coroas? Assaltam-se bancos para roubar dez milhões, ou assim. Se só precisa exatamente de seis mil e quinhentas coroas, deve ser por um motivo muito especial, não acha?

**JACK:** Tenho de confessar que não tinha pensado no assunto desse ponto de vista.

**LONDON:** Se calhar devia pensar mais, já pensou nisso?

**JACK:** Farei os possíveis. Posso pedir-lhe que olhe para este papel e me diga se o reconhece?

**LONDON:** Isto? Parece um desenho de criança. E é o quê, exatamente?

**JACK:** Penso que é um macaco, uma rã e um cavalo.

**LONDON:** Isso não é um cavalo. É um alce!

**JACK:** Acha? Todos os meus colegas dizem que é um cavalo ou uma girafa.

**LONDON:** Espere aí. Recebi uma notificação no auricular.

**JACK:** Não, não, concentre-se, London… acha que isto é um alce? Olá? Pouse o telemóvel e responda à pergunta!

**LONDON:** *Boa!*

**JACK:** Desculpe?

**LONDON:** Finalmente! *Finalmente!*

**JACK:** Não estou a perceber.

**LONDON:** Vão *mesmo* divorciar-se!

# 17

A verdade? A verdade é que o ladrão de bancos era adulto. Não há nada mais revelador em relação à personalidade de um ladrão de bancos do que isso. Porque o mais terrível de ser adulto é ser obrigado a perceber que absolutamente ninguém quer saber de nós, que temos de lidar com tudo sozinhos, descobrir como é que o mundo funciona. Trabalhar e pagar contas, usar fio dental e chegar a horas às reuniões, esperar na fila e preencher impressos, perceber como ligar cabos e montar mobílias, mudar os pneus do carro e carregar o telemóvel e desligar a máquina do café e não se esquecer de inscrever os miúdos na natação. Abrimos os olhos de manhã e a vida está à nossa espera para nos soterrar sob uma nova avalanche de «Não Esquecer!» e «Importante!». Não temos tempo para pensar nem respirar; simplesmente, acordamos e começamos a escavar, porque no dia seguinte haverá uma nova avalanche para nos soterrar. Olhamos em volta de vez em quando, no trabalho ou numa reunião de pais ou no meio da rua, e apercebemo-nos, com horror, de que todas as outras pessoas parecem saber exatamente o que estão a fazer. Só nós é que temos de fingir. Todas as outras pessoas têm dinheiro para comprar coisas e sabem organizar outras coisas e têm energia suficiente para lidar com mais coisas. E todos os filhos dos outros sabem nadar.

Mas nós não estávamos preparados para ser adultos. Alguém devia ter-nos impedido de ir em frente com isso.

A verdade? A verdade é que precisamente quando o ladrão de bancos saiu do banco a correr, por mero acaso, ia a passar um polícia. Mais tarde, tornar-se-ia evidente que ainda não havia polícias à procura do ladrão de bancos, uma vez que o rádio ainda não transmitira o alarme, uma vez que a jovem London e o pessoal da central de urgências ainda demoraram algum tempo a sentir-se mutuamente ofendidos. (London comunicou um assalto a um banco, o que levou a operadora a perguntar: «Onde?», o que levou London a dar-lhes a morada, o que levou a operadora a perguntar: «Mas esse não é um banco sem dinheiro? Porque é que alguém havia de querer assaltar um banco sem dinheiro?», o que

levou London a concordar: «Exatamente!», o que levou a operadora a perguntar: «Exatamente o quê?», o que levou London a retorquir: «Como assim, “exatamente o quê”?», o que levou a operadora a ripostar com um: «Foi você que começou!», o que levou London a gritar: «Não, *você* é que…», e a partir daí a conversa deteriorou-se rapidamente.) Mais tarde, veio a saber-se que o polícia que o ladrão de bancos viu na rua nem sequer era mesmo um polícia, mas um fiscal de estacionamento, um facto que, se o ladrão de bancos não estivesse tão nervoso e tivesse prestado atenção, talvez lhe possibilitasse uma estratégia de fuga diferente. O que faria com que esta história fosse muito mais curta.

Porém, em vez disso, o ladrão de bancos entrou na primeira porta aberta que encontrou, a que dava para umas escadas, e aí não havia propriamente muitas opções a não ser subir. No último andar, a porta de um dos apartamentos estava escancarada e, portanto, foi aí que entrou, ofegante e a suar, com a tradicional máscara de esqui dos ladrões de bancos meio de lado, de tal forma que só conseguia ver de um dos olhos. Foi apenas nessa altura que o ladrão de bancos reparou que o vestíbulo estava cheio de sapatos e que o apartamento estava cheio de pessoas descalças. Uma das mulheres viu a pistola e começou a gritar: «Oh, meu Deus, estamos a ser assaltados!»; ao mesmo tempo, o ladrão de bancos ouviu passos rápidos nas escadas e partiu do princípio de que era a polícia (não era, era o carteiro). Assim, na ausência de alternativa, o ladrão de bancos fechou a porta e apontou a pistola em várias direções ao acaso. Primeiro começou por dizer:

– Não! Não, isto não é um assalto, eu só…

Mas depressa pensou melhor e, ofegante, gritou:

– Bom, talvez seja um assalto! Mas vocês não são as vítimas! Se calhar agora é mais uma situação de reféns! Lamento muito! Estou a ter um dia muito complicado!

Sem dúvida que o ladrão de bancos tinha uma certa razão. Não é que isto seja de modo algum uma defesa dos ladrões de bancos, mas eles também podem ter dias maus no trabalho. Para falar com franqueza, quem é que nunca teve vontade de pegar numa pistola depois de falar com uma jovem de vinte anos?

Minutos depois, a rua em frente ao prédio estava cheia de jornalistas e câmaras, e só a seguir é que apareceu a polícia. O facto de a maior parte dos jornalistas ter chegado antes da polícia não deve de forma alguma ser interpretado como uma evidência do nível de competência das respetivas profissões, mas, neste caso concreto, como uma prova de que a polícia tinha coisas mais importantes a fazer, ao passo que os jornalistas tinham mais tempo para andar nas redes sociais E ainda que a jovem desagradável que trabalhava no banco que não era um banco pelos vistos conseguia expressar-se melhor pelo Twitter do que ao telemóvel. Pelas redes sociais, anunciou que, através da grande montra do banco, acabara de ver o assaltante entrar a correr no prédio do outro lado da rua, enquanto a polícia só teve conhecimento disso quando o carteiro que vira o ladrão de bancos nas escadas ligou para a mulher, que por acaso trabalhava num café em frente à esquadra. Ela atravessou a rua a correr e foi só então que o alarme soou e se espalhou pelos canais da polícia a informação de que o que parecia ser um homem armado com o que parecia ser uma pistola, e com o que parecia ser uma máscara de esqui a esconder-lhe o rosto, entrara num apartamento para venda e se trancara lá dentro com a agente imobiliária e os potenciais compradores. E foi assim que um ladrão de bancos não conseguiu roubar um banco, mas conseguiu gerar um drama com reféns. A vida nem sempre corre como esperamos.

Precisamente quando o ladrão de bancos fechava a porta do apartamento, uma folha de papel caiu-lhe do bolso do casaco e esvoaçou pelas escadas. Era um desenho de criança: um macaco, uma rã e um alce.

Não era um cavalo e, definitivamente, também não era uma girafa. Isto é importante.

Porque mesmo que jovens de vinte anos possam estar enganadas em relação a muita coisa na vida (e nós, os que já não temos vinte anos, se calhar concordamos que a maioria dos jovens de vinte anos estão enganados tantas vezes que muitos teriam apenas vinte e cinco por cento de hipóteses de responder corretamente a uma pergunta de «sim» ou «não»), esta jovem de vinte anos em concreto tinha razão em relação a uma coisa: os ladrões de bancos

normais exigem grandes quantias e números redondos. Qualquer pessoa pode entrar num banco e gritar: «Deem-me dez milhões ou disparo!» Mas se uma pessoa entra, armada e nervosa, e pede muito especificamente a quantia exata de seis mil e quinhentas coroas, o mais certo é que tenha uma razão para isso.

Ou duas.

# 18

O homem que saltou da ponte há dez anos e o ladrão de bancos que fez as pessoas reféns no apartamento para venda não estão relacionados. Nunca se conheceram. A única coisa que realmente têm em comum é o risco moral. É um termo da banca, claro. Alguém teve de o inventar para descrever a forma como o mercado financeiro funciona, porque o facto de os bancos serem imorais é tão óbvio que chamar-lhes simplesmente «imorais» não era suficiente. Precisávamos de uma maneira de descrever o facto de ser tão improvável que um banco aja de forma moral, que o mero ato de o tentar só pode ser considerado um risco. O homem na ponte deu o seu dinheiro a um banco para aplicar num «investimento seguro», porque todos os investimentos eram seguros nessa altura. Depois o homem usou esses investimentos seguros como garantia de empréstimos, e posteriormente fez novos empréstimos para pagar os anteriores. «Toda a gente faz o mesmo», asseguraram-lhe no banco, e o homem pensou: «Eles é que sabem.» E então um dia, de repente, já nada era seguro. Esclareceram que fora uma crise dos mercados financeiros, um colapso dos bancos, embora as únicas vítimas tivessem sido as pessoas. Os bancos continuaram lá, os mercados financeiros não podiam ficar de coração partido; mas para o homem na ponte, as poupanças de uma vida inteira tinham sido substituídas por uma montanha de dívidas, e ninguém conseguia explicar-lhe como isso acontecera. Quando o homem lhes recordou que o banco garantira que era um investimento «totalmente isento de riscos», o banco encolheu os ombros e respondeu: «Nada é totalmente isento de riscos. Devia saber onde se estava a meter, não devia ter-nos dado o seu dinheiro.»

Assim, o homem foi a outro banco para pedir dinheiro emprestado para pagar as dívidas que agora tinha porque o primeiro banco perdera todas as suas poupanças. Explicou ao segundo banco que, de outra forma, podia perder o seu negócio e a sua casa, e que tinha dois filhos. O segundo banco foi bastante compreensivo; porém, a funcionária que o atendeu comentou: «O senhor sofreu aquilo a que chamamos um risco moral.»

O homem não percebeu, por isso, ela explicou-lhe que risco moral é «quando uma das partes de um acordo está protegida contra as consequências negativas das suas próprias ações». Quando viu que ele continuava sem perceber, ela suspirou e esclareceu: «É quando dois idiotas estão sentados no ramo de uma árvore e o que está mais perto do tronco é que tem o serrote na mão.» O homem continuou a pestanejar com um ar confuso e a funcionária ergueu as sobrancelhas e trocou por miúdos: «O senhor é o idiota que está mais longe do tronco. O banco vai serrar o ramo para se salvar. Porque o banco não perdeu o dinheiro do banco, apenas o seu, porque o senhor foi o idiota que os deixou ficar a segurar no serrote.»

Depois, calmamente, juntou os papéis todos do homem, devolveu-lhos e disse que não podia autorizar o empréstimo.

– Mas não tenho culpa de que eles tenham perdido o meu dinheiro todo! – protestou o homem.

A funcionária fitou-o friamente e declarou:

– Tem, sim. Porque não devia ter-lhes dado o seu dinheiro.

Dez anos depois, um ladrão de bancos entra num apartamento para venda. O ladrão de bancos nunca teve dinheiro suficiente para ouvir uma funcionária bancária falar em riscos morais, mas teve uma mãe que costumava dizer: «Se queres que Deus se ria, conta-lhe os teus planos», o que às vezes vai dar ao mesmo. O ladrão de bancos tinha apenas sete anos de idade da primeira vez que ouviu isto, e talvez seja um pouco cedo de mais para ouvir algo dessa natureza, porque o que significa, basicamente, é «a vida pode correr de muitas maneiras, mas o mais certo é que corra mal». Até as crianças de sete anos percebem isso. Percebem também que, embora a mãe diga que não gosta de fazer planos, e mesmo que nunca planeie embebedar-se, acaba por se embebedar demasiadas vezes para ser um acaso. A criança de sete anos jurou nunca tocar em bebidas fortes e nunca se tornar adulta, e conseguiu cumprir metade dessa promessa.

E quanto ao risco moral? A criança de sete anos aprendeu o que isso era pouco antes do Natal desse mesmo ano. Quando a mãe se ajoelhou no chão da

cozinha e a puxou para si num abraço que deixou o cabelo da criança sujo de cinza de cigarro. Numa voz sacudida pelos soluços, a mãe da criança de sete anos implorou: «Por favor, não te zangues comigo, não grites comigo, a culpa não foi minha, a sério.»

A criança não compreendeu exatamente o que aquilo significava, mas, aos poucos, começou a perceber que, o que quer que fosse, devia ter alguma relação com o facto de ter passado o último mês a vender revistas de Natal todos os dias depois da escola, e a dar o dinheiro todo à mãe para que esta comprasse comida para a Consoada. A criança fitou a mãe nos olhos, que estavam brilhantes do álcool e das lágrimas, de embriaguez e desprezo por si própria. Ela apertou a criança contra si, chorou e murmurou: «Não me devias ter dado o dinheiro.»

Foi o mais parecido com um pedido de desculpas que ela conseguiu produzir.

O ladrão de bancos pensa nisso com frequência, até hoje. Não em como foi terrível, mas em como é estranho que uma pessoa não consiga odiar a própria mãe. Que ainda continue a sentir que a culpa não foi dela.

Foram despejados desse apartamento em fevereiro, e o ladrão de bancos jurou nunca ter filhos e, quando acabou por ter filhos apesar disso, jurou que nunca traria caos à vida das suas crianças. Que não seria um daqueles progenitores que não sabe lidar com o facto de ser adulto, que não consegue pagar as contas e não tem onde viver com os filhos.

E Deus riu-se.

O homem na ponte escreveu uma carta à funcionária do banco que lhe explicara o que era o risco moral. Escreveu exatamente aquilo que queria que ela ouvisse. E depois saltou. A funcionária do banco traz essa carta consigo, na mala, há dez anos. Foi então que conheceu o ladrão de bancos.

# 19

Jim e Jack foram os primeiros polícias a chegar à porta do prédio. Isto não é propriamente uma indicação da sua competência, mas sim um sinal do tamanho da cidade: não havia assim tantos polícias de serviço, em especial na antevéspera de Ano Novo.

Os jornalistas já lá estavam, claro. Ou talvez fossem apenas residentes locais e transeuntes curiosos – hoje em dia, com toda a gente a filmar, a fotografar e a documentar a sua vida inteira, como se cada indivíduo fosse o seu próprio canal de televisão, é difícil distingui-los. Todos olharam para Jim e Jack com um ar expectante, como se a polícia soubesse exatamente o que ia acontecer a seguir. Porém, não sabiam. Nesta cidade, ninguém fazia reféns e ninguém assaltava bancos, muito menos agora que eram todos instituições sem dinheiro.

– O que achas que devíamos fazer? – perguntou Jack.

– *Eu*? Não sei, não sei mesmo. Normalmente, tu é que sabes tudo – respondeu Jim em tom brusco.

Jack fitou-o com ar desanimado.

– Nunca estive envolvido num drama com reféns.

– Nem eu, filho. Mas fizeste aquele curso, não foi? Aquela coisa de ouvir?

– *Escuta ativa* – murmurou Jack. Sim, fizera o curso, mas não estava mesmo a ver de que lhe serviria neste momento.

– Bom, não te ensinaram a falar com raptores? – perguntou Jim, com uma expressão encorajadora.

– Sim… Mas para eu poder ouvir, tem de haver alguém a falar. Como é que vamos entrar em contacto com o assaltante? – inquiriu Jack, porque não tinham recebido mensagem nenhuma, nem um pedido de resgate, nada. Além disso, não conseguia evitar pensar que, se esse curso de escuta ativa fosse tão bom como o instrutor afirmara, já teria arranjado uma namorada.

– Não sei, não sei mesmo – admitiu Jim.

Jack suspirou.

– Passaste a vida inteira na polícia, pai, deves ter *alguma* experiência destas

coisas?

Naturalmente, Jim fazia os possíveis para agir como se tivesse muita experiência. Os pais gostam de ensinar coisas aos filhos, porque assim que deixamos de poder fazê-lo, eles deixam de ser nossa responsabilidade e passamos a ser nós responsabilidade deles. Portanto, o pai pigarreou e virou-se e olhou para o telemóvel. Ficou ali parado algum tempo, na esperança de que o filho não lhe perguntasse o que estava a fazer. Obviamente, o filho insistiu.

– Pai… – disse Jack por cima do ombro dele.

– Hum… – murmurou Jim.

– Estás mesmo a googlar «o que fazer numa situação de reféns»?

– Talvez.

Jack gemeu e inclinou-se para a frente, com as mãos apoiadas nos joelhos. Estava a resmungar entre dentes consigo próprio porque sabia o que os seus chefes, e os chefes dos seus chefes, diriam quando o chamassem num futuro muito próximo. As piores palavras que Jack conhecia. «Se calhar era melhor pedir ajuda a Estocolmo.» *Claro*, pensou Jack, *mal seria se conseguíssemos fazer alguma coisa sozinhos nesta cidade!* Ergueu os olhos para a varanda do apartamento onde o ladrão de bancos se refugiara. Praguejou entre dentes. Só precisava de um ponto de partida, alguma forma de estabelecer contacto.

– Pai? – disse, por fim, com um suspiro.

– Sim, filho?

– O que é que diz o Google?

Jim leu em voz alta que a primeira coisa a fazer era descobrir quem era o raptor e o que ele pretendia.

# 20

Muito bem. Um ladrão de bancos assalta um banco. Pense nisso por um momento.

Claro que não tem nada a ver consigo. Tal como um homem a saltar de uma ponte não tem nada a ver consigo. Porque você é uma pessoa normal e decente, portanto nunca assaltaria um banco. Há certas coisas que todas as pessoas normais sabem que nunca devem fazer, em circunstância alguma. Não devem mentir, não devem roubar, não devem matar e não devem atirar pedras às aves. Nisso, estamos todos de acordo.

Exceto talvez aos cisnes, porque os cisnes, a bem da verdade, por vezes são uns filhos da mãe passivo-agressivos. Mas, tirando os cisnes, não se deve atirar pedras às aves. E não se deve mentir. A menos que… bom, às vezes tem de ser, claro, como quando um filho pergunta: «Porque é que cheira aqui a chocolate? ESTÁS A COMER CHOCOLATE?»

Mas decididamente não se deve roubar nem matar. Quanto a isso, não há dúvidas.

Quer dizer, pelo menos matar pessoas. E, regra geral, também não se deve matar cisnes, apesar de serem uns filhos da mãe; mas podemos matar animais se tiverem chifres e estiverem na floresta. Ou se forem *bacon*. Mas nunca se deve matar pessoas.

Bom, a menos que a pessoa seja o Hitler. Podíamos matar o Hitler, se tivéssemos uma máquina do tempo e oportunidade para isso. Porque com certeza que deve ser permitido matar uma pessoa para salvar milhões de outras e evitar uma guerra mundial. Toda a gente compreende isto. Mas quantas pessoas temos de salvar para poder matar alguém? Um milhão? Cento e cinquenta? Duas? Apenas uma? Nenhuma? Claro que não espero que tenha uma resposta exata para isso, porque ninguém tem.

Vamos pegar então num exemplo muito mais simples. Podemos roubar? Não, não devemos roubar. Estamos de acordo. Exceto se for roubar o coração de

alguém, porque isso é romântico. Ou roubar a harmónica ao tipo que gosta de tocar harmónica nas festas, porque é em nome do bem público. Ou se roubarmos apenas uma coisa pequena porque precisamos mesmo. Provavelmente também não faz mal. Mas será que isso significa que não faz mal roubar algo um pouco maior? E quem é que decide o tamanho máximo? E se tivermos mesmo de roubar, que grau de necessidade é considerado razoável para *ter* de roubar algo realmente sério? Por exemplo: se acharmos que temos mesmo de o fazer, e que ninguém ficará ferido, será que não faz mal roubar um banco?

Não, provavelmente não se pode, mesmo assim. Deve ter razão. Porque você nunca roubaria um banco, portanto não tem nada em comum com este ladrão de bancos.

Exceto o medo, talvez. Porque se calhar já se sentiu alguma vez mesmo assustado, e o ladrão de bancos também. Se calhar porque o ladrão de bancos tem filhos pequenos e, logo, muita experiência com o medo. Talvez você também tenha filhos, e nesse caso sabe que quem tem filhos está constantemente assustado, com medo de não saber tudo e de não ter energia para fazer tudo e de não conseguir lidar com tudo. Por fim, habituamo-nos de tal maneira à sensação de fracasso que sempre que *não* desapontamos os nossos filhos sentimo-nos secretamente chocados. É possível que alguns filhos estejam conscientes disto. Por isso, de longe a longe, fazem pequeninas coisas, nos momentos mais estranhos, para nos animar um pouco. Apenas o suficiente para impedir que nos afoguemos.

Assim, o ladrão de bancos saiu de casa uma manhã com aquele desenho da rã, do macaco e do alce enfiado no bolso, sem se aperceber. A menina que o desenhou é que o colocou lá. A menina tem uma irmã mais velha, e deviam discutir como é suposto que as irmãs sempre façam, mas elas raramente discutem. A mais nova pode brincar no quarto da mais velha sem que esta grite com ela. E a mais velha pode ficar com as coisas de que gosta mais sem que a mais nova as estrague de propósito. Os pais costumavam sussurrar «não as merecemos» quando as meninas eram muito pequenas. E tinham razão.

Agora, depois do divórcio, nas semanas em que as meninas vivem com um

dos progenitores, ouvem as notícias no carro, de manhã. O outro progenitor é mencionado nas notícias hoje, mas elas ainda não sabem disso. Não sabem que um dos pais se tornou um ladrão de bancos.

Nas semanas em que as meninas vivem com o progenitor ladrão de bancos, apanham o autocarro. Elas adoram: vão o caminho todo a inventar pequenas histórias sobre os desconhecidos nos bancos da frente. «Aquele homem ali podia ser bombeiro», murmura o progenitor. «E aquela podia ser uma extraterrestre», indica a filha mais nova. Depois é a vez da filha mais velha, que diz em voz *muito alta*: «Aquele podia ser um homem procurado que matou alguém e traz a cabeça cortada na mochila. Quem sabe?»

As mulheres nos bancos à sua volta agitam-se, pouco à vontade, as meninas riem-se tanto que quase ficam sem fôlego, e o progenitor tem de fazer cara séria e fingir que aquilo não teve graça nenhuma.

Atrasam-se quase sempre a chegar à paragem do autocarro, e enquanto atravessam a ponte a correr e o autocarro para do outro lado, as meninas gritam sempre, perdidas de riso: «Vem aí o alce! Vem aí o alce!» Isto porque as pernas do progenitor ladrão de bancos são muito compridas e desproporcionais em relação ao corpo, o que significa que ele tem muita piada quando corre. Ninguém tinha reparado nisso antes de as meninas existirem, mas as crianças reparam nas proporções de uma pessoa de modo diferente dos adultos, talvez porque nos veem sempre de baixo, e esse é o nosso pior ângulo. É por isso que conseguem magoar-nos tanto, os monstrinhos de língua afiada. Têm acesso a tudo o que é mais vulnerável em nós. Mesmo assim, perdoam-nos, constantemente, por quase tudo.

E isso é o mais estranho de ter filhos. Não só para um progenitor ladrão de bancos, mas para todos os pais: o facto de sermos amados apesar de tudo o que somos. Mesmo numa fase muito adiantada da vida, as pessoas parecem ser incapazes de aceitar que os pais talvez não sejam superinteligentes e mesmo engraçados e imortais. Talvez haja um motivo biológico para isso, para que até uma certa idade os filhos nos amem de forma incondicional e desesperada, por um único motivo: nós pertencemos-lhes. E isso é bastante inteligente da parte da

biologia, temos de admitir.

O ladrão de bancos nunca trata as filhas pelos seus verdadeiros nomes. É o tipo de coisa em que nunca reparamos até pertencermos a outra pessoa, mas aqueles que dão os nomes às crianças são os que estão menos dispostos a usá-los. Damos alcunhas àqueles que amamos, porque o amor requer uma palavra que seja apenas nossa. Assim, o ladrão de bancos chama às filhas aquilo que elas faziam lembrar quando se mexiam dentro da barriga da mãe há seis e oito anos respetivamente. Uma parecia estar sempre aos saltos lá dentro, e a outra parecia estar sempre a trepar. Uma rã. Uma macaca. E um alce que faria tudo por elas. Mesmo quando é algo completamente estúpido. Talvez, no fundo, tenhamos todos isso em comum. Se calhar você também tem alguém na sua vida por quem seria capaz de fazer uma coisa estúpida.

Claro que, mesmo assim, nunca assaltaria um banco. Claro que não.

Mas talvez já tenha estado apaixonado? Afinal, quase toda a gente já esteve. E o amor pode levar-nos a fazer muitas coisas ridículas. Casar, por exemplo. Ter filhos, brincar às famílias felizes e ter um casamento feliz. Pelo menos, talvez pense que é feliz. Bom, se calhar não feliz, feliz, mas plausível. Um casamento plausível. Porque, bem vistas as coisas, como é que alguém pode ser constantemente feliz? Quem é que tem tempo para isso? Na maior parte do tempo, estamos apenas a tentar chegar ao fim do dia. Com certeza que também já teve dias assim. Mas depois de passarmos por um número suficiente desses dias, certa manhã olhamos para trás por cima do ombro e percebemos que estamos sozinhos, que a pessoa com quem casámos se meteu por um desvio algures pelo caminho. Ou descobrimos uma mentira. Foi isso que aconteceu ao ladrão de bancos. Uma infidelidade vem ao de cima e, mesmo que você nunca tenha passado por isso pessoalmente, com certeza compreende que é coisa para deixar uma pessoa desequilibrada.

Em particular se não for apenas uma aventura, mas sim um caso que dura já há algum tempo. Mais do que uma mentira, é uma traição. É possível que

alguém seja infiel ao cônjuge sem sequer pensar nele, mas um caso duradouro requer planeamento. E talvez seja isso que mais dói, os milhões de pequenas pistas nas quais não reparámos. E talvez a dor seja ainda maior se nem sequer houver uma boa explicação. Por exemplo, talvez fosse compreensível se tivesse sido uma questão de solidão ou desejo: «Estás sempre a trabalhar e nunca temos tempo um para o outro.» Mas se a explicação for: «Ah… bom… com toda a franqueza, a pessoa com quem te traí é o teu chefe», então pode ser ainda mais complicado voltarmos a erguer-nos do chão. Porque isso significa que o motivo por detrás de todas as horas extra dos últimos tempos é também o motivo pelo qual o casamento acabou. Quando chegamos ao trabalho na segunda-feira depois da separação, ouvimos: «Bom, ah… Obviamente, isto vai ser complicado para todos os envolvidos. Portanto, se calhar seria melhor procurar outro emprego.»

Na sexta-feira, uma pessoa era casada e tinha um emprego, e na segunda-feira não tem casa nem trabalho. O que fazer então? Falar com um advogado? Processar alguém?

Não.

Porque foi pedido ao ladrão de bancos: «Não faças uma cena. Não causes caos. Pelo bem das meninas!» E por isso o ladrão de bancos não fez nada. Não queria ser esse tipo de progenitor. Portanto, saiu do apartamento e deixou o emprego de olhos fechados, dentes cerrados. Pelo bem das filhas. Talvez você já tenha feito o mesmo. Uma vez, a rã comentou que ouvira um adulto no autocarro a dizer: «O amor magoa», e a macaca respondeu que talvez fosse por isso que os corações nunca ficam perfeitinhos quando os tentamos desenhar. Como explicar-lhes um divórcio, depois disso? Como falar-lhes sobre infidelidade? Como evitar transformá-las em pequenas cínicas? Afinal de contas, quando uma pessoa se apaixona, é mágico, romântico, emocionante… Mas paixão e amor são coisas diferentes. Não são? Não têm mesmo de ser? Meu Deus, ninguém aguentaria estar apaixonado de novo ano após ano. A paixão não nos deixa pensar em mais nada; esquecemos os amigos, o trabalho, o almoço. Se estivéssemos sempre

apaixonados, morreríamos de fome. E o amor significa que estamos apaixonados… mas só de longe a longe. Temos de ser sensatos. O problema é que tudo é relativo: a felicidade depende das expectativas e, hoje em dia, temos a *internet*. Um mundo inteiro constantemente a perguntar-nos: «Mas a *sua* vida é perfeita assim? Então e agora? É perfeita *assim*? Se não for, mude-a!»

A verdade, claro, é que se as pessoas fossem mesmo tão felizes como parecem na *internet*, não passariam tanto tempo no raio da *internet*, porque uma pessoa que está mesmo a divertir-se não passa metade do dia a tirar fotografias a si próprio. Qualquer pessoa pode alimentar um mito sobre a sua vida se tiver estrume suficiente, e se a relva parece mais verde do outro lado da cerca, provavelmente é porque está cheia de merda. Não é que faça grande diferença, porque agora ficámos a saber que todos os dias têm de ser especiais. *Todos* os dias.

De súbito, damos por nós a viver ao lado um do outro, e não um com o outro. Um de nós pode continuar a pensar, durante um período chocante de tempo, que o casamento é bom. Ou, pelo menos, que não é pior do que o das outras pessoas. Plausível. E depois vem-se a saber que um de nós quer mais, que não basta chegar ao fim do dia. Um de nós trabalhou e foi para casa, trabalhou e foi para casa, trabalhou e foi para casa, tentando ser afável nos dois sítios. E vem a saber que a pessoa com quem casou e a pessoa para quem trabalha têm passado esse mesmo tempo a ser extremamente afáveis um com o outro.

«Amarmo-nos um ao outro até que a morte nos separe», não foi o que dissemos? Não foi o que prometemos um ao outro? Ou estou a lembrar-me mal? «Ou, pelo menos, até um de nós se fartar.» Se calhar foi isso?

Agora, a macaca e a rã e um progenitor e o novo cônjuge vivem no apartamento, e o progenitor ladrão de bancos vive noutro lado. Porque o apartamento estava apenas em nome do outro progenitor, e o progenitor ladrão de bancos não quis causar problemas. Não quis causar caos. Mas não é propriamente fácil arranjar casa nesta zona da cidade, ou em qualquer zona de

qualquer cidade, na verdade, sem ter um emprego nem poupanças. Não nos inscrevemos na lista de espera para habitação social quando somos casados e temos filhos e uma vida, porque nunca nos ocorre que podemos perder tudo numa tarde. A pior coisa que o divórcio faz a uma pessoa não é a sensação de que todo o tempo dedicado à relação foi um desperdício, é roubar-nos todos os planos que tínhamos para o futuro.

«Comprar um apartamento está completamente fora de questão», informou-o o banco, porque quem é que emprestaria dinheiro a alguém que não o tem? Só emprestam dinheiro a pessoas que na realidade não precisam de pedir dinheiro emprestado. «Então onde é que eu vou viver», podemos questionar. «Tem de arrendar», responde o banco. Mas para arrendar um apartamento nesta cidade quando não temos emprego, é preciso um depósito no valor de quatro meses de renda. Um depósito que nos é devolvido quando deixamos a casa, altura em que já não precisamos dele para nada.

Foi então que chegou a carta de um advogado. Dizia que o outro progenitor da macaca e da rã decidira pedir a guarda total das meninas porque «a situação atual, em que a outra parte não tem casa nem emprego, é insustentável. Temos de pensar nas crianças.»

Como se um pai ou mãe sem casa e sem emprego conseguisse pensar noutra coisa.

O outro progenitor enviou também um *e-mail* a dizer: «Tens de vir buscar as tuas coisas.» O que significava, claro, ir buscar os pertences que o ex-cônjuge e o ex-chefe, depois de se apoderarem do que era bom, decidiram que era lixo. Estava já tudo embalado na arrecadação da cave. E o que é que uma pessoa há de fazer? Talvez vá lá ao fim da noite, para evitar a vergonha de encontrar algum vizinho, e talvez só então se aperceba de que não tem sítio para onde levar as coisas. Não tem onde viver e o tempo está a começar a arrefecer; por isso, deixa-se ficar na arrecadação da cave.

Noutra arrecadação, que pertence a um vizinho que se esqueceu de fechar a porta à chave, há uma caixa cheia de mantas. Pode usá-las temporariamente para

se aquecer. Por algum motivo, debaixo das mantas há uma pistola de brincar, e dorme com ela na mão, porque se aparecer algum ladrão doido a meio da noite, talvez o consiga assustar. Depois começa a chorar, porque se apercebe de que *é* o ladrão doido.

Na manhã seguinte, arruma as mantas, mas fica com a pistola de brincar, porque não sabe onde vai dormir nessa noite e pode dar jeito. Isto prolonga-se durante uma semana. Talvez você não saiba exatamente como é, mas se calhar já teve momentos em que olhou para o espelho e pensou: «Não era esta a vida que eu contava ter.» E isso pode ser aterrorizador. Assim, certa manhã, faz uma coisa desesperada. Bom, *você* não, claro; você teria agido de forma diferente, com certeza. Teria investigado a lei e os seus direitos, e teria arranjado um advogado para ir a tribunal. Ou então não. Porque talvez não quisesse armar confusão em frente das suas filhas, não quisesse ser um desses pais e mães caóticos. Portanto, talvez pensasse: «Hei de arranjar maneira, se tiver oportunidade, de resolver isto sem afligir as meninas.»

Assim, quando aparece um pequeno apartamento bastante perto do apartamento onde a macaca e a rã vivem, mesmo ao pé da ponte, um subarrendamento de alguém que já está a subarrendar a um subarrendatário, por seis mil e quinhentas coroas mensais, pensa: «Se conseguir arranjar dinheiro para o primeiro mês, terei tempo para procurar um emprego, e não poderão tirar-me as meninas desde que eu tenha onde viver.» Assim, esvazia a conta bancária e vende tudo o que tem e consegue arranjar o suficiente para um mês, e passa trinta noites seguidas sem pregar olho, a pensar onde arranjar dinheiro para o próximo mês. E de súbito percebe que não vai conseguir.

Numa situação dessas, uma pessoa deve pedir ajuda às autoridades competentes – é isso que deve fazer. Mas talvez à porta da instituição, antes de entrar, se lembre de repente da mãe, e de como era o ar ali dentro, das pessoas sentadas num banco de madeira com uma senha numerada entre os dedos, talvez se lembre de como uma criança às vezes tem de mentir pelos pais. E não consegue entrar. As pessoas que têm tudo pensam que é o orgulho que impede quem não tem nada de pedir ajuda, o que muito raramente é verdade.

Os viciados são bons a mentir, mas nunca tão bons como os seus filhos. São os filhos que têm de arranjar desculpas, nunca demasiado bizarras ou incríveis, e sempre mundanas o suficiente para que ninguém sinta necessidade de as confirmar. Os trabalhos de casa do filho de um viciado nunca são comidos pelo cão; ficaram simplesmente esquecidos na outra mochila em casa. A mãe não faltou à reunião de pais por ter sido raptada por ninjas, mas porque teve de ficar a fazer serão no trabalho. A criança não se lembra do nome do sítio onde ela trabalha, é só um emprego temporário. Ela faz o que pode, a mãe, para nos sustentar agora que ficámos sem o nosso pai, sabe. Depressa uma criança dessas aprende a formular as respostas de modo a afastar mais perguntas. Aprende que as funcionárias da segurança social podem tirar os filhos à mãe se descobrirem que ela conseguiu incendiar o último apartamento quando adormeceu com um cigarro na mão, ou se descobrirem que ela roubou o peru de Natal no supermercado. Assim, a criança mente quando o segurança aparece, tira o peru das mãos da mãe e confessa: «Fui eu que o roubei.» Ninguém chama a polícia para prender uma criança, ainda por cima no Natal. Assim, deixam-na voltar para casa com a mãe, com fome, mas não sozinha.

Uma pessoa que tivesse sido uma criança dessas, e que depois crescesse e tivesse os seus próprios filhos, nunca os sujeitaria a tal coisa. Em circunstância alguma os seus filhos teriam de aprender a mentir tão bem, prometeria a pessoa a si própria. Portanto não vai à segurança social, porque tem medo de que lhe tirem as filhas. Aceita o divórcio e não luta pelo apartamento nem pelo emprego, porque não quer que as meninas tenham pais em guerra um com o outro. Tenta resolver tudo por si e, por fim, tem um golpe de sorte: consegue arranjar um emprego, contra todas as probabilidades. Não um emprego que permita uma vida confortável, mas um emprego que lhe permite sobreviver durante algum tempo. E é tudo o que uma pessoa precisa, uma oportunidade. Mas dizem-lhe que o salário do primeiro mês vai ficar retido, o que significa que só o receberá depois de trabalhar dois meses, como se o primeiro mês não fosse precisamente a altura em que mais precisa de dinheiro.

Vai então ao banco e pede um empréstimo para poder continuar a trabalhar

sem receber salário, mas o banco diz que é impossível, porque não se trata de um emprego permanente. A qualquer momento podem pôr fim ao contrato. E depois como é que o banco recuperaria o seu dinheiro? Ou tem algum dinheiro? Pode tentar explicar que se tivesse dinheiro não precisaria de um empréstimo, mas o banco não compreende essa lógica.

Então o que se há de fazer? Continuar a lutar. E ter esperança de que isso seja suficiente. Depois chega outra carta ameaçadora do advogado. Não sabe o que fazer, a quem recorrer; só sabe que não quer começar uma guerra. Corre para o autocarro de manhã, imagina que as meninas não conseguem ver como se sente, mas elas veem. E nos olhos delas vê que querem ir vender revistas e dar-lhe o dinheiro para ajudar. Depois de as deixar na escola, enfia-se numa viela e senta-se na berma do passeio e chora porque não consegue parar de pensar: «Elas não me deviam ter amado.»

Toda a vida, uma pessoa prometeu a si própria que conseguiria lidar com tudo. Que não seria caótica. Que não teria de implorar ajuda. Mas chega a véspera de Natal, e suporta-a em sofrimento, solidão e desespero, porque as meninas vão passar o dia de Ano Novo consigo. Na antevéspera de Ano Novo, enfia a mais recente carta do advogado que lhe quer tirar as filhas no bolso, ao lado da carta do senhorio a informar que, se a renda não for paga nesse mesmo dia, avançará com o despejo por incumprimento. Naquele momento, não é preciso muito para desequilibrar uma pessoa. Basta uma má ideia. Encontra a pistola de brincar que parece mesmo uma arma a sério. Faz uns buracos num gorro de lã preto e enfia-o a tapar a cara, dirige-se ao banco que não estava disposto a emprestar-lhe dinheiro porque não tinha dinheiro seu, jura que só vai pedir seis mil e quinhentas coroas para a renda e que as devolverá assim que receber o ordenado. «Como?», poderia uma mente mais organizada perguntar, mas… bom… talvez não tenha pensado ainda nisso? Talvez possa voltar, com a mesma máscara de esqui e a mesma pistola, e obrigá-los a aceitar o dinheiro? Porque só precisa de um mês. Tudo o que precisa é de uma oportunidade para se organizar.

Mais tarde, vir-se-á a saber que o raio da pistola de brincar, a que parecia quase verdadeira, parecia verdadeira porque *era* verdadeira. E numas escadas, o desenho de um alce e uma rã e uma macaca esvoaça na brisa, e num apartamento no cimo do prédio há um tapete ensopado em sangue.

Não era esta a vida que uma pessoa contava ter.

# 21

Não era uma bomba.

Era uma caixa de luzes de Natal que um dos vizinhos tivera penduradas na varanda. Na verdade, passara pela cabeça do vizinho deixá-las postas até ao Ano Novo, mas depois discutiu com a mulher porque ela observou: «São muitas luzes, não achas? E porque é que não podemos ter luzes brancas normais como toda a gente? Temos mesmo de ter luzes coloridas a piscar, como se tivéssemos aberto um bordel?» Ao que ele respondeu de má vontade: «Não sei que bordéis costumas frequentar que tenham luzes a piscar.» Ela ergueu as sobrancelhas e exigiu saber: «E que bordéis é que *tu* costumas frequentar, já que pareces perceber tanto do assunto?» E a discussão terminou com ele a sair para a varanda e a retirar o raio das luzes. Mas não esteve para se dar ao trabalho de levar a caixa para a arrecadação na cave, por isso deixou-a no patamar das escadas, do lado de fora da porta do apartamento. Depois ele e a mulher foram passar o Ano Novo e discutir sobre bordéis para a casa dos pais dela. A caixa ficou à porta, no andar por baixo do apartamento que acabou por ser o cenário de um drama com reféns. Quando o carteiro, que surgiu no início desta história, subiu as escadas e viu o ladrão de bancos armado entrar no apartamento que estava aberto para visitas, é claro que desceu as escadas o mais depressa que conseguiu e tropeçou na caixa, o que fez com que os fios de cima ficassem à vista.

Não parecia uma bomba, não parecia mesmo; parecia uma caixa de luzes de Natal tombada. De um bordel. Mas em defesa de Jim, talvez parecesse que *podia* ser uma bomba, especialmente para quem já ouviu falar em bombas, mas na realidade nunca viu nenhuma. Nem um bordel. É como quando uma pessoa tem muito medo de cobras e está sentada na sanita e sente uma ligeira corrente de ar no traseiro e pensa automaticamente: «Cobra!» Sem dúvida que isso não é lógico nem plausível, mas, se as fobias fossem lógicas e plausíveis, não se chamavam fobias. Jim tinha bastante mais medo de bombas do que de luzes de Natal, e em ocasiões destas, o cérebro e os olhos podem cortar relações um com o outro. É aí

que quero chegar.

Assim, os dois polícias tinham estado lá em baixo, no passeio. Jim procurara conselhos no Google e Jack telefonara ao proprietário do apartamento onde os reféns estavam, para tentar perceber mais ou menos quantas pessoas poderiam estar lá dentro. A proprietária, que era uma mãe com filhos pequenos e vivia numa cidade completamente diferente, disse que o apartamento fora herdado e que já não ia lá havia muito tempo. E não tinha nada a dizer sobre a casa aberta. «A agência imobiliária é que está a tratar disso», esclareceu.

Depois, Jack ligou para a esquadra e falou com a empregada do café que era casada com o carteiro, e que fora a primeira a alertá-los para a presença do ladrão de bancos. Infelizmente, Jack não ficou a saber muito mais, exceto que o ladrão de bancos «tinha uma máscara e era relativamente pequeno. Não demasiado pequeno, mas pequeno de uma forma normal! Talvez até mais normal do que pequeno! Mas quem sabe o que é normal?»

Jack tentou formular um plano com base nesta escassa informação, mas não chegou muito longe porque o chefe lhe ligou e, quando Jack não conseguiu transmitir-lhe de imediato um plano, o chefe ligou ao chefe do chefe, e ao chefe do chefe do chefe, e todos os chefes concordaram, naturalmente, de forma muito previsível, que o melhor seria entrarem de imediato em contacto com Estocolmo. Todos, exceto Jack, claro, que queria lidar com qualquer coisa sozinho, por uma vez na vida. Sugeriu que os chefes deviam deixá-los entrar no prédio, a ele e a Jim, e subir até ao apartamento para ver se conseguiam estabelecer contacto com o ladrão de bancos. Os chefes acederam, apesar das dúvidas, porque Jack era basicamente o tipo de polícia em quem os outros polícias confiavam. Mas Jim estava ao lado dele e ouviu um dos chefes a gritar ao telemóvel que deviam «ter muito, muito cuidado, e verifiquem bem se não há explosivos ou outra coisa qualquer nas escadas, porque pode não ter nada a ver com os reféns. Pode ser um incidente terrorista! Viram alguém com embrulhos suspeitos? Alguém de barba?» Jack não estava preocupado com nada disso, porque era jovem. Mas Jim estava seriamente preocupado, porque era pai.

O elevador estava avariado, portanto ele e Jack subiram as escadas e, pelo

caminho, bateram a todas as portas para ver se algum dos vizinhos ainda estava em casa. Mas não havia mais ninguém no prédio porque, na antevéspera de Ano Novo, quem tinha de trabalhar estava no trabalho, e quem não tinha de trabalhar tinha coisas melhores para fazer, e quem não tivesse coisas melhores para fazer teria ouvido as sirenes, e visto os repórteres e a polícia da varanda, e saído de casa para ir ver o que se passava. (Na verdade, alguns estavam mesmo com medo de que houvesse uma cobra à solta no prédio, porque tinham corrido rumores na *internet*, recentemente, de que fora encontrada uma cobra na sanita de um prédio de apartamentos numa cidade vizinha – isto para se ter uma ideia do nível de probabilidade de ocorrência de uma situação de reféns por estes lados.)

Quando Jack e Jim chegaram ao patamar onde estava a caixa tombada com os fios de fora, Jim deu um salto para trás com medo, tão bruscamente que deu um jeito às costas (é preciso mencionar aqui que Jim já dera um jeito às costas no mesmo sítio com um espirro inesperado, mas ainda assim). Puxou Jack para trás e exclamou:

– BOMBA!

Jack revirou os olhos como só um filho pode fazer e disse:

– Não é uma bomba.

– Como sabes? – indagou Jim.

– As bombas não são assim – respondeu Jack.

– Talvez seja isso que o construtor da bomba quer que penses.

– Pai, controla-te, isto não é…

Se fosse outro colega qualquer, Jim provavelmente tinha-o deixado continuar a subir as escadas. Talvez seja por isso que algumas pessoas acham má ideia que pais e filhos trabalhem juntos. Porque, em vez disso, Jim disse:

– Não, vou ligar para Estocolmo.

E Jack nunca lhe perdoou por isso.

Os chefes e os chefes dos chefes e as pessoas que davam ordens acima deles na hierarquia deram de imediato ordem para que os dois polícias voltassem a

descer e esperassem por reforços na rua. Claro que não era fácil encontrar reforços, mesmo nas cidades grandes, porque quem diabo é que assalta um banco na antevéspera de Ano Novo? E quem diabo é que faz reféns num apartamento à venda? «E quem diabo é que abre um apartamento a compradores na antevéspera?…», como indagou um dos chefes, e continuaram com esta conversa durante um bom tempo pelo rádio. Depois um negociador especialista de Estocolmo ligou para o telemóvel de Jack para o informar de que ficaria responsável por toda a operação. Encontrava-se de momento no carro, a várias horas de distância, mas queria que Jack compreendesse muito bem que não devia fazer nada a não ser «conter a situação» até ele chegar. O negociador falava com um sotaque que não era decididamente de Estocolmo, mas isso não importava, porque se perguntassem a Jack e a Jim, ser de Estocolmo era mais uma mentalidade do que uma descrição de origem geográfica. «Nem todos os idiotas são de Estocolmo, mas todas as pessoas de Estocolmo são idiotas», como se costumava dizer na esquadra. O que era, claro está, muitíssimo injusto. Porque uma pessoa podia deixar de ser idiota, mas não podia deixar de ser de Estocolmo.

Depois de falar com o negociador, Jack ficou ainda mais zangado do que da última vez que tivera de falar com um funcionário do apoio ao cliente do seu fornecedor de *internet*. Jim, por sua vez, sentiu o peso da responsabilidade pelo facto de o filho ter perdido a oportunidade de mostrar que era capaz de apanhar o ladrão de bancos sozinho. Durante o resto do dia, todas as decisões de ambos seriam ditadas por estes sentimentos.

– Desculpa, filho, não queria… – começou Jim com um ar envergonhado, sem saber como terminar a frase sem admitir que, se Jack fosse filho de outra pessoa, Jim muito provavelmente teria concordado com ele que não era uma bomba. Mas não se pode correr riscos quando o filho é nosso.

– Agora não, pai! – exclamou Jack com maus modos, porque estava a falar outra vez com o chefe do chefe.

– O que queres que eu faça? – perguntou Jim, porque precisava de se sentir necessário.

– Podes começar por tentar entrar em contacto com as pessoas residentes no resto dos apartamentos, aos quais não chegámos por causa da tua «bomba», para termos a certeza de que o prédio está vazio! – retorquiu Jack.

Jim assentiu, de cabeça baixa. Procurou os números de telemóvel no Google. Primeiro ligou para o dono do apartamento no andar onde Jim vira a bomba. Um homem respondeu e disse que ele e a mulher estavam fora, e quando a mulher perguntou: «Quem é?», em tom irritado, por trás dele, o homem retorquiu no mesmo tom: «É do bordel!» Jim não sabia o que isso significava, portanto limitou-se a perguntar se estava alguém no apartamento deles. Quando o homem respondeu que não, Jim não quis preocupá-lo com conversas sobre bombas, e o homem não tinha maneira de saber nessa altura que, se tivesse apenas acrescentado: «Já agora, essa caixa no patamar contém luzes de Natal», toda esta história teria mudado num instante; portanto, perguntou apenas: «Mais alguma coisa?», ao que Jim respondeu: «Não, não, acho que é tudo.» E agradeceu-lhe e desligou.

A seguir ligou para os proprietários do apartamento no último piso, o mesmo andar do apartamento onde estava a decorrer o drama com os reféns. Os donos eram um casal jovem, de vinte e poucos anos, que estavam a separar-se e se encontravam ambos a viver noutro lado.

«Então o apartamento está vazio?», perguntou Jim, aliviado. Estava vazio, sim; porém, em duas conversas separadas, Jim teve de ouvir as queixas dos dois jovens de vinte e poucos anos, que partiram do princípio de que o polícia estava interessado em saber o motivo da sua separação. Ao que parecia, um deles não conseguia viver com o facto de o outro ter sapatos tão feios, e o outro achava muito desagradável que o primeiro se babasse quando lavava os dentes, e ambos preferiam ter um companheiro que não fosse tão baixo. Um deles disse que a relação estava condenada porque o outro gostava de coentros, e Jim perguntou: «E você não gosta?», apenas para ouvir como resposta: «Gosto, mas não tanto como ela!»

Um deles disse que tinham começado a odiar-se depois de uma discussão que, tanto quanto Jim conseguia perceber, começara por não terem conseguido

encontrar uma máquina de fazer sumos numa cor que os refletisse a ambos como indivíduos, mas também enquanto casal. Foi então que perceberam que não conseguiam viver juntos nem mais um minuto, e agora odiavam-se. Jim pensou que o problema era que os jovens hoje em dia tinham demasiadas opções – se todas estas *apps* modernas de encontros existissem quando Jim conhecera a mulher, ela nunca teria chegado a casar-se com ele. Quando somos constantemente colocados perante alternativas, nunca nos conseguimos decidir, pensou Jim. Como é que uma pessoa consegue viver com o *stress* de saber que, enquanto o companheiro está na casa de banho, pode estar de telemóvel na mão, a deslizar para a esquerda ou para a direita, à procura da sua alma gémea? Toda uma geração assolada por infeções urinárias por se verem forçados a esperar que o companheiro ficasse sem bateria no telemóvel antes de conseguirem fazer chichi. Obviamente, Jim não lhes disse nada disto; apenas perguntou uma última vez: «Então o apartamento está vazio?» E ambos confirmaram que sim. Tudo o que ainda lá estava era uma máquina de fazer sumos da cor errada. O apartamento ia ser posto à venda no Ano Novo, por uma agência imobiliária cujo nome um deles não recordava. Apenas que era «muito piroso, tipo as piadas dos nossos pais!» E o outro acrescentou: «Quem deu o nome àquela agência imobiliária tem um sentido de humor pior do que o das cabeleireiras! Sabe que há uma cabeleireira na cidade chamada “Corta!”? Com franqueza, o que é isto?»

Jim desligou e pensou que era uma pena que aqueles dois se separassem, porque se mereciam um ao outro.

Aproximou-se de Jack e tentou dar-lhe a informação, mas Jack nem o deixou abrir a boca.

– Agora não, pai! Conseguiste falar com os vizinhos?

Jim acenou afirmativamente.

– Está alguém em casa? – perguntou Jack.

Jim abanou a cabeça.

– Só queria dizer… – começou, mas Jack abanou a cabeça e retomou a conversa com o chefe.

– Agora não, pai!

E, assim, Jack não disse mais nada.

E depois? Bom, posteriormente ficou tudo descontrolado, aos poucos. O drama com os reféns prolongou-se por várias horas, mas o negociador ficou preso no trânsito e acabou encurralado atrás do pior acidente em cadeia do ano na autoestrada («quase de certeza provocado por tipos de Estocolmo sem pneus adequados para este tempo», declarou Jim em tom confiante), portanto, não chegou a tempo. Jim e Jack foram obrigados a lidar eles próprios com a situação, o que não foi isento de complicações, já que demoraram muito tempo até para conseguir estabelecer contacto com o assaltante (isto acabou por deixar Jack com um grande galo na testa, o que, por si só, é outra longa história). Por fim, conseguiram introduzir um telemóvel no apartamento (uma história ainda maior); e só depois de o ladrão de bancos libertar os reféns e de o negociador ligar para esse telemóvel é que o tiro de pistola ecoou dentro do apartamento.

Horas mais tarde, Jack e Jim ainda estavam sentados na esquadra, a interrogar todas as testemunhas. O que não ajudou nada, claro, porque pelo menos uma delas não estava a dizer a verdade.

# 22

A verdade é que o ladrão de bancos fez um esforço bizarro para não apontar a pistola a ninguém dentro do apartamento, para evitar assustar as pessoas. Mas a primeira a quem o ladrão de bancos acabou por apontar a arma *sem querer* foi uma mulher chamada Zara, de cerca de cinquenta anos de idade e muito bem vestida, como se costumam vestir as pessoas que se tornaram financeiramente independentes à custa da dependência financeira de outros.

O mais engraçado é que, quando o ladrão de bancos entrou pelo apartamento adentro, ofegante, e acabou por movimentar a pistola de modo que Zara deu por si a olhar para o cano, ela nem sequer pareceu assustada. Outra mulher no apartamento, por seu lado, soltou um guincho de pânico: «Oh, meu Deus, estamos a ser assaltados!» O que era um pouco estranho, porque o ladrão não tinha qualquer intenção de que *esta* parte fosse um assalto. Naturalmente, ninguém gosta de ser tratado de forma preconceituosa, e o facto de ter uma pistola na mão não faz automaticamente de ninguém um ladrão, e, mesmo que seja, é possível ser um ladrão de bancos sem querer necessariamente assaltar indivíduos. Assim, quando a outra mulher gritou ao marido: «Dá-lhe dinheiro, Roger!», o ladrão de bancos não pôde deixar de se sentir insultado. E com uma certa razão. Depois, um homem de meia-idade, de camisa aos quadrados, que estava junto da janela – o tal Roger, pelos vistos –, murmurou de má vontade: «Não temos dinheiro!»

O ladrão de bancos abriu a boca para protestar, mas nesse momento vislumbrou o reflexo no vidro da porta da varanda. Uma figura de cara tapada, armada com uma pistola, e as outras pessoas na sala. Uma delas era uma senhora muito idosa. Outra estava grávida. Uma terceira parecia prestes a desatar a chorar. Estava toda a gente a olhar para a pistola, com os olhos arregalados de medo, incluindo os olhos que a fitavam através dos buracos na máscara de esqui no reflexo. Foi então que o ladrão de bancos se apercebeu de um facto avassalador. *Não são eles os cativos. Sou eu.*

A única pessoa que não parecia nada assustada era Zara. Foi então que

ouviram o som das primeiras sirenes da polícia lá em baixo, na rua.

# 23

*Interrogatório a testemunha*
*Data:* 30 de dezembro
*Nome da testemunha:* Zara

**JIM:** Olá! Chamo-me Jim!

**ZARA:** Sim, sim, está bem. Ande lá com isto.

**JIM:** Muito bem, estou aqui para registar a sua versão do que aconteceu. Conte-me tudo nas suas próprias palavras.

**ZARA:** Não podia usar as palavras de outra pessoa se sou eu a falar, não é?

**JIM:** Bom, sim, tem razão. É apenas uma maneira de dizer, suponho. Mas primeiro gostava de lhe recordar que tudo o que disser será gravado. E pode ter um advogado presente, se quiser.

**ZARA:** Porque havia de precisar de um advogado?

**JIM:** Tenho apenas de a informar desse direito. Os meus chefes dizem que os chefes deles dizem que é importante fazer tudo como deve ser. Vamos receber uma equipa de investigadores especiais de Estocolmo que tomarão as rédeas desta investigação. O meu filho está muito zangado com isso; ele também é polícia, sabe. Portanto era só para a informar dessa parte do advogado presente.

**ZARA:** Oiça, pagarei a um advogado se *eu* alguma vez ameaçar alguém com uma pistola. Não quando sou eu a ameaçada.

**JIM:** Compreendo. Não tive intenção de ser impertinente, de modo algum. Compreendo que teve um dia muito complicado, claro que sim. Só tem de responder às minhas perguntas o mais honestamente que puder. Quer um café?

**ZARA:** É isso que lhe chamam? Porque eu vi o que sai daquela máquina e não bebia essa zurrapa nem que fôssemos as duas últimas pessoas no planeta e você me garantisse que era veneno.

**JIM:** Não sei se isso é um insulto ao café ou à minha pessoa.

**ZARA:** Disse que queria que eu respondesse às suas perguntas honestamente.

**JIM:** Sim, suponho que sim. Bom, posso começar por lhe perguntar por que motivo se encontrava no apartamento?

**ZARA:** Que pergunta tão estúpida. Não era você que estava nas escadas quando fomos libertados?

**JIM:** Sim, era eu.

**ZARA:** Nesse caso, foi o primeiro a entrar no apartamento depois de nós sairmos, certo? E mesmo assim conseguiu perder o assaltante?

**JIM:** Na verdade, não fui o primeiro a entrar. Esperei pelo Jack, o meu colega. Penso que o deve ter conhecido. Foi ele o primeiro a entrar no apartamento.

**ZARA:** Vocês, polícias, são todos muito parecidos, sabia?

**JIM:** O Jack é meu filho. Talvez seja por isso que nos achou parecidos.

**ZARA:** Jim e Jack?

**JIM:** Sim. Como *Jim Beam* e *Jack Daniel's*.

**ZARA:** E isso tem alguma piada?

**JIM:** Não, não. A minha mulher também nunca achou graça.

**ZARA:** Então é casado. Parabéns.

**JIM:** Sim, mas talvez isso não seja relevante para o caso. Pode dar-me uma breve explicação do motivo da sua presença no apartamento?

**ZARA:** Era uma casa aberta, o apartamento está para venda. Parece-lhe demasiado complicada, esta explicação?

**JIM:** Então tinha ido ver o apartamento?

**ZARA:** Você é esperto que nem um alho, não é?

**JIM:** Portanto, a resposta é sim?

**ZARA:** É o que é.

**JIM:** O que pretendo saber é se estava a pensar em *comprar* o apartamento.

**ZARA:** Mas você é polícia ou agente imobiliário?

**JIM:** Quero apenas dizer que seria fácil partir do princípio de que talvez esteja demasiado bem na vida para ter interesse naquele apartamento.

**ZARA:** Não me diga.

**JIM:** Bom, o que quero dizer é que eu e os meus colegas poderíamos pensar assim. Um deles, pelo menos. O meu filho, mais precisamente. Com base nas declarações das testemunhas, quero eu dizer. A senhora parece uma pessoa que está bem na vida, é o que quero dizer. E à primeira vista aquele

apartamento não parece o tipo de propriedade que uma pessoa como a senhora teria interesse em comprar.

**ZARA:** Oiça, o problema das pessoas da classe média é que acham que se pode ser demasiado rico para querer comprar coisas. Mas não é verdade. Só se pode ser demasiado pobre, não demasiado rico.

**JIM:** Bom, se calhar podemos avançar. Já agora, é assim que se escreve o seu apelido?

**ZARA:** Não.

**JIM:** Ah, não?

**ZARA:** Mas há uma razão perfeitamente lógica para ter pensado que se escreve assim.

**JIM:** Oh?

**ZARA:** Porque você é simplesmente um idiota.

**JIM:** Lamento muito. Importa-se de soletrar?

**ZARA:** I-D-I-O-T-A.

**JIM:** Refiro-me ao seu nome.

**ZARA:** Ficaríamos aqui a noite toda e alguns de nós temos trabalhos importantes para fazer, portanto o melhor é eu fazer-lhe um resumo rápido, que tal? Um louco com uma arma fez-nos reféns, a mim e a um grupo de outras pessoas pobres e menos bem na vida, durante metade do dia; você e os seus colegas cercaram o edifício e a televisão deu a notícia, mas mesmo assim conseguiram perder o assaltante. Neste momento, podiam dar prioridade à busca do dito assaltante, mas em vez disso está aqui sentado e a suar porque nunca viu um apelido com mais do que três consoantes. E os seus chefes estão a queimar o dinheiro dos meus impostos, tão depressa como se eu lhes tivesse dado fósforos para as mãos.

**JIM:** Vejo que está aborrecida.

**ZARA:** Muito perspicaz da sua parte.

**JIM:** Quero dizer apenas que está em estado de choque. Ninguém está à espera de ser ameaçado com uma pistola quando vai ver um apartamento para venda, pois não? Os jornais podem dizer que o mercado imobiliário está complicado nos dias que correm, mas isto se calhar é levar a coisa longe de mais. Quer dizer, os jornais num dia dizem que este é um «mercado de compradores», e no dia seguinte que é um «mercado de vendedores», mas, no fim, com certeza que é sempre o mercado do raio dos bancos, não é? Não acha?

**ZARA:** Isso é alguma piada?

**JIM:** Não, não, estou só a fazer conversa de circunstância. Quero apenas dizer que, da maneira que está a sociedade, haveria muito menos recursos públicos dedicados à busca do assaltante se ele tivesse conseguido assaltar aquele banco do que por ter feito reféns, como é o caso. Quer dizer, toda a gente odeia bancos. É como se costuma dizer: «Às vezes é difícil saber quem são os maiores bandidos, se as pessoas que roubam os bancos ou aquelas que os gerem.»

**ZARA:** As pessoas dizem isso?

**JIM:** Sim, acho que sim. É, não é? Quer dizer, ainda ontem li no jornal quanto é que os gestores dos bancos ganham. Vivem em casas do tamanho de palácios que custaram cinquenta milhões enquanto as pessoas normais mal conseguem pagar as suas hipotecas.

**ZARA:** Posso fazer-lhe uma pergunta?

**JIM:** Claro.

**ZARA:** Porque é que as pessoas como você acham sempre que as pessoas bem-sucedidas deviam ser castigadas pelo seu sucesso?

**JIM:** O quê?

**ZARA:** Têm alguma disciplina avançada de conspirações na Academia de Polícia, onde os enganam e os fazem pensar que os polícias ganham o mesmo salário que os gestores dos bancos, ou são todos incapazes de somar dois e dois?

**JIM:** Bom, sim… quer dizer, não.

**ZARA:** Ou acham apenas que o mundo vos deve alguma coisa?

**JIM:** Acaba de me ocorrer que não cheguei a perguntar-lhe o que faz na vida.

**ZARA:** Sou gestora de um banco.

# 24

A verdade é que Zara, que parece ter um pouco mais de cinquenta anos, embora ninguém se tenha alguma vez atrevido a perguntar-lhe a idade exata, nunca teve qualquer interesse em comprar o apartamento. Não por não ter dinheiro para isso, claro; provavelmente conseguiria comprá-lo com os trocos caídos entre as almofadas do sofá no seu apartamento. (Zara considerava as moedas coisas nojentas e cobertas de bactérias, que passaram por sabe-se lá quantos dedos de pessoas da classe média, e preferia queimar as almofadas do sofá a tocar numa moeda, portanto, seria mais correto dizer que podia sem qualquer dúvida ter comprado aquele apartamento com o que lhe custara o sofá.) Assim, entrou na casa aberta já de nariz torcido, com brincos de diamantes tão grandes que conseguiriam deitar ao chão uma criança de tamanho médio, se fosse necessário. No entanto, se a observássemos bem, nem mesmo isso conseguia disfarçar o sofrimento que se escondia dentro dela.

A primeira coisa que é preciso perceber é que Zara começou há pouco tempo a consultar uma psicóloga, porque Zara tem o tipo de carreira que, ao fim de algum tempo, implica por vezes que a pessoa tenha de procurar ajuda profissional para obter instruções sobre aquilo que pode fazer com a vida além de ter uma carreira. A primeira conversa com a psicóloga não correu lá muito bem. Zara pegou numa fotografia emoldurada que ela tinha em cima da secretária e perguntou:

– Quem é?

A psicóloga respondeu:

– A minha mãe.

Zara perguntou:

– Dá-se bem com ela?

A psicóloga respondeu:

– Faleceu há pouco tempo.

Zara perguntou:

– E como era a vossa relação antes disso?

A psicóloga pensou que uma reação mais normal seria dar-lhe os pêsames pela morte da mãe, mas tentou manter uma expressão neutra e disse:

– Não estamos aqui para falar sobre mim.

Ao que Zara respondeu:

– Quando deixo o carro no mecânico, primeiro gosto de saber que o carro dele não é um monte de sucata.

A psicóloga respirou fundo e disse:

– Estou a perceber. Nesse caso, posso dizer-lhe que tinha uma relação muito boa com a minha mãe. Está melhor assim?

Zara acenou com um ar cético e perguntou:

– Algum dos seus pacientes se suicidou?

Com um aperto no peito, a psicóloga respondeu:

– Não.

Zara encolheu os ombros e acrescentou:

– Tanto quanto sabe.

Era um comentário bastante cruel para se fazer a uma psicóloga. A psicóloga, contudo, recuperou rapidamente e disse:

– Concluí a minha formação há relativamente pouco tempo. Não tive muitos pacientes, mas sei que ainda estão todos vivos. Porque está a fazer estas perguntas?

Zara olhou para o único quadro na parede do consultório da psicóloga, franziu os lábios numa expressão pensativa e disse com uma franqueza surpreendente:

– Quero saber se é capaz de me ajudar.

A psicóloga pegou numa caneta, abriu um sorriso ensaiado e perguntou:

– Com o quê?

Zara respondeu que andava com «problemas de sono». O médico receitara-lhe comprimidos para dormir, mas agora recusava-se a receitar-lhe mais a menos que ela falasse primeiro com um psicólogo.

– Portanto aqui estou eu – declarou Zara, e tocou com o indicador no relógio,

como se fosse ela que estava a ser paga à hora e não o contrário.

A psicóloga perguntou:

– Acha que as dificuldades em dormir estão relacionadas com o seu trabalho? Disse-me, quando ligou, que é gestora de um banco. Deve ser um trabalho muito stressante, de grande pressão.

– Nem por isso – respondeu Zara.

A psicóloga suspirou e perguntou:

– O que espera alcançar nas nossas sessões?

Zara retorquiu com outra pergunta.

– Isto é psicologia ou psiquiatria?

A psicóloga perguntou:

– Qual acha que é a diferença?

Zara respondeu:

– Quem pensa que é um golfinho precisa de um psicólogo. Quem mata os golfinhos todos precisa de um psiquiatra.

A psicóloga fitou-a pouco à vontade. Na sessão seguinte, não colocou o seu broche em forma de golfinho.

Na segunda sessão, Zara perguntou, aparentemente do nada:

– Como é que explica os ataques de pânico?

A psicóloga iluminou-se como só um psicólogo se iluminaria com uma pergunta dessas.

– Um ataque de pânico é difícil de definir. Mas, segundo a maioria dos especialistas, os ataques de pânico são a experiência de…

Zara interrompeu-a.

– Não, o que quero saber é como *você* os explicaria!

A psicóloga agitou-se desconfortavelmente na cadeira e ponderou várias respostas. Por fim, disse:

– Eu diria que um ataque de pânico é quando a dor psicológica se torna tão forte que se manifesta fisicamente. A ansiedade torna-se tão intensa que o cérebro não consegue… bom, à falta de palavras melhores, eu diria que o

cérebro não tem largura de banda suficiente para processar toda a informação. A *firewall* cai por terra, por assim dizer. E somos dominados pela ansiedade.

– Você não é muito boa no seu trabalho – respondeu Zara em tom seco.

– Em que sentido?

– Já sei mais sobre si do que você sabe sobre mim.

– A sério?

– Os seus pais trabalhavam com computadores. Eram programadores, provavelmente.

– Mas… como é que… como é que sabe?

– Diga-me, tem sido complicado para si lidar com a vergonha de eles terem um trabalho com uma aplicação tangível no mundo real, enquanto você trabalha com?…

Zara calou-se abruptamente e pareceu procurar as palavras certas. Assim, a psicóloga, algo ofendida, terminou a frase por ela.

– Sentimentos? Eu trabalho com sentimentos.

– Eu ia dizer ninharias. Mas está bem, digamos sentimentos, se isso a faz sentir melhor.

– O meu pai é programador. A minha mãe era analista de sistemas. Como é que adivinhou?

Zara gemeu como se estivesse a tentar ensinar uma torradeira a ler.

– Tem alguma importância?

– Sim!

Zara gemeu de novo para a torradeira.

– Quando lhe pedi para explicar os ataques de pânico por palavras suas, não com a definição que aprendeu na escola, usou as palavras «largura de banda», «processar» e «*firewall*». Palavras que não surgem facilmente no vocabulário do dia a dia a menos que venham dos pais. Isto se a pessoa tinha uma boa relação com eles, claro.

A psicóloga tentou retomar as rédeas da conversa com uma pergunta:

– É por isso que é tão boa no seu emprego no banco? Porque consegue ler as pessoas?

Zara esticou as costas como um gato entediado.

– Querida, você não é nada difícil de ler. O seu tipo de pessoa nunca é tão complicado como gostaria de ser, principalmente se andou na universidade. A sua geração não quer estudar um tema, quer estudar-se a si própria.

A psicóloga fez um ar ligeiramente ofendido. Talvez um pouco mais do que ligeiramente.

– Estamos aqui para falar de *si*, Zara. O que espera retirar disto?

– Comprimidos para dormir, como já lhe tinha dito. O ideal seria qualquer coisa que combinasse bem com vinho tinto.

– Não posso receitar-lhe comprimidos para dormir. Só o seu médico o pode fazer.

– Então porque é que estou aqui? – quis saber Zara.

– Você é a melhor pessoa para responder a essa pergunta – retorquiu a psicóloga.

A relação começou a partir deste nível. E daí em diante foi sempre a piorar. Mas vale a pena dizer desde já que a psicóloga não teve qualquer dificuldade em diagnosticar esta nova paciente: Zara sofria de solidão. Porém, em vez de lho dizer logo (a psicóloga não se endividara com mais de meia década de empréstimos enquanto estudante para aprender a dizer o que pensava), ela apenas explicou que Zara mostrava sinais de «esgotamento nervoso».

Zara não ergueu os olhos do telemóvel quando respondeu:

– Claro que sim. Estou esgotada porque não consigo dormir. Por isso é que preciso dos comprimidos!

A psicóloga não queria dar-lhe comprimidos. Em vez disso, começou a fazer perguntas, com a intenção de ajudar Zara a ver as suas próprias ansiedades num contexto mais alargado. Uma das perguntas foi:

– Está preocupada com a sobrevivência do planeta?

Zara respondeu:

– Nem por isso.

A psicóloga fitou-a com um sorriso amável.

– Deixe-me colocar a questão desta maneira: qual é, na sua opinião, o maior problema do mundo?

Zara acenou rapidamente com a cabeça e respondeu como se fosse óbvio:

– Pessoas pobres.

A psicóloga corrigiu-a de forma prestável.

– Quer dizer *a pobreza*.

Zara encolheu os ombros.

– Claro. Se isso a faz sentir-se melhor.

Quando se separaram, Zara não lhe apertou a mão. À saída, ajeitou uma fotografia na estante da psicóloga e arrumou melhor três livros. Os psicólogos não devem ter pacientes preferidos, mas se esta psicóloga tivesse um paciente preferido, com certeza que não seria Zara.

Só na terceira sessão é que a psicóloga percebeu realmente o quanto Zara estava doente. Só depois de Zara lhe explicar que «a democracia é um sistema condenado, porque os idiotas acreditam em qualquer coisa desde que seja uma boa história». A psicóloga esforçou-se por ignorar o comentário e perguntou a Zara sobre a sua infância e o trabalho, insistindo em querer saber como ela se «sentia». Como é que se sente quando isso acontece? Como é que se sente quando fala nisso? Como se sente quando pensa em como se sente, sente que é difícil? E, por fim, Zara sentiu realmente alguma coisa.

Estavam a falar sobre outra coisa qualquer há algum tempo. De súbito, Zara pareceu olhar bem fundo para dentro de si e, quando falou, murmurou as palavras, como se a voz já não lhe pertencesse.

– Tenho cancro.

O silêncio na sala foi tão intenso que se conseguia ouvir o bater do coração das duas mulheres. Os dedos a pousarem inertes no bloco de notas, a respiração a tornar-se mais leve, os pulmões a encherem-se apenas a um terço da capacidade com cada inalação, para não fazer demasiado barulho.

– Lamento imenso saber disso – disse por fim a psicóloga, com a voz a tremer e uma dignidade cuidadosamente ensaiada.

– Eu também lamento. Na verdade, estou deprimida – disse Zara, e limpou os olhos.

– Que… que tipo de cancro? – quis saber a psicóloga.

– Tem alguma importância? – murmurou Zara.

– Não. Não, claro que não. Desculpe. Foi uma pergunta insensível.

Zara olhou para a janela, sem ver nada, durante tanto tempo que a luz lá fora pareceu ter tempo de mudar. Da manhã para a tarde. Depois ergueu ligeiramente o queixo e disse:

– Não precisa de pedir desculpa. É um cancro inventado.

– Desculpe?

– Não tenho cancro. Estava a mentir. Mas era o que eu estava a dizer: a democracia não funciona!

E foi então que a psicóloga percebeu o quanto Zara era doente.

– É… É uma situação muitíssimo delicada para estar a fazer piadas sobre ela – conseguiu articular.

Zara ergueu as sobrancelhas.

– Então seria melhor se eu tivesse cancro?

– Não! O quê? Com certeza que não, mas…

– Deve ser melhor fazer piadas sobre cancro do que ter mesmo cancro, não? Ou preferia que eu tivesse cancro?

A psicóloga corou, indignada.

– Mas… não! Claro que não desejo que tenha cancro!

Zara cruzou as mãos no colo e disse em tom grave:

– Mas é isso que eu *sinto*.

Nessa noite, a psicóloga teve dificuldades em dormir. Zara, por vezes, tem esse efeito nas pessoas. Na visita seguinte, a psicóloga tinha retirado a fotografia da mãe de cima da secretária, e durante a sessão Zara pensou mesmo em contar-lhe a verdade sobre a causa dos seus problemas de sono. Tinha uma carta na mala que explicava tudo – se a tivesse mostrado nesse momento, tudo o que aconteceu a seguir podia ter sido diferente. Mas em vez de o fazer, ficou sentada

durante muito tempo a olhar para o quadro na parede. Mostrava uma mulher a olhar para o horizonte por cima de um oceano sem fim. A psicóloga humedeceu os lábios e perguntou gentilmente:

– Em que está a pensar quando olha para essa imagem?

– Estou a pensar que, se tivesse de escolher apenas uma imagem para pôr na parede, não seria essa.

A psicóloga sorriu, tensa.

– Costumo perguntar aos meus pacientes o que pensam sobre a mulher naquela imagem. Quem é ela? Será feliz? O que acha?

Zara encolheu os ombros com indiferença.

– Não sei o que é a felicidade para ela.

A psicóloga ficou em silêncio alguns momentos antes de admitir:

– Nunca tinha ouvido essa resposta.

Zara riu-se.

– Isso é porque faz a pergunta como se houvesse apenas um tipo de felicidade. Mas a felicidade é como o dinheiro.

A psicóloga sorriu com a superioridade de alguém que se considera uma pessoa muito profunda.

– Isso parece-me bastante superficial.

Zara gemeu como uma adolescente a tentar explicar alguma coisa a uma pessoa que não é adolescente.

– Eu não disse que o dinheiro *é* felicidade. Disse que a felicidade é *como* o dinheiro. Um valor inventado que representa algo que não podemos pesar nem medir.

A voz da psicóloga vacilou por um instante.

– Bom… sim, talvez. Mas é possível medir e avaliar o custo da depressão. E sabemos que é muito comum que as pessoas com depressão tenham medo de se sentir felizes. Porque até a depressão pode ser uma espécie de bolha segura, pode fazer com que a pessoa comece a pensar… se não sou infeliz, se não sou uma pessoa zangada…, quem sou eu, então?

Zara franziu o nariz.

– Acredita mesmo nisso?

– Sim.

– Isso é porque as pessoas como você olham sempre para as pessoas que têm mais dinheiro e dizem: «Sim, podem ser mais ricos do que eu, mas serão *felizes*?» Como se esse fosse o sentido da vida, exceto para um perfeito idiota: andar por aí feliz o tempo todo.

A psicóloga escreveu qualquer coisa e perguntou, ainda de olhos postos no bloco:

– Qual é o sentido da vida, então? Na sua opinião?

A resposta de Zara foi a resposta de uma pessoa que passou muitos anos a pensar nisso. Alguém que decidiu que era mais importante ter um emprego importante do que viver uma vida feliz.

– Ter um objetivo. Uma finalidade. Uma direção. E quer saber a verdade? A verdade é que muito mais pessoas preferiam ser ricas do que felizes.

A psicóloga sorriu de novo.

– Diz a gestora bancária à psicóloga.

Zara riu-se.

– Lembre-me lá outra vez quanto é que ganha à hora? Posso vir de graça se isso me fizer feliz?

A psicóloga soltou uma gargalhada, uma gargalhada involuntária a raiar a falta de profissionalismo. Surpreendeu-a tanto que corou. Tentou debilmente recompor-se e respondeu:

– Não. Mas talvez a deixasse vir de graça se isso *me* fizesse feliz.

E depois foi Zara que soltou uma gargalhada, não de forma consciente, mas como se o som lhe tivesse escapado. Há muito tempo que isso não acontecia.

A seguir ficaram sentadas em silêncio muito tempo, algo embaraçadas, até que Zara apontou por fim para a mulher do quadro na parede.

– O que acha que ela está a fazer?

A psicóloga olhou para o quadro e pestanejou lentamente.

– O mesmo que toda a gente. À procura.

– De quê?

A psicóloga encolheu os ombros.

– De algo a que se agarrar. Algo por que lutar. Algo por que ansiar.

Zara tirou os olhos do quadro e virou-os para a janela.

– E se estiver a pensar em suicídio?

A psicóloga não desviou os olhos do quadro. Sorriu e não deixou escapar qualquer indício do turbilhão de sentimentos que a invadiu. Para dominar essa expressão facial, são precisos anos de prática e dois pais que amamos e não queremos preocupar.

– Porque é que acha que é nisso que ela está a pensar?

– Não lhe parece que todas as pessoas inteligentes pensam nisso, uma vez ou outra?

Primeiro, a psicóloga pensou em responder com uma frase ensaiada que aprendera durante o curso, mas tinha a consciência de que isso não ajudaria. Assim, respondeu com franqueza:

– Sim. Talvez. O que acha que nos impede de o fazer?

Zara inclinou-se para a frente e ajeitou duas canetas em cima da secretária, de modo a ficarem paralelas. Depois disse:

– O medo das alturas.

Ninguém neste mundo seria capaz de afirmar naquele momento, com certeza absoluta, se Zara estava ou não a brincar. A psicóloga refletiu durante muito tempo na sua próxima questão.

– Posso perguntar-lhe, Zara… Tem algum *hobby*?

– *Hobby*? – repetiu Zara, embora não de forma totalmente condescendente.

A psicóloga explicou-se melhor.

– Sim. Colabora com alguma instituição de solidariedade, por exemplo?

Zara abanou a cabeça em silêncio. Primeiro, a psicóloga pensou que era lisonjeiro que não tivesse respondido de imediato com um comentário insultuoso, mas a expressão nos olhos de Zara fê-la hesitar, como se a pergunta tivesse derrubado e partido algo dentro dela.

– Sente-se bem? Disse alguma coisa errada? – perguntou a psicóloga em tom

ansioso; mas Zara já tinha olhado para o relógio, levantara-se e estava a dirigir-se à porta. A psicóloga, que não era psicóloga há tempo suficiente para não sentir uma pontada de pânico com a perspetiva de perder uma paciente, deu por si a dizer algo de uma falta de profissionalismo extraordinária:

– Não faça nenhum disparate!

Zara parou à porta, surpreendida.

– Como por exemplo?

A psicóloga não sabia o que mais dizer, por isso sorriu, atrapalhada, e rematou:

– Bom, não faça nenhum disparate… antes de pagar a minha conta.

Zara soltou uma risada repentina. A psicóloga juntou-se a ela. Era ainda mais difícil avaliar a falta de profissionalismo dessa reação.

Enquanto Zara esperava pelo elevador, a psicóloga ficou sentada no seu gabinete a olhar para o quadro da mulher rodeada pelo céu. Zara era a primeira pessoa a sugerir que a mulher podia estar a pensar em pôr fim à vida. Nunca ninguém olhara para a imagem dessa forma.

A psicóloga sempre achara que a mulher estava a fitar o horizonte de uma forma que só podia ter duas explicações: melancolia ou medo. Fora por isso que pintara o quadro – para se recordar a si própria. Era o tipo de coisa que os psicólogos adoram, porque uma pessoa podia olhar para o quadro durante muito tempo sem reparar no mais óbvio.

A mulher estava em cima de uma ponte.

# 25

*Interrogatório a testemunha*
(*continuação*)

**JIM:** Agora sinto-me estúpido.

**ZARA:** Imagino que não deve ser uma sensação nova para si.

**JIM:** Se soubesse que era gestora de um banco, obviamente que não teria dito aquilo. Bom, quer dizer, não o devia ter dito de qualquer maneira. Agora não sei bem o que dizer.

**ZARA:** Nesse caso, talvez eu possa ir-me embora?

**JIM:** Não, espere. Oiça, isto é tudo um bocadinho embaraçoso. A minha mulher está farta de me dizer que eu devia aprender a fechar a boca. A partir de agora vou limitar-me às perguntas, está bem?

**ZARA:** Vamos lá experimentar.

**JIM:** Consegue descrever o assaltante? Qualquer coisa de que se lembre em relação a ele ou que lhe pareça útil para a nossa investigação.

**ZARA:** Parece que já sabem o mais importante.

**JIM:** E o que é?

**ZARA:** Disse «ele», portanto é evidente que sabem que era um homem. Isso explica muita coisa.

**JIM:** Tenho a sensação de que me vou arrepender desta pergunta, mas porque diz isso?

**ZARA:** Vocês, homens, nem sequer conseguem mijar sem falhar o alvo. Portanto, é evidente que, se puserem as mãos numa pistola, as coisas vão correr mal.

**JIM:** Posso então depreender que não se lembra de quaisquer pormenores sobre a aparência dele?

**ZARA:** Quando uma pessoa nos aponta uma pistola, um psicólogo provavelmente compararia esse trauma ao de quase ser atropelado; dificilmente nos lembraríamos da matrícula do carro.

**JIM:** Tenho de dizer que é uma observação muito perspicaz.

**ZARA:** Que alívio. Aquilo que você pensa é muito importante para mim. Já posso ir?

**JIM:** Ainda não. Lamento. Reconhece este desenho?

**ZARA:** É um desenho? Parece mais que alguém entornou uma amostra de urina.

**JIM:** Vou presumir que isso significa que não reconhece a imagem.

**ZARA:** Muito perspicaz.

**JIM:** Em que sítio do apartamento estava quando o assaltante entrou?

**ZARA:** Ao pé da porta da varanda.

**JIM:** E onde esteve durante o resto da situação de reféns?

**ZARA:** Que diferença é que isso faz?

**JIM:** Muita.

**ZARA:** Não estou a ver porquê.

**JIM:** Oiça, a senhora não é suspeita. Pelo menos, para já.

**ZARA:** Desculpe?

**JIM:** Bom, escute. O que estou a tentar que perceba é que tem de tentar perceber que o meu colega está convencido de que um dos reféns ajudou o ladrão de bancos a fugir. E parece estranho que a senhora lá estivesse, para ser franco. Para começar, não tinha qualquer motivo para querer comprar o apartamento. E não parece ter ficado assustada quando o ladrão de bancos lhe apontou a pistola.

**ZARA:** Então agora desconfia que *eu* ajudei o ladrão de bancos a fugir?

**JIM:** Não, não, de modo algum. Não é suspeita, esteja descansada. Bom, pelo menos por enquanto. Quer dizer, não é suspeita! Mas o meu colega acha que é um pouco estranho.

**ZARA:** A sério? Quer saber o que eu acho desse seu colega?

**JIM:** Pode dizer-me o que aconteceu no apartamento, por favor? Para ficar registado? É esse o meu trabalho.

**ZARA:** Claro.

**JIM:** Ótimo. Quantos potenciais compradores estavam no apartamento?

**ZARA:** Defina «potenciais compradores».

**JIM:** Quantas pessoas lá estavam que queriam comprar o apartamento.

**ZARA:** Cinco.

**JIM:** Cinco?

**ZARA:** Dois casais. Uma mulher.

**JIM:** Mais a agente imobiliária e a senhora. Portanto sete reféns,

no total?

**ZARA:** Cinco mais dois faz sete, sim. É muito inteligente.

**JIM:** Mas havia oito reféns?

**ZARA:** Não contou com o coelho.

**JIM:** O coelho?

**ZARA:** Ouviu muito bem.

**JIM:** Qual coelho?

**ZARA:** Quer que eu lhe conte o que aconteceu ou não?

**JIM:** Desculpe.

**ZARA:** Acha mesmo que um dos reféns ajudou o assaltante a fugir?

**JIM:** Não lhe parece possível?

**ZARA:** Não.

**JIM:** Porquê?

**ZARA:** Eram todos uns idiotas.

**JIM:** E o ladrão de bancos?

**ZARA:** O que tem o ladrão de bancos?

**JIM:** Acha que ele se alvejou de propósito ou por acidente?

**ZARA:** Do que é que está para aí a falar?

**JIM:** Ouvimos um tiro de pistola dentro do apartamento, depois de vocês serem libertados. Quando entrámos, o chão estava coberto de sangue.

**ZARA:** Sangue? Onde?

**JIM:** Na carpete e no chão da sala de estar.

**ZARA:** Oh! E em mais lado nenhum?

**JIM:** Não.

**ZARA:** Está bem.

**JIM:** Desculpe?

**ZARA:** Desculpo o quê?

**JIM:** Quando disse «está bem», parecia que ia acrescentar mais alguma coisa.

**ZARA:** Não ia.

**JIM:** Desculpe. Bom, o meu colega está convencido de que foi na sala que ele deu um tiro em si próprio. Era isso que eu ia dizer.

**ZARA:** E ainda não sabem quem é o ladrão de bancos?

**JIM:** Não.

**ZARA:** Oiça… Se não me explicar rapidamente como diabo acha que eu poderia estar envolvida nisto, vai acabar por desejar que eu *tivesse* ligado ao meu advogado.

**JIM:** Ninguém suspeita que tenha feito nada! O meu colega só gostaria de saber porque estava no apartamento se não tinha intenção de o comprar.

**ZARA:** A minha psicóloga disse-me que eu precisava de um *hobby*.

**JIM:** E ver apartamentos é o seu *hobby*?

**ZARA:** As pessoas como você são mais interessantes do que imagina.

**JIM:** Pessoas como eu?

**ZARA:** Pessoas do seu estrato socioeconómico. É interessante observar como vivem. Como conseguem aguentar. Fui a algumas casas abertas, depois a mais algumas, e é viciante, como heroína. Já experimentou heroína? Uma pessoa sente-se repugnada por si própria, mas é difícil parar.

**JIM:** Está a dizer-me que ficou viciada em ir ver apartamentos para venda, de pessoas que ganham muito menos dinheiro do que a senhora?

**ZARA:** Sim. É como os miúdos que prendem passarinhos bebés em frascos de vidro. A mesma atração levemente proibida.

**JIM:** Quer dizer insetos? As pessoas fazem isso é com insetos.

**ZARA:** Claro. Se isso o faz sentir melhor.

**JIM:** Então estava a visitar este apartamento porque esse é o seu passatempo?

**ZARA:** Essa tatuagem no seu braço é verdadeira?

**JIM:** Sim.

**ZARA:** É suposto ser uma âncora?

**JIM:** Sim.

**ZARA:** Perdeu alguma aposta?

**JIM:** O que quer dizer?

**ZARA:** Estava alguém a ameaçar a sua família? Ou fez isso de livre vontade?

**JIM:** De livre vontade.

**ZARA:** Porque é que as pessoas como você odeiam tanto o dinheiro?

**JIM:** Nem sequer vou comentar. Só gostava que me dissesse, para ficar gravado, porque é que as outras testemunhas dizem que a senhora não parecia nada assustada quando viu a pistola do assaltante. Pensou que não era verdadeira?

**ZARA:** Percebi perfeitamente que era verdadeira. Foi por isso que não fiquei assustada. Fiquei surpreendida.

**JIM:** É uma reação invulgar a uma pistola.

**ZARA:** Para si, talvez. Mas eu ando a pensar em suicidar-me há já bastante tempo, por isso, quando vi a pistola, fiquei surpreendida.

**JIM:** Não sei o que responder a isso. Desculpe. Andava a pensar em suicidar-se?

**ZARA:** Sim. Por isso, fiquei surpreendida quando percebi que não queria morrer. Foi um choque, de certa forma.

**JIM:** Foi por causa desses pensamentos suicidas que começou a ver uma psicóloga?

**ZARA:** Não. Precisava da psicóloga porque não conseguia dormir. Porque ficava deitada na cama, acordada, a pensar que me podia ter matado se tivesse comprimidos para dormir suficientes.

**JIM:** E foi a sua psicóloga que sugeriu que precisava de um *hobby*?

**ZARA:** Sim. Depois de eu lhe falar do meu cancro.

**JIM:** Oh, lamento. Isso é muito triste.

**ZARA:** Bom, escute…

# 26

Da próxima vez que Zara e a psicóloga se encontraram, Zara contou-lhe que tinha arranjado um *hobby*. Começara a visitar «apartamentos da classe média para venda». Mencionou que era empolgante porque, em muitos dos apartamentos, parecia que eram as pessoas que lá viviam que tratavam pessoalmente das limpezas. A psicóloga tentou explicar que não era bem nisso que estava a pensar quando sugerira «envolver-se com uma instituição de solidariedade», mas Zara retorquiu que, numa das visitas, havia «um homem que estava a pensar em renovar ele próprio o apartamento, com as suas próprias *mãos*, as mesmas mãos que usa para *comer*; portanto não tente dizer-me que não estou a fazer todos os possíveis para confraternizar com os membros mais desfavorecidos da sociedade!». A psicóloga não tinha a menor ideia de como começar sequer a responder àquilo, mas Zara viu as suas sobrancelhas levantadas e a boca aberta, e riu-se.

– Não me diga que ficou transtornada? Céus, é impossível não perturbar pessoas como você assim que abrimos a boca para dizer seja o que for.

A psicóloga acenou pacientemente e arrependeu-se de imediato da pergunta que fez a seguir:

– Pode dar-me um exemplo de outra situação em que pessoas como *eu* ficaram transtornadas consigo sem que fosse essa a sua intenção?

Zara encolheu os ombros e depois contou a história de como fora acusada de ser «preconceituosa» quando entrevistara um jovem para um emprego no banco, apenas porque olhara para ele ao entrar na sala e exclamara: «Oh, até admira não se ter candidatado antes a um emprego no departamento de informática. Vocês costumam ser bons com computadores.»

Zara passou muito tempo a explicar à psicóloga que fora um elogio, mas que, pelos vistos, hoje em dia até elogiar alguém significava que uma pessoa era preconceituosa.

A psicóloga tentou encontrar outra forma de abordar o assunto sem o mencionar diretamente, por isso observou:

– Parece que se vê metida em muitas discussões, Zara. Uma técnica que recomendo é fazer a si própria três perguntas antes de perder a cabeça. Um: as ações da pessoa em questão pretendem prejudicá-la pessoalmente? Dois: está na posse de toda a informação sobre a situação? Três: tem alguma coisa a ganhar com o conflito?

Zara inclinou tanto a cabeça para trás que o seu pescoço rangeu. Compreendia todas as palavras, mas a forma como estavam encadeadas fazia tanto sentido como se tivessem sido tiradas ao acaso de um chapéu.

– Por que raio é que eu precisaria de ajuda para deixar de me envolver em conflitos? Os conflitos são uma coisa boa. Só os fracos acreditam em harmonia, e a sua recompensa é pairar pela vida fora com um sentimento de superioridade moral, enquanto nós nos dedicamos a outras coisas.

– Como por exemplo? – quis saber a psicóloga.

– Vencer.

– E isso é importante?

– Não consegue alcançar nada se não vencer, minha querida. Ninguém acaba à cabeceira da mesa de reuniões por acaso.

A psicóloga tentou regressar à sua pergunta original, qualquer que ela fosse.

– E… os vencedores ganham muito dinheiro, o que também é importante, presumo? O que é que a Zara faz com o seu dinheiro?

– Compro distância das outras pessoas.

A psicóloga nunca tinha ouvido essa resposta.

– Como assim?

– Os restaurantes mais caros têm mais espaço entre as mesas. Os lugares de primeira classe nos aviões não têm assento central. Os hotéis de luxo têm entradas separadas para os hóspedes que estão nas *suites*. A coisa mais cara que se pode comprar nos locais mais densamente populados do planeta é distância.

A psicóloga reclinou-se na cadeira. Não era difícil encontrar exemplos clássicos na personalidade de Zara: evitava o contacto visual, não queria apertar mãos, tinha – para dizer o mínimo – um problema de empatia e talvez por isso mesmo optara por trabalhar com números. E não conseguia parar de endireitar

compulsivamente a fotografia na estante de cada vez que a psicóloga alterava a sua posição, de propósito, antes de cada sessão. Era difícil fazer perguntas diretas a alguém como Zara, portanto, em vez disso, a psicóloga perguntou:

– Porque é que gosta do seu trabalho?

– Porque sou analista. A maioria das pessoas que faz o mesmo que eu é economista – respondeu Zara de imediato.

– Qual é a diferença?

– Os economistas só abordam os problemas de frente. É por isso que nunca conseguem prever as quedas dos mercados.

– E está a afirmar que os analistas conseguem?

– Os analistas *esperam* as quedas. Os economistas só ganham dinheiro quando as coisas correm bem aos clientes do banco, enquanto os analistas ganham sempre dinheiro.

– Sente-se culpada por isso? – perguntou a psicóloga, essencialmente para ver se Zara reconhecia a palavra.

– Se perder dinheiro no casino, a culpa é do *croupier*? – retorquiu Zara.

– Não sei se é uma comparação adequada.

– Porque não?

– Porque você usa palavras como «queda dos mercados», mas nunca são os mercados nem os bancos os prejudicados. Apenas as pessoas.

– Há uma explicação muito lógica para que pense assim.

– Sim?

– É porque acha que o mundo lhe deve alguma coisa. E não deve.

– Ainda não respondeu à minha pergunta. Perguntei-lhe porque gostava do seu trabalho. E tudo o que me respondeu foi porque acha que é *boa* no que faz.

– Só os fracos gostam do seu trabalho.

– Não me parece que isso seja verdade.

– Isso é porque gosta do seu trabalho.

– Da maneira que fala, parece que gostar do que se faz não é uma coisa boa.

– Aborreci-a? As pessoas como você parecem mesmo estar sempre a ficar assim, e sabe porquê?

– Não.

– Porque estão erradas. Se não estivesse errada tantas vezes, não se enervaria tanto.

A psicóloga olhou para o relógio em cima da secretária. Ainda estava convencida de que o maior problema de Zara era a solidão, mas talvez houvesse uma diferença entre estar sozinho e não ter amigos. Porém, em vez de o dizer, a psicóloga murmurou em tom resignado:

– Sabe que mais… Acho que podemos parar por aqui hoje.

Despreocupada, Zara assentiu e levantou-se. Arrumou a cadeira debaixo da mesa, de forma muito precisa. Já estava a virar-se quando questionou:

– Acha que existem pessoas más?

Parecia que as palavras lhe tinham escapado sem intenção.

A psicóloga esforçou-se por não parecer surpreendida. E conseguiu responder:

– Está a perguntar-me como psicóloga ou de uma perspetiva puramente filosófica?

Zara olhou para ela como se estivesse outra vez a falar com uma torradeira.

– Enfiaram-lhe um dicionário no rabo quando era pequena, ou ficou assim por vontade própria? Responda à pergunta: acha que existem pessoas más?

A psicóloga agitou-se tanto na cadeira que quase virou as calças do avesso.

– Teria de dizer que… sim. Acho que existem pessoas más.

– E acha que elas sabem que o são?

– Como assim?

– Pela minha experiência, há muitas pessoas que são autênticos monstros. Pessoas cruéis, frias. Mas nem mesmo nós queremos acreditar que somos maus.

A psicóloga refletiu longamente na resposta antes de retorquir:

– Sim. Para ser franca, acho que quase todas as pessoas têm a necessidade de assegurar a si próprias que estão a contribuir para tornar o mundo um sítio melhor. Ou, pelo menos, que não o estão a tornar pior. Que estão do lado certo. Que mesmo se… não sei… que mesmo as suas piores ações têm algum objetivo mais elevado. Porque praticamente toda a gente sabe distinguir o bem do mal, e

se quebrarmos o nosso próprio código moral, temos de arranjar uma desculpa para o justificar a nós próprios. Penso que, em criminologia, chamam a isso técnicas neutralizadoras. Pode ser uma crença política ou religiosa, ou a convicção de que não tínhamos alternativa, mas precisamos de qualquer coisa que justifique as nossas más ações. Porque, sinceramente, acredito que muito poucas pessoas conseguiriam viver com a consciência de que são… *más*.

Zara não disse nada. Apertou um pouco mais a mala demasiado grande e, por uma fração de segundo, pareceu prestes a admitir algo. Tinha a mão a caminho da carta. Até lhe passou pela cabeça, de forma muito fugaz, a possibilidade de confessar que mentira sobre o seu *hobby*. Não tinha começado a visitar apartamentos para venda há pouco – era algo que fazia há dez anos. Não era um *hobby*, e sim uma obsessão.

No entanto, nenhuma dessas palavras lhe escapou. Fechou a mala, a porta deslizou atrás dela e a sala ficou silenciosa. A psicóloga continuou sentada à secretária, perplexa por se sentir tão perplexa. Tentou escrever algumas notas para a próxima sessão, mas deu por si a abrir o computador e a pesquisar as características de apartamentos para venda. Tentou adivinhar qual deles Zara estava a pensar visitar a seguir. O que era impossível, obviamente, mas teria sido simples se Zara lhe tivesse explicado que todos os apartamentos que visitava tinham de ter varandas, e que todas essas varandas tinham de ter vista para a ponte.

Entretanto, Zara estava no elevador. A meio da descida, carregou no botão de paragem de emergência para poder chorar em paz. A carta que tinha na mala continuava por abrir. Zara nunca tivera coragem de a ler porque sabia que a psicóloga tinha razão. Zara era uma dessas pessoas que, no fundo, não conseguiria viver se soubesse isso sobre si própria.

# 27

Esta é a história de um assalto a um banco e a um apartamento para venda, e um drama de reféns. Mas, ainda mais do que isso, é uma história sobre idiotas. Ou, se calhar, não só.

Há dez anos, um homem escreveu uma carta. Enviou-a para a funcionária de um banco. Depois deixou os filhos na escola, murmurou-lhes ao ouvido que os amava, arrancou sozinho e estacionou junto à água. Subiu para o parapeito da ponte e saltou. Na semana seguinte, uma adolescente estava em cima desse mesmo parapeito.

Claro que não faz qualquer diferença para si saber quem era essa rapariga. Era apenas uma pessoa entre milhares de milhões, e a maior parte das pessoas nunca chegam a ser indivíduos para nós. São apenas pessoas. Somos todos estranhos que se cruzam, as suas ansiedades a roçarem por breves instantes nas minhas, tal como as fibras dos nossos casacos se tocam momentaneamente num passeio movimentado algures. Nunca chegamos de facto a saber o que fazemos uns aos outros, uns com os outros, uns pelos outros. Mas a adolescente na ponte chamava-se Nadia. E isto aconteceu na semana depois de o homem se ter suicidado ao saltar do parapeito onde ela se encontrava agora. Nadia não sabia quase nada sobre ele, mas andava na mesma escola que os seus filhos e não se falava de outra coisa. Foi isso que lhe deu a ideia. Ninguém sabe explicar realmente, antes ou depois, o que faz com que um adolescente deixe de querer viver. É só porque, às vezes, ser humano dói demasiado. Não se compreenderem a si próprios, não gostarem do corpo em que estão presos. Ver os próprios olhos ao espelho e perguntar de quem serão, sempre com a mesma dúvida: «O que há de errado comigo? Porque é que me sinto assim?»

Nadia não estava traumatizada, nem sobrecarregada por nenhum desgosto evidente. Estava apenas triste, constantemente. Vivia-lhe no peito uma criaturinha malvada que não se veria em nenhuma radiografia, que lhe corria

pelo sangue e lhe enchia a cabeça de murmúrios, sussurrando que ela não era suficientemente boa, que era fraca e feia e que nunca seria completa. Uma pessoa pode ter a ideia de fazer coisas inacreditavelmente estúpidas quando fica sem lágrimas, quando não consegue silenciar as vozes que mais ninguém ouve, quando nunca esteve numa sala em que se sentisse normal. Por fim, torna-se esgotante estar sempre tensa, de ombros direitos, passar a vida encostada às paredes com as mãos apertadas, sempre com medo de que alguém repare nela, porque não é suposto que isso aconteça.

Tudo o que Nadia sabia era que nunca sentira ter algo em comum com ninguém. Sempre estivera totalmente sozinha em todas as suas emoções. Sentava-se numa sala de aula cheia de pessoas da mesma idade, como se estivesse tudo normal, mas por dentro estava numa floresta, a gritar até o coração explodir. E as árvores foram crescendo, até que um dia o sol deixou de conseguir passar entre a folhagem e a escuridão se tornou impenetrável.

Assim, parou na ponte a olhar por cima do parapeito para a água lá muito em baixo, e soube que seria como atingir cimento quando caísse, que não se afogaria, que morreria do impacto. Esse pensamento consolou-a, porque desde que era pequena que tinha medo de se afogar. Não da morte propriamente dita, mas dos momentos que a precediam. O pânico e a sensação de impotência. Um adulto irrefletido dissera-lhe uma vez que uma pessoa que está a afogar-se não parece estar a afogar-se. «Quando nos afogamos, não conseguimos gritar a pedir ajuda, não conseguimos agitar os braços; simplesmente, vamos ao fundo. A família pode estar na praia a fazer-nos adeus, todos contentes, sem terem a mínima noção de que estamos a morrer.»

Nadia sentira-se assim a vida toda. Vivera entre eles. Sentara-se à mesa para jantar com os pais e pensara: «Não estão a ver?» Mas eles não viam, e ela não disse nada. Um dia, simplesmente não foi à escola; arrumou o quarto e fez a cama e saiu de casa sem casaco porque não ia precisar de agasalho. Passou o dia inteiro na cidade, gelada, a andar de um lado para o outro como se quisesse que a cidade a visse uma última vez e compreendesse o que lhe fizera quando não ouvira os seus gritos silenciosos. Não tinha um plano concreto, apenas uma

consequência. Ao pôr do sol, deu por si em cima do parapeito da ponte. Era tão fácil. Tudo o que tinha de fazer era mexer um pé, depois o outro.

Foi o rapaz chamado Jack que a viu. Não sabia explicar o que o fizera regressar à ponte, noite após noite, durante uma semana. Os pais tinham-no proibido, claro, mas ele nunca lhes deu ouvidos. Saía às escondidas e corria para lá como se tivesse esperança de encontrar outra vez o homem em pé no parapeito, como se pudesse voltar atrás no tempo e, desta vez, fazer com que tudo acabasse bem. Quando viu a rapariga no parapeito não soube o que havia de lhe gritar. Por isso não gritou nada. Limitou-se a correr para ela e puxou-a com tanta força que ela bateu com a cabeça no alcatrão e perdeu os sentidos.

Acordou no hospital. Acontecera tudo tão depressa que mal tivera um vislumbre do rapaz a correr para ela. Quando as enfermeiras perguntaram o que tinha acontecido, ela própria não tinha a certeza – mas como estava a sangrar da cabeça, respondeu que tinha trepado ao parapeito para tirar uma fotografia do pôr do sol, caíra para trás e batera com a cabeça. Estava tão habituada a dizer o que sabia que os outros queriam ouvir, para que não ficassem preocupados, que o fez agora sem pensar. As enfermeiras ainda pareciam preocupadas, desconfiadas, mas ela era uma boa mentirosa. Passara a vida inteira a treinar. Assim, por fim, disseram-lhe: «Subir ao parapeito! Mas que coisa tão disparatada! Foi uma sorte não teres caído para o outro lado!» Ela assentiu com a cabeça, de lábios secos, e concordou. Fora uma sorte.

Podia ter voltado imediatamente à ponte depois de sair do hospital, mas não o fez. Era impossível explicar porquê, mesmo a si própria, porque nunca saberia ao certo o que teria feito se o rapaz não a tivesse puxado. Teria dado um passo em frente ou para trás? Assim, todos os dias depois disso, tentou compreender a diferença entre si própria e o homem que saltara. Isso levou-a a escolher uma profissão, uma carreira, uma vida inteira. Tornou-se psicóloga. As pessoas que a procuravam eram aquelas que estavam em tamanho sofrimento que parecia que estavam de pé num parapeito, com um pé sobre o abismo, e ela sentava-se na

cadeira em frente deles com olhos que diziam: «Já estive aí. Conheço uma forma melhor de descer.»

Claro que, às vezes, não conseguia deixar de pensar nas razões que a tinham feito ter vontade de saltar, todas as coisas que pensava estarem ausentes do seu reflexo. A solidão à mesa de jantar. Mas encontrou formas de lidar com isso, de sair de si própria, de descer do parapeito. Há pessoas que aceitam que nunca ficarão completamente livres da sua ansiedade, mas aprendem a viver com ela. Tentou ser uma dessas pessoas. Disse a si própria que era por isso que devemos ser sempre simpáticos para os outros, mesmo quando são idiotas, porque nunca sabemos se carregam um fardo pesado. Com o tempo, apercebeu-se de que, no fundo, quase toda a gente faz a si própria as mesmas perguntas: sou bom? Alguém se orgulha de mim? Sou útil à sociedade? Sou competente no meu trabalho? Generoso e atencioso? Um amante decente? Alguém me quer como amigo? Tenho sido um bom pai? Sou boa pessoa?

As pessoas querem ser boas. No fundo. Amáveis. O problema, claro, é que nem sempre é possível ser-se amável com idiotas, porque são idiotas. Esse tornou-se um projeto de vida para Nadia, tal como para todos nós.

Nunca mais viu o rapaz da ponte. Por vezes, acredita mesmo que o imaginou. Um anjo, talvez. Jack também nunca mais viu Nadia. Não voltou à ponte. Mas foi nesse dia, quando percebeu que podia fazer a diferença, que a sua intenção de ser polícia se tornou inabalável.

Dez anos mais tarde, depois de se formar em Psicologia, Nadia regressará à cidade. Terá uma paciente chamada Zara. Zara irá ver um apartamento para venda e será apanhada num drama de reféns. Jack e o pai, Jim, interrogarão as testemunhas. O apartamento onde tudo aconteceu tem uma varanda, da qual se vê até à ponte. Era por isso que Zara lá estava. Há dez anos, encontrou uma carta na sua caixa de correio, enviada por um homem que saltou. O nome dele está claramente escrito na parte de trás do envelope. Ela lembra-se da conversa que teve com ele e, embora os jornais nunca tenham publicado o nome da pessoa que

a polícia encontrou na água, a cidade era demasiado pequena para que ela não soubesse de quem se tratava.

Zara ainda traz a carta consigo na mala, todos os dias. Só esteve na ponte uma vez, na semana depois de o homem ter subido ao parapeito, e viu uma rapariga subir ao mesmo parapeito e um rapaz que a salvou. Zara nem sequer se mexeu: ficou apenas escondida nas sombras, a tremer. Ainda lá estava quando a ambulância chegou e levou a rapariga para o hospital. O rapaz desapareceu. Zara aproximou-se do local e encontrou a carteira da rapariga com o seu cartão de identificação e o nome: Nadia.

Zara passou dez anos a seguir a vida e a educação de Nadia, e o início da sua carreira, em segredo, à distância, porque nunca se atreveu a abordá-la. Passou dez anos a olhar para a ponte, também à distância, das varandas de apartamentos para venda. Pelo mesmo motivo. Porque tem medo que, se voltar a ir até à ponte, outra pessoa qualquer saltará, e se procurar Nadia e descobrir a verdade sobre si própria, talvez seja Zara essa pessoa. Porque Zara é humana o bastante para querer saber qual é a diferença entre o homem e Nadia, apesar de ter consciência de que não quer realmente saber. Que carrega a culpa. Que é ela a má pessoa. Talvez todas as pessoas digam que querem saber isso sobre si próprias, mas ninguém quer realmente. Assim, Zara ainda não abriu o envelope.

Toda esta história é complicada e improvável. Talvez porque as histórias geralmente não são sobre aquilo que pensamos que elas são. Esta, por exemplo, pode muito bem não ser a história de um assalto a um banco, ou de um apartamento para venda, ou de um drama com reféns. Talvez nem sequer seja uma história sobre idiotas.

Talvez esta seja uma história sobre uma ponte.

# 28

A verdade? A verdade é que o raio da agente imobiliária era uma má agente imobiliária, e a casa aberta do apartamento para venda fora um desastre desde o princípio. Se os potenciais compradores não estivessem de acordo em relação a mais nada, estariam de acordo pelo menos em relação a isso, porque nada une de forma mais eficaz um grupo de estranhos do que a oportunidade de se juntarem e suspirarem perante um caso sem solução.

O anúncio, ou o que queiram chamar-lhe, era uma confusão de ortografia deficiente, com fotografias tão desfocadas que mais parecia que o fotógrafo achava que para conseguir uma «imagem panorâmica» tinha de atirar a máquina fotográfica para o outro lado da sala. Por cima da data podia ler-se: «Imobiliária NO TRINQUE! Tudo nos TRINQUES?»; e quem, por amor de Deus, é que teria a ideia de abrir um apartamento para visitas na antevéspera de Ano Novo? Havia velas perfumadas na casa de banho e uma tigela com limas na mesinha de café – um esforço corajoso por parte de alguém que ouvira falar em casas abertas, embora nunca tivesse estado numa –, mas o quarto de vestir estava atafulhado de roupa e havia um par de chinelos na casa de banho que pareciam pertencer a alguém que passara os últimos cinquenta anos a andar com eles sem nunca levantar os pés do chão. A estante estava cheia, e os livros nem sequer estavam organizados por cores, e havia ainda mais livros empilhados nos parapeitos das janelas e na mesa da cozinha. O frigorífico estava coberto de desenhos amarelecidos, feitos pelos netos dos proprietários. Por esta altura, Zara já estivera em apartamentos para venda suficientes para conseguir identificar um amador: uma casa aberta devia dar a ideia de que ninguém vivia no apartamento, porque de outra forma só um assassino em série estaria interessado em se mudar para lá. Uma casa aberta devia dar a ideia de que qualquer pessoa podia, potencialmente, viver ali. As pessoas não querem comprar uma fotografia, apenas a moldura. Livros em estantes são aceitáveis, mas não na mesa da cozinha. Talvez Zara pudesse ter apontado estes pormenores à agente imobiliária, se esta não fosse um ser humano e se Zara não odiasse seres

humanos. Principalmente quando falavam.

Em vez disso, Zara deu uma volta ao apartamento, tentando colocar uma expressão interessada, como vira no rosto de pessoas que queriam mesmo comprar apartamentos. Era um desafio para ela, uma vez que só alguém sob o efeito de drogas e que fizesse coleção de aparas de unhas cortadas poderia estar interessado em viver neste apartamento em particular. Assim, quando ninguém estava a olhar para ela, Zara saiu para a varanda e parou junto ao parapeito, a olhar para a ponte, até começar a tremer descontroladamente. A mesma reação de sempre, uma e outra vez, ao longo dos últimos dez anos. A carta, que nunca abrira, estava dentro da sua mala. Por esta altura, por motivos práticos, já aprendera a chorar quase sem lágrimas.

A porta da varanda estava entreaberta e conseguia ouvir vozes, não só na sua cabeça, mas dentro do apartamento. Dois casais percorriam as divisões, tentando ignorar as mobílias feias e imaginar as suas próprias mobílias feias no lugar destas. O casal mais velho era casado há muito tempo, mas o casal mais novo parecia estar junto há pouco tempo. Era sempre fácil de perceber pela forma como as pessoas que se amam discutem: há quanto mais tempo estão juntos, menos palavras são necessárias para começar uma discussão.

Os membros do casal mais velho chamavam-se Anna-Lena e Roger. Estavam reformados já há alguns anos, mas não os suficientes para se terem habituado. Andavam sempre stressados com qualquer coisa, apesar de não terem na verdade motivo nenhum para se apressarem. Anna-Lena era uma mulher com sentimentos fortes e Roger um homem com opiniões fortes; e se alguma vez pensaram com os vossos botões quem escreverá aquelas críticas negativas *online* demasiado pormenorizadas, de apenas uma estrela, a eletrodomésticos (ou peças de teatro, ou suportes para fita adesiva, ou pequenos ornamentos de vidro), a resposta é que são pessoas como Anna-Lena e Roger. Às vezes, claro, nem sequer experimentam os aparelhos em questão, mas não deixam que isso os impeça de escrever uma crítica contundente. Se fosse mesmo preciso experimentar as coisas, e ler as coisas, e descobrir a verdade sobre as coisas,

nunca teríamos tempo para formar opiniões sobre nada.

Anna-Lena vestia uma blusa de uma cor que, normalmente, se vê apenas em soalhos de parquê. Roger estava de calças de ganga e com uma camisa de xadrez à qual dera uma estrela numa crítica venenosa *online* porque «encolheu vários centímetros!» pouco depois de a balança da casa de banho de Roger ter recebido o veredicto de estar «mal calibrada!». Anna-Lena puxou uma das cortinas e observou:

– Cortinas verdes? Quem é que tem cortinas verdes? Francamente, as coisas que as pessoas fazem hoje em dia. Se calhar são daltónicos. Ou irlandeses.

Não o disse a ninguém em particular; simplesmente, adquirira o hábito de pensar em voz alta, uma vez que isso parecia apropriado para uma mulher que se habituara ao facto de ninguém lhe dar ouvidos de qualquer maneira.

Roger dava pontapés nos rodapés e resmungava: «Este está solto», e por isso não ouviu uma palavra do que Anna-Lena disse. Era possível que o rodapé estivesse solto porque Roger estava há dez minutos a dar-lhe pontapés, mas, para um homem como Roger, uma verdade é uma verdade, independentemente da causa. De vez em quando, Anna-Lena murmurava-lhe o que pensava dos outros potenciais compradores no apartamento. Infelizmente, Anna-Lena tinha tanto jeito para murmurar como para pensar em silêncio e, portanto, falava naquele tipo de murmúrio gritado que é o equivalente a soltar gases num avião, quando pensamos que ninguém reparará se os soltarmos aos poucos. Nunca conseguimos ser tão discretos como imaginamos.

– Aquela mulher na varanda, Roger… Que interesse tem ela neste apartamento? É óbvio que é demasiado rica para o querer comprar. O que é que está a fazer aqui? E ainda está calçada. Toda a gente sabe que temos de nos descalçar se vamos visitar um apartamento para venda!

Roger não respondeu. Anna-Lena olhou para Zara através da porta da varanda como se tivesse sido Zara a soltar gases. Depois inclinou-se ainda mais para Roger e murmurou:

– E aquelas mulheres no corredor não parecem ter dinheiro suficiente para

viver aqui, pois não?

Ao ouvir isto, Roger parou de dar pontapés no rodapé, virou-se para a mulher e fitou-a nos olhos. A seguir, proferiu cinco palavrinhas que nunca disse a qualquer outra mulher à face da Terra: «Por amor de Deus, querida.»

Anna-Lena e Roger já não discutem ou, se calhar, estão sempre a discutir. Quando duas pessoas estão presas uma à outra há tanto tempo, pode parecer que não discutir e indiferença são a mesma coisa.

– Por amor de Deus, querida, lembra-te de dizer a todas as pessoas com quem falares que esta casa precisa de umas *valentes obras*! Assim ninguém ficará interessado – continuou Roger.

Anna-Lena parecia confusa.

– Mas isso é bom, não é?

Roger suspirou.

– Por amor de Deus, querida. É bom para nós, sim. Porque *nós* podemos fazer as obras. Mas os outros… vê-se a quilómetros que nenhum deles percebe nada de obras.

Anna-Lena acenou, franziu o nariz e farejou o ar ruidosamente.

– Cheira mesmo a mofo, não cheira? Se calhar até é bolor?

Porque Roger ensinara-a a fazer sempre essa pergunta aos agentes imobiliários, bem alto para os outros potenciais compradores ouvirem e ficarem preocupados.

Roger fechou os olhos, frustrado.

– Por amor de Deus, querida, tens de ir dizer isso à agente imobiliária, não é a mim.

Magoada, Anna-Lena acenou com a cabeça e pensou em voz alta:

– Estava só a ensaiar.

De onde se encontrava, encostada ao parapeito da varanda, Zara conseguia ouvi-los. Sempre que via a ponte sentia o mesmo pânico descontrolado, a mesma náusea, o mesmo tremor nos dedos. Talvez estivesse a enganar-se a si própria quando pensava que um dia seria melhor, ou talvez pior, tão insuportável que ela

própria saltaria. Olhou para baixo por cima do parapeito da varanda, mas não tinha a certeza se seria alto o suficiente. É a única coisa que alguém que quer mesmo viver e alguém que quer mesmo morrer têm em comum: se vão saltar de algum sítio, convém ter a certeza da altura. Zara só não tinha a certeza se era uma ou a outra: lá por não gostar muito da vida, isso não significava forçosamente que desejasse a alternativa. Assim, passara uma década a procurar e a frequentar estas casas abertas, parada em varandas a olhar para a ponte, equilibrada mesmo no que tinha de pior dentro de si.

Ouviu vozes diferentes dentro do apartamento. Era o outro casal, as mulheres mais novas, Julia e Ro. Uma era loira, a outra tinha cabelo preto, e estavam a discutir em voz alta, como as pessoas fazem quando são jovens e acham que cada sentimento que se agita graças às suas hormonas é completamente único. Julia era a que estava grávida e Ro a que estava irritada. Uma vestia roupas que pareciam ter sido feitas a partir de capas roubadas a mágicos assassinados, e a outra como se vendesse drogas à porta de um salão de *bowling*. Ro (era uma alcunha, claro, mas uma daquelas que a acompanhava há tanto tempo que ela própria a usava para se apresentar, um dos muitos motivos pelos quais Zara a achara irritante) estava a andar pela casa com o telemóvel na ponta do braço esticado enquanto repetia:

– Mas não há rede nenhuma!

Ao que Julia respondeu:

– Bom, isso é *terrível*, porque assim teríamos mesmo de *falar* uma com a outra se aqui vivêssemos! Não estejas sempre a tentar mudar de assunto; precisamos de tomar uma decisão em relação aos pássaros!

Raramente concordavam fosse no que fosse, mas, em defesa de Ro, ela nem sempre o sabia. Era frequente perguntar a Julia se estava chateada, e quando Julia respondia: «NÃO!», Ro encolhia os ombros, tão despreocupada como uma família num anúncio de produtos de limpeza, o que naturalmente só deixava Julia ainda mais chateada, porque era perfeitamente evidente que o estava. Mas desta vez até Ro sabia que estavam a discutir, porque estavam a discutir sobre os

pássaros.

Ro já tinha pássaros como animais de estimação quando ela e Julia começaram a namorar. «Mas ela é alguma pirata, ou quê?», questionara a mãe de Julia ao ouvir falar nisso pela primeira vez; mas então Julia aturava os pássaros porque estava apaixonada e porque tinha a ideia de que os pássaros não viviam muito tempo, de qualquer maneira.

Afinal, estava enganada. Quando Julia por fim percebeu que, na realidade, os pássaros podiam viver muito tempo, tentou lidar com a situação como uma adulta: saiu silenciosamente da cama a meio da noite para os atirar pela janela. Uma das pobres criaturas esborrachou-se na rua lá em baixo e morreu. *Um pássaro!* Julia teve de convidar os filhos de uns vizinhos para beberem um refrigerante no dia seguinte, quando Ro estava a trabalhar, de modo a poder culpar um deles quando Ro encontrasse a gaiola aberta. E os outros pássaros? Continuavam dentro da gaiola. Era um insulto à evolução que criaturas destas tivessem conseguido sobreviver.

– Não os vou mandar abater e não quero falar mais nesse assunto – rematou Ro, em tom magoado, com as mãos enfiadas nos bolsos do vestido. O vestido tinha bolsos porque ela gostava de estar bonita, mas também gostava de ter sempre um sítio onde enfiar as mãos.

– Está bem, está bem. O que achas do apartamento, então? Eu acho que devíamos ficar com ele! – disse Julia ansiosamente, porque o elevador estava avariado e de cada vez que Ro dizia «estamos grávidas» a familiares e amigos, como se fosse um desporto de equipa, Julia tinha vontade de lhe despejar cera derretida nas orelhas quando ela estivesse a dormir. Não que Julia não amasse Ro, pelo contrário; amava-a muito, tanto que era quase insuportável, mas já tinham visto mais de vinte apartamentos nas últimas duas semanas e Ro encontrava sempre algo errado em cada um deles. Era como se não quisesse mesmo mudar de casa. Só que, noite após noite, Julia acordava no apartamento atual para jogar o jogo preferido de todas as grávidas, «pontapé ou gases?», e não conseguia voltar a adormecer porque tanto Ro como os pássaros ressonavam; portanto, estava mais do que pronta para se mudar para outro lado

qualquer imediatamente, desde que tivesse mais do que um quarto.

– Não há rede – repetiu Ro, mal-humorada.

– Quero lá saber! Vamos ficar com ele! – insistiu Julia.

– Bom, não sei. Tenho de ver a saleta – contrapôs Ro.

– É um *closet* – corrigiu-a Julia.

– Ou uma salinha extra para *hobbies*! Vou buscar a fita métrica – sugeriu Ro em tom animado, porque uma das suas características mais atraentes e, ao mesmo tempo, mais irritantes era que, mesmo que estivessem a meio de uma discussão furiosa, ela conseguia ficar bem-disposta num abrir e fechar de olhos se pensasse em queijo.

– Sabes muito bem que não te vou deixar armazenar queijo no meu *closet* – declarou Julia em tom severo, uma vez que o apartamento onde viviam no momento tinha uma arrecadação na cave à qual Julia se referia como o Museu dos *Hobbies* Abandonados. De três em três meses, Ro ficava obcecada com uma coisa nova: vestidos dos anos 50 ou *bouillabaisse* ou serviços de café antigos ou *crossfit* ou *bonsais* ou um *podcast* sobre a Segunda Guerra Mundial, e passava os três meses seguintes a estudar o tema em questão, com uma devoção inabalável, em fóruns *online* habitados por pessoas que, claramente, deviam ser proibidas de ter acesso a *wi-fi* nas celas almofadadas onde estavam trancadas, e um dia, de repente, fartava-se e arranjava de imediato uma nova obsessão. O único *hobby* de Ro que permanecia constante desde que Julia a conhecia era a coleção de sapatos, e nada resumia melhor uma pessoa do que o facto de possuir duzentos pares de sapatos e mesmo assim conseguir ter sempre o calçado errado quando chovia ou nevava.

– Não sei nada muito bem! Porque ainda não a medi, por isso não sei se tem espaço para o queijo! E as minhas plantas também precisam… – começou Ro, porque entretanto decidira ter plantas com lâmpadas de crescimento na saleta. Que era um *closet*. Ou uma…

Enquanto isso, Anna-Lena passava a mão sobre uma almofada e pensava em tubarões. Andava a pensar muito em tubarões porque, no seu casamento, tanto

ela como Roger tinham adquirido fortes semelhanças com um tubarão. Era algo que Anna-Lena lamentava profundamente, em silêncio. Esfregava a almofada enquanto, para se distrair, pensava em voz alta:

– Isto é do IKEA? Sim, de certeza que é do IKEA. Estou a reconhecê-la. Também têm uma versão às flores. A versão florida é mais bonita. Francamente, as coisas que as pessoas fazem hoje em dia.

Seria possível acordar Anna-Lena a meio da noite e pedir-lhe que recitasse o catálogo do IKEA. Não que houvesse alguma razão para isso, claro está, mas o que interessa é que, se quiséssemos, seria possível. Anna-Lena e Roger já tinham estado em todas as lojas IKEA do país. Roger tem muitos defeitos e pontos fracos – Anna-Lena sabe que as pessoas pensam isso dele –, mas, no IKEA, Anna-Lena lembra-se sempre de que ele a ama. Quando duas pessoas estão juntas há muito tempo, são as pequenas coisas que contam. Num casamento de muitos anos, não são precisas muitas palavras para se ter uma discussão, mas também não são precisas palavras para dizer «amo-te». Uma vez, quando estavam num IKEA há relativamente pouco tempo, Roger sugeriu comerem uma fatia de bolo quando almoçassem no restaurante da loja. Porque compreendeu que era um dia importante para Anna-Lena e, como era importante para ela, era importante também para ele. Porque é assim que ele a ama.

Anna-Lenna continuou a esfregar a almofada que era mais bonita às flores e olhou para as duas mulheres, a grávida e a mulher da grávida, de um modo que considerava ser discreto. Roger também estava a olhar para elas. Tinha na mão o folheto da agente imobiliária com a disposição do apartamento e resmungou:

– Por amor de Deus, querida, olha para isto! Porque é que têm de chamar ao quarto mais pequeno «quarto de criança»? Podia perfeitamente ser um quarto normal!

Roger não gostava quando havia grávidas a ver apartamentos para venda porque os casais que estavam à espera de bebé faziam sempre ofertas demasiado elevadas. E também não gostava de quartos de criança. É por isso que Anna-Lena faz sempre a Roger todas as perguntas de que se consegue lembrar quando estão a passar pela secção infantil do IKEA. Para o distrair da tristeza

incomensurável. Porque é assim que ela o ama.

Ro olhou para Roger e sorriu, como se não estivessem em guerra um com o outro.

– Olá! Eu sou a Ro e aquela é a minha mulher, a Julia. Posso pedir-lhe emprestada a sua fita métrica? Esqueci-me da minha!

– Claro que não! – ripostou Roger, fechando a mão sobre a fita métrica que era também calculadora de bolso e bloco de notas, com tanta força que as suas sobrancelhas começaram a tremer.

– Tenha calma, só queria… – começou Ro.

– Todos temos de assumir a responsabilidade pelas nossas próprias ações! – interrompeu Anna-Lena em tom cortante.

Ro fitou-os, surpreendida. As surpresas deixavam-na nervosa. E o nervosismo dava-lhe fome. Não havia ali muito para comer, nem à mão de semear, por isso tirou uma lima da tigela em cima da mesinha de café. Anna-Lena viu e exclamou:

– Valha-me Deus! O que é que está a fazer? Não pode comer isso! São limas decorativas!

Ro largou a lima e enfiou as mãos nos bolsos do vestido. Voltou para junto da mulher e murmurou:

– Não. Este apartamento não é para nós, amor. É bonito e tudo, mas estou a sentir más vibrações. Como se nunca pudéssemos ser o nosso melhor aqui, percebes? Lembras-te de te contar que li sobre *energias-nós* naquele mês em que estava a pensar ser decoradora de interiores? Quando descobri que temos de dormir virados para leste? E depois esqueci-me se era a cabeça ou os pés que… Bom, esquece! Não quero este apartamento, só isso. Podemos ir embora?

Lá fora, na varanda, Zara destacava-se. Reuniu os destroços dos seus sentimentos, colocou uma expressão desdenhosa no rosto e voltou a entrar no apartamento. Precisamente quando o fez, a grávida soltou um grito. Ao princípio, pareceu um rugido de raiva gutural, de um animal que está a ser

agredido, mas por fim as palavras tornaram-se mais claras:

– Não! Chega, Ro! Aguento os pássaros e aguento o teu gosto terrível em música e aguento uma data de porcarias, mas não saio daqui enquanto não comprar este apartamento! Nem que tenha de dar à luz o nosso filho aqui mesmo em cima desta carpete!

O apartamento ficou em completo silêncio. Estavam todos a olhar para Julia. A única pessoa que não estava a olhar para ela era Zara, porque estava à porta da varanda a olhar para o ladrão de bancos. Passou um segundo, e outro, e Zara continuava a ser a única pessoa na sala que se apercebera do que estava prestes a acontecer.

Por fim, Anna-Lena avistou também a pessoa com a máscara de esqui a esconder-lhe o rosto e gritou:

– Oh, meu Deus, estamos a ser assaltados!

Todos abriram a boca ao mesmo tempo, mas não saíram palavras. O medo pode deixar as pessoas entorpecidas ao verem uma pistola, desligando tudo exceto os sinais mais importantes do cérebro, silenciando todos os ruídos de fundo. Passou mais um segundo, e outro, no qual tudo o que cada um ouviu foi o bater do seu próprio coração. Primeiro o coração estaca, depois acelera. Primeiro vem o choque de não saber o que está a acontecer, depois o choque de perceber *exatamente* o que está a acontecer. O instinto de sobrevivência e o medo de morrer começam a debater-se, abrindo espaço para pensamentos de uma irracionalidade surpreendente. Não é invulgar ver-se uma pistola e pensar: «Será que desliguei a máquina do café esta manhã?», em vez de: «O que será dos meus filhos?»

Todavia, até o ladrão de bancos, tão assustado como todos os outros, estava em silêncio. Passado algum tempo, o choque transformou-se gradualmente em confusão. Anna-Lena balbuciou:

– Está aqui para nos *roubar*, não é?

O ladrão de bancos parecia prestes a protestar, mas não teve tempo de o fazer antes de Anna-Lena começar a puxar Roger como se este fosse uma cortina

verde e a gritar:

– Dá-lhe dinheiro, Roger!

Roger lançou um olhar desconfiado ao ladrão de bancos, evidentemente preso numa luta interna complicada: porque se por um lado Roger era bastante somítico, por outro lado não lhe agradava lá muito a ideia de morrer num apartamento com tanto potencial depois de umas obras. Assim, tirou a carteira do bolso de trás, onde os homens como ele guardam sempre a carteira, exceto se estiverem na praia, quando a guardam dentro de um sapato, mas não encontrou nela nada que valesse a pena tirar. Portanto, virou-se para a pessoa mais perto de si, que por acaso era Zara, parada junto à porta da varanda, e questionou:

– Tem algum dinheiro consigo?

Zara parecia chocada. Era difícil perceber se o motivo era a pistola ou a pergunta.

– Dinheiro? Francamente, acha que tenho cara de traficante de droga?

Os olhos do assaltante, visíveis através dos buracos da máscara suada que ajeitava repetidamente, percorreram a sala.

Por fim, gritou:

– Não! Não, isto não é um assalto, eu só… – Depois corrigiu essa afirmação em voz rouca: – Bom, talvez seja um assalto! Mas vocês não são as vítimas! Se calhar agora é mais uma situação de reféns! Lamento muito! Estou a ter um dia muito complicado!

E foi assim que tudo começou.

# 29

*Interrogatório a testemunha*
*Data:* 30 de dezembro
*Nome da testemunha:* Anna-Lena

**JACK:** Olá, o meu nome é Jack.

**ANNA-LENA:** Não quero falar com mais polícias.

**JACK:** Compreendo perfeitamente. São só mais algumas perguntas.

**ANNA-LENA:** Se o Roger aqui estivesse, já lhe teria dito que vocês, do primeiro ao último, são todos uns idiotas por conseguirem perder um ladrão de bancos que estava encurralado dentro de um apartamento!

**JACK:** É por isso que tenho de fazer as minhas perguntas. Para conseguirmos encontrar o assaltante.

**ANNA-LENA:** Quero ir para casa.

**JACK:** Acredite que compreendo. Estamos apenas a tentar perceber o que aconteceu dentro do apartamento. Pode contar-me o que aconteceu quando o assaltante entrou com a pistola?

**ANNA-LENA:** Aquela mulher, a Zara, não se descalçou. E a outra, a Ro, ia comer uma das limas. São coisas que não se fazem quando vamos ver um apartamento para venda! Há regras implícitas!

**JACK:** Desculpe?

**ANNA-LENA:** Ela ia comer uma das limas. As limas decorativas! Não podemos comer as limas decorativas porque é a agência imobiliária que as põe como decoração, não são para comer. Eu ia à procura da agente imobiliária para lhe pedir que pusesse a Ro na rua, porque uma pessoa não pode comportar-se dessa maneira, mas foi nesse preciso momento que aquele louco entrou pelo apartamento adentro de pistola no ar.

**JACK:** Estou a ver. E depois, o que aconteceu?

**ANNA-LENA:** Devia falar com o Roger. Ele tem muito boa memória.

**JACK:** O Roger é o seu marido? E foram ver o apartamento juntos?

**ANNA-LENA:** Sim. O Roger achava que seria um bom investimento. Esta mesa é do IKEA? Sim, é mesmo, não é? Estou a reconhecê-la. Também há em cor de marfim. Ficaria melhor com o tom das paredes.

**JACK:** Tenho de admitir que não sou o responsável por mobilar as salas de interrogatório.

**ANNA-LENA:** Lá porque é uma sala de interrogatório, isso não significa que não possa ter bom aspeto, não acha? Se já estavam no IKEA, a mesa cor de marfim está mesmo ao lado desta. E, mesmo assim, escolheram esta. Bom, cada um sabe de si.

**JACK:** Verei se posso abordar o assunto com o meu chefe.

**ANNA-LENA:** Bom, isso é consigo.

**JACK:** Quando o Roger sugeriu que o apartamento podia ser um «bom investimento», isso significa que não estavam a pensar mudar-se para lá? Era apenas para comprar e revender mais tarde?

**ANNA-LENA:** Porque pergunta?

**JACK:** Estou só a tentar perceber quem estava no apartamento e porquê, para podermos excluir a possibilidade de algum dos reféns poder estar relacionado com o assaltante.

**ANNA-LENA:** Como assim, relacionado?

**JACK:** Pensamos que talvez alguém o tenha ajudado.

**ANNA-LENA:** E acha que fui eu ou o Roger?

**JACK:** Não, não. Precisamos apenas de fazer algumas perguntas de rotina, nada mais.

**ANNA-LENA:** Então acha que foi ela, essa Zara?

**JACK:** Eu não disse isso.

**ANNA-LENA:** Disse que pensa que alguém ajudou o assaltante. Essa Zara é suspeita. Percebi logo assim que a vi. Era claramente demasiado rica para querer aquele apartamento. E ouvi a grávida comentar com a mulher que a Zara parecia a «Cruella de Vil». Creio que é de um filme? Seja como for, soa-me a nome suspeito. Ou pensa que foi a Estelle que ajudou o ladrão de bancos? Ela tem quase noventa anos, sabe? Vai começar a acusar velhinhas de noventa anos de ajudar criminosos? É assim que funciona a polícia moderna?

**JACK:** Não estou a acusar ninguém.

**ANNA-LENA:** O Roger e eu nunca ajudamos ninguém quando vamos ver um apartamento para venda, isso posso garantir-lhe. O Roger diz que, a partir do momento em que entramos, é uma guerra e estamos rodeados por inimigos. É por isso que ele quer sempre que eu diga a toda a gente que o apartamento precisa de muitas obras, e que sairia muito caro. E que fale no cheiro a mofo. Coisas desse género. O Roger é muito bom negociador. Temos feito investimentos muitíssimo bons.

**JACK:** Então já fizeram isto antes? Comprar um apartamento para o

voltarem a vender?

**ANNA-LENA:** Não adianta investir se não for para vender, segundo o Roger. Por isso compramos, o Roger faz as obras, eu trato da decoração, e depois vendemos e compramos outro.

**JACK:** Parece uma atividade invulgar para dois reformados.

**ANNA-LENA:** O Roger e eu gostamos de trabalhar juntos nos nossos projetos.

**JACK:** Está tudo bem?

**ANNA-LENA:** Sim.

**JACK:** Parece que está a chorar.

**ANNA-LENA:** Tive um dia muito difícil!

**JACK:** Desculpe. Foi insensível da minha parte.

**ANNA-LENA:** Eu sei que o Roger nem sempre parece muito sensível, mas é. Gosta de ter um projeto em comum comigo porque tem medo de que fiquemos sem assunto de conversa. Não me considera suficientemente interessante para estar comigo o dia inteiro a menos que tenhamos um projeto.

**JACK:** Com certeza que isso não é verdade.

**ANNA-LENA:** E o que é que você sabe sobre isso?

**JACK:** Acho que… nada. Desculpe. Agora gostava de fazer algumas perguntas sobre os outros potenciais compradores.

**ANNA-LENA:** O Roger é mais sensível do que parece.

**JACK:** Está bem. Pode dizer-me alguma coisa sobre as outras pessoas presentes?

**ANNA-LENA:** Estavam à procura de um lar.

**JACK:** Desculpe?

**ANNA-LENA:** O Roger diz que há dois tipos de compradores. Os que andam à procura de um investimento e os que querem um lar. Os que andam à procura de um lar são idiotas emocionais, capazes de pagar um balúrdio porque acham que todos os seus problemas desaparecerão assim que se mudarem.

**JACK:** Não sei se estou a perceber.

**ANNA-LENA:** O Roger e eu não deixamos que os sentimentos interfiram com os nossos investimentos. Mas as outras pessoas deixam. Como aquelas duas mulheres, a grávida e a outra.

**JACK:** A Julia e a Ro?

**ANNA-LENA:** Sim!

**JACK:** Acha que elas estavam à procura de um lar?

**ANNA-LENA:** Era óbvio. Essas pessoas vão ver apartamentos porque pensam que tudo seria melhor se ali vivessem. Que acordariam de manhã e não lhes custaria respirar. Não teriam de olhar para o espelho da casa de banho com um peso invisível no peito. Discutiriam menos. Talvez tocassem na mão um do outro como faziam ao princípio de serem casados, quando não se conseguiam conter. É isso que essas pessoas pensam.

**JACK:** Tem de me desculpar, mas parece que está a chorar outra vez.

**ANNA-LENA:** Não me diga o que eu estou a fazer!

**JACK:** Está bem, está bem. Mas parece ter refletido bastante sobre o comportamento das pessoas quando vão ver apartamentos para venda, concordaria comigo?

**ANNA-LENA:** O Roger é que reflete mais. O Roger é muito inteligente, sabe. É preciso conhecer o inimigo, diz ele, e tudo o que o inimigo quer é despachar o assunto. Querem mudar-se para a casa nova e estar despachados e nunca mais terem de se mudar. O Roger não é assim. Vimos um documentário sobre tubarões há algum tempo – o Roger interessa-se muito por documentários –, e há uma espécie de tubarão que morre se parar de se mover. Tem qualquer coisa a ver com a forma como absorve o oxigénio, não consegue respirar a menos que esteja sempre em movimento. O nosso casamento acabou por se tornar nisso.

**JACK:** Desculpe, não estou a perceber.

**ANNA-LENA:** Sabe qual é a pior coisa de estar reformado?

**JACK:** Não.

**ANNA-LENA:** É ter demasiado tempo para pensar. As pessoas precisam de projetos; por isso, o Roger e eu tornámo-nos tubarões. Se não continuássemos em movimento, o nosso casamento não teria oxigénio. Assim, compramos e renovamos e vendemos. Eu ainda sugeri que experimentássemos o golfe, mas o Roger não gosta de golfe.

**JACK:** Desculpe interromper, mas se calhar estamos a afastar-nos um bocadinho do assunto. Só precisa de me falar sobre a situação dos reféns. Não sobre a sua relação com o seu marido.

**ANNA-LENA:** Mas o problema é esse.

**JACK:** Qual?

**ANNA-LENA:** Acho que ele já não quer ser meu marido.

**JACK:** O que a leva a dizer isso?

**ANNA-LENA:** Sabe quantas lojas IKEA há na Suécia?

**JACK:** Não.

**ANNA-LENA:** Vinte. Sabe em quantas é que eu e o Roger já estivemos?

**JACK:** Não.

**ANNA-LENA:** Em todas. Absolutamente todas. Fomos à que nos faltava há relativamente pouco tempo, e eu não sabia que o Roger as estava a contar, mas quando estávamos a almoçar no restaurante da loja, de repente o Roger sugeriu que devíamos comer também uma fatia de bolo. Nunca comemos bolo no IKEA. Almoçamos sempre, mas nunca comemos bolo. E foi então que percebi que ele as estava a contar. Sei que o Roger não parece romântico, mas às vezes consegue ser o homem mais romântico à face da Terra, sabe.

**JACK:** De facto, parece um gesto romântico.

**ANNA-LENA:** Ele pode ser duro por fora, mas não odeia crianças.

**JACK:** O quê?

**ANNA-LENA:** Toda a gente pensa que ele odeia crianças porque fica furioso quando os agentes imobiliários descrevem uma divisão como «quarto de criança». Mas só fica zangado porque diz que as crianças fazem subir os preços de uma forma que nem imagina. Ele não odeia crianças. Adora-as. É por isso que tenho de o distrair quando passamos pela secção infantil no IKEA.

**JACK:** Lamento muito.

**ANNA-LENA:** Porquê?

**JACK:** Desculpe, depreendi que isso queria dizer que não conseguiram ter filhos. E, se assim é, lamento muito.

**ANNA-LENA:** Temos dois filhos!

**JACK:** Peço desculpa. Percebi mal.

**ANNA-LENA:** Tem filhos?

**JACK:** Não.

**ANNA-LENA:** Os nossos dois têm mais ou menos a sua idade, mas não querem ter filhos. O nosso rapaz diz que prefere dedicar-se à carreira, e a nossa filha diz que o mundo já tem demasiadas pessoas.

**JACK:** Oh…

**ANNA-LENA:** Imagine como devemos ter sido maus pais, para os nossos filhos não quererem ser pais!

**JACK:** Nunca tinha pensado nisso.

**ANNA-LENA:** O Roger seria um avô tão bom, sabe. Mas agora nem sequer quer ser meu marido.

**JACK:** Tenho a certeza de que as coisas se resolverão entre vocês, independentemente do que aconteceu.

**ANNA-LENA:** Não sabe o que aconteceu. Não sabe o que eu fiz… A culpa foi toda minha. Mas eu só queria parar. Tem sido apartamento atrás de apartamento, há anos, e, por fim, fartei-me. Também estou à procura de um lar. Mas não tinha o direito de fazer o que fiz ao Roger. Nunca devia ter pagado pelo maldito coelho.

# 30

É mais difícil do que parece fazer pessoas reféns quando essas pessoas são idiotas.

O ladrão de bancos hesitou – a máscara de esqui fazia-lhe comichão, toda a gente estava a olhar. Tentou pensar em alguma coisa para dizer, mas, antes que conseguisse falar, Roger levantou a mão e murmurou:

– Não temos dinheiro!

Anna-Lena, que estava mesmo atrás dele, repetiu imediatamente por cima do seu ombro:

– Não temos *dinheiro*! Está a perceber?

Esfregou os dedos para reforçar, porque Anna-Lena parecia achar que Roger falava numa língua que só ela entendia, como se ele fosse um cavalo e Anna-Lena algum tipo de tradutor de equídeos; por isso, estava sempre a tentar interpretar as palavras dele para o resto do mundo. Quando estavam num restaurante e Roger pedia a conta, Anna-Lena virava-se para o empregado e, em silêncio, formava as palavras com os lábios: «A conta, por favor», enquanto simultaneamente fingia escrever na palma da mão. Sem dúvida que Roger acharia isto terrivelmente irritante, se se desse ao trabalho de prestar atenção ao que Anna-Lena fazia.

– Não quero o vosso dinheiro… Por favor, estejam calados… estou a tentar ouvir se… – reclamou o ladrão de bancos, inclinando a cabeça para a porta do apartamento, numa tentativa de perceber se as escadas já estariam cheias de polícias.

– O que está aqui a fazer se não quer dinheiro? Se vai fazer de nós reféns, devia ser um pouco mais específico com as suas exigências – observou Zara em tom trocista ao pé da porta da varanda, dando a distinta sensação de que achava que o ladrão de bancos podia estar a ter um desempenho melhor.

– Podem dar-me um minuto para pensar? – pediu o ladrão de bancos.

Infelizmente, parecia que as pessoas no apartamento não estavam de modo

algum dispostas a satisfazer-lhe o pedido. Seria de imaginar que, quando alguém tem uma pistola, as outras pessoas estariam sempre dispostas a fazer exatamente o que lhes era solicitado, mas algumas pessoas que nunca viram uma pistola na vida partem pura e simplesmente do princípio de que é tão improvável que isso aconteça que, quando *está* a acontecer, não conseguem levar a situação a sério.

Roger praticamente nunca vira uma pistola, nem sequer na televisão, porque Roger prefere documentários sobre tubarões; portanto levantou outra vez a mão (agora a outra, para mostrar que estava a falar a sério) e exigiu saber em alto e bom som:

– Mas isto é um *assalto* ou não? Ou é alguma espécie de *situação de reféns*? Como é que vai ser?

Anna-Lena ficou pouco à vontade quando Roger trocou de mãos, porque nunca era bom quando Roger gesticulava com as duas mãos no espaço de poucos minutos; por isso, sugeriu num tom que acreditava ser um murmúrio:

– Se calhar é melhor não o provocar, Roger.

– Por amor de Deus, querida! Com certeza que temos o direito de ter informação correta, não? – respondeu Roger, insultado; e virando-se de novo para o ladrão de bancos, repetiu: – É um assalto ou não é?

Anna-Lena esticou-se para ver por cima do ombro dele. Depois fechou a mão só com o polegar levantado e o indicador esticado, agitou-a para demonstrar o que queria dizer e formulou em silêncio a palavra «*bang*» duas vezes, acrescentando ainda, de forma prestável: «Assalto?»

O ladrão de bancos respirou fundo várias vezes, de olhos fechados, como fazemos quando os miúdos estão a discutir no banco de trás do carro e ficamos enervados e perdemos a cabeça e gritamos com eles mais alto do que tencionávamos, e de repente eles assustam-se tanto que ficam completamente silenciosos e acabamos por nos sentir mal. Porque não queremos ser esse tipo de pai ou mãe. E o tom que usamos a seguir – quando pedimos desculpa e lhes explicamos que os amamos, mas que temos de nos concentrar na estrada durante um bocadinho – foi exatamente aquele que o ladrão de bancos utilizou para se dirigir às pessoas no apartamento.

– Podem… posso pedir-lhes que se deitem todos no chão e fiquem em silêncio um bocadinho? Só para eu… poder pensar?

Ninguém se deitou. Roger recusou-se terminantemente:

– Só depois de sabermos o que se passa aqui!

Zara também não quis deitar-se:

– Já viu o estado deste chão? É por isto que as pessoas comuns têm animais de estimação, porque *literalmente* não faz diferença nenhuma para eles!

Julia exigiu ficar isenta dessa obrigação:

– Oiça, se me sentarem numa *poltrona*, eu preciso de vinte minutos para me levantar; portanto não me vou deitar em lado nenhum.

O ladrão de bancos reparou pela primeira vez que Julia estava grávida. Ro saltou de imediato para a frente dela, de braços abertos, com um sorriso encantador.

– Por favor, não ligue à minha mulher, ela é um bocadinho temperamental. Por favor, não dispare! Nós faremos tudo o que nos mandar!

– Não sou temperamental… – protestou Julia.

– *Pistola!* – sussurrou Ro. Não parecia assim tão assustada desde a última vez em que tinha tentado fotografar os sapatos e sem querer tirara uma *selfie*.

– Nem sequer parece verdadeira – comentou Julia.

– Fantástico. Sendo assim, vamos arriscar. Afinal de contas, é só a vida do nosso filho que está em perigo – retorquiu Ro.

Nesse momento, o ladrão de bancos deve ter pensado que já bastava de discussão e apontou para Julia.

– Eu… não tinha reparado que está grávida. Pode sair. Não quero magoar ninguém, muito menos um bebé. Só preciso de pensar um pouco.

Ao ouvir isto, Roger teve uma ideia, uma ideia tão brilhante que só Roger a poderia ter.

– Sim! Vá! Pode sair! – exclamou. Depois dirigiu-se ao ladrão de bancos e acrescentou, com um ar sério: – Na verdade, podia deixá-los sair a todos, não era? Só precisa de um refém, não é? Isso tornaria tudo muito mais fácil.

Roger espetou o polegar no peito várias vezes para indicar quem devia ser

esse refém, e acrescentou:

– E a agente imobiliária. Eu posso ficar com a agente imobiliária.

Julia lançou-lhe um olhar desconfiado e observou, em tom cortante:

– Era muito conveniente, não era? Podia fazer uma oferta para comprar o apartamento assim que nos visse pelas costas!

– Não se meta nisto! – exigiu Roger.

– Como se houvesse *alguma* hipótese de o deixarmos sozinho com a agente imobiliária! – ripostou Julia.

Ofendido, Roger abanou a cabeça, fazendo baloiçar a pele flácida na metade inferior do rosto.

– De qualquer maneira, este apartamento não é indicado para vocês! Vão precisar de alguém que tenha jeito para reparações!

Julia, que era demasiado competitiva para deixar aquilo passar em branco, respondeu de imediato:

– A minha mulher tem muito jeito para reparações!

– O quê? – perguntou Ro, surpreendida, pois não sabia que Julia tinha outra mulher além dela.

Anna-Lena pensou em voz alta:

– Não gritem. Pensem no bebé.

Roger acenou energicamente.

– Exato! Pensem no bebé!

Anna-Lena parecia contente por ele a ter ouvido, mas os olhos de Julia ensombraram-se.

– Não vou a lado nenhum enquanto não comprar este apartamento, seu bode velho desgraçado!

Ro puxou-lhe o braço ansiosamente e sibilou:

– Porque é que tens sempre de discutir com toda a gente?

Porque Ro já vira antes aquele olhar no rosto de Julia. No seu primeiro encontro, há anos, Julia estava à porta de um bar a fumar, enquanto Ro fora lá dentro pedir bebidas. Dois minutos depois, um segurança aproximou-se de Ro, apontou para a montra e perguntou: «Ela está consigo?»

Ro assentiu e foi imediatamente expulsa do bar. Pelos vistos, havia uma área delimitada para fumadores no exterior do bar, a única zona em que era permitido fumar, mas Julia encontrava-se dois metros fora desse limite. Quando o segurança a mandou ir para dentro do retângulo traçado no chão, Julia começou aos saltinhos em cima da linha, a troçar dele: «Então e se for aqui? E AQUI, pode ser? E se eu ficar de fora, mas esticar o braço com o cigarro para dentro do retângulo? E aqui? E se o *cigarro* estiver de fora mas eu soprar o fumo para *dentro* do retângulo?»

Depois de beber uns copos, Julia tinha alguma dificuldade em respeitar qualquer tipo de autoridade, o que poderia ser considerado um traço de personalidade problemático para revelar num primeiro encontro, mas quando o segurança estava a acompanhar Ro à porta ela perguntou-lhe como é que sabia que ela e Julia estavam juntas e ele respondeu com maus modos: «Quando a mandei embora, ela apontou para si através da montra e disse: “Aquela é a minha namorada, não me vou embora sem ela!”» Era a primeira vez que Ro era namorada de alguém.

Foi nessa noite que ela passou de perdidamente enamorada a irrevogavelmente apaixonada.

Mais tarde, Ro ficou a saber que a personalidade de Julia quando bebia era exatamente igual à personalidade de Julia quando estava grávida, pelo que os últimos oito meses tinham sido bastante agitados – mas a vida é mesmo assim, cheia de surpresas.

– Por favor, Jules? – insistiu Ro, hesitante.

Julia ripostou entre dentes:

– Se sairmos agora, o apartamento pode muito bem estar vendido quando voltarmos. Quantos apartamentos é que já vimos? Vinte? E tu encontraste alguma coisa errada em cada um deles, e eu não aguento mais! Portanto, podes ter a certeza de que vou ficar com este, e ninguém me vai dizer para…

– *Pistola*! – repetiu Ro.

– Estás a pensar expulsar um macaquinho de três quilos do teu útero nos próximos tempos, Ro? Não? Então cala-te!

– Não é justo usar a gravidez de cada vez que temos uma discussão, Jules, já falámos sobre isso… – murmurou Ro, enfiando as mãos nos bolsos do vestido, e então Julia apercebeu-se de que talvez tivesse ido longe de mais, porque só vira Ro enfiar as mãos tão fundo nos bolsos quando os filhos dos vizinhos mataram um dos seus pássaros.

O ladrão de bancos tossiu baixinho e disse:

– Desculpem… Não quero interromper, mas… – e levantou a pistola um pouco, para que todos a vissem e se lembrassem exatamente do que estava a acontecer ali.

Julia cruzou os braços e repetiu, uma última vez:

– Eu não saio daqui.

Ro soltou um suspiro tão profundo que seria possível encontrar petróleo no fundo dele, e declarou com um aceno firme:

– E eu não saio daqui sem ela.

Teria sido um momento muito comovente se Zara não o tivesse estragado ao lembrar a Ro que:

– Ninguém lhe deu a possibilidade de sair. Você não está grávida.

Ro fez tanta força com as mãos dentro dos bolsos que rebentou as costuras, e murmurou:

– Na verdade, estamos juntas nesta viagem.

Roger, cada vez mais frustrado por ninguém se estar a preocupar com o mais importante – o facto de Roger não ter informações corretas e atualizadas –, estava agora a gesticular para o ladrão de bancos com ambas as mãos.

– Então o que é que quer, afinal? Hã? É o apartamento?

Anna-Lena traçou um quadrado no ar com as mãos, como um mimo a tentar representar um «apartamento». O ladrão de bancos gemeu, resignado.

– Porque é que eu havia de… Não se pode simplesmente… Está a sugerir que eu quero roubar o apartamento?

Roger pareceu reconhecer como isso parecia ridículo dito em voz alta, mas uma vez que era um homem que nunca estava errado, mesmo quando obviamente o estava, esclareceu:

– Oiça lá! Tem um potencial enorme depois de umas obras!

Anna-Lena, atrás dele, agitou um martelo imaginário para demonstrar.

O ladrão de bancos tossiu de novo, sentiu o princípio de uma dor de cabeça e continuou:

– Não podem apenas… deitar-se? Só um bocadinho? Eu não queria… quer dizer, eu ia assaltar um banco, mas não tinha qualquer intenção de… Oiçam, não era nada disto que eu estava a pensar fazer!

Por vários motivos, o silêncio que se seguiu era tão completo que o único som que se ouvia eram os soluços do ladrão de bancos. Nunca é uma combinação confortável, alguém a chorar com uma pistola na mão, por isso ninguém sabia bem como reagir. Ro deu um toque a Julia e murmurou:

– Estás a ver o que fizeste?

E Julia respondeu também num murmúrio:

– TU é que estavas a…

Roger virou-se para Anna-Lena e murmurou:

– Tem mesmo um potencial enorme depois de umas obras.

E Anna-Lena respondeu rapidamente:

– Tem, não tem? Tens toda a razão! Mas… que cheiro é este? Mofo? Bolor, se calhar?

O ladrão de bancos ainda estava a chorar. Nenhum dos outros queria olhar nessa direção porque, como já referimos, é difícil uma pessoa sentir-se confortável com manifestações de emoção da parte de alguém armado, e por fim foi Estelle que, cuidadosamente, se aproximou. Ou não sabia o que estava a fazer, ou sabia bem de mais. Pode parecer um pouco estranho que Estelle não tenha sido mencionada com frequência nesta história até agora, não por ser uma pessoa fácil de esquecer, mas porque é uma pessoa muito difícil de lembrar. Estelle tem aquilo a que se poderia chamar uma «personalidade transparente». Oitenta e sete anos de idade, com um corpo tão curvado e retorcido como uma raiz de gengibre, aproximou-se do ladrão de bancos e perguntou:

– Então, está tudo bem?

Quando não obteve resposta, continuou a tagarelar de forma curiosamente despreocupada:

– Eu chamo-me Estelle. Vim dar uma vista de olhos ao apartamento a pedido da minha filha. O meu marido, o Knut, ficou a estacionar o carro. Não é nada fácil arranjar lugar para estacionar nesta zona, e imagino que agora, com a rua cheia de carros da polícia, ainda deve ser mais complicado. Desculpe, não queria dar-lhe mais preocupações. Não quis insinuar que a culpa é *sua* se o Kurt não conseguir encontrar um lugar para estacionar, claro que não. Sente-se bem? Quer um copo de água?

A pistola não parecia preocupar Estelle, mas, por outro lado, ela dava a impressão de ser uma pessoa tão simpática que, se fosse assassinada, provavelmente acharia lisonjeiro que alguém tivesse reparado nela. O ladrão de bancos limpou as lágrimas com um lenço de papel e respondeu baixinho:

– Sim, por favor.

– Temos limas! – exclamou Ro, apontando para a tigela na mesinha de café, que continha pelo menos umas duas dúzias. As limas pareciam ser um enfeite tão popular em apartamentos para venda que é tentador pensar que, se os agentes imobiliários fossem proibidos, a superfície da Terra se cobriria de uma grossa camada de limas e que só os jovens com canivetes e uma preferência inexplicável por cerveja mexicana sobreviveriam.

Estelle foi buscar um copo de água e o ladrão de bancos levantou um bocadinho a máscara para conseguir beber.

– Melhor? – perguntou Estelle.

O ladrão de bancos assentiu com um leve aceno e devolveu-lhe o copo.

– Eu… lamento muito isto tudo.

– Oh, não se preocupe, coração, não faz mal – sossegou-o Estelle. – Devo dizer que foi inteligente da sua parte não vir com ideias de roubar o apartamento. Isso não seria muito sensato, pois não? Porque a polícia saberia logo onde estava! Era o banco do outro lado da rua que queria assaltar? Mas não é um desses bancos modernos sem dinheiro?

– Sim, eu reparei – respondeu o ladrão de bancos entre dentes.

– Que esperteza! – declarou Zara.

De cabeça completamente perdida, o ladrão de bancos virou-se para ela e começou outra vez a gritar como se tivesse os miúdos a discutir no banco de trás do carro.

– Eu não *sabia*, está bem? Qualquer pessoa pode cometer um *erro*!

Roger, cujo instinto sempre que alguém gritava, fosse qual fosse o contexto, era gritar mais alto, berrou:

*– Eu só quero informação!*

E o ladrão de bancos bradou:

*– Deixe-me pensar!*

Ao que Roger berrou:

*– Não é um ladrão de bancos muito bom, pois não?*

Após o que o ladrão de bancos agitou a pistola e gritou:

*– Sorte a sua!*

Ro avançou rapidamente e ordenou aos berros:

*– Muito bem, parem todos de gritar! Não é bom para o bebé!*

O que era verdade, claro: os bebés ficam nervosos com gritos. Ro lera isso no mesmo livro onde se declarava que a gravidez era uma viagem partilhada. A seguir a esta declaração, virou-se para Julia como se esperasse uma medalha. Julia revirou os olhos.

– A sério, Ro? Temos uma arma apontada à cara, mas a tua preocupação é o tom de voz?

Entretanto, Estelle deu uma palmadinha afetuosa no braço do ladrão de bancos e explicou:

– Sim, aquelas duas senhoras vão ter um bebé juntas, sabe, apesar de serem… enfim.

Piscou o olho ao ladrão de bancos como se não fosse preciso acrescentar mais nada. Mas não pareceu resultar. Assim, Estelle alisou a saia e mudou de direção.

– Bom, não vejo porque havemos de estar a discutir uns com os outros. Não podíamos começar por nos apresentarmos? Eu chamo-me Estelle. Não chegou a

dizer-nos como se chama.

O ladrão inclinou a cabeça, apontou para a máscara e disse:

– Eu… oiça… não é uma boa pergunta para me fazer.

Estelle acenou de imediato com um ar apologético e virou-se para os outros.

– Bom, então podemos partir do princípio de que certa pessoa quer permanecer anónima. Mas vocês podem dizer-nos os vossos nomes, não podem? – questionou, olhando para Roger.

– Roger – murmurou ele.

– E eu chamo-me Anna-Lena! – exclamou Anna-Lena, habituada a que ninguém lhe perguntasse.

– Eu sou a Ro e esta é a minha mulher Ju… Ai! – exclamou Ro, levando a mão à canela.

O ladrão de bancos olhou para todos e inclinou a cabeça num breve aceno.

– Está bem. Olá.

– Pronto, agora já nos conhecemos! Muito bem! – declarou Estelle, tão maravilhada que bateu palmas. Para uma pessoa tão pequena e delicada, batia palmas com uma energia surpreendente. O que não é muito bom numa sala em que alguém tem uma pistola na mão, pois todos pensaram que o som súbito era um tiro de pistola e atiraram-se para o chão.

O ladrão de bancos olhou com surpresa para os corpos estendidos no chão, coçou a cabeça, virou-se para Estelle e disse:

– Agradeço. Foi uma grande ajuda.

Anna-Lena estava deitada, encolhida, na carpete junto ao sofá, e só após alguns segundos percebeu que não conseguia respirar bem porque Roger, ao ouvir o que pensara ser um tiro de pistola, se tinha atirado para cima dela.

# 31

*Interrogatório a testemunha*
*Data:* 30 de dezembro
*Nome da testemunha:* Estelle

**JIM:** Lamento muito este transtorno todo. Vamos fazer tudo para que possa ir para casa o mais depressa possível.

**ESTELLE:** Oh, não se preocupe… Para ser franca, tem sido tudo muito empolgante. Quando uma pessoa tem quase noventa anos não há muitos dias excitantes!

**JIM:** Claro, claro. Bem, o meu colega e eu gostaríamos muito de lhe pedir que olhasse para este desenho. Encontrámo-lo nas escadas e pensamos que mostra um macaco, uma rã e um alce. Reconhece-o?

**ESTELLE:** Não, receio que não. Acha mesmo que isso é um alce?

**JIM:** Não sei, não faço ideia. Na verdade, nem sei se terá alguma relevância. Importa-se de me dizer o que estava a fazer no apartamento?

**ESTELLE:** Fui vê-lo com o meu marido, o Knut. Bom, ele não estava lá. Ainda estava a estacionar. Íamos ver o apartamento para a nossa filha.

**JIM:** Reparou em alguma coisa específica nas outras pessoas antes de o ladrão de bancos aparecer?

**ESTELLE:** Oh, não. Antes disso só tive tempo para falar com aquelas mulheres simpáticas… sabe… as que são de Estocolmo.

**JIM:** A quais se refere?

**ESTELLE:** Oh, sabe de quem falo. As de «Estocolmo».

**JIM:** Está a piscar-me o olho como se eu soubesse o que isso significa.

**ESTELLE:** A Ro e a Jules. Elas vão ter um bebé juntas. Apesar de serem as duas… enfim… de «Estocolmo».

**JIM:** Quer dizer que são homossexuais?

**ESTELLE:** Não há problema nenhum nisso.

**JIM:** Eu não disse que havia, pois não?

**ESTELLE:** Hoje em dia é perfeitamente normal.

**JIM:** Claro que é. Nunca sugeri o contrário.

**ESTELLE:** Eu acho maravilhoso, acho mesmo, que hoje em dia as pessoas

tenham a liberdade de amar quem quiserem.

**JIM:** Gostava de deixar perfeitamente claro que partilho dessa opinião.

**ESTELLE:** No meu tempo, seria considerado muito invulgar, sabe, casar e ter um bebé quando estamos a falar de duas… bom, sabe o que quero dizer.

**JIM:** Pessoas de Estocolmo?

**ESTELLE:** Sim. Mas, para ser franca, sempre gostei muito de Estocolmo, sabe? Temos de deixar as pessoas viverem a sua vida como quiserem. Claro que isto não significa que eu já tenha ido a Estocolmo; nunca fui, claro que não. Não sou, isto é, nunca fui… sou muito bem casada. Com o Knut. E muito feliz com o normal, percebe.

**JIM:** Já não faço a mais pequena ideia do que está a tentar dizer.

# 32

Quando se ouviu a primeira sirene da polícia na rua, o ladrão de bancos correu para a varanda e espreitou por cima do parapeito. Foi assim que as primeiras fotografias desfocadas de telemóvel do «assaltante mascarado» apareceram na *internet*. E depois chegaram ainda mais polícias.

– Merda, merda, merda, merda – repetiu baixinho o ladrão de bancos, antes de correr de novo para dentro do apartamento, onde ainda estavam todos deitados no chão, exceto Julia.

– Não posso ficar mais tempo deitada porque tenho de ir à casa de banho! Ou quer que eu faça no meio do chão? – questionou ela em tom defensivo, apesar de o ladrão de bancos nem sequer ter aberto a boca.

– Não faria muita diferença – observou Zara, levantando o rosto do chão de parquê com uma expressão repugnada.

Ro, que parecia ter muita experiência a que falassem com ela aos gritos mesmo sem ter aberto a boca, sentou-se e deu uma palmadinha de conforto na perna do ladrão de bancos.

– Não leve a peito o facto de a Julia estar a gritar consigo. Ela está apenas um bocadinho sensível porque o bebé está a dançar *disco* na barriga dela, sabe?

– Informação pessoal, Ro! – berrou Julia.

Julia e Ro têm uma definição daquilo que conta como «informação pessoal», apesar de Julia ser a única que sabe qual é essa definição.

– Estava a falar aqui com o nosso ladrão de bancos. Só me avisaste para não falar com os outros potenciais compradores – defendeu-se Ro.

– Eu não sou mesmo um ladrão de bancos… – começou o ladrão de bancos, mas Julia continuou a argumentar por cima da sua voz.

– Não interessa, Ro! Para de fazer amigos! Sei muito bem como é que isto acaba: eles contam-te a história da sua vida e depois tu sentes-te mal por oferecer mais dinheiro do que eles pelo apartamento!

– Isso só aconteceu *uma* vez! – exclamou Ro, indignada.

– *Três* vezes! – corrigiu Julia, com a mão na porta da casa de banho.

Ro gesticulou de forma apologética na direção do ladrão de bancos.

– A Julia acha que eu sou o tipo de pessoa que se recusa a comer douradinhos depois de ir ver os golfinhos no oceanário.

O ladrão de bancos fez um aceno compreensivo.

– As minhas filhas também são assim.

Ro sorriu.

– Tem filhas? Quantos anos têm?

Os números pareceram ficar presos na garganta do ladrão de bancos.

– Seis e oito.

Zara pigarreou e inquiriu:

– Então e elas vão herdar o negócio da família?

Magoado, o ladrão de bancos pestanejou e baixou os olhos para a pistola.

– Eu nunca… fiz isto antes. Não… não levo uma vida de crime.

– Espero bem que não, porque não tem jeitinho nenhum – declarou Zara.

– Porque é que tem de ser tão crítica? – indagou Ro.

– Não é uma crítica; estou apenas a dar *feedback* – ripostou Zara, oferecendo novamente o seu *feedback*.

– Se calhar você também não seria muito boa a roubar pessoas – comentou Ro.

– Eu não roubo pessoas, só bancos – interrompeu o ladrão de bancos.

– E de zero a dez, como acha que se está a sair? – perguntou Zara.

O ladrão de bancos olhou para ela com uma postura envergonhada.

– Dois, talvez.

– Por acaso tem algum plano para sair daqui? – quis saber Zara.

– Não seja tão exigente! As críticas não ajudam ninguém a melhorar! – criticou Ro.

Zara fitou-a atentamente.

– A sua personalidade é mesmo esta? E está feliz com isso?

– Olha quem *fala* – começou Ro, e depois o ladrão de bancos tentou acalmar as coisas.

– Podem parar, por favor? Não tenho plano nenhum. Preciso de pensar. Não

era para ter acabado assim.

– O quê? – quis saber Ro.

– A vida – lamentou o ladrão de bancos com uma fungadela.

Zara tirou o telemóvel do bolso e disse:

– Muito bem, vamos ligar à polícia e resolver o assunto.

– Não! Pare! – exclamou o ladrão de bancos.

Zara revirou os olhos.

– Está com medo de quê? Acha mesmo que eles não sabem que está aqui? Tem de lhes ligar e informá-los quanto quer de resgate, pelo menos.

– Não pode ligar. Não há rede nenhuma aqui – lembrou Ro.

– Não me digam que já estamos na prisão? – troçou Zara, sacudindo o telemóvel como se isso ajudasse.

Ro enfiou as mãos nos bolsos e comentou, meio entre dentes:

– Na verdade, não é mau de todo, porque li que as crianças que não crescem a olhar para ecrãs são mais inteligentes. A tecnologia atrofia o desenvolvimento do cérebro.

Zara acenou com uma expressão sarcástica.

– A sério? Conte-me tudo sobre os vencedores do Prémio Nobel que cresceram em comunidades Amish.

– Li que há estudos que provam que os sinais da rede móvel causam cancro – insistiu Ro.

– Sim… Mas e se houver uma emergência? E se vocês se mudarem para aqui e o vosso bebé se engasgar com um amendoim e morrer porque não conseguem chamar uma ambulância? – inquiriu Zara.

– O que está para aí a dizer? Onde é que um bebé arranjaria sequer um amendoim?

– Talvez alguém tenha enfiado amendoins pela ranhura do correio durante a noite.

– Que mente tão doentia!

– Não sou eu que quero que o meu bebé morra engasgado…

Foram interrompidas por Julia, que estava de novo ao lado delas.

– O que é que estão a discutir?

– Foi ela que começou! Eu estava a tentar ser amável, e isso não é a mesma coisa do que não querer comer douradinhos! – retorquiu Ro em tom defensivo, apontando para Zara.

Julia gemeu e lançou um olhar apologético a Zara.

– A Ro falou-lhes do oceanário? E os golfinhos nem sequer são peixes.

– O que é que isso tem a ver com o caso? E afinal não ias à casa de banho?

– Está ocupada – explicou Julia, encolhendo os ombros.

O ladrão de bancos puxou a máscara de esqui com uma mão e contou as pessoas na sala. Depois gaguejou:

– Espere aí… como assim, ocupada?

– Ocupada! – repetiu Julia, como se isso ajudasse.

O ladrão de bancos aproximou-se da casa de banho e sacudiu a maçaneta. Estava trancada.

E foi assim que isto se transformou numa história sobre um coelho.

# 33

*Interrogatório a testemunha*
(*continuação*)

**ESTELLE:** Quero deixar claro que tenho a certeza de que Estocolmo é uma cidade muito agradável. Para quem gosta de pessoas de Estocolmo. E posso afirmar desde já que acho que o Knut também não tem qualquer preconceito, porque uma vez, quando éramos novos, estava a arrumar o escritório dele e encontrei uma revista toda sobre Estocolmo.

**JIM:** Fantástico.

**ESTELLE:** Na altura não achei fantástico. Na verdade, tivemos uma grande discussão por causa disso, o Knut e eu.

**JIM:** Compreendo. Então estava a falar com a Ro e a Julia quando o ladrão de bancos entrou?

**ESTELLE:** Elas têm pássaros. E estão sempre a discutir. Mas de uma forma adorável. Claro que o outro casal, o Roger e a Anna-Lena, também estava a discutir, só que de forma muito menos adorável.

**JIM:** Porque é que o Roger e a Anna-Lena estavam a discutir?

**ESTELLE:** Por causa do coelho.

**JIM:** Qual coelho?

**ESTELLE:** Oh, para ser franca, é uma longa história. Estavam a discutir sobre o preço do apartamento, por metro quadrado, sabe? O Roger estava com receio de que toda a gente fosse inflacionar o preço. Disse que o mercado imobiliário estava a ser manipulado pelos filhos da mãe das agências imobiliárias e pelos filhos da mãe dos banqueiros e os filhos da mãe de Estocolmo.

**JIM:** Espere aí, ele estava a dizer que os homossexuais estavam a manipular o mercado imobiliário?

**ESTELLE:** Os homossexuais? Porque fariam uma coisa dessas? Que acusação horrível! E quem é que diria uma coisa dessas?

**JIM:** Disse que os filhos da mãe de Estocolmo estavam a…

**ESTELLE:** Sim… Mas referia-me às pessoas de Estocolmo e não às «pessoas de Estocolmo».

**JIM:** Há diferença?

**ESTELLE:** Claro que sim. Uns são de Estocolmo, e os outros são «de Estocolmo».

**JIM:** Peço desculpa, mas estou confuso. Deixe-me tentar escrever isto por ordem cronológica.

**ESTELLE:** Demore o tempo que for preciso, esteja à vontade. Não tenho pressa nenhuma.

**JIM:** Desculpe, mas se calhar é melhor voltarmos à primeira pergunta.

**ESTELLE:** Qual era?

**JIM:** Se reparou em alguma coisa de peculiar em relação aos outros potenciais compradores.

**ESTELLE:** A Zara parecia triste. E a Anna-Lena não gostou das cortinas verdes. E a Ro estava com receio de que o quarto de vestir não tivesse o tamanho suficiente. Embora seja bastante grande. A Jules chamou-lhe um *closet*.

**JIM:** Não, espere aí, não pode ser. Não há nenhum quarto desses na planta.

**ESTELLE:** Talvez na planta pareça mais pequeno?

**JIM:** Mas as plantas são feitas à escala, não são?

**ESTELLE:** São?

**JIM:** Na planta, o guarda-roupa não tem sequer meio metro quadrado. Posso perguntar-lhe de que tamanho é esse quarto de vestir?

**ESTELLE:** Não sou muito boa com medidas, mas a Ro mencionou que queria usá-lo como um espaço para os seus passatempos. Ela faz o seu próprio queijo, sabia? E cultiva flores. Bom, umas plantas quaisquer. A Jules não gosta muito disso. Uma vez, a Ro tentou fazer champanhe e espalhou-se tudo para a gaveta da roupa interior da Jules. A Ro contou que tiveram «uma discussão dos diabos».

**JIM:** Desculpe, mas podemos concentrar-nos no tamanho do guarda-roupa?

**ESTELLE:** A Jules insistia em chamar-lhe *closet*.

**JIM:** Tinha tamanho suficiente para uma pessoa se esconder?

**ESTELLE:** Quem?

**JIM:** Qualquer pessoa.

**ESTELLE:** Suponho que sim. Isso é importante?

**JIM:** Não. Não, provavelmente não. Mas o meu colega fez questão de que eu fizesse perguntas a todas as testemunhas sobre

possíveis esconderijos. Quer um café?

**ESTELLE:** Um café seria sem dúvida muito agradável. Não dizia que não a um café.

# 34

O ladrão de bancos olhou para a porta da casa de banho. A seguir, para todos os reféns. Por fim, perguntou:

– Acham que está alguém aqui dentro?

Zara ripostou num tom que poderia ser considerado sarcástico:

– O que é que acha?

O ladrão de bancos pestanejou tantas vezes que parecia código Morse.

– Então *acha* que está alguém aqui dentro?

– Por acaso os seus pais tinham o mesmo apelido antes de se conhecerem? – perguntou Zara.

Ro ofendeu-se em nome do ladrão de bancos.

– Tem mesmo de ser uma cabra tão grande?

Julia deu um pontapé na canela de Ro e sussurrou:

– Não te metas, Ro!

– Tu é que estás sempre a dizer que vamos ensinar o nosso filho a defender-se dos rufias! Não vou ficar aqui e deixá-la falar assim com… – protestou Ro.

– Com quem? Um ladrão de bancos? Isso será mesmo *bullying*? Deus nos livre que a pessoa que nos está a ameaçar com uma arma se sinta ofendida! – disse Julia com um gemido.

– Não estou… – ia começar o ladrão de bancos, mas Julia levantou o dedo num gesto de aviso.

– Sabe que mais? Você é que causou isto tudo, portanto, cale-se.

Zara, que estava a olhar para a poeira nas roupas com um ar tão enojado como se tivesse acabado de sair de um monte de estrume, comentou:

– Ainda bem que essa criança vai ter pelo menos *uma* mãe que não é comunista.

Julia virou-se para ela.

– E *você* pode calar-se também.

E Zara calou-se mesmo. Ninguém ficou mais surpreendido com isso do que ela.

Entretanto Roger levantou-se com cuidado e ajudou Anna-Lena a levantar-se. Ela fitou-o nos olhos e ele ficou sem saber para onde olhar, pois não estavam habituados a tocar-se sem apagar as luzes primeiro. Anna-Lena corou, e Roger virou-se e bateu com os nós dos dedos na parede com um ar distraído, numa tentativa de parecer ocupado. Batia sempre nas paredes quando iam ver apartamentos – Anna-Lena não sabia bem porquê, mas ele explicava que era porque queria saber «se podia furá-las com o berbequim». Era importante para Roger, o berbequim, e era igualmente importante saber se a parede era uma parede-mestra. Se tirarmos uma parede-mestra, o teto pode cair. E, pelos vistos, era possível perceber isso com pancadinhas nas paredes; pelo menos, Roger conseguia, portanto fazia-o sempre que iam ver um apartamento. Pancadinhas e mais pancadinhas nas paredes todas. Às vezes, Anna-Lena pensava que toda a gente tem momentos que mostram quem a pessoa realmente é, pequenos instantes que revelam a sua alma – no caso de Roger eram estas pancadinhas com os nós dos dedos nas paredes. Porque, por vezes, tão fugazmente que ninguém a não ser Anna-Lena dava por isso, ele ficava imóvel depois de bater, a olhar para a parede com um ar expectante. Como se fosse uma criança. Como se estivesse à espera de que, um dia, alguém batesse em resposta. Eram os momentos em que Anna-Lena mais gostava de Roger.

*Truz-truz. Truz-truz. Truz-truz.*

De súbito, ele parou a meio de uma pancada. Estivera a ouvir a conversa entre Ro, Julia e Zara sobre a porta trancada da casa de banho. Um arrepio percorreu Roger quando se apercebeu de que lá dentro podia estar escondida a coisa mais terrível de todas: outro potencial comprador. Assim, decidiu tomar imediatamente as rédeas da situação. Marchou até à porta trancada, e tinha acabado de levantar a mão para bater quando Anna-Lena gritou:

– *Não*!

Roger virou-se, surpreendido, e olhou para a mulher. Ela estava toda a tremer e corada até à raiz do cabelo.

– Por favor… não abram a porta – murmurou, e Roger nunca a vira tão assustada e não fazia a mais pequena ideia de qual poderia ser a causa. Zara

estava ao lado deles, a olhar de um para o outro. Depois, previsivelmente, aproximou-se da porta da casa de banho e bateu. Após uma curta pausa, alguém bateu do outro lado.

Nesta altura, as lágrimas já deslizavam pelas faces de Anna-Lena.

# 35

*Interrogatório a testemunha*
*Data:* 30 de dezembro
*Nome da testemunha:* Roger

**JACK:** Sente-se bem?

**ROGER:** Que raio de pergunta é essa?

**JACK:** Parece que esteve a sangrar do nariz.

**ROGER:** Sim, bom, às vezes acontece. O charlatão do médico diz que é *stress*. Não se rale com isso, faça lá as suas perguntas.

**JACK:** Muito bem. Então foi ver o apartamento com a sua mulher, a Anna-Lena?

**ROGER:** Como é que sabe?

**JACK:** Está nos meus apontamentos.

**ROGER:** Porque é que tem apontamentos sobre a minha mulher?

**JACK:** Estamos a falar com todas as testemunhas.

**ROGER:** Não devia ter apontamentos sobre a minha mulher.

**JACK:** Acalme-se.

**ROGER:** Estou perfeitamente calmo, raios.

**JACK:** Na minha experiência, isso é o que afirmam as pessoas que não estão nada calmas.

**ROGER:** Não vou responder a pergunta nenhuma sobre a minha mulher!

**JACK:** Está bem. Nesse caso, pode responder a algumas perguntas sobre o assaltante?

**ROGER:** Como posso responder-lhe se ainda não as fez?

**JACK:** Para começar: onde acha que ele se escondeu?

**ROGER:** Quem?

**JACK:** Quem é que acha?

**ROGER:** O ladrão de bancos?

**JACK:** Não, o Wally.

**ROGER:** Quem é esse?

**JACK:** Não sabe quem é o Wally? É o título de um velho livro infantil, *Onde Está o Wally?* Esqueça, eu estava a ser sarcástico.

**ROGER:** Não tenho motivo nenhum para ler livros infantis.

**JACK:** Desculpe. Pode dizer-me onde acha que o *assaltante* se escondeu?

**ROGER:** Como quer que saiba?

**JACK:** Espero que me perdoe por insistir, mas temos motivos para crer que o assaltante ainda se encontra dentro do apartamento. Pensei que talvez nos pudesse ajudar, uma vez que a sua mulher partilhou connosco que o senhor faz sempre uma pesquisa exaustiva antes de ir ver um apartamento. E que confere todas as medidas da planta.

**ROGER:** Não podemos confiar nas agências imobiliárias. Algumas nem conseguiriam medir uma régua com outra régua.

**JACK:** É precisamente aí que eu quero chegar. Descobriu alguma coisa especial em relação a este apartamento em concreto?

**ROGER:** Sim. Que a agente imobiliária é uma idiota.

**JACK:** Ah! E porquê?

**ROGER:** Faltava um metro nas medidas, entre as paredes.

**JACK:** A sério? Quais paredes? Pode mostrar-me aqui na planta?

**ROGER:** Ali. Ouve-se bem, se bater com os nós dos dedos na parede. O espaço oco.

**JACK:** Porque haveria ali um espaço?

**ROGER:** Provavelmente porque este apartamento e o do lado eram originalmente apenas um apartamento maior, quando as pessoas nesta zona tinham mais dinheiro e as casas eram mais baratas. Agora o mercado imobiliário está a ser manipulado para lixar as pessoas comuns. E a culpa é das agências imobiliárias. E dos bancos. E das pessoas de Estocolmo. Estão a inflacionar os preços. Por que raio está a revirar os olhos?

**JACK:** Desculpe. Não quero julgá-lo, mas… o senhor e a sua mulher não compraram e venderam já vários apartamentos como investimentos especulativos nos últimos anos? Com certeza que isso também inflaciona os preços, não?

**ROGER:** Então agora não se pode tentar ganhar um dinheirinho, é isso?

**JACK:** Não foi o que eu quis dizer…

**ROGER:** Eu sou um bom negociador e isso não é nenhum crime, sabe?

**JACK:** Não, claro que não.

**ROGER:** Pelo menos pensava que era um bom negociador.

**JACK:** Como assim?

**ROGER:** Eu era engenheiro. Antes de me reformar. Tem isso escrito nos seus apontamentos?

**JACK:** O quê? Não.

**ROGER:** Então isso não é relevante? Uma vida inteira a fazer um trabalho, e não é suficientemente relevante para ser incluído nos seus apontamentos? Sabe o que os meus colegas fizeram nesses últimos anos?

**JACK:** Não.

**ROGER:** Andavam a fingir. Tal como ela.

**JACK:** A sua mulher?

**ROGER:** Não, o Wally.

**JACK:** O quê?

**ROGER:** Acha que as pessoas da sua geração são as únicas que podem ser sarcásticas, rapaz?

# 36

Julia indicou a porta da casa de banho com um aceno de cabeça, estendeu a mão para o ladrão de bancos e exigiu:

– Dê-me a pistola.

– Nem… nem pensar! O que quer fazer? – gaguejou o ladrão de bancos, escondendo a pistola como se fosse um gatinho e alguém lhe tivesse perguntado se tinha visto um gatinho em algum lado.

– Estou grávida e preciso de ir à casa de banho. Dê-me a pistola para eu dar um tiro na fechadura e abrir a porta – repetiu Julia.

– Não – balbuciou o ladrão de bancos.

Julia abriu os braços.

– Então tem de o fazer você. Dê um tiro na fechadura.

– Não quero.

Julia semicerrou os olhos numa expressão ameaçadora.

– Como assim, não quer? Tem-nos aqui todos presos como reféns e a polícia está lá fora e há um indivíduo não identificado na casa de banho. Pode ser qualquer pessoa. Tem de ter um bocadinho de amor-próprio! Como quer roubar um banco com êxito? Não pode deixar que os outros lhe estejam sempre a dizer o que fazer!

– Mas você *está* a dizer-me o que devo fazer… – começou o ladrão de bancos, mas Julia interrompeu-o:

– Dê um tiro na fechadura, já lhe disse!

Por um momento parecia que o ladrão de bancos ia fazer o que ela lhe ordenara; de súbito, porém, ouviu-se um leve estalido, a maçaneta da porta da casa de banho girou lentamente e uma voz disse do interior:

– Não dispare. Por favor, não dispare!

A porta abriu-se e dela saiu um homem vestido com um fato de coelho. Bom, se quisermos ser rigorosos, não era um fato completo. Era apenas uma cabeça de coelho, porque, além disso, o homem vestia apenas cuecas e meias. Parecia ter cerca de cinquenta anos e, para sermos diplomáticos, tinha o tipo de corpo que

não ficava propriamente beneficiado com pouca roupa.

– Não me faça mal, por favor, estava só a fazer o meu trabalho! – gemeu o homem de dentro da cabeça de coelho, com sotaque de Estocolmo, enquanto levantava as mãos acima da cabeça. Era evidentemente de Estocolmo, um dos que lá nasceu e não apenas «de Estocolmo» no sentido em que Jim e Jack usavam a expressão quando na realidade queriam dizer «idiota». (O que, claro está, não significa que o homem não fosse também um idiota, porque ainda vivemos num país livre.) E não era com certeza «de Estocolmo» no sentido em que Estelle usava a expressão para descrever o tipo de unidade familiar que não tem absolutamente nada de errado (e, se fosse, claro que não haveria absolutamente mal nenhum nisso). Era apenas um indivíduo de Estocolmo normal, que por acaso estava a dizer de dentro da cabeça de coelho:

– Diz-lhe que não dispare, Anna-Lena!

Toda a gente ficou em silêncio, principalmente Roger. Olhou para Anna-Lena, que estava a olhar para o coelho e a chorar, com os dedos a tremer ao lado do corpo, enquanto evitava o olhar surpreendido de Roger. Não se lembrava da última vez que vira o marido surpreendido – é algo que já não acontece quando duas pessoas estão casadas há tanto tempo. Todos devemos ter na vida aquela pessoa especial com quem podemos contar, aquela que tomamos por garantida. E, neste preciso momento, Anna-Lena sabia que tudo isso se perdera para Roger. Murmurou, desesperada:

– Não lhe faça mal. É o Lennart.

– *Conheces* esta pessoa? – balbuciou Roger.

Anna-Lena acenou com um ar triste.

– Sim… Mas não é o que estás a pensar, Roger!

– Ele é… ele é… – debateu-se Roger, e por fim conseguiu pronunciar as palavras impossíveis – … outro potencial comprador?

Anna-Lena não conseguiu responder, por isso Roger girou sobre si próprio e precipitou-se para a porta da casa de banho com tal força que tanto Julia como Ro (Zara, prestavelmente, afastou-se para o deixar passar) tiveram de o segurar com todas as suas forças para que ele não conseguisse deitar mão ao coelho.

– Porque é que a minha mulher está a chorar? Quem é você? É um potencial comprador? Responda-me imediatamente! – berrou Roger.

Não obteve logo resposta, o que também afligiu Anna-Lena. Roger sempre fora um homem importante e respeitado no trabalho, e até os chefes lhe davam ouvidos. Roger não se reformara de boa vontade; a reforma fora-lhe imposta subitamente. Nos primeiros meses costumava pegar no carro e passar pelo escritório, várias vezes por dia, na esperança de ver algum sinal de que as pessoas lá dentro não conseguiam passar sem ele. Mas nunca viu nada desse género. Não tinham tido qualquer dificuldade em substituí-lo. Roger fora para casa e o negócio continuava a existir. Percebê-lo foi um grande fardo para Roger, e tornou-o mais lento.

– *Responda!* – exigiu ao coelho, que estava ocupado a tirar a cabeça de coelho. Pelos vistos, estava presa. Gotas de suor deslizaram-lhe entre os pelos das costas nuas, como bolas num jogo de *flippers* particularmente desagradável, e as cuecas também estavam agora ligeiramente tortas.

Todos assistiam à cena em silêncio. Zara obviamente achou que estava na altura de mais *feedback*, por isso deu um encontrão ao ladrão de bancos.

– Não vai fazer nada?

– O quê? – inquiriu o ladrão de bancos.

– Assuma o controlo! Acha que é assim que deve lidar com os seus reféns?

– Eu não queria fazer reféns, apenas roubar um banco – lamentou-se o ladrão de bancos.

– Não lhe correu muito bem, pois não?

– Por favor, pare de me empurrar.

– Oh, dê um tiro ao coelho para resolver o assunto de uma vez. Para conquistar um pouco de respeito. Pode ser só um tiro na perna.

– *Não, não dispare!* – gritou o coelho.

– Não me dê ordens – abespinhou-se o ladrão de bancos.

– Ele pode ser um polícia – sugeriu Zara.

– Mesmo assim, não quero…

– Dê cá a pistola, então.

– Não!

Em tom despreocupado, Zara virou-se para o coelho.

– Quem é você? É polícia ou quê? Responda, senão disparamos.

– Ninguém dispara nada a não ser eu! Bom, mas não vou disparar! – protestou o ladrão de bancos.

Zara deu-lhe uma palmadinha condescendente no braço.

– Claro que sim, claro que sim.

Frustrado, o ladrão de bancos bateu o pé.

– Ninguém me dá ouvidos! Vocês são os piores reféns de sempre!

– Por favor, não dispare! Tenho a cabeça presa – gritou Lennart de dentro da cabeça de coelho, e continuou: – A Anna-Lena pode explicar tudo. Nós… Eu… eu estou com ela.

De súbito, Roger não tinha ar suficiente. Virou-se de novo para Anna-Lena, muito devagar. Ela não se lembrava de o ver virar-se para ela tão devagar desde aquele dia, no início dos anos 90, quando Roger percebeu que ela usara a cassete de VHS errada para gravar um episódio da telenovela e, sem querer, gravara por cima de um documentário importante sobre antílopes. Roger estava sem palavras para descrever a traição da mulher, tal como ficara sem palavras nessa altura. Sempre tinham sido pessoas de palavras simples. Anna-Lena tivera alguma esperança de que talvez isso melhorasse depois de terem filhos, mas acontecera o oposto. A parentalidade por vezes dá início a uma sequência de anos em que os sentimentos das crianças sugam todo o oxigénio de uma família, e isso é tão intenso em termos emocionais que alguns adultos passam esse tempo sem ter oportunidade de falar a ninguém dos seus sentimentos, e quando essa oportunidade não surge durante tempo suficiente, às vezes uma pessoa simplesmente esquece-se de como fazê-lo.

O amor de Roger por Anna-Lena era visível de outras formas. Pequenas coisas, como verificar todos os dias os parafusos e dobradiças da portinha espelhada do armário da casa de banho, para que abrisse e fechasse sempre com um mínimo de resistência. Roger sabia que à hora a que Anna-Lena abria o

armário não estava com paciência para essas dificuldades. Anna-Lena interessara-se por decoração de interiores numa fase tardia da vida: nessa altura, lera num livro que todos os decoradores precisavam de uma «âncora» em cada novo projeto. Algo sólido e concreto em que tudo o resto se pudesse basear, espalhando-se a partir daí em círculos concêntricos. Para Anna-Lena, essa âncora era o seu armário da casa de banho. Roger compreendia, porque ele também dava valor a objetos imóveis, como paredes-mestras. Não podemos fazer com que se adaptem a nós, temos de nos adaptar a eles. Assim, o armário da casa de banho era a última coisa que Roger desmontava sempre que saíam de um apartamento, e a primeira coisa que instalava quando chegavam ao apartamento novo. Era assim que ele a amava. Mas agora ali estava Anna-Lena, cheia de surpresas, a confessar:

– Este é o Lennart, e ele e eu… bom, somos… temos um… tu nunca devias ter descoberto, querido!

Silêncio. Traição.

– Então vocês os dois… tu e… os dois… nas minhas costas? – articulou Roger, com algum esforço.

– Não é o que estás a pensar – insistiu Anna-Lena.

– Decididamente, não é o que está a pensar – garantiu o coelho.

– Não é mesmo – acrescentou Anna-Lena.

– Bom… talvez seja um bocadinho, conforme aquilo em que estiver a pensar – admitiu o coelho.

– Está calado, Lennart! – ordenou Anna-Lena.

– Então conta-lhe a verdade – sugeriu o coelho.

Anna-Lena respirou fundo e fechou os olhos.

– O Lennart é apenas um… Conhecemo-nos *online*. Não era suposto… Simplesmente aconteceu, Roger.

Roger tinha os braços caídos ao lado do corpo e parecia perdido. Por fim, virou-se para o ladrão de bancos, apontou para o coelho e murmurou:

– Quanto é que quer para lhe dar um tiro?

– Por favor, podem parar de me mandar dar tiros às pessoas? – implorou o

ladrão de bancos.

– Podemos fazer a coisa de modo a que pareça um acidente – garantiu Roger.

Anna-Lena deu vários passos desesperados em direção a Roger e tentou pegar-lhe na mão.

– Por favor, querido… Roger, tem calma…

Roger não tinha qualquer intenção de se acalmar. Estendeu a mão para o coelho e jurou:

– Você vai morrer! Está a ouvir? Vai morrer!

Em pânico, Anna-Lena disse a única coisa que lhe ocorreu capaz de captar a atenção do marido.

– Roger, espera! Se alguém morrer aqui, este apartamento será uma cena de crime e o preço por metro quadrado vai disparar! As pessoas adoram cenas de crime!

Ao ouvir isto, Roger estacou, com os punhos ainda a tremer, respirou fundo e conseguiu acalmar-se um pouco. O preço sempre era o preço, afinal de contas. Os seus ombros descaíram primeiro, seguidos do resto, tanto por dentro como por fora. Baixou os olhos para o chão e murmurou:

– Há quanto tempo é que isto dura? Entre ti e este… este maldito coelho?

– Um ano – respondeu Anna-Lena.

– Um *ano*?

– Por favor, Roger, só o fiz por ti.

Roger tinha o queixo a tremer de desespero e confusão. Os seus lábios moveram-se, mas as emoções permaneceram presas dentro dele. O homem da cabeça de coelho viu uma oportunidade de explicar o que estava realmente a acontecer, e fê-lo no tom que só um homem de meia-idade com um sotaque carregado de Estocolmo conseguiria fazer:

– Oiça, Rog… importa-se que lhe chame Rog? Não se sinta mal por causa disto! As mulheres recorrem muitas vezes a mim, sabe, porque eu não me importo de fazer as coisas que elas não conseguem convencer os maridos a fazer.

O rosto de Roger contorceu-se numa teia de rugas.

– Que coisas? Que raio de relação é que vocês têm?

– Uma relação *profissional*! Eu sou um profissional! – exclamou o coelho.

– Profissional? Andas a *pagar* para ir para a cama com ele, Anna-Lena? – exclamou Roger.

Anna-Lena arregalou os olhos.

– Estás doido? – murmurou.

O coelho aproximou-se de Roger para esclarecer o mal-entendido.

– Não, não, não sou esse tipo de profissional. Não vou para a cama com ninguém. Bom, pelo menos a título profissional. Vou a casas abertas que estão para venda para causar confusão. Sou um causador de confusão profissional. Aqui tem o meu cartão. – O coelho tirou um cartão de visita de uma das meias. LENNART SEM LIMITES, LDA., podia ler-se, e o *Lda.* indicava que era um negócio sério.

Anna-Lena mordeu o lábio e continuou:

– Sim, o Lennart tem estado a ajudar-me. A ajudar-nos!

– Mas que raio… – praguejou Roger.

O coelho acenou com orgulho.

– Oh, sim, Rog. Às vezes sou um vizinho alcoólico, outras vezes arrendo o apartamento por cima do que está à venda e vejo um filme erótico com o volume no máximo. Mas este é o meu pacote mais caro. – Indicou-se a si próprio com um gesto largo, desde as meias brancas às cuecas, passando pelo peito nu, até chegar à cabeça de coelho, que ainda não conseguira tirar, após o que anunciou com orgulho: – Este é «o coelho cagão», percebe. O pacote *premium*. Se encomendar este serviço, eu entro no apartamento às escondidas antes de toda a gente e escondo-me na casa de banho. Quando os outros potenciais compradores abrem a porta e dão de caras com um homem nu com uma cabeça de coelho, sentado na sanita a fazer o seu serviço, não conseguem ultrapassar o choque. Soalhos riscados e papel de parede feio são coisas de que toda a gente se pode livrar depois de se mudar para uma casa, não é? Mas um coelho cagão? – O homem levou o dedo à têmpora da cabeça de coelho. – Fica na cabeça de uma pessoa! Ninguém quer viver num sítio onde viu uma coisa dessas, pois não?

Todos os presentes olharam para o coelho e compreenderam perfeitamente esse sentimento.

Anna-Lena tocou no braço de Roger, mas ele afastou-o como se ela o tivesse queimado. Ela fungou.

– Por favor, Roger! Não te lembras daquele apartamento no prédio renovado, o ano passado, quando um vizinho bêbado apareceu de repente e começou a atirar esparguete à bolonhesa aos potenciais compradores?

Roger estava tão insultado que soltou uma exclamação sonora.

– Claro que sim! Comprámos esse apartamento por um preço muito inferior ao valor de mercado!

O coelho acenou alegremente.

– Não gosto de me gabar, mas o vizinho bêbado que atira esparguete é uma das minhas personagens mais populares.

Roger fitou Anna-Lena.

– Queres dizer que… mas… e todas as minhas negociações com a agência imobiliária? Todas as minhas *táticas*?

Anna-Lena não conseguiu devolver-lhe o olhar.

– Ficas tão zangado quando não consegues levar a melhor. Só queria garantir que… que tu vencias.

Não estava a dizer-lhe toda a verdade. A verdade era que ela se tornara o tipo de pessoa que apenas queria um lar. Que queria acabar com aquela atividade. Que gostaria de ir ao cinema de vez em quando e ver qualquer coisa inventada, em vez de outro documentário na televisão. Que já não queria ser um tubarão. Mas temia que essa traição fosse demasiado para Roger.

– Quantas vezes? – murmurou Roger com voz rouca.

– Três – mentiu Anna-Lena.

– Seis, na verdade! Sei as moradas todas de cor… – corrigiu o coelho.

– Cala-te, Lennart! – exclamou Anna-Lena com um soluço.

Lennart acenou obedientemente e recomeçou a puxar a cabeça de coelho. Passou muito tempo concentrado apenas nisso antes de declarar:

– Acho que senti qualquer coisa dar de si!

Roger ficou a olhar para o chão com os dedos dos pés dobrados dentro dos sapatos, porque Roger era o tipo de homem que sente as emoções nos pés. Começou a andar num semicírculo largo, passou pela porta da varanda, bateu sem querer com o pé num dos rodapés e praguejou baixinho, muito baixinho, com o maldito rodapé e o maldito coelho.

– Seu estúpido… estúpido… seu estúpido… – murmurou, como se estivesse à procura do pior insulto de que se conseguia lembrar. Por fim, encontrou-o. – Seu estúpido sujeito de Estocolmo!

Os dedos dos pés doíam-lhe tanto como o coração. Fechou os punhos com força, ergueu a cabeça, atravessou o apartamento tão depressa que ninguém teve tempo de o deter, e atirou o coelho ao chão. Com todo o seu amor e toda a sua força, de um único golpe.

O coelho caiu para trás no chão da casa de banho. Felizmente, a cabeça de coelho absorveu a maior parte do impacto do soco de Roger, e a moleza do resto do físico de Lennart (tinha mais ou menos a mesma densidade de um pão de ló) absorveu o resto. Quando abriu os olhos e olhou para o teto, Julia estava inclinada sobre ele.

– Ainda está vivo? – perguntou ela.

– A cabeça está outra vez presa – respondeu Lennart.

– Está ferido?

– Acho que não.

– Ótimo. Então saia daqui. Tenho de fazer chichi.

O coelho balbuciou um pedido de desculpas e gatinhou para fora da casa de banho. Pelo caminho, entregou a Julia um cartão de visita, indicou a barriga dela com um aceno de cabeça tão enérgico que as orelhas de coelho lhe caíram para os olhos, e conseguiu ainda anunciar:

– Também faço festas de crianças. Se não gostar dos seus filhos.

Julia fechou a porta, mas guardou o cartão de visita. Qualquer progenitor normal o faria.

Anna-Lena estava a olhar para Roger, que continuava a recusar-se a

devolver-lhe o olhar. Ele tinha o nariz a pingar sangue. O médico de família explicara a Anna-Lena que era uma reação ao *stress*, depois de ter diagnosticado a Roger um esgotamento profissional.

– Estás a sangrar. Vou buscar um lenço de papel – murmurou, mas Roger limpou o nariz com a manga da camisa.

– Raios, estou só um bocadinho cansado.

Saiu para o vestíbulo porque queria estar noutra divisão, e amaldiçoou o plano aberto do apartamento. Anna-Lena queria ir atrás dele, mas percebeu que ele precisava de espaço, por isso virou-se e entrou no quarto de vestir, porque era o mais longe que podia estar de Roger. Aí, sentou-se num banquinho e desatou a chorar. Nem reparou na corrente de ar, como se estivesse uma janela aberta. Como se um quarto de vestir interior pudesse ter uma janela aberta.

O ladrão de bancos estava de pé no centro do apartamento, rodeado de pessoas de Estocolmo, literal e figurativamente. Afinal de contas, «de Estocolmo» é mais uma expressão do que um lugar, tanto para homens como Roger como para a maioria das pessoas: apenas uma palavra simbólica para indicar todas as pessoas irritantes que colocam obstáculos à nossa felicidade. Pessoas que pensam que são melhores do que nós. Banqueiros que se negam a ajudar-nos quando pedimos um empréstimo, psicólogas que fazem perguntas quando só queremos comprimidos para dormir, velhos que roubam os apartamentos que queremos renovar, coelhos que nos roubam as mulheres. Todas as pessoas que não nos veem, que não nos compreendem, que não querem saber de nós. Toda a gente tem pessoas de Estocolmo na sua vida; até as pessoas de Estocolmo têm as suas pessoas de Estocolmo, só que para estes são «pessoas que vivem em Nova Iorque» ou «políticos em Bruxelas», ou outras pessoas de outro lado qualquer onde as pessoas parecem considerar-se melhores do que as pessoas de Estocolmo se consideram a si próprias.

Dentro do apartamento, todos tinham os seus próprios complexos, os seus próprios demónios e ansiedades: Roger estava magoado, Anna-Lena queria ir para casa, Lennart não conseguia tirar a cabeça de coelho, Julia estava cansada,

Ro estava preocupada, Zara sofria e Estelle… bom… ainda ninguém sabia muito bem o que se passava com Estelle. Nem a própria Estelle, possivelmente. Às vezes, «Estocolmo» pode até ser um elogio: um sonho de um lugar maior, onde podemos tornar-nos outra pessoa. Algo que desejamos, mas que não temos coragem de concretizar. Naquele apartamento, todos se debatiam com a sua própria história.

– Desculpem – pediu o ladrão de bancos de repente, no silêncio que se abatera sobre eles. Ao princípio pareceu que ninguém ouvira, mas na verdade todos o ouviram. Graças às paredes finas e ao maldito plano aberto, a palavra até chegou ao fundo do quarto de vestir, ao vestíbulo, à casa de banho através da porta fechada. Podiam não ter muito em comum, estas pessoas, mas todas sabiam como era cometer um erro.

– Desculpem – repetiu o ladrão de bancos em voz mais fraca, e, apesar de nenhum deles responder, foi assim que começou: a verdade sobre como o ladrão de bancos conseguiu sair do apartamento. O ladrão de bancos precisava de dizer essa palavra, e todas as pessoas que a ouviram precisavam da oportunidade de perdoar alguém.

«Estocolmo» pode também ser, claro, uma síndrome.

# 37

*Interrogatório a testemunha*
(*continuação*)

**JACK:** Está bem, está bem. Podemos concentrar-nos agora nas minhas perguntas?

**ROGER:** O raio do coelho. Pessoas como ele é que manipulam o mercado. Banqueiros e agências imobiliárias e malditos coelhos. A manipularem tudo. É tudo falso.

**JACK:** Estamos a falar do Lennart, certo? Está na minha lista de testemunhas, mas não trazia a cabeça de coelho quando saiu do apartamento. A que se refere quando diz que é tudo falso?

**ROGER:** Tudo. O mundo inteiro é falso. Até no sítio onde eu trabalhava eles estavam a fingir.

**JACK:** Estou a falar da visita ao apartamento.

**ROGER:** Ah, pois, claro que eu me fui abaixo no trabalho, mas está visto que isso não tem importância nenhuma para si, não é? As pessoas são todas substituíveis nesta maldita sociedade de consumo, não é?

**JACK:** Não, não era isso que eu queria dizer.

**ROGER:** Um médico idiota qualquer decidiu que aquilo era um «esgotamento». Eu não estava esgotado, apenas um pouco cansado. Mas de repente armou-se um grande pé de vento, o meu chefe quis falar comigo sobre o meu «ambiente de trabalho». Eu queria trabalhar, percebe? Sou um homem. Só que, ao longo desse último ano inteiro, estiveram sempre a inventar coisas para eu fazer, projetos que não existiam. Não precisavam de mim para nada, só tinham pena de mim. Achavam que eu não percebia, mas percebia muito bem. Sou um homem, não sou? Está a perceber?

**JACK:** Perfeitamente.

**ROGER:** Um homem quer que o fitem nos olhos e lhe digam a verdade quando já não precisam dele. Mas fingiram. E agora a Anna-Lena está a fazer o mesmo. Pelos vistos, eu nunca fui um bom negociador; o raio do coelho é que estava a fazer o trabalho todo.

**JACK:** Compreendo.

**ROGER:** Garanto-lhe que não compreende.

**JACK:** Compreendo que se sente magoado, era o que eu queria dizer.

**ROGER:** Sabe o que aconteceu à empresa depois de eu sair?

**JACK:** Não.

**ROGER:** Nada. Absolutamente nada. Continuou tudo como sempre.

**JACK:** Lamento.

**ROGER:** Duvido muito.

**JACK:** Se não se importa, pode falar-me um pouco mais sobre o espaço entre as paredes? Mostre-me lá outra vez na planta. Estamos a falar de um espaço de que tamanho? Suficientemente grande para um homem adulto?

**ROGER:** Ali. Pelo menos um metro. Quando transformaram o apartamento antigo em dois separados, provavelmente puseram outra parede em vez de alargarem a parede existente.

**JACK:** Porquê?

**ROGER:** Porque eram idiotas.

**JACK:** E deixaram um espaço entre as paredes?

**ROGER:** Sim.

**JACK:** Então isso significa que podemos estar a lidar com um criminoso que desapareceu dentro da parede, mesmo que o espaço fosse apertado?

**ROGER:** Isso não tem graça nenhuma.

**JACK:** Espere aqui.

**ROGER:** Onde é que vai?

**JACK:** Preciso de falar com o meu colega.

# 38

Roger esteve muito tempo parado no vestíbulo, ao pé da porta, com os dedos de uma mão a pressionar a cana do nariz para estancar a hemorragia e a outra mão na maçaneta da porta, preparado para sair do apartamento. O ladrão de bancos apareceu no vestíbulo e reparou nisso, mas não teve coragem de o impedir. Disse-lhe apenas:

– Vá, se quiser, Roger. Eu compreendo.

Roger hesitou. Rodou um pouco a maçaneta como se a estivesse a testar, mas não abriu a porta. Deu um pontapé no rodapé, com tanta força que este se soltou.

– Não me diga o que fazer!

– Está bem – respondeu o ladrão de bancos, sem ter coragem de lhe lembrar que isso fazia parte das suas funções como ladrão de bancos. Depois disso não havia muito mais a dizer, mas, ao fim de remexer durante um bocadinho nos bolsos, o ladrão de bancos lá conseguiu encontrar um pacote de bolas de algodão que lhe estendeu com uma explicação em voz baixa:

– Uma das minhas filhas às vezes sangra do nariz, por isso tenho sempre…

Roger aceitou a dádiva com um ar desconfiado e enfiou um pedaço de algodão em cada narina. Ainda tinha a mão na porta, mas não conseguia convencer os pés a sair do apartamento. Os seus pés não faziam ideia de onde ir sem Anna-Lena.

Havia um banco corrido no vestíbulo – o ladrão de bancos sentou-se numa ponta e, pouco depois, Roger sentou-se na outra. O nariz parara finalmente de sangrar. Limpou-se com a camisa, tanto debaixo do nariz como debaixo dos olhos. Durante muito tempo não disseram nada, até que, por fim, o ladrão de bancos falou.

– Lamento muito ter-vos envolvido a todos nisto. Não queria fazer mal a ninguém. Só precisava de seis mil e quinhentas coroas para pagar a renda, por isso é que ia assaltar o banco, e tinha intenção de devolver o dinheiro assim que pudesse. Com juros!

Roger não respondeu. Levantou a mão e bateu com os nós dos dedos na

parede atrás de si. Com cuidado, de forma quase afetuosa, como se tivesse medo de a partir. *Truz-truz.* Não estava emocionalmente equipado para dizer a verdade, e a verdade era que Anna-Lena era a sua parede-mestra. Assim, em vez disso, perguntou:

– Fixos ou variáveis?

– O quê? – perguntou o ladrão de bancos.

– Disse que ia devolver o dinheiro com juros. Juros fixos ou variáveis?

– Não tinha pensado nisso.

– São coisas muito diferentes – informou Roger de forma prestável.

Como se o ladrão de bancos não tivesse já muito com que se preocupar.

Entretanto, Julia saiu da casa de banho. Olhou instintivamente para Ro, que estava de pé na sala de estar.

– Onde está a Anna-Lena?

Ro olhou para ela com um ar tão confuso como no dia em que descobrira que havia uma maneira certa e uma maneira errada de pôr um prato na máquina de lavar loiça.

– Acho que entrou na saleta.

– Sozinha?

– Sim.

– E não te ocorreu ir ver como ela está? Depois de aquele velho miserável emocionalmente atrofiado do marido gritar com ela, apesar de ela fazer *tudo* por ele, e nem sequer foste atrás dela? A mulher pode ter um divórcio pela frente e deixaste-a sozinha? Como podes ser tão insensível?

Ro fez força com a língua nos dentes.

– Só para eu… não me entendas mal. Mas estamos a falar da Anna-Lena ou estamos a falar de… ti? Quer dizer, fiz alguma coisa que te chateou e estás a fingir que estás chateada pela Anna-Lena para eu perceber que…

– Às vezes não percebes mesmo *nada*, pois não? – murmurou Julia, e afastou-se na direção do quarto de vestir.

– É só porque às vezes estás chateada com uma coisa diferente do que dizes!

E só queria saber se estou a ser insensível porque sou mesmo insensível ou… – tentou Ro explicar enquanto ela se afastava, ao que Julia respondeu com a linguagem corporal que costumava reservar para comunicar com homens zangados em carros alemães. Ro foi para a sala, tirou uma lima da tigela e, por causa dos nervos, começou a comê-la com casca e tudo. Mas como Zara estava junto à janela e Ro tinha um bocadinho de medo dela, como qualquer pessoa inteligente teria, dirigiu-se para o vestíbulo.

Aí, o ladrão de bancos e Roger estavam sentados, um em cada ponta do banco corrido. Ao longo do seu casamento, Ro ouvira muitas vezes que tinha de «compreender os limites das pessoas!» – era óbvio que ainda não os compreendera bem, porque se sentou toda estrelicada no meio deles. «Estrelicada» pode não ser uma palavra verdadeira, mas é a que o pai de Ro costuma usar. Ele também sofre de falta de noção dos limites. E o pai de Ro ensinou-lhe tudo o que ela sabe, para o bem e para o mal.

O ladrão de bancos olhou para ela com embaraço, de um lado, Roger fitou-a com irritação, do outro, ambos agora tão estrelicados que tinham cada um uma nádega de fora do banco.

– Lima? – ofereceu Ro. Eles abanaram a cabeça. Ro olhou para Roger com um ar apologético e continuou: – Peço desculpa por a minha mulher lhe ter chamado um velho miserável emocionalmente atrofiado.

– O que é que ela me chamou?

– Se calhar não ouviu? Nesse caso, não foi nada.

– O que é que isso significa? Que diabo quer ela dizer com «emocionalmente atrofiado»?

– Não leve isso muito a peito. A maioria das pessoas não compreende os insultos da Jules, mas ela diz as coisas de uma maneira que as pessoas percebem que são insultos. É um talento. E tenho a certeza de que você e a Anna-Lena não têm um divórcio pela frente.

Roger abriu tanto os olhos que ficaram maiores do que as orelhas.

– Mas quem é que falou em *divórcio*?

A casca da lima estava a fazer Ro tossir. Algures na parte do cérebro que

controla a lógica e o pensamento racional, mil terminações nervosas estavam aos saltos e aos gritos: «Para imediatamente de falar!» Mesmo assim, Ro ouviu-se a si própria a dizer:

– Ninguém, ninguém falou em divórcio! Oiça, tenho a certeza de que tudo se resolverá. Mas, se não se resolver…, até é romântico quando os casais mais velhos se divorciam. A sério. Fico sempre contente de ver, porque acho fantástico que os reformados ainda acreditem que vão encontrar uma pessoa nova para amar.

Roger cruzou os braços. Mal abriu a boca quando retorquiu:

– Obrigadinho por essa imagem, foi muito animadora. Você é como um livro de autoajuda, mas ao contrário.

As terminações nervosas no cérebro de Ro finalmente controlaram-lhe a língua, por isso ela acenou, engoliu em seco e pediu novamente desculpa.

– Desculpe. Sei que falo de mais. A Jules está sempre a lembrar-me. Diz que eu sou tão positiva que deixo as outras pessoas deprimidas. Que vejo sempre o copo meio cheio quando tem apenas água suficiente para uma pessoa se afogar e…

– Não imagino onde ela terá ido buscar essa ideia – comentou Roger com um esgar trocista.

Ro respondeu, abatida:

– Bom, era o que ela costumava dizer, que eu era demasiado positiva. Mas desde que engravidou ficou tudo muito sério, porque os pais são sempre sérios e nós temos também de o ser. Às vezes acho que não estou preparada para essa responsabilidade… quer dizer, já me parece que o telemóvel exige demasiado de mim! Quando me pede para instalar uma atualização, dou por mim a gritar: «Estás a sufocar-me!» E não podemos gritar assim com uma criança. E as crianças têm de estar sempre a ser atualizadas, porque podem matar-se a atravessar a estrada ou a comer um amendoim! Já perdi o telemóvel três vezes hoje; não sei se estou pronta para um ser humano.

O ladrão de bancos fitou-a com um olhar compreensivo.

– De quanto tempo está ela? A Julia?

O rosto de Ro iluminou-se instantaneamente.

– Muito! Pode acontecer a qualquer momento!

As sobrancelhas de Roger começaram a estremecer. Depois disse em tom quase amável:

– Bom, se *não* quer comprar este apartamento, aconselho-a a não correr o risco de a deixar dar à luz aqui, porque passaria a ter valor sentimental para ela. Isso ia inflacionar muito o preço.

Talvez Ro devesse ter ficado irritada, mas na verdade parecia apenas ainda mais triste.

– Vou tentar lembrar-me disso.

O ladrão de bancos suspirou do outro lado e soltou um gemido desconsolado.

– Talvez eu tenha feito alguma coisa boa hoje, ainda assim. Um drama de reféns pode baixar o preço, não?

Roger soltou uma risada.

– Pelo contrário. A idiota da agente imobiliária provavelmente vai acrescentar «visto na TV» ao anúncio, o que só o tornará mais procurado.

– Desculpe – murmurou o ladrão de bancos.

Ro encostou-se à parede a mastigar a lima, com casca e tudo. O ladrão de bancos observou-a com fascínio.

– Nunca vi ninguém comer uma lima assim, inteira. É bom?

– Nem por isso – admitiu Ro.

– É bom para prevenir o escorbuto. Os marinheiros costumavam receber limas a bordo dos navios – informou Roger.

– Foi marinheiro? – perguntou Ro.

– Não. Mas vejo muita televisão – respondeu Roger.

Ro assentiu com um aceno pensativo, provavelmente à espera que alguém lhe perguntasse mais alguma coisa; quando ninguém o fez, disse:

– Para ser franca, não quero comprar este apartamento. Só depois de o meu pai lhe dar uma vista de olhos e decidir se vale a pena. Ele vê sempre as coisas que eu quero comprar antes de eu tomar uma decisão. Percebe de tudo, o meu pai.

– Quando é que ele cá vem? – perguntou Roger com um ar desconfiado, tirando do bolso um bloco e um lápis com o logótipo do IKEA para fazer contas aos vários preços por metro quadrado. Já tinha feito uma lista dos fatores que podiam elevar o preço: dar à luz, homicídio (se aparecesse na televisão), pessoas de Estocolmo. Noutra lista, elencara as coisas que costumavam baixar os preços: humidade, bolor, necessidade de obras.

– Não vem – esclareceu Ro, e as palavras seguintes quase não se ouviram: – Está doente. Tem demência. Está num lar. Odeio essa palavra, «lar», quando não é o lar dele. E sei que ele não gostaria do lar porque está tudo avariado; as torneiras pingam e a ventilação faz barulho, os fechos das janelas estão soltos e ninguém os arranja. O meu pai sabia arranjar tudo. Tinha sempre uma resposta para tudo. Eu nem conseguia comprar uma caixa de ovos perto do prazo de validade sem lhe ligar para perguntar se podia ser.

– Lamento muito – disse o ladrão de bancos.

– Obrigada – murmurou Ro. – Mas pode ser. Os ovos duram muito mais do que as pessoas pensam, segundo o meu pai.

Roger escreveu «demência» no bloco e ficou triste quando percebeu que isso não o deixava contente. Não interessava realmente quem eram os seus adversários na compra do apartamento, porque Roger ainda tinha Anna-Lena. Assim, guardou o bloco no bolso e murmurou:

– É verdade. São os políticos a manipularem o mercado para comermos ovos mais depressa.

Vira isso num documentário na televisão, transmitido logo a seguir a um documentário sobre tubarões. Roger não estava particularmente interessado em ovos, mas às vezes ficava sentado no sofá até tarde depois de Anna-Lena adormecer ao lado dele, porque não queria acordá-la e ter de tirar a cabeça dela do seu ombro.

Ro esfregou as pontas dos dedos, porque é o tipo de pessoa que tem as emoções nos dedos, e disse:

– Ele também não teria gostado dos radiadores do lar. São daqueles modernos que ajustam a temperatura interior conforme a temperatura exterior e

não deixam uma pessoa decidir por si própria.

– Ugh! – exclamou Roger, porque era o tipo de homem que achava que um homem devia poder decidir por si próprio a temperatura na sua casa.

Ro sorriu debilmente.

– O meu pai adora a Jules, nem imaginam. Ficou tão orgulhoso quando casei com ela! Disse que ela tinha uma boa cabeça em cima dos ombros – contou-lhes. De súbito, confessou: – Vou ser uma mãe terrível.

– Não vai nada – confortou-a o ladrão de bancos.

Ro insistiu:

– Vou, sim. Não sei nada sobre crianças. Fiquei a tomar conta do meu primo uma vez, e ele não queria comer nada e passou o tempo a dizer «dói-dói». E eu disse-lhe que eram as asas a querer nascer, porque os meninos que não comem se transformam em borboletas.

– Oh, que bonito – sorriu o ladrão de bancos.

– Ele estava com uma apendicite – acrescentou Ro.

– Oh! – comentou o ladrão de bancos, já sem o sorriso.

– É o que estou sempre a repetir, não sei nada! O meu pai vai morrer e eu vou ser mãe e quero ser exatamente o que ele foi para mim e nunca consegui perguntar-lhe como. É preciso saber tanta coisa para ter filhos; é preciso saber tudo, desde o princípio. E a Jules quer que eu tome *decisões* constantemente, mas eu nem sequer sei… nem sequer consigo decidir se devo comprar ovos. Não vou conseguir fazer isto. A Jules diz que estou sempre a pôr defeitos aos apartamentos todos de propósito só porque tenho medo de… nem sei do quê. Medo de qualquer coisa.

Roger estava encostado à parede, a brincar com o lápis do IKEA. Compreendia muito bem do que Ro tinha medo: de comprar um apartamento, de lhe encontrar um defeito e de ter de admitir que o defeito era ela. Roger não tivera dificuldade em admitir isto a si próprio nos últimos anos – só não conseguia fazê-lo em voz alta porque estava terrivelmente zangado. Um homem pode ficar assim em resultado das coisas que a velhice lhe tira, como a

capacidade de ter uma finalidade, por exemplo, ou pelo menos a capacidade de enganar a pessoa que ama para a fazer acreditar que tem uma finalidade. Mas Anna-Lena não se deixara enganar, Roger percebia-o agora: ela sabia que ele não tinha nada para lhe oferecer. O casamento deles tornara-se um falso espetáculo de admiração, com coelhos escondidos na casa de banho, e um apartamento a mais ou a menos não faria qualquer diferença. Assim, Roger brincou com o lápis do IKEA até lhe partir o bico, tossiu baixinho e deu a Ro o melhor presente que conseguia imaginar.

– Devia comprar este apartamento para a sua mulher. Não há nada de errado com o apartamento. Precisa de umas pequenas obras, mas não tem humidade nem bolor. A cozinha e a casa de banho estão em excelentes condições e as finanças do condomínio estão em ordem. Tem um ou dois rodapés soltos, mas isso não demora muito a arranjar.

– Não consigo arranjar rodapés – murmurou Ro.

Roger ficou em silêncio muito, muito tempo e depois – sem olhar para ela – disse três das palavras mais difíceis que um homem mais velho pode dizer a uma mulher mais nova:

– Claro que consegue.

# 39

Jim vai buscar café à sala dos agentes, mas não tem tempo de o beber porque Jack sai a correr da sala onde estava a interrogar Roger e grita:

– Temos de voltar ao apartamento! Eu sei onde ele se escondeu! Na parede!

Jim não sabe que raio é que isso significa, mas obedece. Saem da esquadra, metem-se no carro e regressam à cena do crime com grandes esperanças de que tudo se resolva assim que entrarem, de terem deixado passar qualquer coisa óbvia que lhes dará todas as respostas muito antes de a equipa de Estocolmo chegar e ficar com a glória toda.

Estão parcialmente certos, claro. Deixaram passar uma coisa óbvia.

Está um jovem polícia no vestíbulo do prédio, a impedir jornalistas e curiosos de entrarem para meter o nariz. Jack e Jim conhecem-no, porque a cidade é demasiado pequena para que não o conheçam, e se as pessoas às vezes comentam, a brincar, que alguns jovens polícias têm «um parafuso mal apertado», os parafusos deste jovem ainda estão na gaveta. Mal repara quando Jim e Jack passam por ele, e os dois homens entreolham-se, irritados.

– Se dependesse de mim, não era ele que eu deixava de guarda a uma cena de crime – murmura Jack.

– Eu não o deixaria sequer guardar a minha cerveja enquanto ia à casa de banho – murmura Jim em resposta, sem deixar claro qual das duas situações acha mais grave. Mas é antevéspera de Ano Novo e a falta de pessoal não lhes permite serem muito esquisitos com as suas opções.

Dividem-se para procurar. Primeiro, Jack usa os nós dos dedos, depois a lanterna de bolso para bater nas paredes todas. Jim tenta parecer que também ele tem bons pensamentos e ideias, por isso levanta o sofá para ver se por acaso está lá alguém escondido debaixo. E é então que os seus bons pensamentos e ideias se esgotam. Estão umas caixas de piza em cima da mesinha de café, por isso Jim levanta a tampa de uma delas para ver se sobrou alguma coisa. As narinas de Jack ficam com o dobro do tamanho quando vê isto.

– Pai, por favor diz-me que não estavas a pensar comer isso! Está aí há horas!

O pai fecha a tampa com um ar indignado.

– A piza não se estraga.

– Talvez se fores uma cabra que vive numa lixeira – resmunga Jack, e continua a bater cuidadosamente em vários pontos das paredes todas, primeiro com um ar esperançoso, depois cada vez mais desesperado, com as mãos a deslizar sobre o papel de parede como faria se tivesse deixado cair uma chave no fundo de um lago. A sua fachada confiante começa a desfazer-se aos poucos, e as insatisfações reprimidas do dia inteiro vêm finalmente ao de cima.

– Não, raios. Estava enganado. Ele não pode estar aqui.

Está em frente da parte da parede por trás da qual Roger disse que havia o espaço oco. Mas não há forma de entrar. Para o ladrão de bancos lá estar, alguém teria de ter desmontado parte da parede para o fechar lá dentro, e não há sinais disso nem no reboco nem na pintura. E também ninguém teria tido tempo. Jack solta uma série de imprecações que combinam certos termos sexuais com vários animais. Encosta-se à parede. Jim vê uma expressão de fracasso invadir o rosto do filho, encurtando a distância entre as suas orelhas e os seus ombros, por isso recorre a toda a sua compreensão paternal e tenta encorajá-lo:

– E o guarda-roupa?

– É demasiado pequeno – responde Jack secamente.

– Só na planta. Pelo que a Estelle explicou, é mais um quarto de vestir…

– O quê?

– Foi o que ela disse. Não estava nos meus apontamentos?

– Porque é que não disseste nada? – inquiriu Jack, já em movimento.

– Não pensei que fosse importante – defendeu-se Jim.

Quando Jack lá enfia a cabeça à procura do interruptor da luz, bate com a testa num cabide, precisamente no mesmo sítio onde já tem o grande galo. Dói tanto que dá um soco no cabide. E agora dói-lhe também a mão. Mas Jim tinha razão. Por trás de todos os casacos velhos, e fatos mais velhos, e caixas cheias de coisas ainda mais velhas que bloqueiam a parte da frente, o quarto de vestir é de

facto muito maior do que consta na planta.

# 40

Alguém bateu à porta do quarto de vestir.

*Truz-truz.*

– Entre! – exclamou Anna-Lena em tom esperançoso, e depois ficou abatida quando viu que não era Roger.

– Posso entrar? – perguntou Julia gentilmente.

– Para quê? – respondeu Anna-Lena com a cara virada para o lado, uma vez que considerava chorar uma atividade ainda mais privada do que ir à casa de banho.

Julia encolheu os ombros.

– Estou farta dos outros todos. Parece que você sente o mesmo. Se calhar temos algo em comum.

Anna-Lena tinha de admitir que há muito tempo que não tinha nada em comum com ninguém a não ser Roger, e a ideia parecia-lhe muito agradável. Assim, acenou com hesitação, sentada no seu banquinho, meio escondida por um cabide cheio de fatos de homem antiquados.

– Desculpe estar a chorar. Sei que eu é que agi mal.

Julia procurou onde se sentar e decidiu puxar um escadote que estava ao fundo da divisão e sentar-se no primeiro degrau.

– Quando engravidei, a primeira coisa que a minha mãe me disse foi: «Agora tens de aprender a chorar na despensa, Jules, porque as crianças assustam-se se chorarmos em frente delas.»

Anna-Lena limpou as lágrimas e espreitou de trás dos fatos.

– Foi a *primeira* coisa que a sua mãe lhe disse?

– Eu fui uma criança complicada, por isso ela tem um sentido de humor invulgar – explicou Julia com um sorriso.

Anna-Lena tentou também sorrir. Olhou para a barriga de Julia com carinho.

– E está tudo a correr bem? Consigo e… com o bebé?

– Oh, sim, obrigada. Faço chichi trinta e cinco vezes por dia, odeio peúgas e começo a pensar que os terroristas que fazem ameaças de bomba contra os

transportes públicos são na realidade grávidas que não suportam o cheiro das pessoas nos autocarros. Porque as pessoas cheiram mesmo mal. Acredita que no outro dia se sentou um velho ao meu lado a comer chouriço? Chouriço! Num autocarro! E sim, obrigada, eu e o bebé estamos bem.

– O que queria dizer é que deve ser terrível estar grávida e ser feita refém – observou Anna-Lena de forma gentil.

– Oh, deve ser tão mau como para si. Eu só tenho um bocadinho mais de peso à frente.

– Está com muito medo do ladrão de bancos?

Julia abanou lentamente a cabeça.

– Para ser franca, não. Nem sei se aquela pistola é verdadeira.

– Duvido muito – concluiu assertivamente Anna-Lena, embora não fizesse a mais pequena ideia se o era ou não.

– De qualquer modo, a polícia não deve tardar. Só temos de permanecer calmos – considerou Julia.

– Espero que sim.

– Na verdade, o ladrão de bancos parece ter mais medo do que nós.

– Sim, é capaz de ter razão.

– Como se sente?

– Não sei… na verdade, não sei. Magoei muito o Roger.

– Oh, algo me diz que aturou muito pior da parte dele ao longo dos anos, portanto duvido que já estejam quites.

– Não conhece o Roger. Ele é mais sensível do que as pessoas pensam. É só um pouco rígido nos seus princípios.

– Sensível e de princípios sólidos, ouve-se muito disso. – Julia acenou, pensando que era uma boa descrição de todos os velhos que começaram guerras ao longo da história da humanidade.

– Uma vez, um homem mais novo de barba preta perguntou ao Roger se podia ficar com o lugar dele num parque de estacionamento, e o Roger esperou vinte minutos para tirar o carro. Por uma questão de princípio!

– Que simpático – observou Julia.

– Não o conhece – repetiu Anna-Lena com o olhar distante.

– Com todo o respeito, Anna-Lena…, se o Roger fosse assim tão sensível como julga, ele é que estaria agora aqui a chorar.

– É sensível… por dentro. Só não compreendo como é que…, assim que viu o Lennart, partiu imediatamente do princípio de que éramos… de que estávamos a ter um *caso*. Como pôde pensar tal coisa de mim?

Julia estava a tentar encontrar uma forma confortável de se sentar no escadote e apanhou um vislumbre de si própria refletida no metal. Não era lisonjeiro.

– Se o Roger achou que a Anna-Lena lhe estava a ser infiel, é ele que tem um problema, não você.

Anna-Lena estava a fazer força com as mãos nas coxas para controlar o tremor dos dedos. Parou de pestanejar.

– Não conhece o Roger.

– Já conheci muitos homens como ele.

Anna-Lena abanou lentamente a cabeça.

– Ele esperou vinte minutos para tirar o carro por uma questão de princípio. Porque nessa manhã nas notícias um homem, um político, sugeriu que devíamos deixar de ajudar os imigrantes. Que eles vêm para cá a pensar que podem ter tudo de graça, e que a sociedade não pode funcionar assim. Praguejou muito e afirmou que são todos iguais, os imigrantes. E o Roger tinha votado no partido desse homem, percebe? O Roger tem ideias muito firmes sobre a economia e os impostos sobre os combustíveis e essas coisas; não gosta quando aparecem as pessoas de Estocolmo e decidem como deve viver quem não vive em Estocolmo. E o Roger pode ser muito sensível. Às vezes expressa-se de forma um pouco brusca, admito, mas tem os seus princípios. Ninguém pode dizer que ele não os tem. E nesse dia específico, depois de ouvirmos o político, estávamos no centro comercial; foi pouco antes do Natal, por isso o parque de estacionamento estava completamente cheio quando voltámos para o carro. Filas enormes. E o jovem da barba preta viu-nos a caminho do carro, abriu a janela e perguntou se íamos sair e se podia ficar com o nosso lugar.

Nesta altura, Julia estava pronta para se levantar e sair dali.

– Sabe que mais, Anna-Lena? Acho que não quero ouvir o resto da história…

Anna-Lena acenou com um ar compreensivo – não era certamente a primeira vez que alguém dizia isso das suas histórias. Mas estava já tão habituada a pensar em voz alta que acabou de a contar de qualquer maneira.

– Havia tantos carros que o jovem demorou vinte minutos a chegar à parte do parque onde nós estávamos. O Roger recusou-se a tirar o carro enquanto ele não chegasse. O homem tinha duas crianças pequenas no banco de trás do carro; eu não tinha reparado, mas o Roger viu-as. Quando arrancámos, disse ao Roger que tinha orgulho nele e ele respondeu que isso não significava que tivesse mudado de ideias em relação à economia e aos impostos dos combustíveis e às pessoas de Estocolmo. Mas também disse que sabia que, aos olhos daquele jovem, o Roger devia parecer o político da televisão: eram da mesma idade, com a mesma cor de cabelo, o mesmo dialeto, tudo igual. E o Roger não queria que o rapaz de barba pensasse que isso significava que éramos todos iguais em tudo.

Anna-Lena limpou o nariz à manga de um dos fatos e desejou que fosse a manga de Roger.

Vale a pena mencionar que, enquanto este episódio estava a ser relatado, Julia estava a tentar levantar-se, uma manobra que demorou um período considerável, portanto demorou também muito tempo a voltar a sentar-se em posição confortável. Só então abriu a boca e o primeiro som que dela saiu foi uma tossidela ofegante, seguida de uma gargalhada.

– Isso é ao mesmo tempo a coisa mais querida e mais ridícula que oiço há muito tempo, Anna-Lena.

A outra mulher baixou o rosto, algo embaraçada.

– Discutimos muito sobre política, o Roger e eu. Temos opiniões muito diferentes, mas conseguimos sempre… Eu acho que é possível compreender uma pessoa sem ter de concordar sempre com ela, percebe? E sei que as pessoas às vezes pensam que o Roger é um idiota, mas não é sempre um idiota, como as pessoas acham.

– A Ro e eu também votamos em partidos diferentes – admitiu Julia.

Pensou em acrescentar que Ro era uma *hippie* delirante no que se referia à política, e que às vezes só descobrimos essas coisas uns meses depois de estar com uma pessoa, mas decidiu ficar calada. Porque, na verdade, era perfeitamente possível amarem-se uma à outra apesar disso.

Anna-Lena limpou a cara toda à manga do casaco.

– Nunca devia ter feito nada pelas costas do Roger! Ele era muito bom no seu emprego, devia ter sido um dos chefes, mas nunca teve oportunidade. E agora fica tão aflito quando não… vence. Quero que ele se sinta um vencedor. Por isso, liguei àquele «Lennart Sem Limites» e ao princípio prometi a mim própria que seria apenas uma vez… só que se foi tornando cada vez mais fácil. Dizemos a nós próprios que… bom, claro que você é uma jovem, por isso é difícil de acreditar, mas… a mentira vai-se tornando mais fácil. Disse a mim própria que era para o bem do Roger, mas claro que era para o meu próprio bem. Já decorei tantos apartamentos para parecerem um lar, de modo que as pessoas entrem e pensem: «Oh, é aqui que eu quero viver!» Só gostava de poder ser eu essa pessoa, um dia. De assentar arraiais outra vez, algures. O Roger e eu não vivemos muito tempo em lado nenhum há anos. Temos estado apenas… de passagem.

– Há quanto tempo estão juntos?

– Desde os meus dezanove anos.

Julia pensou muito tempo antes de finalmente fazer a pergunta:

– Como é que consegue?

Anna-Lena respondeu sem pensar tempo nenhum.

– Amamo-nos um ao outro até não conseguirmos viver um sem o outro. E mesmo que às vezes deixemos de nos amar durante um bocadinho… continuamos a não conseguir viver um sem o outro.

Julia ficou em silêncio alguns minutos. A sua mãe vivia sozinha, mas os pais de Ro estavam casados havia quarenta anos. Por mais que Julia amasse Ro, esse pensamento às vezes horrorizava-a. Quarenta anos. Como é possível amar alguém durante tanto tempo? Com um gesto vago na direção das paredes, sorriu

e disse a Anna-Lena:

– A minha mulher dá comigo em doida. Quer fazer vinho e guardar queijo aqui dentro.

Anna-Lena enfiou o rosto molhado das lágrimas entre dois pares de calças de fato do mesmo tecido e respondeu, como se estivesse a revelar um segredo embaraçoso:

– Às vezes o Roger também dá comigo em doida. Usa o secador de cabelo para… bom, acho que pode imaginar… enfia-o debaixo da toalha. Não é assim que se usa um secador… não é aí. Dá-me vontade de gritar!

Julia estremeceu.

– Ugh! A Ro faz exatamente a mesma coisa. É tão nojento que me dá vontade de vomitar.

Anna-Lena mordeu o lábio.

– Tenho de admitir que nunca tinha pensado nisso. Que vocês também podiam ter problemas destes. Sempre parti do princípio de que viver com uma mulher seria mais fácil.

Julia desatou a rir.

– Não nos apaixonamos por um género, Anna-Lena. Apaixonamo-nos por um idiota.

Anna-Lena riu-se também, muito mais alto do que ria normalmente. Olharam uma para a outra. Anna-Lena tinha o dobro da idade de Julia, mas naquele momento tinham muito em comum. Ambas eram casadas com idiotas que não sabiam a diferença entre os vários tipos de cabelo. Anna-Lena olhou para a barriga de Julia e sorriu.

– É para quando?

– A qualquer momento! Estás a ouvir, meu pequeno *alien*? – respondeu Julia.

Anna-Lena não pareceu compreender a referência, mas fechou os olhos e disse:

– Nós temos um filho e uma filha. São da sua idade. Mas eles não querem ter filhos. O Roger reagiu muito mal. Quem o conhece assim, ou quem não o conhece bem, talvez não veja, mas ele seria um bom avô se tivesse oportunidade.

– Mas ainda há muito tempo para isso, não há? – questionou Julia, principalmente porque, se os filhos de Anna-Lena e Roger eram da sua idade, ela não queria ser considerada uma mãe velha.

Anna-Lena abanou a cabeça com tristeza.

– Não, eles já decidiram. E claro que a escolha é deles. É… é assim, hoje em dia. A minha filha diz que o mundo já está sobrepovoado e está preocupada com as alterações climáticas. Não percebo porque é que as ansiedades vulgares já não são suficientes. Será mesmo preciso arranjar mais motivos para uma pessoa se preocupar?

– É por isso que ela não quer ter filhos?

– Sim, é o que ela diz. A menos que eu tenha percebido mal. Provavelmente percebi mal. Talvez fosse bom para o ambiente se houvesse menos pessoas, não sei. Tudo o que queria era que o Roger se sentisse outra vez importante.

Julia não estava a seguir a lógica.

– E os netos fariam com que ele se sentisse importante?

Anna-Lena sorriu debilmente.

– Alguma vez deu a mão a uma criança de três anos no regresso a casa depois da creche?

– Não.

– Nunca somos mais importantes do que nesse momento.

Ficam sentadas, sem mais nada que dizer, a estremecer de vez em quando por causa da corrente de ar. Nenhuma delas se lembra de ir ver de onde vem a corrente de ar.

# 41

Estelle moveu-se silenciosamente pelo vestíbulo. O seu velho corpo era tão leve que daria uma excelente caçadora se não falasse tanto. Olhou com condescendência para o ladrão de bancos, Ro e Roger, todos sentados no banco, e quando nenhum deles reparou nela, pigarreou e perguntou, em tom apologético:

– Posso perguntar se alguém tem fome? Há comida no congelador; eu podia fazer qualquer coisa. Isto é, imagino que haja comida. Na cozinha. Normalmente as pessoas têm comida na cozinha.

Estelle não conhecia uma maneira melhor de mostrar que se preocupava com as pessoas do que perguntar-lhes se tinham fome. O ladrão de bancos lançou-lhe um sorriso simultaneamente triste e grato.

– Era ótimo comer qualquer coisa, mas não quero dar trabalho.

Ro, por outro lado, acenou entusiasticamente, quanto mais não fosse porque tinha tanta fome que estava a comer uma lima com casca e tudo.

– Podíamos mandar vir uma piza, não?

A ideia agradou-lhe tanto que, sem querer, deu uma cotovelada a Roger, que pareceu despertar de pensamentos profundos e levantou a cabeça.

– O quê?

– Piza! – repetiu Ro.

– Piza? Agora? – Roger olhou para o relógio.

O ladrão de bancos, a quem ocorrera outro pensamento, suspirou com resignação.

– Não. Para começar, não tenho dinheiro que chegue para mandar vir piza. Nem sequer consigo fazer reféns sem os matar à fome…

Roger cruzou os braços e olhou para o ladrão de bancos, desta vez não com uma expressão crítica, e sim curiosa.

– Posso perguntar qual é o seu plano? Como é que está a pensar sair daqui?

O ladrão de bancos pestanejou com força e admitiu, sem se dar ao trabalho de disfarçar:

– Não sei. Não pensei neste cenário. Só estava a tentar… só precisava de dinheiro para a renda, porque estou no meio de um divórcio e o advogado disse que podia ficar sem as minhas filhas. As minhas meninas. Oh, é uma longa história, não quero aborrecer-vos… desculpem. Provavelmente o melhor é eu entregar-me, eu sei.

– Se sair para a rua agora, para se entregar, a polícia pode disparar – lembrou Ro, de forma não muito encorajadora.

– Não diga isso! – exclamou Estelle.

– Provavelmente é verdade. Eles estão a considerar que se trata de uma pessoa armada e perigosa e, regra geral, quando se trata de pessoas assim disparam sem fazer perguntas – acrescentou Roger em tom informativo.

De repente, a máscara de esqui ficou húmida à volta dos buracos dos olhos.

– Isto nem sequer é uma pistola a sério.

– Não parece verdadeira – concordou Roger, com base na sua quase total falta de experiência no assunto.

O ladrão de bancos murmurou:

– Que idiota! Sou um fracasso e isto foi uma estupidez. Não tenho plano nenhum. Se eles quiserem dar-me um tiro, bem podem fazê-lo. Não faço nada bem.

O ladrão de bancos levantou-se e dirigiu-se à porta do apartamento com uma determinação renovada.

Foi Ro que se levantou e lhe bloqueou o caminho. Em parte porque o ladrão de banco falara nas filhas, claro, mas também porque nesta fase da sua vida Ro conseguia sentir bastante empatia por alguém que achava que estava sempre a fazer tudo mal.

– O quê?! Vai desistir assim, depois disto tudo? – exclamou. – Não podemos pelo menos mandar vir a piza? Nos filmes de reféns a polícia fornece sempre piza! De graça!

Estelle cruzou as mãos à frente do estômago e acrescentou:

– Não tenho nada contra piza. Acham que mandariam também uma salada?

Roger resmungou, sem levantar os olhos:

– De graça? Está a falar a sério?

– Muito a sério – garantiu Ro. – Os reféns têm *sempre* piza nos filmes! Se pensarmos numa maneira de contactar a polícia, podemos pedir piza!

Roger olhou para o chão durante muito, muito tempo. Depois olhou de relance para a porta fechada do quarto de vestir do outro lado do apartamento, tentando sentir a presença da mulher através dela. Tinha a pele debaixo dos olhos a tremelicar. Por fim, decidiu-se a agir, porque, na experiência de Roger, nada de bom resultava de estar a pensar muito tempo nas coisas. Por isso, bateu com as mãos nos joelhos e levantou-se. Ia tomar a iniciativa. E bastava isso para o fazer sentir-se mais quente por dentro.

– Muito bem! Vou organizar a entrega de piza!

Dirigiu-se à varanda. Estelle começou à procura de pratos na cozinha. Ro, por sua vez, foi ao quarto de vestir perguntar a Julia que piza queria. O ladrão de bancos ficou no vestíbulo, com a pistola na mão, a murmurar entre dentes:

– Os piores reféns de sempre. Vocês são os *piores* reféns de sempre.

# 42

Jack e Jim viram o quarto de vestir do avesso, mas não encontram sinais do ladrão de bancos. A arca ao fundo está vazia, tirando uma coleção de garrafas de vinho quase vazias – e que raio de bêbado é que esconde garrafas de vinho no quarto de vestir? Tiram as roupas todas, fatos de homem e alguns vestidos que parecem ter sido fabricados antes da invenção da televisão a cores. Porém, não encontram mais nada. Jim fica tão encalorado durante a busca que nem repara na corrente de ar frio. É Jack que para e fareja o ar sonoramente, como um cão pisteiro num festival de música.

– Cheira a fumo de cigarro aqui dentro – nota ele, apalpando cuidadosamente o alto na testa.

– Talvez um dos potenciais compradores se tenha escapulido até aqui para fumar. Seria compreensível, dadas as circunstâncias – sugere Jim.

– Sim… Mas se fosse isso, cheiraria MAIS a fumo. Não cheira a tabaco em mais lado nenhum do apartamento, portanto é quase como se alguém tivesse…, não sei, arejado o guarda-roupa?

– Como é que isso seria possível?

Jack não responde; limita-se a percorrer o espaço à procura da corrente de ar que, ao princípio, julgara ser imaginação sua. De súbito, pega num escadote que está caído no chão, afasta um monte de roupas, sobe os degraus e começa a bater no teto com a palma da mão até alguma coisa ceder.

– Há aqui uma conduta de ventilação antiga, ou coisa parecida!

Jim não tem tempo de responder antes de Jack enfiar a cabeça no buraco. Jim aproveita a oportunidade para sacudir as garrafas de vinho que encontrou na arca, e bebe um trago de uma que não está completamente vazia. Porque o vinho também não se estraga.

Jack diz de cima do escadote:

– Há aqui uma passagem estreita, por cima do teto falso. Parece-me que a corrente de ar vem do sótão.

– Uma passagem? E é larga o suficiente para uma pessoa conseguir rastejar e

sair noutro lado qualquer? – pergunta Jim.

– Não sei; é muito estreita, mas uma pessoa magra talvez… Espera aí…

– Consegues ver alguma coisa?

– Estou a tentar iluminar com a lanterna para ver onde vai dar, mas está qualquer coisa… peluda… no caminho.

– Peluda? – repete Jim em tom ansioso, a pensar em todos os animais que Jack não gostaria de encontrar mortos numa conduta de ventilação. Jack não gosta da maioria dos animais mesmo quando estão vivos.

Jack pragueja, puxa o objeto e atira-o a Jim. É uma cabeça de coelho.

# 43

Roger olhou por cima do parapeito da varanda para a polícia lá em baixo, respirou fundo e gritou:

– Precisamos de provisões!

– Médicas? Há alguém ferido? – respondeu um dos polícias. Chamava-se Jim, não ouvia lá muito bem e não tinha passado por muitas situações de reféns antes. Ou, para sermos rigorosos, por nenhuma.

– Não! Queremos comer! – gritou Roger.

– Correr? – gritou o polícia.

Havia outro polícia mais novo ao lado que estava a tentar silenciar o mais velho para conseguir perceber Roger, mas claro que o mais velho não estava a dar-lhe ouvidos.

– NÃO! PIZA! – berrou Roger; no entanto, como tinha algodão enfiado em ambas as narinas, soou mais como «pinça».

– MELISSA? HÁ UMA MELISSA FERIDA? – gritou o polícia mais velho.

– NÃO ESTÁ A PERCEBER!

– O QUÊ?

– CALA-TE, PAI, PARA EU O OUVIR! – gritou lá em baixo o polícia mais novo ao mais velho, mas entretanto Roger já deixara a varanda, frustrado. Na verdade, não praguejava desta maneira desde que um grupo de malditos ativistas mudara o nome dos seus chocolates preferidos porque o nome antigo era considerado um insulto a sabe-se lá quem. Entrou de novo no apartamento, irritado, e agitou o bloco de notas e o lápis do IKEA.

– Vamos fazer uma lista e atirá-la lá para baixo – declarou. – Que piza é que vocês querem? Você primeiro! – ordenou, apontando para o ladrão de bancos.

– Eu? Oh, para mim tanto faz. Qualquer coisa serve – respondeu o ladrão de bancos em voz fraca.

– Mas os seus ouvidos funcionam mal? Tome uma decisão, por uma vez na vida! Caso contrário, nunca terá o respeito de ninguém! – exclamou Zara do sofá (onde só se tinha sentado depois de ir buscar uma toalha à casa de banho para

colocar entre ela e a almofada, porque sabe-se lá que tipo de pessoas se tinham sentado ali antes dela. Provavelmente indivíduos com tatuagens e sabe Deus que mais).

– Não consigo decidir – disse o ladrão de bancos, e provavelmente eram as palavras mais verdadeiras que pronunciara o dia todo. Quando somos crianças, sonhamos em ser adultos para decidir tudo sozinhos; porém, quando somos adultos, percebemos que essa é a parte pior. Que temos de ter sempre opiniões, de decidir em que partido votar e de que papel de parede gostamos mais e quais são as nossas preferências sexuais e que sabor de iogurte reflete melhor a nossa personalidade. Temos de fazer escolhas e ser escolhidos pelos outros, a cada segundo, o tempo todo. Na opinião do ladrão de bancos, essa era a pior parte do divórcio, porque uma pessoa pensava que já estava livre disso e agora tinha de recomeçar a tomar decisões sobre tudo. Já tinham papel de parede e loiças, o mobiliário da varanda era quase novo e as crianças estavam prestes a começar as aulas de natação. Tinham uma vida juntos; não era suficiente? O ladrão de bancos tinha chegado a um ponto na vida em que tudo parecia… completo, finalmente. O que significa que não estava em condições de ser outra vez lançado para o meio da selva para tentar voltar a descobrir quem era. O ladrão de bancos tentou fazer sentido de todos estes pensamentos, mas não teve tempo antes de Zara voltar a interromper:

– Tem de fazer exigências!

Roger concordou.

– Na verdade, ela tem razão. Se não o fizer, a polícia começará a ficar nervosa e é aí que começam a disparar. Vi um documentário sobre isso. Quando alguém faz reféns, tem de comunicar o que quer à polícia para eles poderem começar a negociar.

O ladrão de bancos respondeu, com um ar infeliz:

– Quero ir para casa, para junto das minhas filhas.

Roger refletiu nisso por um momento. Depois, disse:

– Vou apontar uma *capricciosa* para si. Toda a gente gosta de *capricciosa*. A seguir! Que piza quer?

Estava a olhar para Zara. Esta parecia num estado de choque absoluto.

– Eu? Eu não como piza.

Quando ia a um restaurante, Zara pedia sempre marisco, e deixava bem claro que queria que fosse servido com a casca intacta, para ter a certeza de que ninguém na cozinha tocara no interior. Se o restaurante não tinha marisco, Zara pedia ovos cozidos. Odiava frutos vermelhos, mas gostava de bananas e coco. A sua ideia de inferno era um bufete eterno em que ficava presa na fila atrás de alguém com uma constipação.

– Toda a gente vai comer piza! Além disso, é de graça! – esclareceu Roger, com um espirro mesmo na altura errada.

Zara franziu o nariz e, logo a seguir, o resto da cara.

– As pessoas comem piza com as mãos. As mesmas mãos que usam para fazer obras em apartamentos.

Obviamente, Roger não se deixou intimidar. Olhou para a mala, sapatos e relógio de pulso de Zara e escreveu qualquer coisa no bloco.

– Eu digo-lhes que você quer a piza mais cara que houver, pode ser? Talvez tenham alguma com trufas, folha de ouro e uma tartaruga bebé em vias de extinção, ou uma *marinara* snobe qualquer. A seguir!

Estelle parecia preocupada por ter de decidir tão depressa, portanto, exclamou:

– Pode ser uma igual à da Zara.

Roger olhou para ela de lado e escreveu «*capricciosa*» no seu bloco.

A seguir era a vez de Ro, cujo rosto assumiu uma expressão que só uma mãe ou um fabricante de desfibriladores poderia amar.

– Uma piza de carne picada com molho de alho! Molho extra! E carne extra. De preferência, um pouco chamuscada. Espere, deixe-me ver o que a Jules quer.

Bateu à porta do quarto de vestir.

– *O que é?* – gritou Julia.

– *Vamos pedir piza!* – berrou Ro.

– *Eu quero uma havaiana sem ananás e sem fiambre, mas com banana e amendoins, e diz-lhes que não a cozam de mais!*

Ro respirou tão fundo que as suas costas deram um estalo. Inclinou-se mais para a porta.

– Não podes escolher uma piza que esteja na ementa por uma vez, querida? Uma piza normal? Porque é que eu tenho sempre de ligar e dar uma lista de instruções que mais parece que estou a ajudar um cego a aterrar um avião?

*– E extra queijo se o queijo for bom! Pergunta se têm queijo bom!*

*– Porque é que não podes pedir uma piza da ementa como uma pessoa normal?*

Não se percebeu bem se Julia não ouvira Ro ou se estava a ignorá-la de propósito, porque gritou de dentro do quarto de vestir:

*– E azeitonas! Mas não das verdes!*

– Isso não é uma havaiana – murmurou Ro muito baixinho com os seus botões.

*– Claro que é!*

Roger fez os possíveis por apontar tudo. Depois, a porta do quarto de vestir abriu-se, Julia espreitou e, do nada, participou em tom amável:

– A Anna-Lena diz que quer o mesmo que o Roger.

Roger acenou lentamente e olhou para o bloco de notas. Teve de ir à cozinha escrever outra lista sem ninguém ver, porque não conseguia escrever no papel molhado. Quando voltou para a sala, o coelho levantou timidamente a mão.

– Eu queria uma… – disse a voz do interior da cabeça.

– *Capricciosa!* – interrompeu Roger, tentando ainda conter as lágrimas. Lançou ao coelho um olhar que indicava que esta não era boa altura para se ser vegetariano ou outro disparate qualquer; por isso, o coelho assentiu com um aceno e murmurou:

– Eu posso tirar o fiambre. Tudo bem, não há problema.

Roger olhou então em volta, à procura de algo pesado o suficiente para prender o papel, e por fim encontrou um objeto redondo que parecia ter a densidade adequada. Foi assim que a polícia ouviu alguém gritar novamente à varanda e, quando Jack olhou para cima, levou com uma lima na testa.

Àquela distância, uma lima faz um galo respeitável.

# 44

Jack só consegue enfiar metade do corpo no espaço por cima do quarto de vestir. Depois, Jim tem de subir ao escadote e puxar-lhe ambos os pés com toda a força, como se o filho fosse uma ratazana que se enfiou numa garrafa de refrigerante para beber o conteúdo e ficou demasiado gorda para conseguir sair. Quando finalmente Jack se liberta, caem os dois no chão, Jim com estrondo e Jack com um baque. Ficam deitados no chão do quarto de vestir, rodeados de roupa interior feminina do século passado, com a cabeça de coelho a rebolar e as bolas de cotão a fugirem à sua frente. Jack lança-se em mais uma demonstração verbal dos seus conhecimentos da anatomia de animais de quinta, antes de se levantar e dizer:

– Bom, é uma velha conduta de ventilação muito estreita, mas está fechada na outra ponta. O fumo de cigarro pode passar, mas seria impossível uma pessoa sair por ali. Nem pensar.

Jim parece infeliz, essencialmente porque Jack parece infeliz. O pai fica ainda alguns instantes no quarto de vestir depois de o filho sair intempestivamente, dando-lhe tempo para dar algumas voltas à sala e esgotar as imprecações. Quando por fim sai, encontra Jack em frente da lareira, a pensar.

– Achas que o ladrão de bancos pode ter saído por aí? – pergunta Jim.

– Mas tu achas que és o Pai Natal ou quê? – responde Jack, com uma crueldade desnecessária, de que se arrepende de imediato. No entanto, há cinzas no fundo da grelha, e ainda estão mornas. Alguém acendeu a lareira há pouco tempo. Quando Jack remexe as cinzas cuidadosamente com a lanterna, encontra os restos de uma máscara de esqui. Ergue-a à luz. Olha para o sangue no chão e para as mobílias à sua volta, e tenta encaixar as peças do *puzzle*.

Entretanto, Jim vagueia sem destino pelo apartamento e dá por si na cozinha, onde abre o frigorífico (o que talvez indique que se calhar as suas deambulações tinham um destino concreto). Vê restos de piza num prato de loiça cuidadosamente coberto com película aderente. Quem faria uma coisa dessas no

meio de um drama de reféns? Jim fecha o frigorífico e regressa à sala. Jack ainda está ao pé da lareira, com a máscara de esqui parcialmente queimada na mão, os ombros abatidos em resignação.

– Não, não estou a ver como ele saiu do apartamento, pai. Tentei olhar para a situação de todos os ângulos, possíveis e impossíveis, mas ainda não compreendo como raio…

Jack parece tão triste que o pai tenta de imediato animá-lo com algumas perguntas.

– E o sangue? Como é que o ladrão de bancos podia ter perdido tanto sangue e mesmo assim… – começa Jim, mas é interrompido por uma voz vinda da porta. É o polícia que está de guarda ao apartamento.

– Ah, isso não é o sangue do ladrão de bancos – observa ele em tom animado, enquanto tira qualquer coisa dos dentes.

– O quê? – pergunta Jack.

– *Ichoooiiaanghassso* – diz o polícia, com a mão quase toda enfiada na boca, como se o sangue não fosse nem de longe tão importante como a recordação do almoço que ali ficou presa. A mão reaparece com um pedaço de caju entre os dedos, e a boca agora libertada sorri e parece muito feliz.

– Desculpe? – diz Jim, com a paciência a esgotar-se rapidamente.

O polícia alegre aponta para o sangue seco no chão.

– Eu disse que isso é sangue falso. Vejam como está a secar. O sangue verdadeiro não é assim – explica, com o pedaço de caju na mão, como se não soubesse bem se há de deitá-lo fora ou emoldurá-lo como recordação dessa grande proeza.

– Como sabe? – pergunta Jim.

– Sou mágico nos meus tempos livres. Bom, para ser mais exato, sou *polícia* nos tempos livres!

A sua expectativa de fazer Jim e Jack rir-se da piada revela-se demasiado otimista, portanto, tosse com um ar desanimado e acrescenta:

– Faço alguns espetáculos, de vez em quando. Em lares de terceira idade e assim. Às vezes finjo que me corto e uso sangue falso. Sou bastante bom, na

verdade. Se algum de vocês tiver um baralho de cartas no bolso, posso…

Jack, que nunca em toda a sua vida teve ar de uma pessoa que «tem um baralho de cartas no bolso», aponta para o sangue.

– Então tem a certeza de que isto não é sangue verdadeiro?

O outro polícia assente com um ar confiante.

Jack e Jim trocam um olhar pensativo. Depois, acendem as lanternas, apesar de as luzes do teto estarem ligadas, e começam a inspecionar o apartamento, centímetro a centímetro. Uma volta, e outra, e mais outra. A olhar para tudo, mas sem ver nada de novo. Uma tigela de limas ao lado das caixas de piza em cima da mesa. Todos os copos em cima de bases. Um marcador no chão a indicar onde é que a polícia encontrou a pistola. Mesmo ao lado, uma mesinha com um candeeiro.

– Pai? O telemóvel que mandámos para o criminoso, onde é que o encontrámos quando entrámos no apartamento? – pergunta Jack de repente.

– Estava ali, naquela mesinha – indica Jim.

– Isso explica tudo – suspira Jack.

– O quê?

– Temos estado a olhar para a situação de forma completamente errada.

# 45

*Interrogatório a testemunha*
*Data:* 30 de dezembro
*Nome das testemunhas:* «Jules» e «Ro»

**JACK:** Uma vez que são testemunhas de um crime desta gravidade, tenho mesmo de insistir em falar convosco separadamente, e não com as duas ao mesmo tempo.

**JULES:** Porquê?

**JACK:** Porque é assim que as coisas se fazem.

**JULES:** Desculpe, mas por acaso o seu corpo foi possuído por um demónio que fala como a minha mãe? Que raio quer dizer «porque é assim que as coisas se fazem»?

**JACK:** São testemunhas de uma investigação criminal. Há regras.

**JULES:** Alguma de *nós* é suspeita de ter cometido um crime?

**JACK:** Não.

**JULES:** Sendo assim, fazemos isto juntas. Sabe porquê?

**JACK:** Não.

**JULES:** Porque é *assim* que as coisas se fazem!

**JACK:** Meu Deus, se alguma vez existiu um grupo de testemunhas mais complicado, gostava de saber onde.

**JULES:** Desculpe?

**JACK:** Não disse nada.

**JULES:** Claro que disse. Eu ouvi-o a resmungar entre dentes.

**JACK:** Não era nada. Está bem, podem ficar as duas!

**RO:** A Jules está só preocupada com a possibilidade de eu dizer alguma coisa estúpida se ela não estiver aqui.

**JULES:** Está calada, querida.

**RO:** Está a ver?

**JACK:** Por amor de Deus, mas vocês nunca se calam? Já concordei que vou falar com as duas ao mesmo tempo! Embora não seja assim que as coisas se fazem!

**RO:** É preciso estar tão zangado?

**JACK:** Não estou zangado!

**RO:** Está bem.

**JULES:** Claro que não.

**JACK:** Preciso dos vossos nomes verdadeiros.

**RO:** Estes são os nossos nomes verdadeiros.

**JACK:** São alcunhas, com certeza!

**JULES:** Por favor, não pode concentrar-se nas perguntas que tem a fazer? O resto não interessa, pois não? Preciso de ir à casa de banho.

**JACK:** Claro, claro. Porque «como se chama?» é uma pergunta muito complicada.

**JULES:** Pare de resmungar e faça lá as perguntas.

**JACK:** Bom, eu sou *apenas* um agente das forças policiais, portanto, claro que é perfeitamente razoável ser *você* a decidir o que vai acontecer aqui.

**JULES:** O quê?

**JACK:** Nada. Só preciso de confirmar que vocês as duas estiveram dentro do apartamento durante a totalidade da situação de reféns.

**RO:** Bom, «situação de reféns» parece uma descrição muito dura.

**JULES:** Por favor, Ro, controla-te. O que é que achas que fomos, se não reféns? Acidentalmente ameaçados com uma pistola?

**RO:** Fomos mais uma consequência infeliz de algumas más decisões.

**JULES:** Porque alguém tropeçou e caiu dentro de uma máscara de esqui?

**JACK:** Por favor, podem ambas tentar concentrar-se na minha pergunta?

**JULES:** Qual pergunta?

**JACK:** Estiveram sempre dentro do apartamento?

**RO:** A Jules esteve bastante tempo dentro da saleta. Para os *hobbies*.

**JULES:** Não é uma saleta de *hobbies*!

**RO:** Pronto, no *closet*. Não sejas tão picuinhas.

**JULES:** Sabes perfeitamente como se chama.

**JACK:** Esteve dentro do armário? Durante quanto tempo? Ou melhor, quanto tempo demorou a sair do armário?

**JULES:** O que é que acabou de me perguntar?

**JACK:** Quer dizer… bom… Não, não era isso que queria dizer!

**JULES:** Certo. Então o que é que queria dizer, exatamente?

**JACK:** Nada. Não queria dizer «sair do armário» em qualquer sentido, exceto no sentido em que se encontrava fisicamente

dentro de um… bom, de um guarda-roupa.

**JULES:** Estivemos sempre no apartamento.

**RO:** Porque é que pareces tão zangada?

**JULES:** Talvez sejam as *hormonas*, Ro? É isso que estás a insinuar?

**RO:** Não, a sério que não. Bom, pelo menos eu nunca disse essas palavras, portanto não conta.

**JACK:** Compreendo que tiveram um dia difícil, mas estou apenas a tentar perceber onde todas as pessoas se encontravam nos vários momentos. Por exemplo, quando as pizas foram entregues.

**RO:** Porque é que isso é importante?

**JACK:** É a última altura em que sabemos com certeza absoluta que o criminoso estava dentro do apartamento.

**RO:** Eu estava sentada na *chaise-longue* quando comemos a piza.

**JACK:** O quê?

**JULES:** É aquela parte ao fundo do sofá. Uma espécie de divã.

**RO:** Não, não é… Quantas vezes tenho de te explicar que aquilo não tem nada a ver com um divã? Sabes como é que se vê que uma *chaise-longue* não é um divã? Porque, se fosse, chamava-se *divã*!

**JULES:** Deus me dê forças! Vamos ter a mesma discussão de quando eu não sabia o que era uma penteadeira? Sabe o que é uma penteadeira?

**JACK:** Alguém que penteia?

**JULES:** Estás a ver?

**RO:** *Não é alguém que penteia*!

**JULES:** Pelos vistos, é um móvel com gavetas e um espelho.

**JACK:** Não fazia ideia.

**JULES:** Nenhuma…

**RO:** Mas vocês… A sério? Uma penteadeira é uma espécie de prima de um toucador. Presumo que sabem o que é um toucador?

**JULES:** Mas como é que podes saber isso e, ao mesmo tempo, não saber o que é um *closet*?

**RO:** Porque *closet* é uma palavra usada por quem publica coisas sobre sumos verdes e não faz um cocó sólido há três anos, enquanto uma penteadeira é uma peça de mobília normal!

**JULES:** Está a ver o que eu tenho de aturar? O ano passado andou três meses obcecada com toucadores e penteadeiras porque ia

ser marceneira. Pouco antes, ia ser instrutora de ioga e, logo a seguir, ia ser gestora de fundos financeiros.

**RO:** Porque é que tens sempre de exagerar? Nunca quis ser gestora de fundos financeiros.

**JULES:** O que era, então?

**RO:** Negociante de ações.

**JULES:** Qual é a diferença?

**RO:** Não cheguei a aprender. Foi mais ou menos na altura em que comecei a interessar-me por queijos.

**JACK:** Gostava de voltar à minha pergunta.

**RO:** Parece muito stressado. Não é bom estar a morder a língua dessa maneira.

**JACK:** Estaria menos stressado se respondessem à minha pergunta.

**JULES:** Sentámo-nos no sofá e comemos piza. É essa a resposta à sua pergunta.

**JACK:** Obrigado! E quem é que estava no apartamento nessa altura?

**JULES:** Nós as duas. Estelle. Zara. Lennart. Anna-Lena e Roger. Assaltante…

**JACK:** E a agente imobiliária?

**JULES:** Claro.

**JACK:** Onde estava a agente imobiliária?

**JULES:** Nesse preciso momento?

**JACK:** Sim.

**JULES:** Mas eu tenho cara de GPS?

**JACK:** Estou apenas a pedir-lhe que me confirme que estavam todos sentados à volta da mesa a comer piza.

**JULES:** Suponho que sim.

**JACK:** Supõe que sim?

**JULES:** Qual é o seu problema? Estou grávida e havia pessoas com armas e tinha muito em que pensar; não sou uma educadora de infância a contar cabeças no autocarro.

**RO:** Isto é um rebuçado?

**JACK:** É uma borracha.

**JULES:** Para de comer tudo!

**RO:** Estava só a perguntar!

**JULES:** Sabe que ela abre o frigorífico em todos os apartamentos que vamos ver? Parece-lhe um comportamento aceitável?

**JACK:** Não quero saber disso, a sério.

**RO:** Eles *querem* que as pessoas abram o frigorífico. Faz tudo parte da «encenação da casa» feita pelos agentes imobiliários. Toda a gente sabe isso. Uma vez encontrei *tacos*. Ainda estão entre os três melhores *tacos* que alguma vez comi.

**JULES:** Espera aí… Comeste os *tacos*?

**RO:** Estão lá para nós comermos.

**JULES:** Comeste comida que encontraste no frigorífico de um desconhecido qualquer? Estás a gozar?

**RO:** Que mal tem? Eram de frango. Bom, acho que era frango. Tudo sabe a frango depois de estar há algum tempo no frigorífico. Menos tartaruga. Já te contei de quando comi tartaruga?

**JULES:** O quê? Não! Para imediatamente de falar antes que eu vomite, a sério.

**RO:** Como assim, paro de falar? Tu é que estás sempre a dizer que queres que saibamos tudo uma sobre a outra!

**JULES:** Bom, mudei de ideias. Neste momento, acho que sabemos exatamente a quantidade certa de coisas uma sobre a outra.

**RO:** Acha que é estranho comer *tacos* num apartamento para venda aberto a visitas?

**JACK:** Agradecia muito que não me envolvessem nisto.

**JULES:** Ele acha que é chocante.

**RO:** Não foi o que ele disse! Sabe o que é chocante? A Jules esconde rebuçados e chocolates. Que adulto faz uma coisa dessas?

**JULES:** Escondo o chocolate *caro*, sim, porque sou casada com um sorvedouro de comida.

**RO:** É mentira. Uma vez descobri que ela comprou chocolate sem açúcar. Sem açúcar! E escondeu-o também, como se eu não conseguisse resistir a chocolate sem açúcar. Como se eu fosse uma psicopata qualquer.

**JULES:** Tu comeste-o!

**RO:** Para te ensinar uma lição. Não por gostar.

**JULES:** Está bem. Agora estou preparada para responder às suas perguntas!

**JACK:** Uau, que sorte a minha.

**JULES:** Quer fazer-me perguntas ou não?

**JACK:** Está bem. Quando o criminoso vos libertou e saíram do

apartamento, lembra-se de quem desceu as escadas consigo?

**JULES:** Todos os reféns, claro.

**JACK:** Importa-se de os identificar, por favor, pela ordem que se lembra de eles terem descido as escadas?

**JULES:** Claro. Eu e a Ro, a Estelle, o Lennart, a Zara, a Anna-Lena e o Roger.

**JACK:** E a agente imobiliária?

**JULES:** Sim, e a agente imobiliária.

**JACK:** A agente imobiliária também devia estar convosco, certo?

**JULES:** Estamos quase despachadas, ou quê?

**RO:** Tenho fome.

# 46

Todos os profissionais têm conhecimentos que quem está de fora não compreende, como ferramentas e instrumentos e terminologia complicada. Talvez a força policial mais do que a maioria, uma vez que a linguagem está em constante mutação e os agentes mais antigos vão perdendo o fio à meada à mesma velocidade a que os agentes mais jovens a reinventam. Isso explica porque é que Jim não sabia como se chamava o raio da coisa, a coisa do telemóvel. Só sabia que era uma coisa especial que permitia que as pessoas fizessem telefonemas mesmo quando quase não havia rede, e que Jack ficara encantado por a esquadra ter recebido um telemóvel com essa coisa. Jack conseguia ficar mais encantado com engenhocas telefónicas do que Jim achava razoável, mas como fora esse o telemóvel que mandaram para o ladrão de bancos na fase final do drama dos reféns, acabou por se revelar bastante útil. Na verdade, foi Jim que teve a ideia, da qual ficou muito orgulhoso. Pouco depois de os reféns terem sido libertados, o negociador ligou para o ladrão de bancos através desse telemóvel, de modo a tentar negociar uma rendição pacífica. E foi então que ouviram o tiro.

Claro que Jack explicara a tecnologia do telemóvel a Jim, com grande pormenor, pelo que Jim continua obviamente a chamar-lhe «aquele telemóvel com a engenhoca especial que apanha rede mesmo quando não há rede». Quando estavam a preparar-se para o mandar para o ladrão de bancos, Jack mandou Jim certificar-se de que o sinal de toque estava devidamente configurado. E, claro, não estava.

Jack estava a olhar em volta no apartamento.

– Pai, verificaste se o sinal de toque do telemóvel estava ligado quando o mandámos?

– Sim! Sim, sim, sim, claro – responde Jim.

– Portanto… não?

– Sou capaz de me ter esquecido. Talvez.

Jack esfrega a cara toda com as palmas das mãos, frustrado.

– Poderia estar em modo vibração?

– Poderia estar, sim.

Jack estende a mão e toca na mesinha onde o telemóvel se encontrava quando invadiram o apartamento. Está apoiada apenas em três pernas, um desafio à gravidade. Olha para o sítio no chão onde encontraram a pistola. Depois, segue uma linha invisível com o olhar até às cortinas verdes. A bala está na parede.

– O criminoso não disparou contra si próprio – reflete Jack em voz baixa.

Ocorre-lhe então que o criminoso nem sequer estava no apartamento quando o tiro foi disparado.

– Não percebo – diz Jim atrás dele, não em tom zangado, como alguns pais fariam, mas com orgulho, como só alguns pais conseguiriam. Jim gosta de ouvir o filho explicar o raciocínio por detrás das suas conclusões, mas não há qualquer satisfação na voz de Jack quando o faz agora.

– O telemóvel estava em cima daquela mesa desequilibrada, pai. A pistola devia estar ao lado. Quando ligámos para o telemóvel depois de todos os reféns serem libertados, este começou a vibrar, a mesa abanou e a pistola caiu no chão e disparou. Pensámos que o criminoso tinha atirado sobre si próprio, mas ele nem sequer estava aqui. Já tinha saído. O sangue… o sangue falso ou lá o que é… deve ter sido espalhado antes.

Jim olha para o filho durante muito tempo. Depois coça o queixo.

– Sabes que mais? Por um lado, este parece ser o crime mais inteligente de todos os tempos…

Jack acena com a cabeça, leva os dedos ao grande galo na testa e termina o pensamento do pai:

– … e por outro, parece ter sido executado por um perfeito idiota.

Pelo menos um deles está certo.

Jack senta-se no sofá e Jim deixa-se cair ao seu lado como se tivesse sido empurrado. Jack pega na pasta, tira todos os apontamentos dos interrogatórios às

testemunhas e espalha-os à sua volta sem explicar o que está a fazer. Lê tudo outra vez. Quando pousa a última página, morde metodicamente a língua, porque é aí que reside o *stress* de Jack.

– Sou um idiota – afirma.

– Porquê? – pergunta Jim.

– Maldição! Com mil… Sou um *idiota*! Quantas pessoas estavam no apartamento, pai?

– Referes-te aos potenciais compradores?

– Não, no total: quantas pessoas estavam no apartamento no *total*?

Jim começa a enumerar, na esperança de que isso faça parecer que está a perceber alguma coisa.

– Vejamos… sete potenciais compradores. Ou, bom… na realidade, apenas aquelas duas, a Ro e a Jules, e o Roger e a Anna-Lena, e a Estelle, que não estava realmente interessada em comprar o apartamento…

– Aí estão cinco – conclui Jack com um aceno impaciente.

– Cinco, sim. É isso. Mais a Zara, que não sabemos bem o que estava aqui a fazer. E o Lennart, que estava aqui porque a Anna-Lena o contratou. Portanto, isso faz… Um, dois, três, quatro, cinco…

– Sete pessoas no total! – confirma Jack com um aceno.

– Mais o criminoso – acrescenta Jim.

– Exatamente. E também… a agente imobiliária.

– Mais a agente imobiliária, sim; portanto, são nove! – declara Jim, imediatamente animado pelo seu próprio raciocínio matemático.

– Tens a certeza, pai? – Jack suspira.

Olha para o pai durante muito tempo, à espera que ele compreenda, mas sem resultado. Absolutamente nenhum indício disso. Apenas dois olhos a fitá-lo como há muitos anos, depois de verem um filme juntos, quando Jack teve de explicar no fim: «Mas, pai, o tipo careca estava *morto*! Por isso é que só o miúdo o conseguia ver!»

E o pai exclamara: «O quê? Era um fantasma? Não pode ser, porque nós conseguíamos vê-lo!»

E ela rira-se – a mulher de Jim e a mãe de Jack; céus, como ela se rira. Oh, como têm ambos saudades dela. Ela continua a ser a única pessoa que faz com que eles sejam mais compreensivos um com o outro, apesar de já cá não estar.

Jim envelheceu muito depois de ela morrer. Tornou-se um homem incompleto, como se nunca mais tivesse conseguido inspirar todo o ar que o abandonara. Naquela noite, no hospital, a vida pareceu-lhe uma fenda no gelo, e quando escorregou da sua borda e se sentiu a cair na escuridão dentro de si, murmurou a Jack, zangado: «Tentei falar com Deus, tentei mesmo; mas que raio de Deus é que deixa um dos seus sacerdotes adoecer desta maneira? Ela nunca fez outra coisa senão o bem a toda a gente… Por isso, que raio de Deus é capaz de dar uma doença destas a uma pessoa como *ela*?»

Jack não tinha resposta na altura e continua a não ter. Ficou ali sentado em silêncio na sala de espera, e abraçou o pai até ser impossível distinguir de quem eram as lágrimas que lhe deslizavam pelo pescoço. Na manhã seguinte, ficaram zangados com o sol por nascer e não tinham conseguido ainda perdoar ao mundo por continuar a existir sem ela.

Porém, quando chegou a hora, Jack levantou-se, adulto e de costas direitas, passou por uma série de portas e parou junto do quarto da mãe. Era um jovem orgulhoso e certo das suas convicções. Não era religioso e a mãe nunca lhe dirigira uma palavra mais dura por causa disso. Ela era o tipo de sacerdote com quem toda a gente ralhava: as pessoas religiosas por ela não ser suficientemente religiosa, e as outras pessoas todas por ser demasiado religiosa. Estivera no mar com marinheiros, no deserto com soldados, na prisão com encarcerados e em hospitais com pecadores e ateus. Gostava de beber um copo de vez em quando e era capaz de contar anedotas picantes, estivesse com quem estivesse. Se alguém lhe perguntava o que Deus pensaria disso, respondia sempre: «Acho que não estamos de acordo em tudo, mas tenho a sensação de que Ele sabe que eu estou a dar o meu melhor. E talvez saiba que trabalho para Ele, porque tento ajudar as pessoas.»

Se alguém lhe pedia para resumir a sua visão do mundo, ela citava sempre

Martinho Lutero: «Mesmo que soubesse que o mundo acabaria amanhã, hoje plantaria a minha macieira.»

O filho amava-a, mas ela nunca conseguiu fazer com que ele acreditasse em Deus, porque, embora seja possível incutir a religião nas pessoas, não se pode ensinar a *fé*. Porém, nessa noite, sozinho ao fundo de um corredor mal iluminado num hospital onde ela segurara na mão de tantas pessoas moribundas, Jack caiu de joelhos e pediu a Deus que não lhe levasse a mãe.

Quando Deus mesmo assim a levou, Jack aproximou-se da cama, apertou a mão dela na sua com força, como se tivesse esperança de que ela acordasse e ralhasse com ele. Depois, murmurou, desconsolado:

– Não te preocupes, mãe. Eu cuido do pai.

A seguir, ligou à irmã. Ela fez promessas atrás de promessas, claro, como de costume. Só precisava de dinheiro para o avião. Claro. Jack mandou-lhe o dinheiro, mas ela não veio ao funeral. Naturalmente, Jim nunca lhe chamou «drogada» ou «toxicodependente», porque os pais não conseguem fazer isso. Diz sempre que a filha está «doente», porque isso faz com que não pareça tão mau. Mas Jack chama sempre à irmã aquilo que ela é: uma viciada em heroína. É sete anos mais velha do que ele, e, com essa diferença de idade, não era uma só irmã mais velha quando ele era pequeno, mas um ídolo. Quando ela saiu de casa, Jack não pôde ir com ela, e quando tentou encontrar-se, ele não a conseguiu ajudar, e quando se afundou, não conseguiu salvá-la.

Desde então, têm estado só os dois, Jack e Jim. Mandam-lhe dinheiro de cada vez que ela liga, de cada vez que ela finge que vai voltar para casa, que só precisa de ajuda para as passagens, só mais esta vez. E talvez um bocadinho a mais, para pagar algumas dívidas. Nada de especial: ela vai resolver tudo; se eles pudessem apenas… Sabem que não deviam fazê-lo, claro. As pessoas sabem sempre. Os viciados são viciados nas suas drogas, e as famílias são viciadas em esperança. Agarram-se a ela. Quando o pai recebe um telefonema de um número que não reconhece, fica sempre com esperança de que seja ela, enquanto o irmão mais novo fica aterrorizado porque está sempre convencido de que será esse o telefonema em que alguém lhes comunica que ela morreu. A mesma questão

ecoa dentro de ambos: que raio de polícias são eles se não conseguem sequer cuidar da sua própria filha e irmã? Que raio de família não é capaz de ajudar um dos seus a ajudar-se a si próprio? Que raio de Deus faz adoecer uma sacerdote e que raio de filha nem aparece para o funeral?

Quando ambos os irmãos ainda viviam em casa, quando ainda eram todos razoavelmente felizes, Jack perguntara à mãe, uma noite, como é que ela conseguia suportar estar sentada ao lado das pessoas quando estavam a morrer, nas suas últimas horas, sem as conseguir salvar. A mãe beijara-o na cabeça e perguntara: «Como é que se come um elefante, querido?»

Ele respondeu como responde qualquer criança que já tenha ouvido essa piada mais de mil vezes: «Um bocadinho de cada vez, mãe.»

E ela deu uma gargalhada, pela milésima vez, como os pais fazem. Depois apertou-lhe a mão com força e explicou: «Não podemos mudar o mundo e, na maior parte das vezes, nem sequer podemos mudar as pessoas. Não mais do que um bocadinho de cada vez. Por isso, fazemos o que podemos para ajudar, sempre que temos oportunidade, querido. Salvamos aqueles que conseguimos. Damos o nosso melhor. Depois, tentamos encontrar forma de nos convencermos a nós próprios de que terá de ser suficiente. Para podermos viver com os nossos fracassos sem nos afogarmos.»

Jack não conseguiu ajudar a irmã. Não conseguiu salvar o homem na ponte. Aqueles que saltam… saltam. Os restantes têm de se levantar da cama no dia seguinte. Os sacerdotes saem de casa para fazer o seu trabalho, tal como os polícias. Agora Jack está a olhar para o sangue falso no chão, o buraco de bala na parede, a mesinha onde o telemóvel fora encontrado e a mesa maior com as caixas de piza vazias.

Por fim, olha para Jim e o pai levanta as mãos e sorri debilmente.

– Desisto. Tu é que és o génio aqui, filho. O que é que descobriste?

Jack indica as caixas de piza com um aceno. Afasta o cabelo do alto que tem na testa. Conta outra vez os nomes.

– Roger, Anna-Lena, Ro, Jules, Estelle, Zara, Lennart, o ladrão de bancos, a

agente imobiliária. Nove pessoas.

– Nove pessoas, sim.

– No entanto, quando me atiraram com a lima à cabeça, o bilhete só pedia oito pizas.

Jim pensa nisto com tanta força que as suas narinas estremecem.

– Talvez o ladrão de bancos não goste de piza?

– Talvez.

– Mas não é isso que tu achas?

– Não.

– Porque não?

Jack levanta-se e volta a arrumar as declarações das testemunhas na pasta. Morde a língua.

– A agente imobiliária ainda está na esquadra?

– Deve estar, sim.

– Liga e avisa-os para ninguém a deixar ir a lado nenhum!

Jim franze a testa com tanta força que um clipe de papel desapareceria dentro das rugas.

– Mas… porquê, filho? O que…?

Jack interrompe o pai.

– Eu acho que não estavam nove pessoas dentro deste apartamento. Estavam oito. Há uma pessoa que simplesmente partimos do princípio de que aqui esteve o tempo todo! Bolas, pai, não estás a ver? O criminoso não se escondeu, e também não fugiu. *Ela* limitou-se a sair pela porta da frente debaixo do nosso nariz!

# 47

A assaltante estava sentada sozinha no vestíbulo. Ouvia as vozes das pessoas que fizera reféns, mas era como se estivessem noutro fuso horário. Havia agora eternidades entre ela e todos os outros, entre ela e a pessoa que fora nessa manhã. Não estava sozinha no apartamento, mas mais ninguém no mundo partilhava aquilo que ela enfrentava, e essa é a maior solidão de todas: quando não há ninguém a caminhar ao nosso lado em direção ao destino. Dentro em pouco, quando todos saíssem do apartamento, os outros seriam vítimas assim que pisassem o passeio. Ela seria a criminosa. Se a polícia não a abatesse assim que a visse, acabaria na prisão durante… nem sequer imaginava quanto tempo… anos? Envelheceria numa cela. Nunca veria as filhas aprenderem a nadar.

As filhas. Oh, as suas meninas. A macaca e a rã, que cresceriam e teriam de aprender a ser boas mentirosas. Esperava que o pai delas tivesse o bom senso necessário para as ensinar a fazer isso. Para que elas conseguissem mentir e dizer que a mãe tinha morrido, em vez da verdade. Lentamente, tirou a máscara. Já não servia de nada, apercebeu-se, e pensar o contrário seria uma ilusão infantil. Nunca conseguiria escapar à polícia. O cabelo caiu-lhe em torno do pescoço, húmido e embaraçado. Sopesou a pistola, apertando-a cada vez com mais força, aos poucos, quase sem reparar. Só os nós dos dedos a ficarem brancos indicavam o que estava a acontecer, até que o seu indicador procurou de súbito o gatilho. Sem grande drama, perguntou a si própria: «Se esta arma fosse real, seria capaz de me matar?»

Não teve tempo de concluir o pensamento. Os dedos de outra pessoa fecharam-se subitamente sobre os dela. Não lhe arrancaram a pistola da mão, limitaram-se a baixá-la. Zara olhou para a ladra de bancos, nem de modo compreensivo nem preocupado, mas sem tirar a mão da pistola.

Desde o princípio deste drama de reféns, Zara tentara não pensar em nada específico. Na verdade, fazia sempre os possíveis para não pensar em nada – quando uma pessoa está a sofrer tanto como ela sofria nos últimos dez anos, essa é uma capacidade essencial para a sobrevivência. Contudo, algo atravessou a sua

armadura quando viu a ladra de bancos ali sentada sozinha, com a pistola na mão. Uma breve memória daquelas horas no gabinete da psicóloga, do quadro da mulher na ponte, da psicóloga a olhar para ela e a discorrer: «Sabe que mais, Zara? Um dos aspetos mais humanos da ansiedade é que tentamos curá-la com caos. Uma pessoa que se vê metida numa situação catastrófica raramente recua; temos muito mais tendência para avançar ainda mais depressa. Criamos vidas onde conseguimos ver as outras pessoas embaterem na parede e, mesmo assim, mantemos a esperança de conseguirmos atravessá-la. Quanto mais nos aproximamos, mais acreditamos que uma solução improvável nos salvará miraculosamente, enquanto todos os que nos observam estão apenas à espera do embate.»

Nessa altura, Zara olhou em volta. Não havia diplomas pomposos nas paredes; por algum motivo, são sempre as pessoas com os diplomas mais impressionantes que os deixam ficar dentro da gaveta.

Assim, Zara perguntou, sem qualquer sarcasmo: «Aprendeu algumas teorias sobre o motivo que leva as pessoas a agirem assim?»

«Centenas», respondeu ela com um sorriso.

«E em qual acredita?»

«Acredito naquela que diz que, se o fizermos durante tempo suficiente, pode tornar-se impossível distinguir entre voar e cair.»

Regra geral, Zara esforça-se por afastar todos os seus pensamentos, mas este escapuliu-se. Assim, quando se viu no vestíbulo do apartamento, pôs a mão na pistola e disse a coisa mais amável que uma mulher na sua posição podia dizer a uma mulher na posição da ladra de bancos. Quatro palavras.

– Não faça nenhum disparate.

A ladra de bancos ergueu para ela os olhos vazios, de peito vazio. Mas não fez nenhum disparate. Até conseguiu sorrir debilmente. Foi um momento inesperado para ambas. Zara deu meia-volta e afastou-se depressa, quase assustada, em direção à varanda. Tirou os auscultadores da mala, colocou-os nos ouvidos e fechou os olhos.

Pouco depois, comeu piza pela primeira vez na vida. Também isso foi

inesperado. *Capricciosa*. Achou horrível.

# 48

Jack salta do carro da polícia ainda em andamento. Entra de rompante pela esquadra e corre para a sala de interrogatórios, de forma tão intempestiva que bate com a testa já magoada na porta porque não a consegue abrir tão depressa como quer. Jim segue-o, ofegante, e tenta acalmar o filho, o que é uma missão impossível.

– Olá! Quer saber os meus…? – começa a agente imobiliária, mas Jack corta-lhe a palavra com um rugido.

– *Já sei quem você é!*

– Não estou a… – balbucia a agente imobiliária.

– Tem calma, Jack, por favor – pede Jim à porta, sem fôlego.

– *É você!* – grita Jack, sem sinais de estar a acalmar-se.

– Eu?

Os olhos de Jack têm um brilho triunfante quando se inclina sobre a mesa de punhos cerrados e sussurra:

– Devia ter percebido logo. Nunca houve uma agente imobiliária no apartamento. *Você* é o ladrão de bancos!

# 49

Claro que fora uma parvoíce da parte de Jack não ter percebido desde o princípio quem era o ladrão de bancos, porque, em retrospetiva, parecia óbvio. Talvez a culpa fosse da mãe. Ela continuava a mantê-los unidos, a ele e ao pai, mas talvez às vezes o distraísse e, por algum motivo, conseguira estar presente nos seus pensamentos o dia inteiro. Dava tanto trabalho em morta como em viva, aquela mulher. Talvez existisse algures outro sacerdote mais complicado do que ela, mas dificilmente haveria dois. Metia-se em discussões com toda a gente quando era viva, talvez com o filho mais do que com qualquer outra pessoa, e isso não acabara depois do funeral. Porque as pessoas com quem mais discutimos não são as que são totalmente diferentes de nós, e sim aquelas que são praticamente iguais.

Às vezes ela tinha de viajar para fora do país, para situações de catástrofe em que as organizações de auxílio precisavam de voluntários, e era acompanhada por críticas constantes de todas as direções, tanto de dentro como de fora da Igreja. Ou porque não devia ajudar, ou porque devia estar a ajudar noutro lado qualquer. Nada é mais fácil, para as pessoas que não fazem nada, do que criticar aquelas que realmente se esforçam. Uma vez, do outro lado do mundo, a mãe de Jack foi apanhada num motim. Tentou ajudar uma mulher ensanguentada a fugir e, no meio do caos, foi apunhalada no braço. Levaram-na para o hospital, onde ela conseguiu pedir um telemóvel emprestado para ligar para casa. Jim estava sentado em frente ao noticiário, à espera. Ouviu pacientemente, como sempre feliz e aliviado por ela estar bem. Mas quando Jack percebeu o que acontecera, tirou o telemóvel da mão do pai e gritou, tão alto que fez *feedback* na linha: «Porque é que tinhas de ir para aí? Porque é que tens de arriscar a vida? *Porque é que nunca pensas na tua família?*»

A mãe sabia, claro, que o filho estava a gritar por medo e preocupação, por isso respondeu como tantas outras vezes: «Os barcos que ficam no cais estão seguros, querido, mas não foi para isso que os barcos foram construídos.»

E Jack disse algo de que se arrependeu de imediato: «Achas que Deus te vai

proteger das facas só porque és sacerdote?»

Ela podia estar sentada num hospital do outro lado do mundo, mas, mesmo assim, conseguiu sentir o terror imenso do filho. E os seus murmúrios estavam meio sufocados pelas lágrimas quando respondeu: «Deus não nos protege de facas, querido. Foi por isso que Deus nos deu as outras pessoas, para nos podermos proteger uns aos outros.»

Era impossível discutir com uma mulher tão teimosa. Jack detestava o quanto a admirava às vezes. Jim, por outro lado, amava-a tanto que mal conseguia respirar. Mas depois disso ela começou a viajar menos, e nunca para tão longe. Foi então que adoeceu. Eles perderam-na e o mundo perdeu mais um pouco da sua proteção.

Assim, quando o drama de reféns começou e Jack e Jim estavam na rua em frente ao prédio na antevéspera de Ano Novo, depois de os chefes os mandarem esperar pelo especialista de Estocolmo, ambos estavam a pensar muito nela e no que teria feito se ali estivesse. E quando aquela lima voou da varanda e acertou na testa de Jack e perceberam que o bilhete enrolado à volta da lima era um pedido de pizas, ambos concluíram que dificilmente teriam uma melhor oportunidade de entrar em contacto com o ladrão de bancos. Assim, Jack ligou para o negociador. E, apesar de ser de Estocolmo, ele concordou que eles tinham razão.

– Sim, bom, a entrega das pizas pode ser a abertura de um canal de comunicação, sem dúvida. E a bomba nas escadas? – perguntou.

– Não é uma bomba! – respondeu Jack em tom confiante.

– Seria capaz de o jurar?

– Por tudo o que há de mais sagrado e profano, e acredite que a minha mãe me ensinou muito sobre ambos. Este criminoso não é perigoso. Está apenas assustado.

– Como sabe?

– Porque se fosse perigoso, se tivesse consciência do que está a fazer, não teria pedido pizas para todos os reféns com um papel enrolado numa *lima* atirada

da varanda. Deixe-me entrar e falar com ele; eu consigo… – Jack fez uma pausa; estava quase a dizer «consigo salvar toda a gente», mas engoliu em seco e disse antes: – … resolver esta situação. Consigo esclarecer tudo.

– Já falou com todos os vizinhos? – quis saber o negociador.

– O resto do prédio está vazio – asseverou Jack.

O negociador ainda estava preso no trânsito na autoestrada, a muitos quilómetros dali, num engarrafamento tal que nem os carros da polícia conseguiam passar, por isso acabou por concordar com o plano de Jack. No entanto, exigiu também que Jack introduzisse de alguma forma um telemóvel no apartamento, para que o negociador pudesse ligar pessoalmente para o ladrão de bancos e negociar a libertação dos reféns. *E ficar com a glória quando tudo acabar bem*, pensou Jack, amuado.

– Eu tenho um telemóvel decente – disse Jack, porque tinha aquele telemóvel a que Jim chamava «o telemóvel com a engenhoca que consegue rede mesmo quando não há rede».

– Eu ligo depois de eles comerem as pizas; é mais fácil negociar com pessoas com o estômago cheio – considerou o negociador, como se fosse o que ensinavam hoje em dia nos cursos de negociação.

– O que fazemos se ele não abrir a porta quando lá chegarmos? – perguntou Jack.

– Deixa as pizas e o telemóvel no patamar, à porta.

– Como podemos ter a certeza de que ele levará o telemóvel para dentro do apartamento?

– E por que motivo não levaria?

– Parece-lhe que este tipo está a tomar decisões lógicas e racionais? Pode ficar assustado e pensar que o telemóvel é alguma armadilha.

Foi então que Jim teve uma ideia súbita. O que o surpreendeu tanto como a toda a gente.

– Podemos pô-lo dentro de uma das caixas de piza! – sugeriu.

Jack olhou para o pai, chocado, durante alguns segundos. Depois, acenou e passou a informação ao negociador:

– Pomos o telemóvel dentro de uma das caixas de piza.

– Sim, boa ideia – concordou o negociador.

– Foi ideia do meu pai – esclareceu Jack com orgulho.

Jim virou costas para o filho não ver como ele estava embaraçado. Procurou pizarias locais no Google, ligou para uma delas e explicou o pedido altamente invulgar: oito pizas e um dos uniformes que os entregadores costumavam usar. Contudo, Jim cometeu o erro de dizer que era polícia, e o dono da pizaria, que era perfeitamente capaz de ler as notícias locais nas redes sociais, teve a presença de espírito suficiente para dizer que fazia desconto em encomendas grandes, mas que cobrava o dobro pelo aluguer de uniformes. Jim perguntou em tom zangado se o proprietário por acaso era uma personagem de um conto de Natal inglês de meados do século dezanove, e o proprietário perguntou calmamente se Jim estava familiarizado com o conceito de «oferta e procura». Quando as pizas e o uniforme finalmente chegaram, Jack tentou pegar-lhes, mas Jim recusou-se.

– O que estás a fazer? Eu é que vou lá! – declarou Jack com firmeza.

Jim abanou a cabeça.

– Não. Ainda acho que aquela caixa nas escadas pode ser uma bomba. Portanto, eu é que vou.

– Porque é que havias de ir *tu* se achas que é uma bomba? Por amor de Deus, *eu* é que… – começou Jack, mas o pai recusou-se a ceder.

– Tens a certeza de que não é uma bomba, não tens, filho?

– Sim!

– Bom, então não faz diferença alguma ser eu a entrar.

– Que raio de argumento é esse? Pareces uma criança!

– E *tu* não?

Jack tentou desesperadamente pensar num argumento.

– Não posso permitir…

Jim já estava a mudar de roupa, no meio da rua, apesar de a temperatura estar abaixo de zero. Não olharam um para o outro.

– A tua mãe nunca me perdoaria se eu te deixasse entrar ali – justificou-se

Jim, de olhos postos no chão.

– E achas que me perdoaria por eu te deixar ir? Eras marido dela – replicou Jack, olhando para a estrada.

Jim ergueu os olhos para o céu.

– Mas ela era tua mãe.

Às vezes era impossível discutir com ele, o velho filho da mãe.

# 50

Esquadra da polícia. Sala de interrogatórios. Todo o sangue se esvaíra do rosto da agente imobiliária. Parece agora aterrorizada.

– Ladrão de ba-ba-bancos? Eu? Co-co-como é que eu po-po-podia…

Jack está a percorrer a sala para trás e para a frente, a agitar os braços como se regesse uma orquestra invisível, muito satisfeito consigo próprio.

– Como é que não percebi desde o princípio? Você não *sabe* nada. Tudo o que disse sobre o apartamento não passou de disparates. Nenhuma agente imobiliária *verdadeira* seria tão má profissional!

A agente imobiliária parece prestes a começar a chorar.

– Estou a fazer o que posso, está bem? Faz alguma ideia de como é difícil ser agente imobiliária durante uma recessão?

Jack fixa os olhos nela.

– Mas *não* é isso que é, pois não? Porque é uma assaltante de bancos!

A agente olha desesperada para Jim, que ficara parado à porta, em busca de algum apoio, mas o homem mais velho limita-se a devolver-lhe o olhar com um ar infeliz. Entretanto, Jack bate com os punhos na mesa e fulmina a agente imobiliária com o olhar.

– Eu devia ter percebido antes. Quando as outras testemunhas estavam a falar sobre o drama de reféns, nem sequer a mencionaram. Porque nunca lá esteve. Admita! Conseguiu distrair-nos quando pediu o fogo de artifício, e depois saiu pela porta do apartamento, mesmo debaixo do nosso nariz. Diga-me a verdade!

# 51

A verdade? Raramente é tão complicada como pensamos. Só esperamos que seja, porque nos sentimos mais inteligentes se formos os primeiros a conseguir percebê-la. Esta é uma história sobre uma ponte, e idiotas, e um drama de reféns, e um apartamento para venda. Mas é também uma história de amor. Várias, na verdade.

Da última vez que Zara viu a psicóloga antes do drama de reféns, chegou mais cedo ao consultório. Nunca chegava atrasada, mas era invulgar não entrar pela porta exatamente à hora marcada.

– Aconteceu alguma coisa? – quis saber Nadia.

– Como assim? – perguntou Zara em tom mal-humorado.

– Não costuma chegar mais cedo. Passa-se alguma coisa?

– Não é o seu trabalho saber isso?

Nadia suspirou.

– Estava só a perguntar.

– Isso é couve?

Nadia olhou para a caixa de plástico em cima da secretária e acenou afirmativamente.

– Estava a almoçar.

Outros pacientes teriam percebido a indireta. Zara, claro está, não.

– Então é vegana – disse, sem ponto de interrogação.

A psicóloga tossiu, como acontece quando a nossa garganta fica irritada pela nossa própria previsibilidade.

– Não forçosamente, pois não? Quer dizer, eu *sou* vegana, sim, mas com certeza que há mais pessoas que também comem couve.

Zara torceu o nariz.

– Mas isso foi comprado numa loja de comida pronta. Portanto podia ter escolhido qualquer coisa. E escolheu couve.

– E só os veganos fazem isso?

– Só posso partir do princípio de que a falta de vitaminas afetou o seu bom senso financeiro.

Nadia sorriu.

– Então critica-me por ser vegana, ou porque gasto dinheiro em comida vegana?

Engoliu o último pedaço de couve e da sua autoestima, pôs a tampa na caixa e perguntou:

– Como se tem sentido desde a última vez que falámos, Zara?

Em vez de responder, Zara tirou da mala um pequeno frasco de desinfetante para as mãos, massajou cuidadosamente os dedos, de costas viradas para a secretária, olhou para a estante e declarou:

– Para uma psicóloga, tem muitos livros que não são sobre psicologia.

– E sobre o que são os outros, na sua opinião?

– Identidade. É por isso que é vegana.

– É possível ser vegano por outras razões.

– Como por exemplo?

– É bom para o ambiente.

– Talvez. Mas acho que as pessoas como você são veganas porque faz com que se sintam bem. De certeza que é por isso que tem má postura. Falta de cálcio.

Nadia ajeitou discretamente a sua posição na cadeira, e fez os possíveis por não mostrar que estava a tentar sentar-se mais direita.

– Está a pagar pelo seu tempo aqui, Zara. Para alguém que tanto critica as opções financeiras dos outros, parece não ter qualquer problema em desperdiçar uma data de dinheiro a falar sobre… mim. Quer tentar explicar-me porquê?

Zara pareceu pensar seriamente na pergunta, sem tirar os olhos da estante.

– Talvez para a próxima.

– É bom saber.

– O quê?

– Que vai haver uma próxima.

Zara virou-se então e observou Nadia para ver se era uma piada ou não. Não

conseguiu ter a certeza, por isso virou-se de novo, pôs mais desinfetante nas mãos e olhou para a janela atrás de Nadia, contando as janelas do prédio em frente. Depois, disse:

– Não me sugeriu que começasse a tomar antidepressivos. A maioria dos psicólogos teria feito essa sugestão.

– Já conheceu muitos psicólogos?

– Não.

– Então, é a sua própria análise?

Zara olhou para o quadro na parede.

– Compreendo que não me queira dar comprimidos para dormir, porque tem medo que eu me tente suicidar. Mas, nesse caso, com certeza que devia estar a dar-me antidepressivos, ou não?

Nadia dobrou dois guardanapos de papel limpos e enfiou-os na gaveta da secretária. Acenou com a cabeça.

– Tem razão. Não sugeri qualquer medicação. Porque os antidepressivos são feitos para achatar os altos e baixos do seu estado de espírito e, se usados corretamente, podem impedir que a pessoa se sinta tão triste; no entanto, muitas vezes impedem-na também de se sentir feliz. – Levantou a mão, com a palma na horizontal. – A pessoa fica apenas… nivelada. E seria de esperar que os pacientes que tomam antidepressivos sentissem mais falta dos pontos altos, não seria? Mas não é o que acontece. A maioria das pessoas que pede para interromper a medicação diz que quer conseguir voltar a chorar. Veem um filme triste com alguém que amam e querem conseguir… sentir a mesma coisa.

– Não gosto de filmes – comentou Zara.

Nadia riu-se.

– Não, claro que não gosta. Mas não me parece que precise de menos sentimentos, Zara. Pelo contrário: acho que precisa de sentir mais. Não me parece que esteja deprimida. Acho que está apenas muito sozinha.

– Parece-me uma análise muito pouco profissional.

– Talvez.

– E se eu sair daqui e me suicidar?

– Não me parece que vá fazer isso.

– Não?

– Ainda há bocadinho me disse que vai haver uma próxima vez.

Zara concentrou o olhar no queixo de Nadia.

– E confia em mim?

– Sim.

– Porquê?

– Porque vejo que não quer deixar que as pessoas se aproximem de si. Porque isso faz com que se sinta fraca. Mas não acredito que tenha medo de sofrer; acho é que tem medo de magoar os outros. É uma pessoa mais moral e empática do que gosta de admitir.

Zara ficou muito, muito ofendida com isto, embora não soubesse se estava ofendida por Nadia lhe ter chamado fraca ou por ter sugerido que ela sentia empatia.

– Talvez simplesmente ache que não vale a pena esforçar-me para falar com pessoas de quem me vou fartar.

– Como sabe que se vai fartar sem tentar?

– Estou aqui, não estou? E não demorei muito tempo a fartar-me de si!

– Tente levar o assunto a sério – pediu Nadia, o que, claro, era inútil. Zara evitou a pergunta, como de costume.

– Então porque é que *é* vegana?

Nadia gemeu baixinho, frustrada.

– Temos mesmo de falar sobre *isso* outra vez? Muito bem: sou vegana porque me preocupo com a crise climática. Se todos fôssemos veganos, podíamos…

Zara interrompeu em tom desdenhoso:

– Impedir que as calotas polares derretessem?

Nadia recorreu à paciência que todos os veganos praticam extensamente quando passam o Natal com familiares mais velhos.

– Não propriamente, não. Mas é parte de uma solução mais vasta. E o facto de as calotas polares estarem a derreter é…

– Mas será que precisamos mesmo de pinguins? – perguntou Zara sem rodeios.

– Eu diria que as calotas polares são um sintoma e não o problema. Tal como as suas dificuldades em dormir.

Zara contou as janelas.

– Há umas rãs em risco de extinção, e os cientistas dizem que o seu desaparecimento nos deixaria a braços com uma invasão avassaladora de insetos. Mas os pinguins? Quem é que seria afetado pelo desaparecimento dos pinguins, exceto talvez os fabricantes de blusões de penas?

Nadia perdeu o fio à meada, e talvez fosse essa a intenção de Zara.

– Não se faz… o que… acha que os blusões de penas são feitos de pinguins? São penas de *ganso*!

– Então os gansos não são tão importantes como os pinguins? Isso não me parece uma atitude muito vegana.

– Não foi o que eu disse!

– Foi o que me pareceu.

– Isto está a tornar-se um hábito, sabe?

– O quê?

– Mudar de assunto assim que nos aproximamos demasiado de falar sobre os seus reais sentimentos.

Zara pareceu refletir no comentário. Depois, disse:

– Então e os ursos?

– Desculpe?

– Se for atacada por um urso, pode matá-lo?

– Porque havia de ser atacada por um urso?

– Imagine que alguém a rapta e a droga e que acorda numa jaula com um urso e é um combate até à morte.

– Começa a deixar-me realmente desconcertada. E olhe que sou formada em psicologia, pelo que não me desconcerto facilmente.

– Não seja tão sensível. Responda à pergunta: era capaz de matar um urso nessas circunstâncias, mesmo que não o quisesse comer? Se tivesse a faca e o

garfo na mão… ou talvez apenas a faca?

Nadia gemeu.

– Lá está você outra vez.

– O que foi?

Nadia olhou para as horas. Zara reparou. Contou todas as janelas duas vezes. Nadia reparou. Olharam em direções diferentes durante algum tempo até que Nadia, por fim, quebrou o silêncio.

– Então deixe-me fazer-lhe outra pergunta: acha que troça do movimento ecológico desta maneira porque é o oposto da indústria financeira em que trabalha?

Zara ripostou mais depressa do que ela própria estava à espera, porque às vezes só sabemos realmente o quão fortes são as nossas opiniões sobre algo quando estas são postas à prova.

– O movimento ecológico não precisa da minha ajuda para ser ridículo! E não estou a defender a indústria financeira; estou a defender o sistema económico.

– Qual é a diferença?

– Um é o sintoma. O outro é o problema.

Nadia acenou como se compreendesse.

– Mas com certeza que fomos nós que criámos o sistema económico, não? É uma idealização?

A resposta de Zara, surpreendentemente, não foi condescendente e soou quase compreensiva.

– O problema é esse. Fizemo-lo demasiado forte. Esquecemo-nos de como somos ambiciosos. Comprou um apartamento?

– Sim.

– Fez uma hipoteca ao banco?

– Como toda a gente, não?

– Não. Antes, uma hipoteca era algo que se esperava que a pessoa pagasse até ao fim. Mas, hoje em dia, quase todas as famílias com rendimentos médios têm uma hipoteca num valor que nunca conseguiriam poupar ao longo da vida. E

o banco já não está a *emprestar* dinheiro: está a oferecer *financiamento*. E as casas já não são apenas casas. São *investimentos*.

– Não sei se compreendo completamente o que isso significa.

– Significa que os pobres ficam mais pobres, os ricos ficam mais ricos, e a verdadeira divisão de classes é entre os que podem pedir dinheiro emprestado e os que não podem. Porque, por mais que uma pessoa ganhe, toda a gente tem insónias no fim do mês devido a preocupações monetárias. Toda a gente olha para o que os vizinhos têm e pensa como é que eles conseguem *pagar* aquilo, porque toda a gente está a viver acima das suas possibilidades. Assim, nem mesmo as pessoas muito ricas se sentem ricas, porque, no fim, a única coisa que se pode comprar é uma versão mais cara de algo que já temos. Com dinheiro emprestado.

Nadia parecia um gato que acabara de ver alguém a patinar pela primeira vez.

– Uma vez ouvi um homem que trabalhava num casino dizer que ninguém se arruína por perder; arruínam-se é a tentar recuperar o dinheiro que perderam. É isso que quer dizer? É por isso que o mercado bolsista e o mercado imobiliário colapsam?

Zara encolheu os ombros.

– Sim, se isso a faz sentir melhor.

Foi então que a psicóloga, de súbito e sem saber bem porquê, fez uma pergunta que deixou a sua paciente sem ar:

– E sente-se mais culpada em relação aos clientes a quem *não* emprestou dinheiro, ou em relação àqueles a quem emprestou *demasiado* dinheiro?

Zara pareceu imperturbável, mas apertou os braços da cadeira com tanta força que, quando finalmente os largou, não tinha pinga de sangue nas mãos. Para disfarçar, esfregou-as uma na outra e, para evitar o contacto visual, contou janelas. Depois, soltou uma risada desdenhosa.

– Sabe que mais? Se as pessoas que se preocupam com o bem-estar animal estivessem mesmo preocupadas com o bem-estar animal, não me mandariam comer porcos felizes.

Nadia revirou os olhos.

– Não vejo o que é que isso tem a ver com a minha pergunta.

Zara encolheu os ombros.

– Toda esta conversa sobre agricultura orgânica, anúncios de frangos do campo e porcos felizes… Não é ainda menos ético da minha parte comer um porco feliz? Com certeza que mais vale comer um porco que viveu uma vida miserável do que um daqueles porcos *carpe diem* com família e amigos? Os agricultores garantem que os porcos felizes sabem melhor; portanto só posso presumir que esperam até o porco se apaixonar, talvez até ter filhos, quando está no *auge* da felicidade, para lhe darem um tiro na cabeça e embalarem-no a vácuo. Qual é a ética disso?

A psicóloga suspirou.

– Presumo que isso significa que não quer falar sobre os seus clientes e o dinheiro que pedem emprestado.

Zara cravou as unhas nas palmas das mãos.

– Alguma vez reparou que os veganos falam sempre em salvar o planeta, como se o planeta precisasse de nós? O planeta sobreviverá milhares de milhões de anos sem qualquer ajuda humana. Não estamos a matar nada senão a nós próprios.

Não era grande resposta, como de costume. Nadia olhou para o relógio e arrependeu-se de imediato, porque Zara reparou e levantou-se, como de costume. Zara não gostava que lhe pedissem para sair, o que deixa uma pessoa mais alerta à forma como os outros olham para as horas, e, à segunda vez que acontece, é sinal para se levantar. Nadia ficou embaraçada e gaguejou:

– Ainda temos algum tempo… se quiser… não tenho outra consulta já a seguir…

– Bom, eu tenho coisas para fazer – respondeu Zara.

Nadia recompôs-se e pediu diretamente:

– Pode dizer-me uma coisa pessoal sobre si?

– Desculpe?

Nadia levantou-se e inclinou a cabeça para tentar captar o olhar de Zara.

– Em todo o tempo que passámos a falar uma com a outra, tenho a sensação de que nunca me disse nada verdadeiramente pessoal em relação a si. Qualquer coisa. Qual é a sua cor preferida? Gosta de arte? Alguma vez esteve apaixonada?

Zara levantou as sobrancelhas quase até à raiz do cabelo.

– Acha que dormiria melhor se estivesse apaixonada?

Nadia desatou a rir.

– Não. Só gostava de saber. Sei muito pouco sobre si.

De todos os momentos que partilharam, este foi um dos mais notáveis.

Zara ficou parada atrás da cadeira alguns minutos. Respirou fundo e disse a Nadia algo sobre si própria que, na verdade, nunca partilhara com mais ninguém.

– Gosto de música. Ponho música… muito alto… assim que chego a casa. Ajuda-me a organizar os pensamentos.

– Só quando chega a casa?

– Não posso ouvir música tão alto no escritório. Só funciona se ouvir com o volume muito, muito alto.

Zara tocou com o dedo na testa ao dizer isto, como que para ilustrar o que é que não funcionava.

– Que tipo de música? – perguntou Nadia gentilmente.

– *Death metal*.

– Uau…

– Isso é uma opinião profissional?

Nadia soltou um risinho juvenil, o que foi embaraçoso e nada profissional – não é de forma alguma coisa que ensinem no curso de Psicologia.

– Não, mas foi tão inesperado. Porquê *death metal*?

– É tão barulhento que me silencia a cabeça.

Os nós dos dedos de Zara ficaram brancos à volta da asa da mala. Nadia reparou, por isso tirou um bloco de papel de uma das gavetas da secretária, escreveu algo e deu a folha a Zara.

– É uma receita de comprimidos para dormir? – perguntou Zara.

Nadia abanou a cabeça.

– É o nome de um bom par de auscultadores. Há uma loja de eletrónica ao fundo da rua. Compre-os e poderá ouvir música onde quer que esteja, assim que as coisas começarem a parecer-lhe difíceis. Talvez isso a ajude a sair mais? Conhecer pessoas? Talvez até… apaixonar-se.

Claro que a psicóloga se arrependeu imediatamente desta última parte. Zara não respondeu. Guardou o papel na mala, olhou para a carta no fundo e fechou-a rapidamente. Quando estava a sair, Nadia disse em tom ansioso, com receio de ter ido longe de mais:

– Não tem de se apaixonar, Zara, não era isso que eu queria dizer! Só queria dizer que talvez esteja na altura de experimentar algo novo. Acho que devia dar a si própria… dar a si própria a oportunidade de… de se fartar de alguém!

Zara entrou para o elevador. Quando as portas se fecharam, pensou em empréstimos. Aqueles que concedemos e aqueles que recusamos. Depois carregou no botão de paragem de emergência.

# 52

Enquanto o drama de reféns se desenrolava no apartamento, lá em baixo, na rua, Jack estava a tentar pensar noutra forma de contactar o ladrão de bancos que não implicasse deixar Jim subir com as pizas. Pensou e pensou e pensou, porque os jovens podem ter a certeza absoluta de quase tudo, praticamente o tempo todo, mas mesmo Jack acharia mais fácil ter cem por cento de certeza de que a bomba não era uma bomba se não tivesse de mandar o pai subir as escadas e pôr essa teoria à prova.

– Espera aí, pai, eu… – começou; depois levantou o telemóvel e disse ao negociador: – Antes de subirmos com as pizas quero tentar ter uma ideia melhor do que se passa. Posso entrar no prédio do outro lado da rua. Talvez consiga ver alguma coisa pelas janelas das escadas.

O negociador parecia cético.

– Que diferença é que isso faria?

– Talvez nenhuma – admitiu Jack. – Mas talvez consiga perceber pela janela se é ou não é uma bomba, e antes de mandar o meu colega entrar quero ter a certeza de que esgotei todas as opções.

O negociador tapou o telemóvel com a mão e falou com alguém, talvez um dos filhos da mãe dos chefes dos chefes. Depois voltou e disse:

– Sim, está bem.

Não disse a Jack que estava impressionado por ele ter chamado «colega» ao pai numa situação tão crítica, embora estivesse.

Assim, Jack entrou no prédio do outro lado da rua. O negociador ficou em linha e, depois de Jack subir um piso e meio, perguntou:

– O que está a fazer?

– A subir as escadas – respondeu Jack.

– Não há elevador?

– Não gosto de elevadores.

O negociador pareceu bater com o telemóvel na cabeça.

– Então está disposto a entrar num prédio onde pode haver uma bomba e

onde há um ladrão de bancos armado, mas tem medo de elevadores?

Jack respondeu entre dentes:

– Não tenho *medo* de elevadores! Tenho medo de cobras e de cancro. Só não *gosto* de elevadores!

O negociador parecia estar a sorrir quando questionou:

– Não pode chamar reforços?

– Todo o pessoal de que dispomos neste momento está aqui, toda a gente. Estão a manter o perímetro de segurança e a evacuar os prédios circundantes. Já chamei reforços, mas estão ambos à espera das mulheres.

– O que é que isso significa?

– Que estiveram a beber. Têm de ser as mulheres a trazê-los.

– A beber? A esta hora? Na *antevéspera* de Ano Novo? – questionou o negociador.

– Não sei como é que vocês fazem as coisas em Estocolmo, mas por aqui levamos o fim do ano muito a sério – respondeu Jack.

O negociador riu-se.

– As pessoas de Estocolmo não levam nada muito a sério, já sabe. Pelo menos, nada que seja importante.

Jack sorriu. Hesitou por um instante enquanto subia mais alguns degraus antes de fazer a pergunta que queria fazer há algum tempo.

– Já alguma vez esteve envolvido numa situação de reféns?

O negociador hesitou antes de responder.

– Sim. Sim, já estive.

– E como é que acabou?

– Ele libertou os reféns e saiu depois de passarmos quatro horas a falar.

Jack acenou secamente e parou no penúltimo piso. Espreitou pela janela do patamar com um par de binóculos. Conseguia ver os fios no chão do patamar do prédio da frente, caídos para fora de uma caixa em que alguém escrevera algo a marcador. Não tinha a certeza absoluta, mas de onde se encontrava parecia-se bastante com as letras N-A-T-A-L.

– Não é uma bomba – disse ao telemóvel.

– O que acha que é, então?

– Parecem luzes de Natal exteriores.

– Ainda bem.

Jack continuou a subir até ao último piso – se o ladrão de bancos não tivesse fechado as persianas, talvez conseguisse ver o interior do apartamento.

– Como é que o convenceu a sair? – perguntou.

– Quem?

– O indivíduo que fez os reféns, da última vez.

– Oh… O costume, suponho. Uma combinação de tudo o que aprendemos: não usar negativas, evitar «não podemos» e «não faremos». Tentar encontrar alguma coisa em comum. Descobrir qual é a motivação dele.

– Foi mesmo assim que o fez sair?

– Não, claro que não. Estava a brincar.

– A sério?

– Sim, a sério. Falámos durante quatro horas e de repente ele calou-se. E claro que essa é a primeira coisa que nos ensinam…

– Mantê-lo ocupado? Não deixar que se instale o silêncio?

– Exato. Não sabia o que havia de fazer, por isso arrisquei e perguntei-lhe se queria ouvir uma anedota. Ele ficou calado um ou dois minutos e depois disse: «Então? Vai contar a anedota ou não?» E eu contei-lhe aquela dos dois irlandeses num barco. Conhece essa?

– Não – respondeu Jack.

– Bom, dois irmãos irlandeses foram à pesca no mar. Rebenta uma tempestade e perdem ambos os remos e convencem-se de que vão morrer afogados. Depois, de repente, um dos irmãos vê qualquer coisa na água e consegue apanhá-la: é uma garrafa. Tiram a rolha e *puf!*, aparece um génio. Concede-lhes um desejo, o que quiserem. Assim, os dois irmãos olham em volta, no mar tempestuoso, presos num barco sem remos, a vários quilómetros da costa, e o primeiro irmão está a pensar no que há de pedir quando o segundo diz alegremente: «Desejo que o mar seja feito de cerveja *Guinness*!» O génio olha para ele como se este fosse estúpido, mas concorda: «Está bem, vamos a isso.» E

*puf!*, o mar transforma-se em *Guinness*. O génio desaparece. O primeiro irmão olha para o outro e explode: «Meu grande idiota! Só tínhamos um desejo e desejaste que o mar fosse cerveja *Guinness*! Tens alguma ideia do que fizeste?» O segundo irmão abana a cabeça, envergonhado. O primeiro irmão levanta os braços aos céus e diz…

O negociador fez uma pausa dramática, mas não teve tempo de terminar a anedota porque Jack, do outro lado da linha, rematou com um:

– «Agora temos de mijar no barco!»

O negociador soltou uma exclamação ofendida tão sonora que o telemóvel estremeceu.

– Então afinal já sabia?

– A minha mãe gostava de piadas. Foi mesmo isso que fez com que o sujeito se entregasse?

A linha ficou em silêncio algum tempo.

– Talvez tenha ficado com medo que eu fosse contar outra anedota.

O negociador parecia querer rir quando disse isto, mas não se riu. Jack reparou. Estava agora no último andar e olhou pela janela para a varanda do outro lado da estrada. E estacou, surpreendido.

– Mas que?… Isto é estranho.

– O quê?

– Consigo ver a varanda do apartamento onde os reféns estão. Está uma mulher na varanda.

– Uma mulher?

– Sim. De auscultadores.

– Auscultadores?

– Sim.

– Que tipo de auscultadores?

– Quantos tipos diferentes há? E que importância tem?

O negociador suspirou.

– Está bem, foi uma pergunta estúpida. Que idade tem ela, então?

– Cinquenta e tal. Talvez mais.

– Mais do que cinquenta e tal ou mais do que cinquenta?

– Por amor de… Não sei! É uma mulher. Uma mulher perfeitamente normal.

– Está bem, está bem, tenha calma. E parece assustada?

– Parece… entediada. Pelo menos não parece nada alguém que está em perigo.

– Isso parece uma situação de reféns invulgar.

– Exato. E de certeza que não há bomba nenhuma nas escadas. E ele tentou assaltar um banco digital. Desde o princípio que digo que não estamos a lidar com um profissional.

O negociador pensou nisso por um instante.

– Sim, é bem capaz de ter razão.

Estava a tentar soar confiante, mas Jack apercebeu-se do tom de dúvida. Os dois homens partilharam um longo silêncio, que Jack foi o primeiro a quebrar.

– Diga-me a verdade. O que aconteceu no último drama de reféns em que esteve envolvido?

O negociador suspirou.

– O homem libertou os reféns. Mas deu um tiro na cabeça antes de conseguirmos entrar.

Essas palavras seguiriam Jack ao longo do dia, encostadas à sua pele.

Tinha começado a descer as escadas quando o negociador pigarreou e disse:

– Oiça, Jack, posso fazer-lhe eu uma pergunta? Porque é que recusou o emprego em Estocolmo?

Jack pensou em mentir, mas não conseguiu encontrar energia para o fazer.

– Como é que sabe?

– Falei com um dos chefes antes de sair. Perguntei-lhe quem é que estava na cena no local. Ela disse-me que devia falar consigo, porque é um excelente polícia. Contou-me que já lhe ofereceu uma posição várias vezes e que você recusa sempre.

– Já tenho um trabalho aqui.

– Não tão bom como o que ela lhe propôs.

Jack soltou uma fungadela desdenhosa.

– Oh, vocês de Estocolmo! Acham todos que o mundo gira à volta do raio da vossa cidade.

O negociador riu-se.

– Oiça, eu cresci numa aldeia onde tínhamos de conduzir quarenta minutos para comprar leite. Lá, achávamos que a vossa cidade era metropolitana. Para nós, *vocês* é que eram de Estocolmo.

– Toda a gente é de Estocolmo para outra pessoa qualquer, suponho.

– Então qual é o seu problema? Tem receio de não conseguir aguentar a pressão do trabalho?

Jack esfregou as mãos nas calças.

– Mas agora é meu psicólogo, ou quê?

– Parece que se calhar precisa de um.

– Não podemos concentrar-nos na tarefa que temos em mãos?

O negociador hesitou e respirou fundo antes de insistir:

– O seu pai sabe que lhe ofereceram outro cargo?

Jack ia soltar uma imprecação, mas o negociador nunca chegou a ouvi-la porque nesse momento Jack olhou pela janela das escadas e viu que o pai já não estava à espera dele na rua, como ele lhe pedira.

– Mas que *porra*?! – exclamou Jack. Desligou o telefonema e correu.

# 53

Zara tinha acabado de sair para a varanda quando Jack a viu. Isto foi logo após ter aconselhado a ladra de bancos no vestíbulo a não fazer nenhum disparate, e Zara precisava de ar fresco mais do que nunca. Para quem a visse apenas de costas a dirigir-se à varanda, Zara pareceria impaciente. Seria necessário ver-lhe o rosto para compreender que estava a sentir-se frágil. Surpreendera-se a si própria ainda agora: perdera o controlo, sentira coisas. Para outra pessoa qualquer, talvez isso fosse apenas vagamente desconfortável, como quando descobrimos que começámos a gostar das mesmas músicas que os nossos pais, ou quando mordemos uma coisa que pensamos ser chocolate e afinal é patê de fígado; no entanto, em Zara desencadeou uma sensação de pânico total. Estaria a começar a desenvolver a capacidade da empatia?

Esfregou meticulosamente as mãos com desinfetante, contou as janelas do prédio do outro lado da rua, uma e outra vez, tentou respirar fundo. Estava há demasiado tempo no apartamento com pessoas que tinham encolhido a distância habitual que mantinha do mundo e não estava habituada a isso. Na varanda, encostou-se à parede do prédio para que ninguém lá em baixo a visse por cima do parapeito. Pôs os auscultadores nos ouvidos e aumentou o volume até o som estridente da música abafar o som estridente dentro da sua cabeça. Até os graves baterem mais alto do que o seu coração.

E, nesse lugar, talvez tenha encontrado uma trégua de si própria.

Via-se dali o inverno a instalar-se confortavelmente pela cidade. Zara gostava do silêncio daquela época do ano, mas nunca apreciara a sua presunção. Quando a neve chega, o outono já fez o trabalho todo; já despachou as folhas das árvores e varreu cuidadosamente o verão da memória das pessoas. Tudo o que o inverno tem de fazer é aparecer com o tempo frio e ficar com todo o crédito, como um homem que passou vinte minutos ao lado do grelhador, mas nunca preparou uma refeição completa em toda a sua vida.

Não ouviu a porta da varanda abrir-se, mas sentiu uma orelha peluda no

cabelo quando Lennart saiu e parou ao lado dela. Ele tocou ao de leve num dos auscultadores.

– O que é? – perguntou, maldisposta.

– Por acaso é fumadora? – perguntou Lennart, porque embora não tivesse ainda conseguido tirar a cabeça de coelho, esta tinha um pequeno orifício no focinho, e estava bastante convencido de que conseguiria fumar por aí.

– Com certeza que não! – exclamou Zara, voltando a colocar o auscultador.

Lennart ficou surpreendido, embora isso não se visse através da ambivalência inalterada da cabeça de coelho. Zara parecia mesmo uma fumadora, não por gostar de fumar, mas pela oportunidade de piorar o ar que os outros respiravam. O coelho tocou de novo no auscultador e ela levantou-o com grande relutância.

– Então o que está a fazer aqui na varanda? – quis saber ele.

Zara fitou-o dos pés à cabeça, começando pelas peúgas brancas, passando pelas pernas despidas e pelas cuecas de tecido não elástico, até ao tronco nu, onde os pelos do peito começavam a ficar grisalhos.

– Acha mesmo que está em posição de questionar as escolhas de vida das outras pessoas? – perguntou, mas não soou nem pouco mais ou menos tão irritada como queria, o que era irritante.

Ele coçou as grandes orelhas flácidas de coelho e respondeu:

– Eu também não fumo, na verdade. Só em festas. E quando sou feito refém!

Riu-se, mas Zara não. Lennart remeteu-se ao silêncio. Zara colocou de novo o auscultador, mas claro que ele voltou a tocar-lhe de imediato.

– Posso ficar aqui fora consigo um bocadinho? Tenho medo de que o Roger me volte a agredir se entrar.

Zara não respondeu. Colocou o auscultador na orelha e o coelho tocou-lhe outra vez.

– Então está aqui num safari, é?

Zara fitou-o, surpreendida.

– Que raio é que isso quer dizer?

– É só uma observação. Há sempre alguém como você nas visitas a

apartamentos para venda. Uma pessoa que não quer o apartamento, mas está curiosa. Como num safari. A testar um estilo de vida. Na minha profissão, aprendemos a reconhecer essas pessoas.

A expressão nos olhos de Zara era venenosa, mas manteve a boca fechada. Não é agradável quando alguém vê através de nós; temos tendência a apertar um pouco mais as roupas quando isso acontece, principalmente se, regra geral, somos nós que vemos através dos outros. O seu instinto foi dizer alguma coisa cruel para criar um pouco de distância, mas, em vez disso, deu por si a perguntar:

– Não tem frio?

Ele abanou a cabeça e ela teve de se desviar para evitar uma das orelhas. Lennart deu uma palmadinha no rosto peludo e riu-se.

– Não. Dizem que setenta por cento do nosso calor corporal se perde pela cabeça, portanto, uma vez que estou preso aqui dentro, suponho que estou a perder apenas trinta por cento.

Não é o tipo de coisa de que um homem vestido com cuecas apertadas normalmente se vangloria em temperaturas baixas, pensou Zara. Voltou a pôr o auscultador, na esperança de que isso bastasse para se ver livre dele, mas mesmo antes de Lennart lhe voltar a tocar já adivinhara que a sua próxima frase começaria pela palavra *Eu*.

– Eu sou ator, na verdade. Este negócio de interferir com as casas abertas é só um biscate.

– Que interessante – comentou Zara num tom de voz que apenas o filho de um operador de *telemarketing* interpretaria como um convite para continuar a falar.

– São tempos difíceis para as pessoas no setor cultural – explicou o coelho com um aceno.

Zara baixou os auscultadores para o pescoço, resignada, e soltou uma risada sarcástica.

– É essa a sua desculpa para explorar o facto de serem tempos difíceis também para quem vende apartamentos? Porque é que as pessoas no «setor

cultural» nunca acham que o capitalismo é bom, exceto quando são *vocês* que lucram com ele?

As palavras saíram-lhe, não sabia bem porquê. Por entre as orelhas do coelho, vislumbrou um pedacinho da ponte. As orelhas baloiçaram preguiçosamente ao vento de dezembro.

– Desculpe, mas não me parece ser o tipo de pessoa que tem pena de quem está a tentar vender apartamentos – disse ele.

Zara soprou, zangada.

– Não quero saber de compradores ou vendedores. Mas importo-me com o facto de você não perceber que o seu «biscate» está a manipular o sistema económico!

A cabeça de coelho manteve-se fixa num sorriso sinistro enquanto Lennart pensava dentro dela. Depois disse aquilo que Zara considerava ser a coisa mais estúpida que podia sair da boca de qualquer criatura, coelho ou humano:

– O que é que *eu* tenho a ver com o sistema económico?

Zara esfregou as mãos. Contou as janelas.

– O mercado devia autorregular-se, mas pessoas como você dão cabo do equilíbrio entre oferta e procura – explicou, em tom fatigado.

Claro que o coelho respondeu de imediato com a réplica mais previsível possível:

– Isso não é verdade. Se eu não estivesse a fazer isto, outra pessoa qualquer o faria. Não estou a violar nenhuma lei. Um apartamento é o maior investimento que a maioria das pessoas faz, e todos querem o melhor preço, portanto estou apenas a oferecer um serviço que…

– Os apartamentos não deviam ser investimentos – interrompeu Zara com um ar sombrio.

– O que deviam ser, então?

– Um lar.

– Não me diga que é comunista! – riu-se o coelho.

Zara teve vontade de lhe dar um soco no nariz, mas apontou por entre as suas orelhas e disse:

– Quando a crise financeira rebentou, há dez anos, um homem saltou daquela ponte por causa de um colapso do mercado imobiliário no outro lado do mundo. Pessoas inocentes perderam o emprego e os culpados ainda receberam um bónus. Sabe porquê?

– Agora está a exage…

– Porque pessoas como você não querem saber do equilíbrio do sistema.

Lennart soltou uma risada superior de dentro da cabeça de coelho. Ainda não percebera com quem é que se envolvera nesta discussão.

– Tenha lá calma! A crise financeira foi culpa dos bancos. Não sou eu que faço…

– As regras? Era isso que ia dizer? Não faz as regras, limita-se a jogar o jogo? – interrompeu Zara, saturada, uma vez que preferia beber nitroglicerina e ir saltar num trampolim do que ter de ouvir outro homem a dar-lhe sermões sobre responsabilidade financeira.

– Sim! Bom, não! Mas…

Zara passara tanto tempo da sua vida em salas de reuniões com homens que eram o mercado-alvo dos fabricantes de botões de punho, que conseguia prever o resto do monólogo deste tipo, por isso, decidiu poupar o seu tempo e a laringe dele.

– Deixe-me lá ver se adivinho onde você quer chegar: não quer saber do vendedor deste apartamento e também não quer saber do Roger e da Anna-Lena. Só está preocupado consigo próprio. Mas, para se tentar defender, vai dizer que não é possível fazer batota no mercado imobiliário, porque o *mercado* não existe realmente, é uma *idealização*. Apenas números num ecrã de computador. Por conseguinte, *você* não tem qualquer responsabilidade, pois não?

– Não… – começou Lennart, mas nem sequer conseguiu respirar antes de Zara continuar.

–Seguidamente, vai desenterrar um disparate qualquer da psicologia popular sobre o dinheiro não ter valor nenhum porque também é uma idealização. E então passamos à lição de história, onde você, seu espertalhão, quer ensinar a esta pobre ignorante tudo o que sabe sobre teoria económica e o nascimento do

mercado de capitais. Talvez esteja a pensar falar-me sobre Hanói em 1902, quando a cidade tentou combater uma praga de ratazanas oferecendo aos habitantes uma recompensa por cada ratazana que matassem e cuja cauda entregassem à polícia. E em que é que isso resultou? As pessoas começaram a criar ratazanas! Faz alguma ideia de quantos homens já me contaram essa história para ilustrar como as pessoas comuns podem ser egoístas e indignas de confiança? Sabe quantos homens como você cada mulher neste planeta encontra todos os dias, homens que julgam que cada pensamento que surge nos vossos cérebros minúsculos é um presente maravilhoso que nos oferecem?

Nesta altura, Lennart já recuara três passos em direção ao parapeito da varanda. Mas Zara estava lançada, pelo que ele só teve tempo de emitir um:

– Eu…

– Você o quê? Você o quê? Não é *você* que é ganancioso, são os outros todos? Era isso que ia dizer?

O coelho abanou as orelhas.

– Não. Não, desculpe. Não sabia que alguém tinha saltado da ponte. Era alguém seu conhe…

Zara sentiu as faces a latejar e tinha a garganta vermelha por baixo dos auscultadores. Já não estava a falar com Lennart – provavelmente nem ela própria sabia com quem é que estava a falar, mas parecia-lhe que estava há dez anos à espera de poder gritar com alguém. Qualquer pessoa. Consigo própria, acima de tudo. Portanto, rugiu:

– O problema são as pessoas como *você* e *eu*, não percebe? Defendemo-nos sempre com a conversa de que estamos apenas a oferecer um serviço. De que somos apenas uma parte ínfima do mercado. De que tudo é culpa das próprias pessoas. Que são gananciosas, que não deviam ter-nos dado o seu dinheiro. E ainda temos a ousadia de perguntar por que raio os mercados colapsam e as cidades estão cheias de ratazanas…

Tinha o olhar desvairado de raiva e pequenas nuvens de vapor a sair-lhe das narinas conforme respirava. O coelho não respondeu; os olhos vidrados limitaram-se a fitá-la enquanto ela tentava controlar a pulsação. Depois ouviu-se

um ronco de dentro da cabeça de coelho – ao princípio, Zara pensou que o velho filho da mãe estivesse a ter um AVC, mas depressa percebeu que era o som de Lennart a rir-se com vontade. Ele abriu os braços.

– Para ser franco, já nem sei do que é que está para aí a falar. Mas desisto. Ganhou, ganhou!

Zara semicerrou os olhos, tanto de medo como de raiva. Era mais fácil falar com o coelho do que com outras pessoas, porque não tinha de fitar Lennart nos olhos. Não estava preparada para o que isso lhe faria. Inclinou-se para a frente e esticou os dedos contra as coxas, dobrou-os e voltou a esticá-los, uma e outra vez. Depois questionou, em voz mais calma:

– Ganhei, foi? E o Roger e a Anna-Lena também ganharam? Ele está a tentar enriquecer e ela está a tentar fazê-lo feliz, e tudo o que estão realmente a fazer é a adiar um divórcio inevitável. Mas isso provavelmente deixa-o contente, porque depois terão de comprar *dois* apartamentos.

Ao ouvir isto, algo aconteceu. Lennart levantou a voz pela primeira vez.

– Não! Isso não! Porque… porque… não acredito nisso!

– Então em que é que acredita? – retorquiu Zara, e, independentemente do que a fizera chegar a este ponto, a sua voz finalmente falhou. Fechou os olhos com força e apertou os auscultadores nas mãos. Há dez anos que esperava que alguém lhe fizesse essa pergunta. Por isso ficou sem palavras quando ele respondeu:

– No amor.

Lennart largou a palavra de modo descuidado, como se não fosse nada de especial. Zara não estava preparada, e ser apanhada desprevenida pode deixar uma pessoa zangada. A voz de Lennart ficou mais abafada dentro da cabeça de coelho, e soou agora em tom magoado:

– Está a falar como se eu ficasse contente por as pessoas se divorciarem. Ninguém pode ter estado em dois mil apartamentos para venda sem se aperceber de que há mais amor no mundo do que o contrário.

Nem mesmo Zara tinha resposta para isso. E ele continuava a não parecer enregelado, o idiota com cabeça de coelho, o que só a deixou ainda mais irritada.

*Pare de falar em amor e tenha frio como um idiota normal, por amor de Deus*, pensou, e preparou-se para ripostar com um comentário arrasador. Mas a única coisa que ouviu sair da sua boca foi:

– Em que se baseia para dizer isso?

As orelhas do coelho estremeceram.

– Em todos os apartamentos que não estão para venda.

Zara atrapalhou-se com os dedos nos auscultadores à volta do pescoço. Não era uma resposta completamente ridícula, o que, claro está, a irritou. Porque não podia Lennart ter a decência de ser um perfeito idiota? Um idiota que é também um romântico é algo quase insuportável, e esse «quase» é capaz de dar com uma mulher em doida.

Assim, ficou calada, a olhar para a ponte. Depois soltou um suspiro resignado e tirou dois cigarros da mala. Enfiou um no focinho do coelho e o outro entre os seus próprios lábios. O coelho teve a esperteza suficiente para não mencionar a sua afirmação anterior de que *não* fumava. Ela apreciou a sensibilidade dele. Quando lhe deu o isqueiro, ele conseguiu chamuscar o pelo do nariz e teve de apagar as chamas com as mãos. Zara também apreciou esse momento.

Fumaram sem qualquer sensação de urgência. Depois Lennart disse, em tom grave, mas sem indícios de acusação, enquanto olhava para os telhados:

– Pode pensar o que quiser de mim, mas a Anna-Lena é uma das poucas clientes por quem… por quem não consigo deixar de torcer. Ela não quer enriquecer o marido, quer apenas que ele se sinta necessário. Toda a gente parte do princípio de que ela é submissa e oprimida, e que sempre teve de ficar para trás e fazer sacrifícios pela carreira dele, mas sabe qual era o emprego dela?

– Não – confessou Zara.

– Era analista sénior de uma grande companhia industrial americana. Eu também não acreditei, ao princípio, porque ela parece tão atarantada… mas garanto-lhe que não encontrará pessoa mais inteligente e culta dentro deste apartamento. Quando os filhos deles eram pequenos, a carreira do Roger

começou a progredir, mas a dela estava a correr ainda melhor, por isso o Roger recusou uma promoção para poder passar mais tempo em casa com os filhos enquanto ela fazia as suas viagens de negócios. Seria apenas durante alguns anos, mas a carreira dela disparou enquanto a dele estagnou, e quanto maior era a diferença entre os salários de ambos, mais difícil se tornava trocarem de lugar. Depois de os filhos crescerem e de a Anna-Lena ter alcançado todos os seus objetivos profissionais, virou-se para o Roger e disse: «Agora é a tua vez.» Mas nunca mais lhe ofereceram uma promoção. Ele estava demasiado velho. E eles não tinham maneira de falar sobre isso porque nunca tinham praticado as palavras certas. Portanto agora ela tenta compensá-lo, saltando constantemente de casa em casa, renovando apartamentos, tudo para terem… um projeto em comum. O Roger já não tem de cuidar dos filhos, por isso, sente-se um inútil. E a Anna-Lena só quer um lar. Pode dizer muitas coisas de mim, mas nunca se atreva a insinuar que eu não estou a torcer por aqueles dois.

Zara acendeu outro cigarro, nem que fosse para poder ter os olhos ocupados na ponta incandescente.

– Foi a Anna-Lena que lhe contou isso tudo?

– Ficaria surpreendida se soubesse o que as pessoas me contam.

– Não ficaria, não – murmurou Zara.

Teve vontade de lhe dizer que precisa de distância. Que não consegue parar de esfregar as mãos. Que conta tudo o que há em cada divisão porque isso a acalma. Que gosta de folhas de cálculo e previsões de faturação porque gosta de ordem. Mas também teve vontade de lhe dizer que o sistema económico ao qual dedicou a vida é o maior problema do mundo neste momento, porque o construímos demasiado forte. Esquecemo-nos de como somos ambiciosos, mas, acima de tudo, esquecemo-nos de como somos fracos. E agora está a esmagar-nos.

Teve vontade de lhe dizer tudo isto, mas nesta fase da vida Zara já se habituou ao facto de as pessoas não compreenderem ou não quererem compreender. Portanto ficou em silêncio. E, no fundo, desejou ter ficado em silêncio o tempo todo.

Cada um fumou mais um cigarro. A presença dele não incomodava Zara tanto quanto ela esperava, e esse dia já lhe trouxera mais experiências novas do que estava pronta para absorver, por isso levou imediatamente a mão aos auscultadores quando as orelhas do coelho se inclinaram de novo na direção dela. Percebeu que ele estava a tentar pensar em alguma coisa para lhe perguntar, para manter a conversa viva. Era isso que irritava Zara na maioria dos homens. Porque só conseguiam lembrar-se de duas perguntas: «Em que é que trabalha?» e «É casada?».

Mas este Lennart peculiar conseguiu reunir a coragem necessária para lhe perguntar apenas:

– O que é que está a ouvir?

Maldição, pensou Zara. *Por que raio não fica com frio e perde o interesse em mim?* Abriu a boca – havia tanta coisa que queria dizer, mas tudo o que saiu foi:

– A ladra de bancos vai desistir em breve. A polícia não deve demorar muito tempo a invadir o apartamento. Se fosse a si, ia vestir umas calças.

O coelho acenou, desapontado. Deixou-a com os auscultadores postos, a música no volume máximo, a contar janelas uma e outra vez. Pode não ser o tipo de história de amor que inspira os poetas. Mas, naquele momento, ambos deixaram o outro desorientado.

# 54

Estelle bateu levemente à porta do quarto de vestir. Julia abriu.

– Queria só avisar que as pizas vêm a caminho, mas estava a pensar que você deve estar esfomeada, pobrezinha, já que tem de comer por dois. Quer petiscar alguma coisa enquanto esperamos? Há comida no congelador. Quer dizer, as pessoas têm sempre comida no congelador – ofereceu Estelle.

– Não, obrigada. É muito amável, mas eu estou bem – respondeu Julia com um sorriso. Agradava-lhe que Estelle estivesse preocupada. Mais pessoas deviam fazer isto: perguntar aos outros se têm fome em vez de como se sentem.

– Bom, nesse caso não incomodo mais – disse Estelle, e fez menção de fechar a porta.

– Quer entrar? – convidou Julia, embora, para ser franca, tivesse usado aquele tom que usamos quando esperamos que a resposta seja não.

– Adorava! – trinou Estelle, e depois entrou e fechou a porta atrás de si. Passou pelo escadote e sentou-se no último assento disponível no quarto de vestir, uma arca encostada a um canto. Cruzou as mãos no colo, abriu um sorriso caloroso e observou:

– Ora, isto é muito agradável, não é? Há anos que não como piza. Evidentemente, tenho de admitir que esta história do assalto ao banco e de sermos reféns não foi lá muito agradável para nenhum de nós, mas não posso deixar de pensar que é bastante encorajador termos uma mulher a assaltar bancos. Não acham? É bom quando as raparigas mostram aquilo de que são capazes!

Julia encostou o polegar a um ponto específico entre os olhos, pressionou com força e conseguiu controlar-se e responder apenas:

– Hum… ela ameaçou-nos com uma pistola, mas mesmo assim… Força às mulheres!

– Acho que não é uma pistola a sério – interveio Anna-Lena rapidamente.

Julia fechou os olhos para que ninguém visse que os estava a revirar. Estelle sorriu com perplexidade e disse:

– Bom, não queria vir interrompê-las como uma velha barata tonta. Do que estavam a falar?

– De casamento – respondeu Anna-Lena com uma fungadela.

– Oh! – exclamou Estelle, como se a sua categoria preferida tivesse sido selecionada num concurso de televisão.

O seu entusiasmo suavizou um pouco a atitude de Julia, que lhe perguntou:

– Disse que o seu marido se chama Knut? Há quanto tempo são casados?

Estelle fez contas de cabeça até ficar sem números.

– O Knut e eu estamos casados desde sempre. Quando somos velhos, é assim. Simplesmente não existe tempo nenhum antes dele.

Julia tinha de admitir que gostava dessa resposta.

– Como conseguiram ter um casamento tão longo? – quis saber.

– Lutámos por ele – respondeu Estelle com franqueza.

Julia não pareceu gostar tanto dessa resposta.

– Não parece muito romântico.

Estelle sorriu com um ar entendido.

– Temos de nos ouvir um ao outro. Mas não *sempre*. Se nos ouvirmos um ao outro *sempre*, corremos o risco de não nos conseguirmos perdoar.

Julia passou as unhas pelas sobrancelhas com um ar infeliz.

– A Ro e eu dávamo-nos muito bem. Tão bem que não fazia mal também sermos boas a ficar zangadas. Às vezes eu zangava-me com ela de propósito, porque éramos tão boas na… na outra parte. Mas agora, oh… não sei. Já não tenho tanta certeza em relação à nossa relação.

Estelle brincou com a aliança e humedeceu os lábios com uma expressão pensativa.

– Quando nos apaixonámos, eu e o Knut fizemos um acordo sobre a maneira como podíamos discutir, porque o Knut sabia que, mais cedo ou mais tarde, a paixão inicial dissipa-se e acabamos por discutir, quer queiramos, quer não. Assim fizemos um acordo, como a Convenção de Genebra, em que se estabeleceram as regras da guerra. O Knut e eu prometemos que, por mais zangados que estivéssemos, não podíamos dizer propositadamente coisas só para

magoar o outro. Não podíamos discutir só para vencer a discussão. Porque, mais cedo ou mais tarde, isso acabaria com um de nós a vencer. E nenhum casamento consegue sobreviver a isso.

– E resultou? – perguntou Julia.

– Não sei – admitiu Estelle.

– Não?

– Não chegámos a ultrapassar a paixão inicial.

Depois disso, nem valia a pena tentar não gostar dela. Estelle olhou em volta, como se estivesse a tentar lembrar-se de alguma coisa, levantou-se e abriu a tampa da arca.

– O que está a fazer? – indagou Julia.

– Estou só a dar uma espreitadela – disse Estelle com um ar apologético.

Anna-Lena ficou incomodada, porque Anna-Lena achava que havia mesmo regras implícitas quanto ao nível de bisbilhotice permitido ao visitar um apartamento para venda.

– Não pode fazer isso! Só podemos espreitar para os armários se já estiverem abertos! Exceto os da cozinha. Podemos abrir os armários da cozinha apenas durante alguns segundos, para ver o tamanho por dentro, mas não podemos tocar no conteúdo nem fazer juízos de valor sobre o estilo de vida das pessoas. Há… há regras! Podemos abrir a máquina de lavar loiça, mas não a máquina de lavar roupa!

– Parece-me que já visitou demasiados apartamentos para venda… – comentou Julia.

– Eu sei – suspirou Anna-Lena.

– Há aqui vinho! – exclamou Estelle alegremente, tirando duas garrafas da arca. – E um saca-rolhas!

– Vinho? – repetiu Anna-Lena, subitamente encantada. Pelos vistos não fazia mal espreitar para dentro de arcas desde que elas contivessem vinho.

– Querem um bocadinho? – ofereceu Estelle.

– Eu estou grávida – recordou Julia.

– Então não pode beber vinho?

– Não posso beber álcool nenhum.

– Mas… vinho?

Estelle tinha os olhos muito abertos numa expressão benévola. Porque o vinho é feito de uvas, afinal de contas. E as crianças gostam de uvas.

– Vinho também – disse Julia em tom paciente, e lembrou-se de como a enfermeira na clínica pré-natal, numa consulta de rotina, lhes perguntara se bebiam álcool e Ro respondera: «Constantemente! Agora estou a beber por três!» A enfermeira não percebeu que Ro estava a brincar e a atmosfera ficou um pouco tensa. Agora, ao pensar nisso, Julia riu-se. É uma coisa que acontece muito quando se é casada com uma idiota.

– Disse algum disparate, eu? – perguntou Estelle com um ar ansioso, depois de beber um trago pelo gargalo e passar a garrafa a Anna-Lena, que não hesitou antes de beber dois grandes goles, o que parecia contrastar muito com o seu caráter. Estava a ser um dia estranho para todos.

– Não, não, estava só a pensar numa coisa que a minha mulher fez. – Julia sorriu e tentou parar de rir, sem grande sucesso.

– A mulher da Julia é uma idiota! Como o Roger! – explicou Anna-Lena a Estelle de forma prestável, e bebeu mais um trago, desta vez maior do que o espaço que tinha na boca, o que lhe provocou um ataque de tosse pelo nariz. Julia inclinou-se para a frente e deu-lhe palmadinhas nas costas. Entretanto Estelle, para a ajudar, tirou-lhe a garrafa das mãos e esvaziou-a mais um bocadinho. Depois, murmurou:

– O Knut não é um idiota. Não é mesmo. Mas está a demorar imenso tempo a estacionar. Quem me dera que ele estivesse aqui, para… bom, não estava preparada para ser refém sozinha.

Julia sorriu.

– Não está sozinha, tem-nos a nós. E esta ladra de bancos não parece querer fazer mal a ninguém, portanto tenho a certeza de que vai acabar tudo bem. Mas… posso perguntar-lhe uma coisa?

– Claro que sim, minha querida.

– *Sabia* que havia vinho dentro dessa arca? E, se não sabia, porque é que

resolveu espreitar?

Estelle corou. Após uma longa pausa, confessou:

– Geralmente, escondo o vinho no quarto de vestir, em casa. O Knut achava que era uma parvoíce. Quer dizer, *acha* que é uma parvoíce. Mas partimos do princípio de que as pessoas pensam como nós, portanto ocorreu-me que a pessoa que aqui vive podia não querer que os visitantes vissem as garrafas de vinho e pensassem: «Oh, esta pessoa é alcoólica», e nesse caso o quarto de vestir seria o sítio perfeito para esconder o vinho.

Anna-Lena bebeu mais dois goles, soltou um soluço sonoro e acrescentou:

– Os alcoólicos não têm garrafas de vinho fechadas em casa. Têm garrafas de vinho vazias.

Estelle concordou com um aceno grato e respondeu sem pensar:

– É muito amável em dizer isso. O Knut concordaria consigo.

Os olhos da mulher mais velha estavam brilhantes, e não era só por causa do vinho. Julia franziu a testa com tanta força que ficou com um penteado novo. Inclinou-se para a frente, pousou a mão gentilmente no braço de Estelle e murmurou:

– Estelle? O Knut não está a estacionar o carro, pois não?

Estelle apertou de tal maneira os lábios finos que estes desapareceram numa linha triste, pelo que a palavra quase não chegou aos ouvidos das outras mulheres quando por fim admitiu:

– Não.

# 55

*Interrogatório a testemunha*
*Data:* 30 de dezembro
*Nome da testemunha:* Lennart

**JACK:** Deixe-me lá ver se percebi bem: não estava no apartamento como potencial comprador, mas sim como alguém contratado pela Anna-Lena para estragar a visita ao apartamento dos outros potenciais compradores?

**LENNART:** Exatamente. «Lennart Sem Limites», sou eu. Quer um cartão de visita? Faço despedidas de solteiro, também… se o noivo roubou a sua namorada, esse tipo de coisas.

**JACK:** Então esse é o seu trabalho? Estragar visitas a apartamentos para venda?

**LENNART:** Não, sou ator. Mas de momento não há muitos papéis disponíveis. Participei em *O Mercador da Veneza* no teatro local.

**JACK:** *De* Veneza.

**LENNART:** Não, no teatro local, aqui!

**JACK:** Quero dizer que a peça se chama *O Mercador de Veneza*. Não *da* Veneza. Esqueça. Pode dizer-me mais alguma coisa sobre o ladrão de bancos?

**LENNART:** Acho que não. Já lhe disse tudo aquilo de que me lembro.

**JACK:** Está bem. Bom, receio ter de lhe pedir que fique mais um pouco, para o caso de surgir mais alguma questão.

**LENNART:** Não há problema!

**JACK:** Ah, é verdade, uma última coisa: o que sabe sobre o fogo de artifício?

**LENNART:** Como assim?

**JACK:** O fogo de artifício que o criminoso pediu.

**LENNART:** O que é que tem?

**JACK:** Bom, quando alguém faz reféns, não é habitual exigir fogo de artifício antes de os libertar. É mais normal exigir dinheiro.

**LENNART:** Com o devido respeito, o mais *normal* é nem sequer fazer reféns.

**JACK:** Pode muito bem ser, sim… Mas não lhe parece que fogo de

artifício é uma exigência estranha? Foi a última coisa que o criminoso fez antes de vos libertar.

**LENNART:** Não sei. É Ano Novo. E toda a gente gosta de fogo de artifício, não é?

**JACK:** Os donos de cães não gostam.

**LENNART:** Ah!

**JACK:** O que quer dizer com isso?

**LENNART:** Fiquei apenas surpreendido. Pensei que todos os polícias gostavam de cães.

**JACK:** Eu não disse que não gostava de cães!

**LENNART:** A maioria das pessoas diria que os cães não gostam de fogo de artifício. Mas você especificou *os donos de cães*.

**JACK:** Não gosto particularmente de animais, não.

**LENNART:** Lamento. São ossos do ofício. Na minha profissão aprendemos a ler as pessoas.

**JACK:** Como ator?

**LENNART:** Não, na outra. Já agora, os outros ainda estão aqui na esquadra?

**JACK:** Quem?

**LENNART:** As outras pessoas que estavam no apartamento.

**JACK:** Está a pensar em alguém em particular?

**LENNART:** A Zara. Por exemplo.

**JACK:** Por exemplo?

**LENNART:** Não precisa de fazer esse ar, como se eu tivesse feito alguma pergunta indecente. Estava só a perguntar.

**JACK:** Sim, a Zara ainda cá está. Porque pergunta?

**LENNART:** Oh, por curiosidade. Às vezes temos curiosidade em relação a certas pessoas, mais nada, e ela é a primeira pessoa em muito tempo que eu não consigo ler de maneira nenhuma. Tentei, mas não a percebo mesmo. Porque está a rir?

**JACK:** Não me estou a rir.

**LENNART:** Está, sim senhor!

**JACK:** Desculpe, foi sem intenção. Lembrei-me de uma coisa que o meu pai diz, só isso.

**LENNART:** O quê?

**JACK:** Ele costuma dizer que acabamos sempre por casar com a pessoa que não compreendemos. E depois passamos o resto da vida a tentar compreendê-la.

# 56

«Morte, morte, morte», pensou Estelle no quarto de vestir. Há muitos anos, lera que a sua autora preferida costumava começar todas as conversas telefónicas assim. «Morte, morte, morte.» Depois, com isso afastado do caminho, podiam discutir outros assuntos. Caso contrário, a partir de uma certa idade, nenhum telefonema parecia ser sobre a vida, apenas sobre a outra coisa. Hoje em dia, Estelle compreendia esse ponto de vista. A mesma autora escrevera uma vez que «é preciso viver a vida de modo a fazer amizade com a morte», mas isso Estelle já achava mais difícil. Lembrou-se de quando costumava ler histórias aos filhos, antes de dormir, e de Peter Pan declarar: «Morrer seria uma aventura extraordinária.» Talvez para quem morria, pensou Estelle, mas não para quem ficava para trás. Tudo o que a aguardava eram mil alvoradas em que a vida não passava de uma bonita prisão. As suas faces estremeciam, recordando-lhe que envelhecera e a sua pele era agora tão fina que se movia constantemente sob uma brisa que mais ninguém sentia. Não tinha nada contra a velhice, apenas contra a solidão. Quando conhecera Knut, não fora uma história de amor, pelo menos como outras que ela lera; a deles sempre fizera mais lembrar a história de uma criança que encontra o companheiro de brincadeiras perfeito. Mesmo até ao fim, quando Knut tocava em Estelle, ela tinha vontade de trepar às árvores e saltar do pontão para a água. Acima de tudo, sentia falta de o fazer rir tanto que ele cuspia o pequeno-almoço. Essas coisas ainda ficavam mais engraçadas com a idade, especialmente depois de ele começar a usar dentadura.

– O Knut morreu – disse, pela primeira vez, e engoliu em seco.

Julia estava a olhar para o chão num silêncio irresoluto. Anna-Lena tentou pensar em alguma coisa para dizer, depois inclinou-se para Estelle e tocou-lhe com a garrafa de vinho no ombro. Estelle aceitou-a e bebeu dois golinhos antes de a devolver e continuar a falar, meio com elas, meio consigo própria:

– Mas era muito bom a estacionar, o Knut. Conseguia enfiar o carro em espaços minúsculos. Por isso é que às vezes, quando as coisas são mais difíceis,

quando vejo algo mesmo engraçado e penso que ele se riria tanto que o pequeno-almoço ficaria todo no papel de parede…, nessas alturas imagino que ele está lá fora a estacionar o carro. Não era perfeito, nenhum homem o é, mas Deus sabe que, sempre que íamos a algum lado e estava a chover, ele deixava-me à porta, para eu esperar num sítio quente enquanto ele… estacionava.

Um silêncio invadiu o espaço entre as três mulheres e, aos poucos, esvaziou-lhes os vocabulários até nenhuma delas saber o que dizer. «Morte, morte, morte», pensou Estelle.

Naquelas últimas noites, quando Knut estava no seu leito de moribundo, ela perguntara-lhe: «Tens medo?»

E ele respondera: «Sim.» Depois passou os dedos pelos cabelos dela e acrescentou: «Mas vai-me saber bem um bocadinho de paz e sossego. Podes pôr isso na minha lápide.»

Estelle riu-se muito. E quando ele partiu, chorou tanto que não conseguia respirar. O seu corpo não voltou a ser o mesmo depois disso, encolheu-se e nunca mais se conseguiu endireitar.

– Ele era o meu eco. Agora tudo o que faço é mais silencioso –revelou às outras mulheres.

Anna-Lena ficou sentada algum tempo em silêncio antes de abrir a boca porque, embora estivesse a ficar ligeiramente embriagada, compreendia que, dadas as circunstâncias, não pareceria bem mostrar-se demasiado gananciosa. Foram segundos desperdiçados, claro, porque, quando por fim disse em voz alta o que estava a pensar, nem as boas intenções nem uma manada de cavalos selvagens conseguiriam disfarçar o seu tom esperançoso.

– Então… se o seu marido não está a estacionar o carro, posso perguntar se é verdade que veio ver o apartamento para a sua filha, ou isso também…

– Não, não! A minha filha vive numa bonita vivenda com o marido e os filhos – respondeu Estelle, envergonhada.

Nos arredores de Estocolmo, na verdade; mas isso Estelle não lhes contou porque achou que a conversa não precisava de ficar mais complicada.

– Então veio só… ver? – perguntou Anna-Lena.

– Francamente, Anna-Lena, ela não está a competir consigo e com o Roger pela compra do apartamento! Não seja tão insensível! – explodiu Julia.

Anna-Lena olhou para a garrafa e murmurou:

– Estava só a perguntar.

Estelle deu uma palmadinha grata no braço de cada uma delas e sussurrou:

– Não se zanguem por minha causa, minhas queridas. Sou demasiado velha para merecer tal coisa.

Julia assentiu com um ar amuado e abraçou a barriga. Anna-Lena fez o mesmo com a garrafa de vinho.

– Que idade têm os seus netos? – perguntou.

– Já são adolescentes – respondeu Estelle.

– Oh, lamento muito – disse Anna-Lena com sinceridade.

Estelle sorriu debilmente. Quem já viveu com adolescentes sabe que eles só existem para si próprios, enquanto os pais estão ocupados a lidar com os vários horrores da vida. Tanto da sua vida como da vida dos filhos. Não havia espaço para Estelle nessas circunstâncias – ela era pouco mais do que um aborrecimento. Ficavam contentes se atendia quando lhe ligavam no aniversário, mas, de resto, partiam do princípio de que o tempo estava parado para ela. Era um bonito ornamento que só tiravam da caixa no Natal e nas férias de verão.

– Não… não estou aqui para comprar o apartamento. Simplesmente, não tenho nada para fazer. Às vezes vou ver apartamentos para venda por curiosidade, para ouvir as pessoas a falarem, saber quais são os seus sonhos. Os sonhos das pessoas nunca são mais grandiosos do que quando estão à procura de um sítio para viver. O Knut morreu devagar, sabem. Esteve num lar durante anos, e eu não podia começar a viver como se ele estivesse morto…, mas também não estava vivo, na verdade. Assim, de certa forma, a minha vida ficou em pausa. Apanhava o autocarro até ao lar todos os dias e passava algum tempo com ele. Lia livros. Em voz alta, ao princípio, e depois só para mim, na fase final. As coisas são assim. Mas sempre tinha algo para fazer. E uma pessoa precisa disso.

Anna-Lena pensou que sim, que era mesmo assim, que as pessoas

precisavam de ter um projeto.

– A vida passa tão depressa. Pelo menos a idade ativa – pensou em voz alta, e ficou atrapalhada quando reparou que Julia a ouvira.

– Qual era a sua profissão? – perguntou a mulher mais nova.

Anna-Lena encheu os pulmões de ar, ao mesmo tempo hesitante e orgulhosa.

– Era analista numa companhia industrial. Bom, suponho que era a analista sénior, na verdade, embora tivesse feito os possíveis para não o ser.

– Analista sénior? – repetiu Julia, e ficou imediatamente envergonhada do seu tom incrédulo.

Anna-Lena viu a surpresa nos olhos dela, mas estava habituada e não se ofendeu. Normalmente, teria mudado de assunto, mas talvez o vinho tivesse levado a melhor nesta ocasião, porque em vez disso pensou em voz alta, sem qualquer hesitação:

– Sim, era. Não que eu quisesse ser. Chefe, quero dizer. O presidente da companhia explicou-me que era precisamente por isso que queria que eu o fizesse. Que para liderar não é preciso dizer às outras pessoas o que têm de fazer, podemos, em vez disso, deixá-las simplesmente fazer aquilo de que são capazes. Portanto, tentei ser mais uma professora do que uma chefe. Sei que não é fácil acreditar nisso quando me veem, mas na verdade não sou má professora. Quando me reformei, duas pessoas da minha equipa confessaram-me que não sabiam sequer que eu era chefe deles até ouvirem o discurso em que a empresa me agradeceu pelo meu trabalho. Muitas pessoas se calhar tomariam isso como um insulto, mas eu achei que era… simpático. Se pudermos fazer algo por alguém, de tal forma que eles pensem que o conseguiram fazer sozinhos, então acho que fizemos um bom trabalho.

Julia sorriu.

– É uma mulher cheia de surpresas, Anna-Lena.

Anna-Lena sorriu e corou como se fosse o maior elogio que alguém lhe fizera em toda a sua vida. Depois o pesar e a tristeza invadiram-lhe de novo os olhos; fechou-os rapidamente e abriu-os devagar.

– Toda a gente pensa que eu… bom, quando nos conhecem, acho que as

pessoas pensam que eu estive sempre na sombra do Roger. Só que isso não é verdade. O Roger devia ter tido a oportunidade de alcançar o seu potencial. Tinha um grande potencial. Mas o meu emprego… as coisas estavam a correr-me tão bem, cada vez melhor, por isso ele recusou várias promoções para poder deixar os miúdos na creche e essas coisas. Eu pude viajar e ter a minha carreira, sempre convencida de que no ano seguinte seria a vez dele. Mas nunca chegou a acontecer.

Ficou em silêncio. Para variar, Julia não sabia bem o que dizer. E Estelle parecia não saber o que fazer com as mãos. Por isso, enfiou-as outra vez na arca e, quando as tirou, trazia uma caixa de fósforos e um maço de cigarros.

– Vejam bem! – exclamou em tom animado.

– Mas quem é que *vive* aqui, afinal? – interrogou-se Julia.

– Alguém quer um? – ofereceu Estelle.

– Eu não fumo! – declarou Anna-Lena muito depressa.

– Eu também não. Quer dizer, já deixei de fumar. Praticamente. Fuma? – perguntou Estelle a Julia, e depois acrescentou: – Bom, suponho que nenhuma grávida fuma. No meu tempo, era normal. Reduzíamos um bocado, claro. Mas presumo que não é fumadora?

– Não, não sou – respondeu Julia em tom paciente.

– Os jovens de hoje em dia! Estão tão conscientes de como podem afetar os filhos. Ouvi um pediatra contar na televisão que, na geração anterior, os pais procuravam-no e perguntavam: «O nosso filho ainda faz chichi na cama, o que se passa com ele?» Agora, uma geração depois, procuram-no e questionam: «O nosso filho ainda faz chichi na cama; o que é que *nós* estamos a fazer mal?» Os pais de agora assumem a culpa por tudo.

Julia encostou-se à parede.

– Provavelmente cometemos todos os erros que a sua geração cometia, só que em versões diferentes.

Estelle virou o maço entre as mãos.

– Eu costumava fumar na varanda, porque o Knut não gostava do cheiro quando eu fumava dentro de casa, e porque gostava da vista. Via-se até à ponte.

Como deste apartamento, na verdade. Gostava muito dessa vista. Mas depois… bom… não sei se se lembram, aqui há uns dez anos, um homem saltou da ponte? Falou-se muito disso nos jornais. E eu… bom, fui ver a que horas ele tinha saltado e apercebi-me de que tinha sido pouco depois de eu ter estado a fumar na varanda. O Knut chamou-me porque estava a dar qualquer coisa na televisão, e eu entrei e deixei o cigarro ficar a arder sozinho no cinzeiro e, nesse espaço de tempo, o tal homem subiu ao parapeito e saltou. Depois disso deixei de fumar na varanda.

– Oh, Estelle, não foi culpa sua se alguém saltou de uma ponte –garantiu Julia, para tentar confortá-la.

– A culpa também não foi da ponte – acrescentou Anna-Lena.

– O quê?

– A ponte não tem culpa se alguém salta dela. Lembro-me desse caso porque o Roger ficou muito incomodado.

– Conhecia o homem que saltou? – perguntou Estelle.

– Oh, não. Mas sabia muito sobre a ponte. O Roger era engenheiro, percebe, e construía pontes. Não essa ponte específica; no entanto, para quem se interessa tanto por pontes como o Roger, todas as pontes acabam por ser interessantes. E na televisão falaram sobre esse caso como se a culpa fosse da ponte. O Roger ficou muito aborrecido com isso. As pontes existem para aproximar as pessoas, disse ele.

Julia não conseguiu deixar de pensar que era um comentário ao mesmo tempo muito estranho e bastante romântico. Provavelmente foi por isso – ou por estar com fome e exausta – que disse de repente:

– A minha noiva e eu estivemos na Austrália há alguns anos. Ela queria fazer *bungee-jumping* de uma ponte.

– A sua noiva? A Ro? – perguntou Estelle.

– Não, a minha primeira noiva.

Era uma longa história. Todas as histórias o são, a bem da verdade, se as contarmos desde o princípio. Esta história, por exemplo, seria consideravelmente

mais curta se fosse apenas sobre três mulheres num quarto de vestir. Mas é óbvio que também é sobre dois agentes da polícia, um dos quais ia nesse momento a subir as escadas.

# 57

O que aconteceu na rua foi que Jack, antes de entrar no prédio da frente, mandou o pai esperar por ele. E não sair dali. Mais especificamente, mandou-o não entrar no prédio onde estava a decorrer o drama de reféns. «Espera aqui», dissera o filho.

Mas é evidente que o pai não o fez.

Pegou nas pizas e subiu até ao apartamento, e quando voltou a descer tinha falado com a ladra de bancos.

# 58

Dentro do quarto de vestir, Julia arrependeu-se de ter mencionado a sua ex-noiva assim que o fez, por isso acrescentou:

– Estava noiva quando conheci a Ro. Mas é uma longa história. Esqueçam que falei nisso.

– Temos muito tempo para longas histórias – garantiu-lhe Estelle, porque tinha encontrado outra garrafa de vinho na arca.

– A sua noiva queria saltar de uma ponte? – repetiu Anna-Lena, alarmada.

– Sim, *bungee-jumping*. Com um elástico amarrado aos pés.

– Parece muito arriscado.

Julia massajou as têmporas com as pontas dos dedos.

– Eu também não gostei nada da ideia. Mas ela estava sempre a querer fazer coisas. A *vivenciar* tudo. Foi nessa viagem que percebi que não conseguia viver com ela. Porque não tenho energia para estar constantemente a vivenciar. Comecei a ficar com saudades da vida quotidiana, de todas as coisinhas enfadonhas do dia a dia, mas ela detestava estar entediada. Assim, voltei da Austrália uma semana antes dela, com a desculpa de que tinha de trabalhar. E foi então que beijei a Ro pela primeira vez.

Julia soltou um risinho juvenil. Em parte por vergonha, mas possivelmente também porque era a primeira vez em muito tempo que pensava em como ela e Ro se tinham apaixonado. As pessoas têm tendência para se esquecer disso quando estão embrenhadas na vida que se segue, quando vão ter um filho com alguém. De súbito, parece impossível recordar que alguma vez amaram outra pessoa.

– Como é que se conheceram? Você e a Ro? – perguntou Estelle, com os cantos da boca tingidos pelo vinho.

– A primeira vez? Ela entrou na minha loja. Sou florista e ela queria umas tulipas. Isto foi vários meses antes da viagem à Austrália. Não pensei muito nisso. Ela era… atraente, claro, qualquer pessoa vê isso…

Estelle acenou com veemência.

– Sim, foi a primeira coisa que pensei! Ela é mesmo extremamente bonita! E tão exótica!

Julia suspirou.

– Exótica? Só porque tem o cabelo de uma cor diferente do seu e do meu?

Estelle parecia infeliz.

– Já não podemos dizer essas coisas?

Julia não sabia como começar a explicar que a mulher não era uma peça de fruta, por isso respirou fundo e continuou:

– Seja como for, ela era atraente. Muito. Ainda mais do que é agora. Não que… não lhe digam nada, por favor… Ela ainda é atraente! Mas na altura, bom, claro que eu gostaria muito de… percebem… com ela. Só que estava comprometida com outra pessoa. No entanto, ela continuou a aparecer para comprar tulipas. Várias vezes por semana, às vezes. E fazia-me rir, rir à gargalhada, sem estar à espera, e não conhecemos muitas pessoas assim. Fiz um comentário sobre isso com a minha mãe e ela respondeu-me: «Não conseguimos viver muito tempo com as pessoas que são apenas bonitas, Jules. Mas as engraçadas, oh, essas duram uma vida!»

– A sua mãe é uma mulher sábia – observou Estelle.

– Sim.

– Está reformada?

– Sim.

– O que é que fazia antes?

– Limpava escritórios.

– E o seu pai, o que é que fazia?

– Batia em mulheres.

Estelle ficou como que paralisada, Anna-Lena, chocada. Julia olhou para elas e pensou na mãe, e como a coisa mais maravilhosa nela era o facto de sempre ter enfrentado a vida de frente e de sempre se ter recusado a deixar de ser romântica, acontecesse o que acontecesse. Para ser assim, é preciso um tipo de coração que poucas pessoas possuem.

– Pobre criança – murmurou Estelle.

– Que filho da mãe – murmurou Anna-Lena.

Julia encolheu os ombros, como fazem as crianças que cresceram demasiado depressa, pondo o sentimento de lado.

– Nós deixámo-lo. Ele não veio à nossa procura. Nem sequer o odeio, porque a minha mãe não me autorizou. Depois de tudo o que ele lhe fez, ela nem sequer permitiu que eu o odiasse. Sempre desejei que ela conhecesse outra pessoa, alguém que fosse carinhoso e a fizesse rir, mas ela sempre disse que eu era suficiente… Mas… quando lhe falei sobre a Ro, a minha mãe viu algo em mim que me fez ver algo nela. Isto se calhar parece… não sei como explicar. Algo que ela sentira uma vez, e de que desistira, não sei se percebem? E pensei… será esta a sensação? Aquilo de que toda a gente fala?

Anna-Lena limpou vinho do queixo.

– E o que aconteceu?

Julia pestanejou, primeiro depressa, depois mais devagar.

– A minha noiva ainda estava na Austrália. E a Ro apareceu na loja. Eu tinha falado ao telefone com a minha mãe nessa manhã e ela rira-se quando eu lhe dissera que não sabia o que a Ro sentia por mim, ou se sentia sequer alguma coisa. E a minha mãe fez o seguinte comentário: «Ouve, *ninguém* gosta assim tanto de tulipas, Jules!» Suponho que tentei negar, mas a minha mãe notou que eu praticamente já estava a ser infiel por pensar tanto na Ro. Disse que a Ro era a minha «loja de flores». E eu chorei. Em suma, estava na loja, a Ro entrou e eu… bem, ri-me tanto de qualquer coisa que ela disse que, sem querer, lhe cuspi para a cara. Ela estava a rir também. E acho que ela lá arranjou coragem, porque eu não era capaz, e convidou-me para beber um copo. Eu aceitei, mas estava tão nervosa que acabei por beber de mais. Saí do bar para fumar, envolvi-me numa discussão com o segurança e não me deixaram voltar a entrar. Por isso apontei pela janela para a Ro, que estava de pé ao balcão, e disse que ela era a minha namorada. O segurança entrou, disse-lhe isso a ela e, quando a Ro saiu, era a minha namorada. Liguei à minha noiva para pôr fim à relação. Aposto que ela se tem divertido à grande desde então. E eu… raios, adoro ser enfadonha com a Ro. Acham que é estúpido? Adoro discutir com ela sobre sofás e animais de

estimação. Ela é o meu dia inteiro. O… o mundo inteiro.

– Gosto dessa expressão do dia inteiro – admitiu Anna-Lena.

– A sua mãe tinha razão; os que nos fazem rir são os que duram a vida inteira – repetiu Estelle, pensando num escritor britânico que escrevera que nada no mundo é tão irresistivelmente contagioso como o riso e o bom humor. Depois, pensou numa escritora norte-americana que escrevera que a solidão é como a fome: só nos apercebemos do quão esfomeados estávamos quando começamos a comer.

Julia estava a pensar em como a mãe, quando ela lhe contara que estava grávida, olhara primeiro para a barriga de Julia, depois para a de Ro, e perguntara: «Como é que decidiram qual das duas ia… emprenhar?»

Julia ficara irritada, claro, e respondera em tom sarcástico: «Atirámos uma moeda ao ar, mãe!»

A mãe olhara novamente para ambas e, muito séria, quisera saber: «Então, ganhaste ou perdeste?»

Julia ainda tinha vontade de rir quando se lembrava disso.

– A Ro vai ser uma mãe fantástica – diz às suas companheiras. – Consegue fazer rir qualquer criança, tal como a minha mãe, porque o sentido de humor de uma e outra não se desenvolveu mais após os nove anos de idade.

– A Julia também vai ser uma excelente mãe – assegurou-lhe Estelle.

Os papos debaixo dos olhos de Julia estremeceram ligeiramente quando pestanejou.

– Não sei. Parece tudo tão complicado, e os outros pais parecem ser sempre todos tão… *engraçados*. Riem-se e brincam, e toda a gente diz que devemos brincar com as crianças e eu não gosto de brincar; nem quando era pequena gostava de brincar. Por isso, tenho receio de que a criança fique desapontada. Toda a gente dizia que seria diferente quando estivesse grávida, mas a verdade é que eu não gosto de todas as crianças. Pensei que isso mudasse, mas quando estou com os filhos dos meus amigos continuo a achar que são irritantes e que têm um péssimo sentido de humor.

Anna-Lena retorquiu, sem rodeios:

– Não precisa de gostar de todas as crianças. Apenas de uma. E as crianças não precisam dos melhores pais do mundo, apenas dos seus pais. Bem, para ser muito franca consigo, aquilo de que eles precisam, na maior parte do tempo, é de um motorista.

– Obrigada por isso – agradeceu Julia com sinceridade. – Estou com medo de que o meu filho não seja feliz. Que herde todas as minhas ansiedades e incertezas.

Estelle deu uma palmadinha afetuosa no cabelo de Julia.

– O seu filho vai ser perfeitamente normal, verá. E isto abrange uma série de potenciais peculiaridades.

– Que encorajador – sorriu Julia.

Estelle continuou a acariciar-lhe o cabelo.

– Vai fazer tudo o que puder, Julia? Vai proteger a criança com a própria vida? Vai cantar-lhe e ler-lhe histórias e prometer-lhe que amanhã será tudo melhor?

– Sim.

– Vai educá-la de modo a que não seja um daqueles idiotas que não tiram a mochila das costas quando estão nos transportes públicos?

– Farei os possíveis – prometeu Julia.

Estelle estava agora a pensar noutro escritor, que, quase cem anos antes, escrevera que os nossos filhos não são os nossos filhos; são os filhos e filhas do anseio da vida que a vida tem por si própria.

– Vai correr tudo bem. Não precisa de adorar ser mãe o tempo todo.

Anna-Lena interveio:

– Eu não gostava do cocó. Não gostava mesmo. Ao princípio, não era muito mau, mas quando os bebés têm cerca de um ano são como labradores. Adultos, não cachorrinhos…

– Está bem – interrompeu Julia, tentando cortar-lhe a palavra.

– A partir de uma certa idade, há qualquer coisa na consistência do cocó que parece cola: fica debaixo das unhas, e se esfregarmos a cara a caminho do

trabalho…

– Obrigada! Já chega! – garantiu Julia, mas Anna-Lena não conseguia parar.

– O pior é quando eles trazem amigos para casa, e de repente há uma criança de cinco anos desconhecida sentada na nossa sanita a pedir-nos para lhe limparmos o rabo. Quer dizer, o cocó dos nossos filhos é uma coisa, mas o dos filhos dos outros…

– *Obrigada!* – exclamou Julia.

Anna-Lena franziu os lábios. Estelle riu-se.

– Vai ser uma boa mãe. E uma boa esposa – acrescentou, apesar de Julia nem sequer ter mencionado esta última ansiedade. Julia tinha ambas as mãos pousadas na barriga e olhou para elas.

– Acha? Às vezes parece-me que tudo o que faço é aborrecer a Ro. Apesar de a amar.

Estelle sorriu.

– Ela sabe. Acredite em mim. A Ro ainda a faz rir?

– Sim. Meu Deus, sim.

– Então ela sabe.

– Não imagina: ela está sempre a fazer-me rir. Da primeira vez que a Ro e eu íamos… enfim, percebe… – Julia sorriu, mas interrompeu-se quando percebeu que não lhe ocorria nenhuma palavra que tivesse a certeza de que não ia escandalizar as duas mulheres mais velhas.

– O quê? – perguntou Anna-Lena, sem perceber.

Estelle deu-lhe um toque com o cotovelo e piscou o olho.

– Sabe, da primeira vez que elas *foram a Estocolmo*.

– *Oh!* – exclamou Anna-Lena, e corou dos pés à cabeça.

Mas Julia não estava a ouvir. Os seus olhos desfocaram-se; havia uma piada algures na memória, qualquer graçola que Ro dissera no táxi dessa primeira vez e que Julia ia contar-lhes, só que, em vez disso, deu por si a tropeçar nas palavras.

– Eu… Que estranho, já nem me lembrava disto. Eu tinha lavado a roupa nesse dia e pendurei uns lençóis brancos na porta do quarto para secarem. E

quando a Ro abriu a porta e os lençóis lhe bateram na cara, assustou-se e deu um salto. Tentou disfarçar, mas eu senti-a encolher-se e perguntei o que se passava e, ao princípio, ela não me queria explicar. Porque não queria estar a sobrecarregar-me com os seus fardos numa fase tão prematura da relação e tinha medo de que eu acabasse com ela antes mesmo de estarmos juntas. Mas continuei a chateá-la, claro, porque sou boa nisso, e por fim acabámos por ficar acordadas a noite toda a conversar, e a Ro contou-me como é que a sua família chegou à Suécia. Fugiram através das montanhas, no meio do inverno, e cada uma das crianças tinha de trazer consigo um lençol; se ouvissem o som de um helicóptero, tinham de se deitar na neve tapadas com o lençol, para não serem vistos. E os pais corriam em direções diferentes, para que, se os homens no helicóptero começassem a disparar, disparassem contra os alvos em movimento… e não contra as… E eu não sabia o que fazer…

A voz falhou-lhe. Estava a pensar em tudo o que Ro lhe contara nessa noite, as crueldades incompreensíveis que pessoas terríveis são capazes de infligir sobre os outros, a loucura absoluta da guerra. E pensou em como Ro, depois de tudo isso, conseguira ainda assim crescer e ser o tipo de pessoa que fazia rir os outros. Porque os pais lhe tinham ensinado, durante a fuga pelas montanhas, que o humor é a última linha de defesa da alma, e que enquanto nos rirmos estamos vivos, portanto, trocadilhos pirosos e piadas sobre peidos eram a sua maneira de desafiar o desespero. Ro contou tudo isto a Julia nessa primeira noite, e depois disso Julia pôde passar todos os dias inteiros do mundo com ela.

Algo assim faz com que uma pessoa esteja disposta a viver até com pássaros.

– Uma relação clandestina que começou numa florista. – Estelle acenou lentamente com a cabeça. – Gosto dessa história.

Ficou alguns minutos em silêncio e depois não se conseguiu conter:

– Eu tive um caso extraconjugal, uma vez! O Knut nunca soube.

– Valha-me Deus! – exclamou Anna-Lena, sentindo agora que as coisas começavam a ficar descontroladas.

– Sim, e não foi assim há tanto tempo como isso, sabem – acrescentou Estelle com um sorriso.

– Quem foi? – quis saber Julia.

– Um vizinho nosso. Ele lia muito, como eu. O Knut nunca lia. Dizia que os escritores eram como músicos que nunca chegavam onde queriam. Mas este outro homem, o nosso vizinho, tinha sempre um livro debaixo do braço quando nos encontrávamos no elevador. E eu também. Um dia, ele ofereceu-me o seu livro e disse: «Já acabei este, acho que devia lê-lo.» E assim começámos a trocar livros. Ele lia coisas maravilhosas. Não tenho palavras para descrever, mas era como ir numa viagem com alguém. O destino não importava. Para o espaço exterior. Isto durou muito tempo. Eu comecei a dobrar os cantos das páginas quando encontrava uma passagem de que gostava muito, e ele começou a escrever pequenos comentários nas margens. Uma palavra solta aqui e ali. «Lindo.» «Verdadeiro.» É esse o poder da literatura, sabem: pode ser como cartas de amor entre pessoas que só conseguem explicar os seus sentimentos através dos sentimentos de outras pessoas. Um verão, abri um livro e caiu um bocadinho de areia, e soube que ele tinha gostado tanto do livro que não o conseguira largar. De vez em quando, um dos livros tinha as páginas enrugadas, e eu sabia que o tinha feito chorar. Um dia disse-lhe isso, no elevador, e ele respondeu que eu era a única pessoa que sabia isso sobre ele.

– E foi então que… – questionou Julia com um sorriso maroto.

– Oh, não, não, não… – guinchou Estelle, e parecia que gostaria de terminar essa frase afirmando que era possível que tivesse *desejado* que acontecesse, ainda que, claro, isso não mudasse nada. – Nunca fomos… eu nunca… seria incapaz…

– Porque não? – indagou Julia.

Estelle sorriu, orgulhosa e ao mesmo tempo melancólica. É preciso ter uma certa idade para conseguir sorrir assim, uma certa vida.

– Porque só dançamos com a pessoa com quem fomos à festa. E eu fui com o Knut.

– Então… O que aconteceu? – quis saber Anna-Lena.

A respiração de Estelle não mostrou sinais de acelerar. Já não lhe restavam muitos grandes segredos. Depois deste, possivelmente nenhum.

– Um dia, no elevador, ele deu-me um livro e lá dentro estava a chave do seu apartamento. Disse-me que não tinha família próxima nas imediações e que queria que alguém no prédio tivesse a chave «para o caso de lhe acontecer alguma coisa». Eu não lhe respondi nem fiz nada, mas fiquei com a sensação de que talvez… talvez ele tivesse gostado. Que acontecesse alguma coisa.

Sorriu. Julia sorriu também.

– Então, em todo esse tempo, nunca?…

– Não, não, não. Só trocámos livros. Até ele morrer, alguns anos mais tarde. Qualquer coisa relacionada com o coração. Os irmãos puseram o apartamento à venda, mas as mobílias dele ainda lá estavam todas quando abriram a casa para visitas. Por isso eu fui e fingi que estava interessada em comprar o apartamento. Percorri a casa, passei as mãos sobre a bancada da cozinha, os cabides no roupeiro. Por fim, dei por mim em frente da estante de livros dele. É tão estranho, como podemos conhecer perfeitamente alguém através daquilo que lê. Nós gostávamos das mesmas vozes, da mesma maneira. Por isso dediquei alguns minutos a pensar no que podíamos ter sido um para o outro, se tudo tivesse sido diferente, noutra vida.

– E depois? – murmurou Julia.

Estelle sorriu – um sorriso desafiador e feliz.

– Depois fui para casa. Mas guardei a chave do apartamento dele. Nunca contei ao Knut. Foi a minha aventura.

O silêncio abateu-se sobre o quarto de vestir durante algum tempo. Por fim, Anna-Lena encontrou coragem para partilhar:

– Eu nunca tive uma aventura extraconjugal. Mas uma vez mudei de cabeleireira e durante anos não consegui passar à porta da antiga.

Não era um episódio muito marcante, mas ela queria sentir que estava a participar. Nunca tivera tempo para aventuras extraconjugais; como é que alguém tem tempo para essas coisas? Tanto *stress*, pensou Anna-Lena, e ter de

lidar com um homem completamente diferente. Ela passara a vida a trabalhar e a correr para casa, a trabalhar e a correr para casa, e sempre se sentira culpada por não ser tão boa como devia, nem num lado nem noutro. Nessas circunstâncias, é fácil sentir empatia por outras pessoas que nunca são tão boas como deviam. Deve ter sido por isso que, de todas as pessoas no apartamento a quem esse pensamento já ocorrera, foi Anna-Lena a primeira a sugeri-lo em voz alta:

– Acho que devíamos tentar ajudar a ladra de bancos.

Julia ergueu a cabeça e os olhos das duas mulheres cruzaram-se com todo um novo sentimento de respeito.

– Sim, também eu! Estava mesmo a pensar nisso. Não me parece que esta fosse de modo algum a intenção dela – acrescentou Julia.

– Só não sei como poderíamos ajudá-la – admitiu Anna-Lena.

– Pois, a polícia deve ter cercado o prédio, portanto, infelizmente, não vejo como ela poderia escapar – suspirou Julia.

Estelle bebeu mais vinho. Revirou o maço de cigarros nas mãos, porque claro que não se pode fumar ao pé de grávidas, não se deve mesmo; a menos, claro, que a pessoa esteja tão embriagada que possa afirmar de consciência tranquila que estava demasiado embriagada para reparar em quem estava à sua volta.

– Talvez ela se pudesse disfarçar? – lembrou de súbito, com a voz levemente entaramelada.

Julia abanou a cabeça sem perceber.

– O quê? Quem é que podia disfarçar-se?

– A ladra de bancos – esclareceu Estelle, e bebeu mais um gole.

– Que tipo de disfarce?

Estelle encolheu os ombros.

– Agente imobiliária.

– Como assim?

Estelle acenou afirmativamente.

– Viram algum sinal de uma agente imobiliária neste apartamento desde que a ladra de bancos chegou?

– Não… não; agora que fala nisso…

Estelle bebeu mais vinho e acenou de novo com a cabeça.

– Estou bastante certa de que todos os polícias lá fora partirão do princípio de que há uma agente imobiliária presente num apartamento para venda. Por isso, se…

Julia olhou para ela. Desataram a rir.

– Se a ladra de bancos fingir que se vai entregar e libertar todos os reféns, pode passar pela agente imobiliária e sair connosco! Estelle, que ideia genial!

– Obrigada – agradeceu Estelle, e espreitou para o gargalo da garrafa de vinho com um olho fechado para ver quanto ainda havia, antes de poder começar a fumar.

Julia levantou-se o mais depressa que conseguiu e dirigiu-se à porta para chamar Ro e explicar-lhe o plano, mas antes de abrir a porta, alguém bateu do lado de fora. Não com muita força, mas a suficiente para as três mulheres darem um salto como se alguém tivesse atirado bombinhas de Carnaval para dentro do quarto de vestir. Julia entreabriu a porta e viu o coelho do lado de fora, com um ar embaraçado, tanto quanto era possível perceber.

– Desculpem, não queria incomodar. Mas aconselharam-me a vestir umas calças.

– As suas calças estão aqui? – perguntou Julia.

O coelho coçou o pescoço.

– Não, eu tinha-as na casa de banho antes de toda a gente chegar. Mas estava a lavar as mãos e molhei-as. Depois vi as velas perfumadas no lavatório e pensei que talvez conseguisse aquecer as calças e secá-las. E… bom… consegui pegar-lhes fogo. Portanto, tive de despejar ainda *mais* água em cima delas para apagar as chamas. E acabei com as calças encharcadas. E depois ouvi-vos a entrar no apartamento, e a ladra de bancos começou aos gritos, e não tive tempo para… bem, em resumo, as minhas calças ainda estão molhadas. Portanto, ocorreu-me…

O coelho inclinou a cabeça na direção dos fatos pendurados, que esperava poder pedir emprestados. Sem querer, bateu com as orelhas na testa de Julia, que recuou, e o coelho presumiu que se tratava de um convite para entrar.

– Bom, está bem, entre lá… – resmungou Julia.

O coelho olhou em volta, com interesse.

– Que agradável!

Anna-Lena desapareceu atrás dos fatos e limpou os olhos. Estelle acendeu um cigarro, porque não lhe parecia que fizesse grande diferença, e quando Anna-Lena lhe lançou um olhar de desaprovação, disse em tom defensivo:

– Oh, eu sopro o fumo para a conduta de ventilação!

O coelho inclinou ligeiramente a cabeça e perguntou:

– Qual conduta de ventilação?

Estelle tossiu, mas não se percebeu se era por causa do cigarro ou da pergunta.

– Quer dizer… parece haver aqui algum tipo de ventilação. Estava só a dar um palpite. Mas sente-se uma brisa vinda do teto!

– O que está para aí a dizer? – perguntou Julia.

Estelle tossiu outra vez. Depois parou de tossir. Porém, no teto por cima deles, alguém continuou a tossir.

Olharam uns para os outros, o coelho e as três mulheres, um grupo diversificado de indivíduos, para dizer o mínimo, apertados dentro de um pequeno aposento onde se guardava roupa numa visita a um apartamento para venda que fora interrompida pela chegada de uma ladra de bancos. Provavelmente já tinham acontecido coisas mais estranhas a outras pessoas da cidade, mas não muito mais. Estelle teve tempo de pensar que se Knut tivesse aberto a porta naquele momento daria uma boa gargalhada, haveria pequeno-almoço por todo o lado e ela teria adorado. A tosse no teto continuou, como quando tentamos conter um ataque de tosse e ainda fica pior. Uma tosse de cinema.

Julia arrastou o escadote até ao fundo da divisão, Estelle saiu de cima da arca e Anna-Lena ajudou o coelho a subir. Ele empurrou o teto com as mãos até este ceder. Havia uma espécie de alçapão e, por cima, um espacinho apertado.

E ali estava a agente imobiliária.

# 59

Na esquadra, por esta altura, Jack já quase perdeu a voz com a fúria.

– Diga a verdade! Porque é que pediu fogo de artifício? Onde está a *verdadeira* agente imobiliária? Se calhar nem há uma agente imobiliária!

A agente imobiliária, cujo casaco ainda está amarrotado como o focinho de um buldogue devido às horas passadas no espaço apertado por cima do quarto de vestir, tenta uma e outra vez explicar tudo. No entanto, se há uma coisa que a vida moderna e a *internet* nos ensinaram, é que nunca devemos esperar vencer uma discussão apenas por termos razão. A agente imobiliária não consegue provar que não é a ladra de bancos, porque a única forma de o fazer é dizer onde a ladra de bancos se encontra neste momento, e a agente imobiliária não faz, honestamente, a mais pequena ideia em relação a isso. Jack, por sua vez, recusa-se a acreditar que a agente imobiliária é uma agente imobiliária, porque, se assim fosse, significaria que ele deixara passar algum pormenor óbvio, o que por sua vez indicaria que, afinal de contas, Jack não é assim tão inteligente, e ele pura e simplesmente não está preparado para admitir tal coisa.

Jim, que assistiu à maior parte do interrogatório sentado e em silêncio, se é que se pode considerar aquilo um interrogatório quando, na realidade, foi apenas Jack a gritar ininterruptamente, põe agora a mão no ombro do filho e sugere:

– E se fizéssemos uma pausa, filho?

Jack fixa os olhos nele.

– Foste enganado, pai, não estás a perceber? Foste lá acima com as pizas e deixaste que ela te *enganasse*!

Os ombros de Jim baixam sob o peso da mágoa quando ouve o filho declará-lo um idiota.

– Não podemos fazer um intervalo? Uma breve pausa? Um café… um copo de água…

– Só quando eu perceber o que realmente aconteceu! – insiste Jack com os dentes cerrados.

Não conseguirá alcançar o seu objetivo.

# 60

O que realmente aconteceu foi que, quando Jack desligou a chamada com o negociador e saiu a correr do prédio do outro lado da rua, Jim já estava também a sair do prédio onde se desenrolava o drama dos reféns. Jack, claro, ficou furioso por Jim ter entrado no prédio apesar de ele o ter mandado ficar cá fora, mas Jim fez os possíveis por acalmá-lo.

– Tem calma, filho. Calma. Não havia bomba nenhuma nas escadas; era apenas uma caixa de luzes de Natal.

– *Eu sei! Porque é que entraste no prédio antes de eu voltar?*

– Porque sabia que nunca me deixarias entrar se esperasse por ti. Falei com o ladrão de bancos.

– Claro que não teria deixado… Espera, o quê?

– Eu falei com o ladrão de bancos.

E depois Jim contou ao filho exatamente o que acontecera. Ou melhor, tão exatamente como podia. Porque é preciso dizer que contar histórias não é um dos maiores talentos de Jim. A mulher comentava sempre que ele era o tipo de pessoa que começava a contar uma anedota pelo fim e depois parava, gritava: «Não, espera, aconteceu qualquer coisa antes disso; querida, o que é que aconteceu antes da parte engraçada?», e tentava recomeçar e estragava outra vez a piada. Nunca se lembra do fim dos filmes, portanto pode vê-los as vezes que quiser, e fica sempre surpreendido ao descobrir quem é o assassino. Também não é muito bom em jogos ou concursos de televisão. Há um de que o filho e a mulher gostavam, com celebridades em comboios que tinham de adivinhar para onde iam através de várias pistas, e a mulher de Jim costumava rir-se enquanto ele ficava sentado no sofá a sugerir freneticamente tudo o que lhe ocorria, desde capitais espanholas a repúblicas africanas e minúsculas aldeias piscatórias norueguesas. «Estão a ver? Acertei!», declarava sempre no fim, e Jack retorquia sempre: «Não admira que acertes quando dizes os nomes TODOS!»

E a mulher? Ela só se ria. Jim tinha tantas saudades disso. Tanto lhe fazia que

ela risse com ele ou dele – só queria voltar a ouvir o seu riso.

Assim, Jim aproveitou a oportunidade para entrar no prédio quando Jack não estava a ver, porque Jim sabia que era isso que ela teria feito. Sentiu-se muito, muito tolo quando chegou ao patamar da caixa e percebeu que, às vezes, luzes de Natal são apenas luzes de Natal. Mas ela teria achado graça. Por isso, continuou a subir.

Havia dois apartamentos no último piso. O drama de reféns estava a ter lugar no da direita, e o da esquerda pertencia ao jovem casal que não conseguia estar de acordo em relação a coentros e máquinas de fazer sumos, e com quem Jim falara ao telefone pouco tempo antes (e sobre cuja separação sabia agora mais pormenores do que qualquer pessoa normal devia saber). Só para ter a certeza, espreitou pela ranhura do correio, mas não havia luzes acesas, e a quantidade de correspondência no tapete sugeria que não estava ninguém em casa há algum tempo. Só então é que Jim tocou à campainha do apartamento onde estavam o ladrão de bancos e os reféns.

Não obteve resposta durante muito tempo, apesar de continuar a tocar à campainha. Por fim, percebeu que a campainha não estava a funcionar e bateu à porta. Teve de fazê-lo também várias vezes, mas, por fim, a porta entreabriu-se e um homem vestido com um fato e uma máscara de esqui espreitou. Olhou primeiro para as pizas e depois para Jim.

– Não tenho dinheiro – disse o homem de máscara.

– Não se preocupe com isso – respondeu Jim, estendendo as pizas.

O homem de máscara fitou-o com os olhos semicerrados.

– Você é polícia?

– Não.

– Claro que é.

Jim reparou que o sotaque do homem mudava várias vezes, como se não conseguisse decidir-se. E não era possível determinar muito sobre a sua aparência, nem sequer se era alto ou baixo, porque nunca abriu completamente a porta.

– Porque acha que sou polícia? – perguntou Jim em tom inocente.

– Porque os entregadores de pizas não dão pizas de graça.

Jim não viu motivos para continuar a negar.

– Tem razão, sou polícia. Mas estou sozinho e desarmado. Há alguém magoado aí dentro?

– Não. Pelo menos, não mais do que quando cá chegaram – considerou o homem de máscara.

Jim acenou amistosamente.

– Os meus colegas lá em baixo estão a ficar nervosos, percebe, porque você ainda não fez qualquer exigência.

Surpreendido, o homem de máscara pestanejou.

– Pedi piza.

– Quero dizer… exigências para libertar os reféns. Só não queremos que ninguém fique ferido.

O homem de máscara de esqui pegou nas caixas de piza, levantou um dedo e pediu:

– Dê-me um momento.

Fechou a porta e desapareceu dentro do apartamento. Passou um minuto, depois outro, e precisamente quando Jim estava a pensar em bater outra vez à porta, esta entreabriu-se alguns centímetros. O homem olhou para fora e disse:

– Foguetes.

– Não estou a perceber – disse Jim.

– Quero um espetáculo de fogo de artifício que eu consiga ver da varanda. Depois, liberto os reféns.

– A sério?

– E nada de coisas baratas, não tentem enganar-me! Um espetáculo de fogo de artifício a sério! Com todas as cores, aqueles que parecem chuva, tudo.

– E depois liberta os reféns?

– Depois liberto os reféns.

– É essa a sua única exigência?

– Sim.

Jim desceu as escadas ao encontro de Jack, lá em baixo na rua, e contou-lhe tudo isto.

No entanto, é preciso reiterar que Jim não é muito bom a contar histórias. Na verdade, é terrível. Logo, é possível que não se tenha lembrado de todos os pormenores.

# 61

Roger estava certo quando olhou para a planta e calculou que o último piso do prédio devia ter sido originalmente um único apartamento grande. Quando instalaram o elevador, o apartamento foi dividido em dois e vendido como apartamentos separados, o que levou a uma série de soluções criativas, entre as quais a parede dupla na sala de estar e a conduta de ventilação abandonada por cima do quarto de vestir. Esta permaneceu intacta, ignorada durante anos, até que, como as pessoas que julgamos terem-se tornado supérfluas com a idade, deu de súbito sinais de vida. Porque no inverno o ar frio soprava através dela vindo do sótão do prédio antigo: o isolamento lá em cima não é grande coisa e o ar desce e forma uma corrente de ar no quarto de vestir. Uma pessoa tem de estar sentada mesmo ao fundo, numa arca cheia de vinho, para dar por ela. Não é um sítio mau para fumar, claro, se for essa a vontade da pessoa, mas, tirando isso, a conduta de ventilação não servia para absolutamente mais nada há muitos anos. Isto até que uma agente imobiliária reparou que o espaço tinha tamanho suficiente para uma agente imobiliária de estatura bastante delicada conseguir enfiar-se e esconder-se de modo a não morrer às mãos de um ladrão de bancos armado.

A abertura no teto era tão apertada que só com algum esforço conseguiu passar, o que significa, claro, que era inevitável que Lennart ficasse entalado, de tal forma que, quando tentou libertar-se, a cabeça de coelho *finalmente* saiu. Ele tombou para trás, caiu do escadote e aterrou pesadamente no chão. Horrorizada, a agente imobiliária espremeu-se ao lado da cabeça de coelho e meteu a cabeça de fora do alçapão para ver se ele se matara, e de imediato também ela se desequilibrou e caiu do buraco, aterrando mesmo em cima dele. Anna-Lena ficou com um pé preso debaixo deles e caiu também. O escadote abanou e tombou por sua vez, batendo no alçapão ao cair e fechando-o com estrondo. A cabeça de coelho ficou lá em cima.

Roger, Ro e a ladra de bancos ouviram o barulho no quarto de vestir e correram para ver o que se passava. Todos os que estavam lá dentro tentaram

sair, e todos os que estavam cá fora tentaram perceber que braços e pernas deviam puxar, assim mais ou menos como tentar desembaraçar as luzes de Natal no Natal a seguir ao Natal em que se discutiu com a mulher sobre bordéis e se acabou por atirar as luzes para dentro de uma caixa enquanto se pensava: *No próximo Natal logo arrumo esta trapalhada melhor!*

Por fim, depois de estarem todos em pé, olharam ao mesmo tempo para as cuecas de Lennart, porque se tornara difícil não o fazer, apesar de o próprio Lennart não imaginar o que se passava até que Anna-Lena gritou:

– *Está a sangrar!*

Lennart, agora livre da cabeça de coelho, inclinou-se para a frente para conseguir ver para além da barriga proeminente e, de facto, estava a pingar-lhe sangue das cuecas.

– Oh, não – gemeu; enfiou a mão dentro das cuecas e tirou um pequeno saquinho molhado, a fazer lembrar uma coisa em que tentamos que as crianças não reparem à beira da autoestrada. Correu para a casa de banho, mas tropeçou na beira da carpete na sala e caiu de cabeça; e então o saco de sangue saltou-lhe da mão, rebentou e o conteúdo espalhou-se pelo chão.

– Mas que raio! – exclamou Roger.

Lennart exclamou, sem fôlego:

– Não se preocupem! É sangue falso! Tinha um saco nas cuecas, porque às vezes é preciso ir um bocadinho mais longe no número do coelho na sanita para assustar mesmo as pessoas.

– Eu não encomendei nada *disto*! – declarou Anna-Lena rapidamente.

– Não, é um extra opcional – confirmou Lennart, enquanto se levantava, atrapalhado.

– Vá vestir umas calças – ordenou Julia secamente.

– Sim, por favor – pediu Anna-Lena.

Lennart obedeceu e dirigiu-se ao quarto de vestir. Quando voltou a sair, Zara acabara de entrar na sala, vinda da varanda. Era a primeira vez que ela o via vestido e sem a cabeça de coelho. E era uma melhoria, tinha de admitir a si própria. Não era odioso.

Os restantes estavam a olhar para o sangue no chão, sem saber bem o que fazer.

– Pelo menos a cor é bonita – comentou Ro.

– Muito moderna! – concordou Estelle com um aceno, porque ouvira há pouco tempo na rádio que o homicídio estava em voga na cultura popular.

Roger, entretanto, sentia naturalmente uma necessidade crescente de informação, por isso virou-se para a agente imobiliária e interrogou-a:

– Onde diabo é que se enfiou?

Embaraçada, a agente imobiliária ajeitou o casaco, demasiado largo e muito amarrotado.

– Bom, quando a casa aberta começou, eu estava no *closet*…

– A fazer o quê? – inquiriu Roger.

– Estava nervosa. Fico sempre nervosa antes de uma casa aberta. Portanto, costumo fechar-me na casa de banho alguns minutos para me encorajar a mim própria. Sabe, penso: *Tu consegues! És uma agente imobiliária forte e independente, e este apartamento* será *vendido, por* ti*!* Mas a casa de banho estava ocupada, por isso fui para o *closet*. E então ouvi…

Indicou com um gesto educado, mas nervoso, a mulher parada no meio da sala com a máscara numa mão e a pistola na outra. Estelle interveio em tom prestável e confirmou:

– Sim, esta é a ladra de bancos. Mas ela não é perigosa! Fez-nos reféns, mas tem tratado muito bem de nós. Vamos comer piza!

A ladra de bancos olhou para a agente imobiliária com um ar constrangido e pediu:

– Desculpe. Não se preocupe, a pistola não é verdadeira.

A agente imobiliária sorriu, aliviada, e continuou:

– Bom, estava no *closet* e ouvi alguém gritar: «Estamos a ser assaltados!» E suponho que agi por instinto.

– Como assim, por *instinto*? – perguntou Roger.

A agente imobiliária começou a sacudir o casaco.

– Na verdade, tenho várias casas abertas nas próximas semanas. A

Imobiliária No Trinque tem um dever para com os seus clientes. Por isso pensei: *Não posso morrer*. Seria muito irresponsável da minha parte. E então descobri o alçapão no teto, trepei para dentro da conduta e escondi-me.

– Este tempo todo? – perguntou Roger.

A agente imobiliária assentiu com um aceno de cabeça enérgico.

– Pensei que talvez conseguisse sair pelo outro lado, mas não consegui. – Ocorreu-lhe então algo importante, bateu palmas e exclamou: – Valha-me Deus, olhem para mim aqui a dar à língua. Em primeiro lugar, espero que esteja tudo nos trinques! Obrigada por terem vindo visitar este apartamento. Alguém está interessado em fazer já uma oferta?

O grupo ali reunido não parecia particularmente impressionado com a pergunta, e a agente imobiliária levantou os braços com um sorriso animado.

– Querem vê-lo melhor? Não há problema! Hoje não tenho mais nenhuma casa aberta.

Roger franziu o sobrolho.

– Por que raio é que abriu sequer a casa para visitas na antevéspera de Ano Novo? Nunca tinha visto tal coisa. E posso garantir-lhe que já visitei muitos apartamentos para venda.

A agente imobiliária parecia tão contente como só uma agente imobiliária que acabou de sair de um espaço apertado pode estar.

– Foi um dos pedidos da vendedora. E não me importei porque, na Imobiliária No Trinque, *todos* os dias são dias de trabalho!

Os outros reviraram os olhos coletivamente ao ouvir isto. Todos exceto Estelle, que estremeceu e perguntou:

– Está frio aqui, não está?

– Está, não está? Aposto que isso faz descer o valor, hã, Roger? – gracejou Ro, para aliviar o ambiente, mas arrependeu-se de imediato, porque Roger não pareceu achar graça nenhuma.

Julia, que nesta altura tinha dores em quase todas as partes do corpo, e cuja paciência se esgotara definitivamente, abriu caminho entre os outros e fechou a porta da varanda. Depois, aproximou-se da lareira e começou a arrumar a lenha.

– Mais vale acendermos o lume enquanto esperamos pelas pizas.

A ladra de bancos ficou parada no meio da sala com a pistola na mão, que não lhe estava a servir de nada, de qualquer maneira. Olhou para o grupo de reféns, que aumentara agora em mais uma pessoa, e presumiu que isso devia aumentar proporcionalmente a sua pena de prisão. Suspirou e disse:

– Não têm de esperar pelas pizas. Podem sair todos agora. Eu entrego-me e deixo a polícia fazer… bom, o que quer que estejam a pensar fazer. Podem sair todos primeiro e eu espero aqui, para que ninguém se magoe. Nunca tive intenções de… de fazer reféns. Só precisava de dinheiro para a renda, para que o advogado do meu ex-marido não me tirasse as minhas filhas. Foi… desculpem… Sou uma idiota, vocês não mereciam nada disto e… desculpem.

As lágrimas deslizaram-lhe pelas faces e desistiu de as tentar conter. Talvez tenha sido o facto de parecer tão pequena que afetou os outros. Ou talvez cada um deles tenha dado por si a pensar em tudo o que tinham vivido nesse dia e no que significara para eles. De repente, começaram todos a protestar ao mesmo tempo, a falar uns por cima dos outros.

– Mas não pode… – começou Estelle.

– Não fez mal a ninguém! – continuou Anna-Lena.

– Deve haver alguma maneira de resolver isto – concordou Julia.

– Talvez consigamos pensar nalguma saída? – sugeriu Lennart.

– Precisamos sem dúvida de algum tempo para reunir toda a informação antes de nos libertar! – declarou Roger.

– E as ofertas ainda nem sequer começaram! – acrescentou a agente imobiliária.

– Podíamos pelo menos esperar pelas pizas, não podíamos? – sugeriu Ro.

– Sim, vamos comer qualquer coisa. Isto até acabou por ser muito agradável, não foi? Podermos conhecer-nos todos uns aos outros? E tudo graças a *si*! – exclamou Estelle com um sorriso radiante.

– Tenho a certeza de que a polícia não vai disparar sobre si. Não muito, pelo menos – considerou Anna-Lena em tom reconfortante.

– Porque é que não saímos todos juntos consigo? Não podem disparar se

sairmos todos ao mesmo tempo! – insistiu Julia.

– Tem de haver uma saída. Se é possível entrar às escondidas numa casa aberta, também deve ser possível sair às escondidas – aventou Lennart.

– Vamos todos sentar-nos e delinear um plano! – exigiu Roger.

– E fazer ofertas pelo apartamento! – acrescentou a agente imobiliária em tom esperançoso.

– E comer piza! – exclamou Ro.

A ladra de bancos olhou para cada um deles durante muito tempo. Depois murmurou, com gratidão:

– Os piores reféns de sempre.

– Ajude-me a pôr a mesa – pediu Estelle, pegando-lhe no braço.

A ladra de bancos não resistiu e foi com Estelle para a cozinha. Voltou com copos e pratos. Julia continuou a acender a lareira. Zara debateu-se com a sua personalidade durante algum tempo e, por fim, estendeu o isqueiro a Julia sem que esta precisasse de o pedir.

Roger estava de pé ao lado da lareira, sem saber o que fazer para ser útil, e perguntou a Julia:

– Tem a certeza de que sabe fazer isso?

Julia lançou-lhe um olhar irritado e estava prestes a ripostar que a mãe a ensinara a fazer fogo, num tom que deixasse Roger a pensar se ela e a mãe não teriam queimado o pai numa fogueira. Mas fora um dia longo e todos tinham ouvido as histórias uns dos outros, o que fazia com que fosse difícil antipatizar com estas pessoas, portanto Julia respondeu antes algo incrivelmente generoso.

– Não. Pode ajudar-me?

Roger assentiu com um aceno lento, agachou-se e começou a falar com a madeira.

– Podemos… acho que podemos, a menos que você não… podemos tratar disto juntos – murmurou.

Ela engoliu em seco e acenou afirmativamente.

– Gostava muito.

– Obrigado – murmurou ele.

Depois mostrou-lhe como costumava acender a lareira.

– É normal fazer tanto fumo? – perguntou Julia.

– A madeira não está boa – resmungou Roger.

– A sério?

– O raio da madeira não está boa, estou a dizer-lhe!

– Já abriu o ventilador?

– Claro que abri o raio do ventilador!

Julia abriu o ventilador. Roger resmungou entre dentes e ela soltou uma gargalhada. Ele também se riu. Não estavam a olhar um para o outro, mas o fumo entrou-lhes para os olhos e tinham lágrimas a deslizar pelas faces. Julia lançou-lhe um olhar de relance.

– A sua mulher é muito simpática – comentou.

– A sua também – respondeu ele.

Ambos ajeitaram pedaços de madeira diferentes na lareira.

– Se você e a Anna-Lena querem mesmo ficar com o apartamento… – começou Julia, mas ele interrompeu-a.

– Não. Não. Este apartamento é bom para crianças. Você e a Ro deviam comprá-lo.

– Acho que a Ro não o quer… Está sempre a meter defeitos em tudo – suspirou Julia.

Roger empurrou o pedaço de madeira com mais força.

– Ela está apenas com medo de não conseguir ser tudo o que é preciso para si e para o bebé. Tem de lhe garantir que isso é um disparate. Ela tem medo de não ser capaz de arranjar os rodapés sozinha, por isso tem de lhe explicar que ninguém sabe arranjar rodapés até tentar uma primeira vez. Toda a gente tem de começar por algum lado!

Julia olhou para as chamas e refletiu nestas palavras. Roger fez o mesmo. Cada um deles a olhar para um pedaço de madeira diferente, uma pequena chama, muito fumo.

– Posso dizer-lhe uma coisa pessoal, Roger? – murmurou ela passado algum

tempo.

– Hum.

– Não precisa de provar nada à Anna-Lena. Já não precisa de provar nada a ninguém. Você também é tudo o que precisa de ser.

Remexeram no fogo. Ficaram com os olhos cheios de fumo. Não disseram mais nada.

Ouviram então bater à porta. Porque o polícia do outro lado tinha percebido finalmente que a campainha não estava a funcionar.

# 62

– Eu vou lá – declarou a ladra de bancos.

– Não! E se for a polícia? – exclamou Ro.

– É mais provável que sejam as pizas – calculou a ladra de bancos.

– Está doida? A polícia nunca mandaria um entregador de pizas para uma situação de reféns! Quer dizer, você está armada e é perigosa! – lembrou Ro.

– Não sou perigosa – retorquiu a ladra de bancos, magoada.

– Não era isso que eu queria dizer – justificou-se Ro, constrangida.

Roger endireitou-se junto da lareira, que agora estava a fumegar muito menos, e apontou para a ladra de bancos com um pedaço de madeira como se fosse a sua mão.

– A Ro tem razão. Se abrir a porta, a polícia pode disparar. Seria melhor se fosse lá eu.

Julia concordou, embora um pouco depressa de mais para o gosto de Roger.

– Sim! Deixem ir o Roger! Quem sabe? Podemos arranjar uma maneira de a ajudar a fugir e a polícia assim nunca saberia que você é uma mulher. Toda a gente partirá do princípio de que o ladrão de bancos é um homem!

– Porquê? – quis saber Roger.

– Porque as mulheres, regra geral, não são assim tão estúpidas – interveio Zara, sempre prestável.

A ladra de bancos suspirou e hesitou. Mas Anna-Lena deu um passinho muito pequeno para o meio da sala e murmurou:

– Por favor, não abras a porta, Roger. E se eles disparam?

O fumo entrou nos olhos de Roger, apesar de neste momento já não haver fumo nenhum. Não disse nada. Portanto Lennart deu um passo em frente e ofereceu-se:

– Oh, eu trato disso! Deem-me a máscara e eu finjo que fui eu que vos fiz reféns. Afinal de contas sou ator… Participei em *O Mercador da Veneza* no teatro local.

– Não é *O Mercador* de *Veneza*? – questionou Anna-Lena.

– É? – perguntou Lennart.

– Oh, gosto muito dessa peça, tem um verso maravilhoso. Qualquer coisa sobre uma luz! – declarou Estelle alegremente; no entanto, por mais que se esforçasse, não se conseguia lembrar da citação.

– Meu Deus, parem de dar à língua e *concentrem-se* por um minuto! – ordenou Julia, porque tinha ouvido uma segunda pancada na porta.

Lennart acenou e estendeu a mão à ladra de bancos.

– Dê-me a máscara e a pistola.

– Não, dê cá isso, eu vou lá! – exclamou Roger, com uma necessidade renovada de validação.

Os dois homens enfrentaram-se o melhor que conseguiam. Roger provavelmente gostaria de dar outro soco a Lennart, ainda mais agora que ele já não tinha a cabeça de coelho. Mas talvez Lennart tenha percebido como Roger estava magoado, portanto, antes que este tivesse tempo de fechar o punho, declarou:

– Não se zangue com a sua mulher, Roger. Pode zangar-se comigo.

Roger ainda parecia zangado, mas as palavras deviam tê-lo atingido nalgum ponto fraco, abrindo uma fenda minúscula na sua fúria, por onde o ar se escapou lentamente.

– Eu… – resmungou, sem olhar para Anna-Lena.

– Deixe-me fazer isto – pediu Lennart.

– Por favor, querido – murmurou Anna-Lena.

Roger ergueu os olhos para o queixo dela e viu que estava a tremer. E cedeu. Podia ter sido um momento muito emocionante, na verdade, se ele não tivesse murmurado a seguir:

– Espero que lhe deem um tiro na perna, Lennart.

Mas disse-o de uma forma mais simpática do que pode parecer.

Nesse momento Estelle lembrou-se do verso da peça, e declarou:

– «É em minha casa que brilha aquela luz. Como chegam longe os raios da

pequena candeia! Assim brilha uma boa ação num mundo corrompido.»

Lembrou-se de outro verso – «e de tal modo dormente me deixa tal tristeza» –, mas não o declamou em voz alta porque não queria estragar o ambiente. A ladra de bancos olhou para a velha senhora.

– Desculpe, só agora é que me lembrei que está à espera do seu marido… o Knut, não é? Ele estava a estacionar o carro quando eu… deve estar tão preocupado! – disse, trespassada pela culpa.

Estelle deu-lhe uma palmadinha no braço.

– Não, não se preocupe com isso. O Knut já morreu.

A ladra de bancos ficou mortalmente pálida.

– Enquanto você aqui estava? Ele *morreu* enquanto… Oh, meu Deus…

Estelle abanou a cabeça.

– Não, não, não. Já está morto há algum tempo. O mundo não gira todo à sua volta, minha querida.

– Eu… – conseguiu balbuciar a ladra de bancos.

Estelle deu-lhe uma palmadinha no braço.

– Eu só disse que o Knut estava a estacionar porque às vezes me sinto sozinha. E sinto-me um bocadinho melhor se fizer de conta que ele vem a caminho. Principalmente nesta época. Ele adorava o fim do ano: ficávamos sempre os dois na janela da cozinha a ver o fogo de artifício. Bom…, durante anos, vimos o fogo de artifício da varanda…, mas deixei de conseguir ir à varanda depois de uma coisa que aconteceu lá em baixo na ponte, há dez anos. É uma longa história. Seja como for, eu e o Knut víamos o fogo de artificio da janela da cozinha e… oh, uma pessoa sente falta das coisas mais estranhas. Quase que sinto mais falta disso do que de qualquer outra coisa. O Knut adorava fogo de artifício, portanto suponho que me sinto sempre ainda mais só na passagem de ano. Sou apenas uma velhota tonta.

Toda a gente ficara em silêncio, a ouvir enquanto ela contava isto. Podia ter sido um momento comovente, na verdade, se Zara não tivesse pigarreado do outro lado da sala.

– Toda a gente pensa que é no Natal que se matam mais pessoas, mas é um

mito. Há muito mais gente a suicidar-se no Ano Novo.

Isso estragou o ambiente. É difícil negá-lo.

Lennart olhou para Roger, Roger olhou para a ladra de bancos, a ladra de bancos olhou para todos e acenou de forma decidida. Quando a porta do apartamento foi finalmente aberta, Jim, o polícia, estava do outro lado. Pouco depois, ele desceu e informou o filho de que tinha falado com o ladrão de bancos.

# 63

Jack sai intempestivamente da sala de interrogatórios, exausto pela fúria. A agente imobiliária fica lá sentada, aterrorizada, e vê o mais novo dos dois polícias começar a andar de um lado para o outro no corredor. Vira-se esperançosa para o mais velho, que ficou sentado dentro da sala, com um ar triste. Jim parece não saber o que fazer com as mãos, ou com qualquer outra parte do corpo, na verdade, por isso passa-lhe um copo de água. O copo treme, apesar de ela o estar a segurar com os dez dedos.

– Tem de acreditar em mim… Juro que não fui eu que assaltei o banco… – suplica.

Jim olha para o corredor, onde o filho anda para trás e para a frente e vai dando murros na parede. Depois, vira-se para a agente imobiliária, acena com a cabeça, hesita, volta a acenar, detém-se e por fim pousa a mão ao de leve no ombro dela e admite:

– Eu sei.

Ela parece surpreendida. Ele parece envergonhado.

Quando o velho polícia – e nunca se sentiu mais velho do que neste momento – levanta a mão, começa a brincar com a aliança. É um velho hábito, que todavia lhe traz pouco conforto. Sempre achou que a coisa mais difícil em relação à morte é a gramática. Muitas vezes ainda diz a coisa errada, e Jack quase nunca o corrige – provavelmente os filhos não têm coragem para o fazer. Jack fala-lhe na aliança de seis em seis meses, mais ou menos: «Pai, não achas que está na altura de a tirares?»

O pai faz que sim com a cabeça, como se apenas se tivesse esquecido, puxa-a um bocadinho como se estivesse mais apertada do que realmente está, e murmura: «Eu sei, eu sei.»

Mas nunca a tira.

A coisa mais difícil da morte é a gramática, o tempo verbal, o facto de saber

que ela não vai ficar zangada quando vir que ele comprou um sofá novo sem a consultar. Ela não *vai* ficar nada. Ela não está a caminho de casa. Ela *era*. E ficou mesmo zangada daquela vez que Jim comprou um sofá novo sem a consultar primeiro, céus, como ficou zangada. Podia correr meio mundo e estar metida no maior caos do planeta, mas quando chegava a casa tinha de estar tudo exatamente como ela deixara, caso contrário, ficava aborrecida. Claro que esse era apenas um dos seus muitos estranhos hábitos e excentricidades: punha cebola ralada nos cereais de pequeno-almoço e molho *béarnais* nas pipocas, e, se um deles bocejasse ao pé dela, inclinava-se para a frente e enfiava-lhe um dedo na boca, só para ver se o conseguia voltar a tirar antes que ele fechasse a boca. Às vezes punha *cornflakes* nos sapatos de Jim, outras vezes, pedacinhos de ovo cozido e anchovas nos bolsos de Jack, e a cara deles quando se apercebiam parecia diverti-la mais de cada vez que o fazia. É dessas coisas que uma pessoa tem saudades. Que ela fazia isto, e fazia aquilo. Ela *era*, ela *está.* Ela era a mulher de Jim. A mãe de Jack está morta.

A gramática. É o pior de tudo, pensa Jim. Portanto, quer mesmo que o filho consiga fazer isto, resolver este caso, salvar toda a gente. Mas não parece estar a resultar.

Sai para o corredor. Olha para Jack. Estão sozinhos, ninguém consegue ouvir a sua conversa. O filho vira-se, desesperado.

– *Tem* de ser a agente imobiliária a criminosa, pai, *tem* de ser… – consegue dizer, mas as palavras vão enfraquecendo à medida que a frase avança.

Jim abana a cabeça lentamente.

– Não. Não é ela. O ladrão de bancos não estava no apartamento quando lá entrámos, filho, nisso tens razão. Mas também não saiu com os reféns.

Jack olha para um lado e para o outro. Cerra os punhos, à procura de algo em que bater.

– Como sabes isso, pai? Como diabo podes saber *isso*? – grita, como se estivesse a gritar para o mar.

Jim pestaneja como se estivesse a tentar conter a maré.

– Porque eu não te disse a verdade, filho.

E depois conta-lhe a verdade.

# 64

Todas as testemunhas do drama de reféns foram dispensadas da esquadra ao mesmo tempo. De certa forma, para eles, esta história acaba de forma tão súbita como começou. Pegam nas suas coisas e são gentilmente conduzidos até aos degraus das traseiras da esquadra. Quando a porta se fecha atrás deles, entreolham-se com surpresa: a agente imobiliária, Zara, Lennart, Anna-Lena, Roger, Ro, Julia e Estelle.

– O que é que a polícia vos disse? – pergunta imediatamente Roger aos outros.

– Perguntaram montes de coisas, mas a Jules e eu fizemo-nos de parvas! – declara Ro alegremente.

– Que inteligentes – diz Zara.

– Então nenhum polícia disse nada específico a ninguém quando vos deixou sair? – insiste Roger.

Todos abanam a cabeça. O polícia mais novo, Jack, fora simplesmente de sala em sala, sem dizer mais nada senão que podiam ir às suas vidas e que pedia desculpa por ter demorado tanto tempo, tendo apenas o cuidado de explicitar que não sairiam pela porta da frente da esquadra porque havia repórteres à espera desse lado.

Assim, o pequeno grupo está agora reunido nas traseiras da esquadra. Trocam olhares nervosos. Por fim, Anna-Lena faz a pergunta que todos estão a pensar:

– E ela… estará bem? Quando saímos do apartamento vi um polícia nas escadas, o mais velho, e pensei: como raio é que ela vai conseguir passar para o outro apartamento agora?

– Exato! Quando a polícia me disse que a pistola era verdadeira e que tinham ouvido um tiro dentro do apartamento, pensei… ugh… – A agente imobiliária abana a cabeça, sem querer acabar a frase.

– Se não fomos nós, quem é que a ajudou a sair? – quer saber Roger, ansioso por informações corretas.

Ninguém tem respostas, mas Estelle olha para o telemóvel, lê uma mensagem e acena lentamente com a cabeça. Sorri, aliviada.

– Ela diz que está tudo bem.

Anna-Lena também sorri ao ouvir isso.

– Diga que nós mandamos cumprimentos.

Estelle assegura que assim fará.

Atrás deles, uma mulher na casa dos vinte sai da esquadra sozinha. Tenta parecer confiante, mas olha em volta com nervosismo, como se estivesse à procura de um sítio para onde ir e de alguém que a acompanhe até lá.

– Está tudo bem, querida? – pergunta Estelle.

– O quê? Porque pergunta? – responde London.

Julia olha para a placa com o nome na blusa de London; não chegou a tirá-la quando saiu do trabalho para vir à esquadra.

– Era você que estava ao balcão do banco que foi assaltado?

London assente com um aceno hesitante.

– Oh, céus, teve muito medo? – pergunta Estelle.

London faz que sim com a cabeça, não como se quisesse, mas como se o corpo estivesse a dar a resposta que o cérebro não ousa dar.

– Na altura, não. Quando aconteceu. Mas depois… Quando… Sabem, quando descobri que afinal de contas a pistola se calhar era verdadeira.

Os outros acenam de modo compreensivo. Ro enfia as mãos nos bolsos do vestido por baixo do casaco, inclina a cabeça para um pequeno café do outro lado da rua e sugere:

– Quer ir beber um café?

London tem vontade de responder que tem sítios onde ir, pessoas com quem estar, porque afinal de contas é quase Ano Novo. Mas o que diz é:

– Não gosto de café.

– Pedimos outra coisa para si – promete Ro.

É simpático, prometer algo assim a alguém que não se conhece, por isso London aceita. Ro torna-se assim a primeira amiga que tem em muito tempo.

Desde sempre, talvez.

– Esperem por mim! – pede Julia.

– O que foi? Estás com medo que eu seja *assaltada* sozinha, ou quê? – Ro sorri.

Julia não sorri. Ro pigarreia e resmunga.

– Está bem, está bem, demasiado cedo para brincar com o assunto, já percebi!

Enquanto atravessam a estrada, London murmura-lhe:

– Não foi uma piada muito boa.

– Não me diga que é a polícia das piadas! – resmunga Ro.

– Querida! Aviso-te já que, se levares um tiro, eu livro-me dos teus pássaros! – grita Julia atrás delas.

– *Isto* já teve piada! – ri-se London. Há muito tempo que não se ria de nada. Desde sempre, talvez.

Dias mais tarde recebe uma carta, escrita por uma ladra de bancos que quer pedir desculpa, o que significa muito para a jovem empregada do banco, mais do que conseguirá admitir a alguém durante muitos anos. Só conseguirá fazê-lo quando se apaixonar, na verdade. Mas essa é uma história completamente diferente.

Julia abraça os outros à saída da esquadra e é abraçada por eles. Quando chega junto de Estelle, a jovem e a mulher muito mais velha fitam-se nos olhos durante algum tempo. Estelle diz:

– Há um livro que gostava de lhe oferecer. Do meu poeta preferido.

Julia sorri.

– Estava a pensar que talvez pudéssemos encontrar-nos, nós as duas. De vez em quando. Talvez possamos trocar livros no elevador.

– Como assim? – pergunta Estelle.

Julia vira-se para a agente imobiliária.

– Vai tratar da documentação?

A agente imobiliária acena com tanto entusiasmo que até dá um saltinho.

Roger dá por si a sorrir também, subitamente feliz.

– Então a Julia e a Ro sempre compraram o apartamento? Conseguiram um bom preço?

Julia abana a cabeça.

– Não, não foi aquele apartamento. Comprámos o outro.

Roger solta uma gargalhada ao ouvir isso. Há algum tempo que não se ria assim. Isto deixa Anna-Lena tão feliz que tem de se sentar, no meio dos degraus, em pleno inverno.

# 65

A verdade a verdade a verdade.

Portanto, Jim saiu do prédio e contou a Jack o que acabara de acontecer dentro do prédio, depois de ter falado com o ladrão de bancos. Se bem que, na verdade, não fora bem isso que acontecera. Ou melhor, não foi nada daquilo que aconteceu. Em parte, porque Jim não tinha jeito para contar histórias, mas principalmente porque era muito bom a mentir.

Porque não foi Lennart que abriu a porta quando Jim apareceu com as pizas. Foi a ladra de bancos, a verdadeira. Tanto Roger como Lennart insistiram para que ela os deixasse pôr a máscara de esqui, mas, depois de uma longa pausa, ela recusou. Olhou para eles, acenou com determinação e explicou em tom gentil e grato:

– Obviamente que agora já não posso ser um bom exemplo para as minhas filhas e ensinar-lhes a não fazer disparates. Mas pelo menos talvez possa mostrar-lhes como assumir a responsabilidade pelas suas ações.

Assim, quando Jim bateu à porta, ela abriu. Sem máscara. Tinha o cabelo caído sobre os ombros, e era da mesma cor do cabelo da filha de Jim. Às vezes, dois desconhecidos precisam apenas de uma coisa em comum para simpatizarem um com o outro. Ela viu a aliança de casamento no dedo dele, velha e amolgada, de prata baça. Ele viu a dela, fina e discreta, de ouro, sem pedras preciosas. Nenhum deles ainda a conseguira tirar.

– É polícia? – perguntou ela, tão depressa que Jim perdeu o fio ao raciocínio.

– Como é que?…

– Não acredito que a polícia mandasse um entregador de pizas verdadeiro se pensassem que eu estava armada e era perigosa – observou ela com um sorriso amargo.

– Não, não… Bom, sim… e sim, sou polícia – confirmou Jim, estendendo-lhe as pizas.

– Obrigada – agradeceu ela, aceitando-as com a mão que não segurava a pistola. Jim não conseguia tirar os olhos da arma.

– Como está? – perguntou ele, algo que talvez não tivesse feito se ela estivesse de máscara.

– Não estou a ter um grande dia – admitiu ela.

– Há alguém ferido?

Ela abanou a cabeça, horrorizada.

– Seria incapaz de…

Jim olhou para ela, reparou nos dedos trémulos e nas marcas de dentadas no lábio inferior. Não ouvia ninguém a chorar dentro do apartamento, ninguém a gritar, nada que indicasse que alguém estava assustado.

– Preciso que pouse a pistola durante um bocadinho – pediu.

A ladra de bancos acenou que sim e acrescentou em tom apologético:

– Posso dar-lhes as pizas primeiro? Eles estão com fome. Tiveram um longo dia… eu…

Jim assentiu. Ela deu meia-volta e desapareceu durante alguns instantes, após o que voltou sem as caixas e sem a pistola. Atrás dela, alguém exclamou:

– Isto não é uma piza havaiana!

Outra pessoa riu-se e disse:

– Sabes lá o que é uma piza havaiana!

*Riu-se*. Até ele chegou o som de uma conversa descontraída entre desconhecidos que já não o eram. Talvez seja difícil indicar com precisão o que seria normal num drama com reféns, mas de certeza que não era isto. Jim fitou atentamente a ladra de bancos.

– Posso perguntar-lhe como é que tudo isto aconteceu?

A ladra de bancos, agora desarmada, encheu o peito de ar, tanto que pareceu duplicar de tamanho, e quando o soltou estava mais pequena do que nunca.

– Nem sei por onde começar.

Foi então que Jim fez algo muito pouco profissional. Estendeu a mão e limpou-lhe uma lágrima da face.

– A minha mulher tinha uma piada de que gostava muito. Como é que se

come um elefante?

– Não sei.

– Um bocadinho de cada vez.

Ela sorriu.

– As minhas filhas haviam de gostar. Têm um sentido de humor terrível.

Jim enfiou as mãos nos bolsos e sentou-se pesadamente no patamar, ao lado da porta. A ladra de bancos hesitou por um momento antes de se sentar ao lado dele de pernas cruzadas. Jim sorriu.

– A minha mulher também tinha um sentido de humor terrível. Gostava de se rir e de armar confusão. Quanto mais velha era, mais confusão armava. Estava sempre a dizer-me que eu era demasiado bonzinho. Ouvir isto de uma mulher que era sacerdote não é nada agradável.

A ladra de bancos riu-se baixinho e acenou com a cabeça.

– Com quem é que ela armava confusão?

– Com toda a gente. Com a Igreja, a paróquia, políticos, pessoas que acreditavam em Deus, pessoas que não acreditavam em Deus… Fazia questão de defender os mais fracos: sem-abrigo, migrantes, até criminosos. Porque algures na Bíblia, Jesus diz qualquer coisa do género: «Eu tinha fome e tu deste-me de comer, eu não tinha casa e tu abrigaste-me, eu estava doente e tu cuidaste de mim, eu estava na prisão e tu visitaste-me.» E depois acrescenta que aquilo que fazemos pelos mais fracos entre nós, estamos a fazer por Ele. E ela levava estas indicações de forma tão *literal*, a minha mulher! Era por isso que estava sempre a armar confusão.

– Ela morreu?

– Sim.

– Lamento muito.

Ele agradeceu com um aceno silencioso. É estranho, pensou, como mesmo ao fim de tanto tempo ainda parece tão incompreensível que ela não esteja aqui. Como o seu coração não se habituara ainda ao facto de não haver nenhuma idiota risonha a enfiar-lhe o dedo na boca quando boceja, ou a pôr farinha na fronha da sua almofada antes de ele se ir deitar. Ninguém para discutir com ele.

Ninguém para o amar. É impossível uma pessoa habituar-se à gramática da morte. Sorriu com tristeza e disse:

– Agora é a sua vez.

– De quê? – perguntou a ladra de bancos.

– De me contar a sua história. Sobre como veio aqui parar.

– Quer a versão longa ou curta?

– Do tamanho que quiser. Um bocadinho de cada vez.

Era uma coisa simpática de se dizer. Assim, a ladra de bancos contou-lhe.

– O meu marido deixou-me. Bom, para dizer a verdade, pôs-me na rua. Andava metido com a minha chefe. Apaixonaram-se. Foram viver juntos, no nosso apartamento, que estava apenas em nome dele. Aconteceu tudo tão depressa, e eu não queria armar confusão nem criar… caos. Por causa das crianças.

Jim acenou lentamente. Olhou para a aliança dela e brincou com a sua. Não há nada mais difícil de remover.

– Meninas ou meninos?

– Meninas.

– Eu tenho um de cada.

– Eu… Alguém tem de… Não quero que elas…

– Onde estão elas agora?

– Com o pai. Eu devia ir buscá-las hoje à noite. Íamos passar o Ano Novo juntas. Mas agora… eu…

Calou-se. Jim acenou com um ar pensativo.

– Para que queria o dinheiro do assalto?

O desespero no rosto dela revelava o caos no seu coração.

– Para pagar a renda. Precisava de seis mil e quinhentas coroas. O advogado do meu marido estava a ameaçar tirar-me as meninas se eu não tivesse onde viver.

Jim agarrou-se ao corrimão para não cair para o lado quando o seu coração se partiu. A empatia é como uma vertigem. Seis mil e quinhentas coroas, porque senão podia perder as filhas. *As filhas.*

– Há regras, legislação… Ninguém lhe pode tirar as suas filhas só porque… – começou ele, e depois pensou melhor e acrescentou: – Mas *agora*… que assaltou um *banco*, já podem e… – Num murmúrio rouco, lamentou: – Pobre rapariga, em que é que se foi meter?

A mulher teve de forçar a língua a mover-se, os lábios a abrirem-se, porque os músculos mais pequenos pareciam quase ter desistido de funcionar.

– Sou uma idiota. Eu sei, eu sei, eu sei. Não queria causar problemas com o meu marido, não queria expor as meninas a isso, pensei que conseguia resolver as coisas sozinha. Mas tudo o que fiz foi criar mais caos. A culpa é minha, só minha. Estou pronta para me entregar, para deixar os reféns sair, prometo; a pistola ainda está lá dentro, nem sequer é verdadeira…

Jim pensou que era um raio de um motivo para assaltar um banco: por ter medo de conflitos. Tentou vê-la como uma criminosa, olhar para ela sem ver a sua própria filha, e ambas as tentativas fracassaram.

– Mesmo que liberte os reféns e se entregue, acabará na prisão. Mesmo que a pistola não seja a sério – concluiu em tom pesaroso; e claro que era polícia há tempo suficiente para saber que era. Sabia que ela não teria qualquer hipótese, por mais compreensão que qualquer pessoa decente sentisse pela sua situação. Não é permitido roubar bancos, não é permitido andar com armas e não podemos deixar criminosos escaparem incólumes se os apanharmos. Portanto, Jim concluiu naquele preciso momento que a única forma de ela escapar incólume seria não a apanhar.

Olhou em volta, nas escadas. Na porta do apartamento atrás da ladra de bancos estava o cartaz de uma agência imobiliária que indicava: PARA VENDA! IMOBILIáRIA NO TRINQUE! TUDO NOS TRINQUES? Jim olhou para o cartaz durante algum tempo, enquanto vasculhava na memória.

– Que estranho – comentou, por fim.

– O quê? – perguntou a ladra de bancos.

– Imobiliária No Trinque. É um nome… bastante piroso.

– Talvez – admitiu a ladra de bancos, que ainda não tinha pensado muito

nisso.

Jim esfregou o nariz.

– Pode ser apenas coincidência, mas há bocado falei ao telemóvel com o casal que é proprietário do apartamento do lado. Estão a separar-se. Porque um deles gosta de coentros e o outro também gosta de coentros, mas menos, e pelos vistos isso é motivo suficiente para um divórcio quando uma pessoa é jovem e tem acesso à *internet*.

Um leve sorriso curvou os lábios da ladra de bancos.

– Já ninguém quer sentir tédio.

Estava a pensar que o pior de tudo, o mais difícil de aceitar a nível emocional, era que ainda amava o marido. De cada vez que se apercebia disso, era como se cada uma das suas veias fosse explodir. O facto de não conseguir deixar de o amar, mesmo depois de tudo o que ele fizera, de mesmo assim não conseguir deixar de pensar se não teria sido tudo culpa sua. Talvez não fosse suficientemente divertida – talvez não seja razoável esperar que uma pessoa fique connosco se não formos divertidos.

– É mesmo isso! Para estes jovens, tudo tem de ser como aquela paixão inicial; nada pode ser mundano, têm a capacidade de atenção de um gatinho com uma bola de papel de prata – concordou Jim, subitamente empolgado; e continuou: – Bom, eles estão a separar-se e vão vender o apartamento. Um deles não se lembrava do nome da agência imobiliária, apenas que era um nome piroso. E sabe que mais? Imobiliária No Trinque… é um nome mesmo piroso!

Apontou para o cartaz na porta do apartamento onde a agente imobiliária se encontrava. A seguir, para a porta em frente. A cidade era demasiado pequena para ter muitas agências imobiliárias com nomes pirosos. Demasiado pequena para ter mais do que uma cabeleireira chamada «Corta!»

– Desculpe, mas não estou a perceber qual é a importância disso – confessou a ladra de bancos.

Jim coçou o queixo.

– Estava só aqui a pensar… A agente imobiliária está aí dentro?

A ladra de bancos confirmou com um aceno.

– Sim, está a dar com toda a gente em doida. Ainda agora, quando entrei com as pizas, ela pôs o Roger de pé junto à varanda, depois foi para o extremo oposto do apartamento e atirou-lhe as chaves para ele ver como conseguiria atirar algo a outra pessoa de um lado ao outro da casa porque as divisões são todas abertas.

– Como é que isso correu?

– O Roger baixou-se. Quase que partiu a janela com as chaves – sorriu a ladra de bancos. Era um sorriso simpático, pensou Jim. Não o sorriso de alguém que quer magoar outra pessoa. Olhou de novo para o cartaz.

– Não sei…, isto pode ser…, mas se for a mesma agente imobiliária que está a vender o apartamento do lado, talvez ela também tenha as chaves desse e…

Não conseguiu concluir o pensamento em voz alta.

– O que quer dizer? – perguntou a ladra de bancos.

Jim recompôs-se, levantou-se e pigarreou.

– Quero dizer que, se a agente imobiliária também estiver a vender o outro apartamento, e tiver as chaves com ela, talvez você se possa esconder lá. Quando os outros polícias subirem, não vão arrombar as portas dos apartamentos todos à sua procura, pelo menos não de imediato.

– E porque não?

Jim encolheu os ombros.

– Porque não somos assim tão bons. Toda a gente estará concentrada em pôr primeiro os reféns a salvo, e se lhes disser para fecharem a porta ao sair, toda a gente partirá do princípio de que o ladrão de bancos… você… ainda está no apartamento. *Neste* apartamento. Depois, quando arrombarmos a porta e descobrirmos que não está, não podemos começar a arrombar as outras portas sem mais nem menos; isso causaria uma data de chatices. Burocracia, percebe. Primeiro temos de levar os reféns para a esquadra para ouvir as suas declarações e, não sei…, talvez consiga arranjar uma maneira de sair. E sabe que mais? Mesmo se alguém a encontrasse no outro apartamento, podia sempre fingir que vive lá! Desde o início que estamos a partir do princípio de que o ladrão de bancos é um homem.

A ladra de bancos olhou para ele de olhos muito abertos, confusa.

– Porquê? – perguntou de novo.

– Porque normalmente as mulheres não fazem… este tipo de coisas – explicou Jim, o mais diplomaticamente que conseguiu.

Ela abanou a cabeça.

– Não…. *Porquê?* Porque é que está a fazer isto por mim? Você é polícia! Não devia estar a fazer uma coisa destas por mim!

Jim baixou a cabeça. Esfregou as mãos nas calças, depois os pulsos na testa.

– A minha mulher costumava citar um tipo que dizia… como é que era? Que mesmo que soubesse que o mundo ia pelos ares amanhã, hoje ainda plantaria a sua macieira.

– Que bonito – murmurou a ladra de bancos.

Jim concordou com um aceno. Passou as costas das mãos pelos olhos.

– Eu não quero… apanhá-la. Sei que cometeu um grande erro, mas… essas coisas acontecem.

– Obrigada.

– Tem de entrar e perguntar à agente imobiliária se tem as chaves do outro apartamento. Porque o meu filho não vai demorar muito tempo a perder a paciência e vir por aí acima, e depois…

A ladra de bancos piscou os olhos várias vezes.

– Desculpe. O seu filho?

– Ele também é polícia. Será o primeiro a entrar por aquela porta.

A ladra de bancos sentiu a garganta apertada e a voz falhou-lhe.

– Parece ser um jovem muito corajoso.

– Teve uma mãe corajosa. Ela também teria assaltado um banco por ele, se fosse preciso. Eu nem sequer acreditava em Deus quando nos conhecemos. Ela era linda, eu não. Ela sabia dançar, eu mal conseguia estar em pé. Quando nos conhecemos, a única coisa que provavelmente tínhamos em comum era o que sentíamos pelos nossos trabalhos. A vontade de salvar todos os que conseguíssemos.

– Não sei se mereço ser salva – murmurou a ladra de bancos.

Jim acenou com a cabeça e fitou-a nos olhos, um homem honesto e decente

prestes a fazer algo que ia contra os princípios da profissão na qual passara toda a sua vida adulta.

– Daqui a dez anos, procure-me e diga-me se me enganei.

Deu meia-volta para descer. Ela hesitou, engoliu em seco e chamou:

– Espere!

– Sim?

– Posso… Será demasiado tarde para fazer uma exigência em troca da libertação dos reféns?

– Mas que raio?…

Jim ergueu as sobrancelhas; franziu a testa, primeiro surpreendido, depois quase irritado. A ladra de bancos estava a tentar decidir-se.

– Fogo de artifício – disse, por fim. – Uma das pessoas aqui dentro é uma senhora de idade que via sempre o fogo de artifício com o marido. Ele já morreu. Tive-a aqui presa o dia inteiro. Gostava de lhe oferecer um espetáculo de fogo de artifício.

Jim sorriu. Fez que sim com a cabeça.

Depois, desceu as escadas e mentiu ao filho.

# 66

A ladra de bancos entrou no apartamento. Havia sangue no chão, mas o lume ardia na lareira. Ro estava sentada no sofá a comer piza e a fazer Julia rir. Roger e a agente imobiliária estavam a discutir sobre as medidas da planta, não porque Roger estivesse ainda a pensar comprar o apartamento, mas porque «é muitíssimo importante uma pessoa ter a informação correta». Zara e Lennart estavam de pé junto à janela. Zara comia uma fatia de piza e Lennart olhava, divertido, para a expressão enojada no rosto dela. Não parecia que Zara gostava dele, não parecia mesmo, mas também não parecia que o detestava. Ele, por seu lado, parecia achá-la maravilhosa.

Anna-Lena estava sentada sozinha, com um prato na mão, mas a piza estava a arrefecer, intacta. Naturalmente, foi Julia que reparou nela e se levantou do sofá. Aproximou-se e perguntou:

– Está tudo bem, Anna-Lena?

Anna-Lena olhou para Roger. Ainda não tinham falado desde que o coelho saíra da casa de banho.

– Sim – mentiu.

Julia pegou-lhe no braço, mais de forma encorajadora do que para a consolar.

– Não sei exatamente o que é que pensa que fez de mal, mas o facto de ter contratado o Lennart aquelas vezes todas para que o Roger se sentisse como um vencedor é uma das coisas mais parvas, mais bizarras e mais românticas que já ouvi!

Anna-Lena empurrou a fatia de piza no prato.

– O Roger devia ter tido a oportunidade de ser promovido. Sempre pensei que para o ano seria a vez dele. Mas o tempo passa mais depressa do que nos apercebemos, uma data de anos de uma vez. Às vezes julgo que quando duas pessoas vivem juntas muito tempo, e têm filhos, a vida é um bocadinho como trepar às árvores. Para cima e para baixo, para cima e para baixo: tentamos lidar com tudo, ser boa pessoa, trepamos e trepamos e trepamos, e mal nos vemos um

ao outro pelo caminho. Quando somos novos não reparamos nisso, mas tudo muda quando temos filhos, e às vezes parece que já quase nem vemos a pessoa com quem casámos. Acima de tudo, somos pais e companheiros de equipa, e ser um casal vai descendo na lista de prioridades. Mas… bom, continuamos a trepar às árvores e vamo-nos vendo pelo caminho. Sempre pensei que a vida era assim, que é assim que tem de ser. Só tínhamos de ultrapassar essas fases, pensei. E fui dizendo a mim própria que o mais importante era que estivéssemos os dois a trepar à mesma árvore. Porque assim, pensei, mais cedo ou mais tarde… e isto vai soar tão pretensioso… mas pensei que mais cedo ou mais tarde acabaríamos no mesmo ramo. E depois podíamos ficar lá sentados, de mãos dadas, a apreciar a paisagem. Foi o que eu pensei que faríamos quando envelhecêssemos. Mas o tempo passa mais depressa do que nos apercebemos. E nunca chegou a ser a vez do Roger.

Julia ainda estava a segurar-lhe no braço. Menos em encorajamento, mais para a consolar.

– A minha mãe sempre disse que eu nunca devia desculpar-me por ser quem era. Que nunca devia pedir desculpa por ser boa em alguma coisa.

Anna-Lena deu uma dentada na piza, sem grande vontade, e falou de boca cheia:

– Uma mãe muito sábia.

Ficaram ali em silêncio.

E então ouviu-se um grande estrondo.

Uma vez. Duas vezes. Alguns segundos depois, assobios e explosões, tantas e tão próximas que nem se conseguiam contar. Lennart era o que estava mais perto da janela, por isso foi ele que exclamou:

– Olhem! Fogo de artifício!

Jim mandara um jovem polícia da esquadra comprar os foguetes. Estavam a ser lançados da ponte. Lennart, Zara, Julia, Ro, Anna-Lena, Roger e a agente

imobiliária saíram para a varanda e ficaram a ver, deslumbrados. Não eram foguetezinhos patéticos: eram fogo de artifício a sério, de várias cores, daqueles que parecem chuva, tudo. Porque, por sorte, Jim também gostava muito de fogo de artifício.

A ladra de bancos e Estelle viram da janela da cozinha, de braço dado.

– O Knut havia de ter gostado – observou Estelle.

– Espero que a Estelle também goste – conseguiu a ladra de bancos dizer.

– Muito, minha querida, muito mesmo. Obrigada!

– Lamento muito tudo o que vos fiz. – A ladra de bancos fungou.

Estelle fez um beicinho infeliz.

– E se explicássemos tudo à polícia? Se lhes disséssemos que foi apenas um erro?

– Não, não me parece.

– Talvez consiga escapar de alguma maneira? Esconder-se em algum lado?

Estelle cheirava a vinho. Tinha os olhos ligeiramente desfocados. A ladra de bancos ia responder, mas ocorreu-lhe que quanto menos Estelle soubesse, melhor. Assim a velha senhora não teria de mentir por ela quando fosse interrogada pela polícia. Portanto, disse:

– Não, acho que isso não ia resultar.

Estelle pegou-lhe na mão. Não podia fazer muito mais. O fogo de artifício era lindo – Knut teria adorado.

Quando o fogo de artifício terminou, todos voltaram para a sala. A ladra de bancos tentou fazer um sinal discreto à agente imobiliária para indicar que queria falar com ela, mas infelizmente isso foi impossível, porque a agente imobiliária estava ocupada a discutir com Roger o preço que Julia e Ro deviam pagar pelo apartamento se o comprassem.

– Está bem, *está bem*! – exclamou por fim a agente imobiliária. – Posso baixar um bocadinho, mas *só* porque tenho de pôr o outro apartamento à venda daqui a duas semanas e não quero que este ainda aqui esteja a fazer concorrência!

Roger, Julia e Ro inclinaram todos a cabeça ao mesmo tempo, de tal forma que chocaram uns nos outros.

– Qual outro apartamento? – inquiriu Roger.

A agente imobiliária pigarreou, aborrecida consigo própria por ter deixado escapar a informação.

– O apartamento da frente, do outro lado do elevador. Ainda nem sequer o coloquei no meu *website*, porque se vendermos dois apartamentos ao mesmo tempo ganhamos menos com os dois; qualquer bom agente imobiliário sabe isso. O outro apartamento é igualzinho a este, apenas com um *closet* mais pequeno, mas por algum motivo tem uma excelente rede de telemóvel e hoje em dia isso parece ter uma importância ridícula para as pessoas. Os donos são um casal que se está a separar. Tiveram uma discussão terrível no meu gabinete. Já tiraram a mobília toda do apartamento, só lá ficou uma máquina de fazer sumos. E percebo que nenhum dos dois a quisesse, porque é de uma cor *horrorosa*…

A agente imobiliária continuou a tagarelar durante muito tempo, só que já ninguém a estava a ouvir. Roger e Julia olharam um para o outro, depois para a ladra de bancos, a seguir para a agente imobiliária.

– Espere aí… Está a dizer que vai vender também o apartamento contíguo? O que fica do outro lado do elevador? E… não está lá ninguém a viver neste momento? – perguntou Julia, só para confirmar.

A agente imobiliária parou de falar e começou a acenar com a cabeça. Julia olhou para a ladra de bancos e, claro, estavam ambas a pensar exatamente na mesma coisa, numa possível solução para tudo isto.

– Tem as chaves do outro apartamento? – perguntou Julia com um sorriso esperançoso, convencida de que isto seria um final perfeito para a história.

Infelizmente, a agente imobiliária olhou para Julia como se a pergunta fosse ridícula.

– Porque havia de ter? Só vou começar a tentar vendê-lo daqui a duas semanas; acha que ando com as chaves da casa das pessoas só porque sim? Que raio de agente imobiliária pensa que eu sou?

Roger suspirou. Julia suspirou ainda mais fundo. A ladra de bancos nem sequer estava a respirar, simplesmente mergulhou de cabeça no desespero dentro de si.

– Eu tive um caso extraconjugal! – partilhou Estelle alegremente do outro lado do apartamento, porque encontrara outra garrafa de vinho na cozinha.

– Agora não, Estelle – pediu Julia, mas a velha senhora era insistente. Estava um bocadinho embriagada, isso era inegável, porque o quarto de vestir já fornecera vinho mais do que suficiente para uma senhora de idade tão avançada.

– Eu tive um *caso extraconjugal*! – repetiu ela, de olhos fixos na ladra de bancos, e esta ficou subitamente nervosa com os possíveis pormenores que poderiam vir ao de cima numa história que começava daquela maneira. Estelle agitou a garrafa de vinho e continuou: – Ele adorava livros e eu também, mas o meu marido não. O Knut gostava mais de música. Suponho que a música também é uma coisa boa, mas não é o *mesmo*, pois não?

A ladra de bancos abanou a cabeça, educadamente.

– Não, eu também gosto de livros.

– Bem me parecia, só de olhar para si! Como se compreendesse que as pessoas também precisam de contos de fadas, não apenas de narrativa. Gostei de si desde o momento em que aqui entrou, sabe. Meteu os pés pelas mãos um bocadinho, com a pistola e essas coisas, mas quem é que não meteu os pés pelas mãos uma vez ou outra? Todas as pessoas interessantes fizeram algo muito estúpido pelo menos uma vez na vida! Por exemplo, eu tive um caso extraconjugal, nas costas do Knut, com um homem que amava livros como eu. Hoje em dia, sempre que leio alguma coisa penso nisso, porque ele deu-me uma chave e eu nunca contei ao Knut que fiquei com ela.

– Por favor, Estelle, estamos a tentar… – pediu Julia, mas Estelle ignorou-a. Passou a mão pela estante. Uma das últimas vezes que encontrara o vizinho no elevador, ele dera-lhe um livro muito grosso, escrito por um homem. Tinha sublinhado uma frase, algumas centenas de páginas depois do início: «Estamos a dormir até nos apaixonarmos.» Em troca, Estelle dera-lhe um livro escrito por

uma mulher, que não precisava de centenas de páginas para dizer as coisas. Perto do início, Estelle sublinhara: «O amor é querer que tu existas.»

Passou os dedos pelas lombadas dos livros na estante, como se estivesse a sonhar, não como se estivesse à procura. Um livro caiu do meio de uma fila, não como se tivesse sido de propósito, mas simplesmente porque as unhas dela tocaram por acaso na lombada. Aterrou no chão e abriu-se. A chave saltou do meio das páginas e caiu no chão de parquê com um tinido.

Estelle parecia ofegante, e a sua voz talvez estivesse entaramelada, mas os seus olhos estavam claros como água quando disse:

– Quando o Knut adoeceu, passámos o apartamento para o nome da nossa filha. Pensei que ela quisesse vir viver para cá com os filhos, mas foi obviamente uma ideia disparatada. Eles não querem viver aqui. Têm as suas vidas, na sua própria casa. Desde então, tenho estado sozinha e… bom, como podem ver…, é demasiado grande para mim. Não é um apartamento prático para uma pessoa sozinha. Por isso, a minha filha achou que devíamos vendê-lo e comprar uma coisa mais pequena para mim, um espaço mais fácil de cuidar, segundo ela. Assim, liguei para várias agências imobiliárias, e é claro que todas observaram que não era comum abrir a casa a potenciais compradores tão perto do Ano Novo, mas eu queria… bom, achei que seria agradável ter um bocadinho de companhia nesta altura do ano. Por isso saí antes de a agente imobiliária chegar e voltei depois de a casa estar aberta às visitas e fingi ser uma potencial compradora. Porque não queria vender o apartamento sem saber quem o iria comprar. Isto não é só um apartamento, é a minha casa; não quero passá-la a alguém que estará apenas de passagem, para ganhar dinheiro com ele. Quero alguém que adore viver aqui, como eu adorei. Talvez seja difícil de compreender para um jovem.

Não era verdade. Não havia uma única pessoa no apartamento que não compreendesse perfeitamente. Mas a agente imobiliária pigarreou.

– Então… quando a sua filha me contratou, eu não fui a primeira pessoa que ela contactou?

– Oh, não, ela ligou para *todas* as agências imobiliárias antes de se sentir

obrigada a tentar a sua. Mas vejam como acabou por correr bem! – Estelle sorriu.

A agente imobiliária sacudiu o pó do casaco e do ego.

– Então esta é a chave do… – começou a ladra de bancos, de olhos postos nela, mas sem querer acreditar.

Estelle fez que sim com a cabeça.

– O homem com quem tive um caso vivia no apartamento do outro lado do elevador. Foi onde morreu. E eu estive em frente da estante dele, quando o apartamento foi posto à venda, e pensei no que teria acontecido se o tivesse conhecido primeiro, antes do Knut. Podemos fazer isso quando envelhecemos, dar um passeio na nossa imaginação. O apartamento foi comprado por um casal de jovens. Nunca mudaram as fechaduras.

Julia pigarreou, totalmente surpreendida.

– Como… desculpe, Estelle, mas como é que sabe?

Estelle sorriu, embaraçada.

– De vez em quando, eu… bom, nunca cheguei mesmo a *abrir* a porta, claro, não sou nenhuma criminosa, mas… às vezes vou ver se a chave ainda entra. E entra. Não me surpreende nada que se estejam a separar, esse casal de jovens, de modo algum, porque ouvia-os muitas vezes a discutir quando ia fumar para o quarto de vestir. As paredes desse lado são muito finas. Ouve-se tudo. Algumas coisas até chocariam pessoas de Estocolmo, podem ter a certeza.

A ladra de bancos colocou o livro na prateleira. Apertou a chave com força. Depois, virou-se para os outros e murmurou:

– Não sei o que dizer.

– Não diga nada. Esconda-se no apartamento até isto tudo acabar. Depois pode voltar para casa, para junto das suas filhas – disse Estelle.

A chave dançou na palma da mão da ladra de bancos quando ela abriu o punho. Não conseguia parar de tremer.

– Não tenho casa para onde voltar. Não consigo pagar a renda. E não posso pedir a nenhum de vocês que minta por mim quando falarem com a polícia. Eles vão perguntar-vos quem eu sou e se sabem onde estou escondida, e não quero

que mintam por mim!

– Claro que vamos mentir por si! – exclamou Ro.

– Não se preocupe connosco – tranquilizou Julia.

– Na verdade, nem temos de mentir, nenhum de nós – considerou Roger. – Só temos de nos fazer de idiotas.

– Bom, então não há problema! Porque não será *nada* difícil para nenhum de vocês! – declarou Zara. Para variar, embora soasse como um insulto, não foi dito com essa intenção.

Anna-Lena virou-se para a ladra de bancos e acenou com um ar pensativo.

– O Roger tem razão. Só temos de nos fazer de idiotas. Podemos dar a entender que você nunca tirou a máscara, por isso, não conseguimos fazer uma descrição.

A ladra de bancos tentou protestar. Não lhe deram hipótese. Foi quando ouviram bater à porta e Roger espreitou pelo óculo da porta e viu Jim do outro lado. Foi então que Roger percebeu qual era o verdadeiro problema.

– Raios, aquele polícia está lá fora nas escadas! Como vai passar por ele e entrar no outro apartamento sem ser vista? Não pensámos nisso! – exclamou.

– Talvez possamos distraí-lo? – sugeriu Julia.

– Eu podia espremer-lhe sumo de lima para os olhos! – exclamou Ro.

– Ou podemos apenas tentar fazê-lo ver a razão? – aventou Estelle em tom esperançoso.

– Ou então saímos todos ao mesmo tempo, para o confundir! – pensou Anna-Lena em voz alta.

– Nus! As pessoas ficam sempre mais confusas quando estamos nus! – informou Lennart, na sua capacidade de especialista.

Zara estava ao lado dele, e provavelmente Lennart esperava que ela dissesse que ele era um perfeito idiota, mas em vez disso ela propôs:

– Podemos tentar suborná-lo. Ao polícia. A maior parte dos homens tem um preço.

Claro que Lennart reparou que ela podia ter dito «a maior parte das *pessoas*»

em vez de «a maior parte dos *homens*», mas não conseguiu deixar de pensar que era um gesto simpático da parte dela tentar integrar-se no grupo.

A ladra de bancos esteve parada em frente deles muito tempo com a chave na mão, prestes a contar-lhes a sua conversa com Jim, mas decidiu dizer antes:

– Não. Se eu vos disser como vou escapar, vocês terão de mentir quando a polícia vos interrogar. Mas se saírem daqui agora, e descerem as escadas, podem contar a verdade: quando fecharam a porta atrás de vocês, eu ainda aqui estava. Não sabem o que me aconteceu a seguir.

Todos pareciam prestes a protestar (todos, menos Zara), mas por fim concordaram com o plano (até Zara). Estelle tapou o resto da piza com película aderente e guardou-a no frigorífico. Escreveu o seu número de telemóvel num pedaço de papel, enfiou-o no bolso da ladra de bancos e murmurou:

– Mande-me uma mensagem quando estiver a salvo, senão vou ficar preocupada.

A ladra de bancos prometeu. Depois, todos os reféns saíram do apartamento. Roger foi o último, e fechou cuidadosamente a porta atrás de si até ouvir o estalido do trinco. Jim conduziu-os escadas abaixo, onde Jack estava à espera para os acompanhar aos carros da polícia que os levariam à esquadra para prestarem declarações.

Jim ficou algum tempo sozinho nas escadas e esperou até Jack subir.

– O ladrão de bancos ainda está lá dentro? Tens a *certeza*, pai? – perguntou Jack.

– Cem por cento – respondeu Jim.

– Ótimo! O negociador vai ligar para o telemóvel que lá deixámos para o tentar convencer a sair voluntariamente. Caso contrário, tenho de arrombar a porta.

Jim acenou com a cabeça. Jack olhou em volta, agachou-se junto ao elevador e apanhou um papel.

– O que é isto?

– Parece um desenho – disse Jim.

Jack guardou-o no bolso. Olhou para o relógio. O negociador fez o telefonema.

Vinha dentro de uma das caixas de piza, o telemóvel com a engenhoca especial. Foi Ro que o encontrou. Estava cheia de fome, por isso pensou apenas que era estranho encontrar um telemóvel dentro de uma caixa de piza, pousou-o e decidiu comer primeiro antes de pensar mais no assunto. Entretanto, havia tanta coisa a acontecer – o fogo de artifício e tudo o resto –, e se calhar é preciso conhecer Ro para perceber como ela é distraída. Mas talvez seja suficiente saber que, depois de acabar a sua piza, ela abriu as restantes caixas e comeu todas as côdeas de massa que os outros tinham deixado. Nessa altura, Roger virou-se para ela e disse-lhe que não precisava de se preocupar, que tinha a certeza de que ela ia ser uma boa mãe, porque os bons pais também comem assim os restos dos outros. E ouvir isto significou tanto para Ro que ela desatou a chorar.

Assim, o telemóvel ficou em cima da mesinha de três pernas ao lado do sofá, tão instável como uma aranha num cubo de gelo. Quando todos os reféns saíram, a ladra de bancos pousou a pistola ao lado do telemóvel, depois de a limpar cuidadosamente, claro, porque Roger vira um documentário sobre como a polícia encontra impressões digitais em cenas de crimes. Também atirou a máscara de esqui para a lareira, porque Roger dissera que os polícias podiam retirar dela o seu ADN e todo o tipo de coisas.

Por fim, a ladra de bancos dirigiu-se à porta. Jim estava sozinho no patamar. Entreolharam-se rapidamente, ela grata, ele cheio de *stress*. Ela mostrou-lhe a chave. Ele respirou fundo.

– Depressa – instou-a.

– Quero só dizer-lhe… Não contei a ninguém que você ia fazer isto por mim. Não queria que tivessem de mentir quando fossem interrogados.

– Ótimo – congratulou-se ele com um aceno.

Ela tentou em vão pestanejar até afastar a humidade dos olhos, porque,

naturalmente, sabia que estava a pedir a este homem que mentisse por ela, mais do que alguma vez ele mentira por alguém. Não a deixando pedir desculpa, Jim empurrou-a na direção da outra porta e murmurou:

– Boa sorte!

Ela entrou no apartamento contíguo e trancou a porta. Jim ficou sozinho no patamar mais um minuto, o que lhe deu tempo para pensar na mulher e em como esperava que ela estivesse orgulhosa dele. Ou, pelo menos, que não estivesse muito zangada. Quando todos os reféns estavam em segurança e a caminho da esquadra, Jack subiu as escadas a correr. Foi então que o negociador fez o telefonema. E a pistola caiu para o chão.

# 67

Na esquadra, Jim contou agora a verdade a Jack, *toda* a verdade. O filho quer ficar zangado, deseja ter tempo para isso, mas, como é um bom filho, está atarefado a tentar formular um plano. Depois de deixarem as testemunhas sair pela porta das traseiras da esquadra, Jack dirige-se à porta principal, do lado da frente.

– Não precisas de fazer isto, filho, eu posso ir – afirma Jim, desconsolado. Impede-se de o fazer, mas quase lhe diz: «Desculpa ter-te mentido, mas, no fundo, sabes que eu fiz a coisa certa.»

Jack abana a cabeça com firmeza.

– Não, pai. Fica aqui.

Não o faz, mas quase lhe diz: «Já causaste problemas suficientes.» Depois, sai para os degraus da frente do edifício e comunica aos repórteres tudo o que eles precisam de saber. Que ele, Jack, foi pessoalmente responsável pela resposta policial e que perderam o criminoso. Que ninguém sabe onde ele está agora.

Alguns jornalistas começam a gritar perguntas em tom acusador sobre «incompetência policial», outros limitam-se a sorrir com desdém enquanto tiram apontamentos, prontos para arrasar Jack em artigos e publicações em blogues dentro de poucas horas. A vergonha e o fracasso são de Jack e apenas dele; carrega-as sozinho, para que mais ninguém seja culpado de nada. No interior da esquadra, o pai está sentado, com o rosto escondido nas mãos.

Os detetives de Estocolmo chegam cedo na manhã seguinte, na véspera de Ano Novo. Leem todas as declarações das testemunhas, falam com Jack e Jim, verificam todas as provas. E depois os detetives de Estocolmo declaram, em tom desdenhoso e vozes mais presumidas do que atores em anúncios de detergente, que, na realidade, não têm recursos para fazer mais. Ninguém ficou ferido durante o drama de reféns, nada foi roubado no assalto ao banco, portanto, na verdade, não há qualquer vítima. Os detetives de Estocolmo têm de concentrar os seus recursos onde eles realmente fazem falta. Além disso, é Ano Novo, e

quem é que quer passar a passagem de ano numa cidadezinha tão pequena como esta?

Estão com pressa para regressar a casa, e Jack e Jim veem-nos partir. Por esta altura, os jornalistas também já desapareceram, a caminho da próxima grande história. Há sempre mais uma celebridade que pode estar prestes a divorciar-se.

– És um bom polícia, filho – elogia Jim, de olhos postos no chão. Quer acrescentar «e uma pessoa ainda melhor», mas não consegue.

– E tu nem sempre és muito bom polícia, pai – contrapõe Jack, enquanto olha para cima e sorri às nuvens. Tem vontade de acrescentar «mas aprendi tudo o resto contigo», só que as palavras não lhe saem.

Vão para casa. Veem televisão. Bebem uma cerveja juntos.

É o suficiente.

# 68

Nos degraus nas traseiras da esquadra, Estelle abraça-os a todos, um de cada vez. (Exceto Zara, claro, que a bloqueia com a mala e salta para trás quando ela tenta aproximar-se.)

– Tenho de dizer que se uma pessoa tem mesmo de ser refém, não podia ter melhor companhia do que vocês. – Estelle sorri a todos. Até a Zara.

– Quer vir beber um café connosco? – convida Julia.

– Não, não, tenho de ir para casa – responde Estelle com um sorriso, e depois vira-se para a agente imobiliária com uma expressão mais séria. – Lamento muito ter mudado de ideias e desistido da venda do apartamento. Mas… é a minha casa.

A agente imobiliária encolheu os ombros.

– Na verdade, acho isso muito bonito. As pessoas pensam que os agentes imobiliários só querem vender, vender, mas há qualquer coisa… nem sei bem como explicar…

Lennart intervém, com as palavras que ela não consegue encontrar:

– Há qualquer coisa de romântico quando pensamos em todos os apartamentos que não estão para venda.

A agente imobiliária assente. Estelle respira fundo várias vezes, contente. Vai ser vizinha de Julia e Ro, no apartamento do outro lado do patamar, e ela e Julia vão poder trocar livros no elevador. O primeiro que Estelle lhe vai dar é da sua poetisa preferida. Vai dobrar um canto da página e sublinhar algumas das melhores palavras que conhece.

*Não pode acontecer-te nada*
*Não, o que digo*
*Tem de te acontecer tudo*
*E tem de ser maravilhoso*

Em troca, Julia dará a Estelle um tipo de literatura completamente diferente.

Um guia sobre Estocolmo.

Ro perderá o pai. Continuará a visitá-lo todas as semanas, mas, embora ele ainda esteja na Terra, já pertence ao Céu. A mãe de Ro encontrará forças para lidar com a perda porque outra pessoa lhe mostrará que a vida continua. Julia dará à luz essa pessoa, com a mão tão apertada sobre os dedos de Ro que as enfermeiras têm de dar analgésicos a ambas as mães, a uma antes do parto, à outra depois.

Ro dormirá ao lado dele, perfeitamente imóvel, em lençóis brancos, sem ter medo. Porque atravessaria montanhas por ele. Faria tudo. Assaltaria um banco, se fosse preciso. Vão ser boas mães, Ro e Julia. Tão boas quanto é preciso, pelo menos.

Julia continuará a esconder chocolates, e Ro poderá ficar com os seus pássaros. A macaca e a rã vão adorar os pássaros e visitá-los todos os dias, e mesmo quando Julia lhes oferece muito dinheiro, elas nunca deixarão a gaiola aberta. Julia e Ro discutirão e farão as pazes, e tudo o que é preciso é garantir que são melhores na segunda parte do que na primeira. Por isso, gritarão alto, e rir-se-ão ainda mais alto, e, quando fizerem as pazes, as paredes estremecerão, e Estelle, no seu quarto de vestir, ficará embaraçada. O amor delas continuará a ser uma loja de flores.

À saída da esquadra, Zara desce rapidamente os degraus para a rua, com medo de que mais alguém a tente abraçar. Lennart corre atrás dela.

– Quer partilhar um táxi? – pergunta, como se isso não fosse a própria definição de anarquia.

Zara parece uma pessoa que nunca partilhou um táxi na vida, que não partilha nada com ninguém há muito, muito tempo. Mas, após uma longa pausa, murmura:

– Se o fizermos, você senta-se à frente. E não vamos entrar num carro com uma data de porcarias penduradas do espelho retrovisor. Isso é um beco sem saída evolucionário.

Anna-Lena ainda está sentada nos degraus. Roger senta-se ao lado dela, com esforço, tão perto que quase se tocam. Anna-Lena estica os dedos para os dele. Quer pedir desculpa. Ele também. É uma palavra mais difícil do que se possa imaginar, depois de tanto tempo a trepar às árvores.

Ela ergue os olhos para o céu, agora escuro, porque dezembro é implacável. Mas sabe que o IKEA ainda está aberto. Uma luz, algures.

– Podíamos ir ver aquele balcão de que estavas a falar – murmura.

Desfaz-se quando ele abana a cabeça. Roger não diz nada durante muito tempo. Muda, e muda de ideias.

– Pensei que podíamos fazer outra coisa – murmura por fim.

– Como assim?

– Ir ao cinema. Talvez. Se quiseres.

Ainda bem que Anna-Lena está sentada, porque senão teria caído para o lado.

Vão ao cinema e veem uma coisa inventada. Porque as pessoas também precisam de histórias, às vezes. Na escuridão da sala, dão as mãos. Para Anna-Lena, é como chegar a casa, e, para Roger, é como ter valor suficiente.

Estelle regressa rapidamente a casa. Pelo caminho, liga à filha e diz-lhe que não se preocupe, nem com o drama de reféns nem com o facto de a mãe viver sozinha naquele apartamento tão grande. Porque já não está sozinha. Estelle terá de deixar de fumar, porque a jovem que vai arrendar um quarto no apartamento nem sequer a deixa fumar no quarto de vestir.

Se quisermos ser rigorosos, na verdade, a jovem arrenda o apartamento todo à filha de Estelle, e, por sua vez, Estelle aluga um quarto à jovem, pelo mesmo valor: seis mil e quinhentas coroas. Na porta do frigorífico está um desenho amachucado de um macaco e uma rã e um alce. Estelle roubou-o da sala de interrogatórios quando Jim foi buscar café. Todas as manhãs, semana sim, semana não, a macaca e a rã tomam o pequeno-almoço com a mãe na cozinha de Estelle. Durante muitos anos, na última noite do ano, verão o fogo de artifício

juntas da janela. Depois, por fim, chegará a noite que é a última noite de Estelle sem Knut, e a última noite de todas as outras pessoas com Estelle.

No seu funeral, Ro sugere uma inscrição para a lápide: «Aqui jaz Estelle. Gostava muito do seu copo de vinho!» Julia dará um pontapé na canela de Ro, mas não com força. O filho dará as mãos a ambas enquanto se afastam. Julia guardará os livros da velha senhora para o resto da vida, e as garrafas de vinho também. Quando a macaca e a rã forem adolescentes, fumarão às escondidas no quarto de vestir.

Algures, numa espécie de paraíso, Estelle estará a ouvir música com um homem e a falar de literatura com outro. Mereceu-o.

Ah, é verdade. Na arrecadação da cave de um prédio de apartamentos não muito longe, onde dormiu em tempos, sozinha e assustada, uma mãe de duas meninas que se tornou ladra de bancos, no dia depois do drama de reféns ainda há uma caixa de cobertores. No dia a seguir ao Ano Novo, um banco, num local completamente diferente, não será assaltado porque a pessoa que escondeu a sua pistola debaixo dos cobertores descobre que ela desapareceu e vira a arrecadação do avesso, aos gritos e imprecações. Que raio de filho da mãe cruel é que rouba a *pistola* de outra pessoa?

Idiotas.

# 69

O parapeito da janela do consultório está coberto de neve. A psicóloga está a falar com o pai ao telemóvel.

– Querida Nadia, meu passarinho – diz ele na língua da sua terra natal, porque «pássaro» é uma palavra mais bonita lá.

– Eu também te amo, pai – responde Nadia pacientemente. Ele nunca falava assim com ela, mas até os programadores informáticos se transformam em poetas à medida que envelhecem. Nadia garante-lhe uma e outra vez que conduzirá com cuidado quando fizer a viagem para o visitar no dia seguinte, mas, mesmo assim, ele preferia vir buscá-la. Pais são pais e filhas são filhas, e nem as psicólogas conseguem lidar com isso facilmente.

Nadia desliga. Ouve uma pancada seca na porta, como quando alguém que não quer tocar numa porta lhe dá um toque com o cabo do chapéu de chuva. É Zara que está do outro lado. Tem uma carta na mão.

– Olá… Desculpe, pensei que… Temos alguma consulta marcada? – pergunta Nadia, à procura da agenda, e depois do telemóvel para ver que horas são.

– Não, eu só… – responde Zara baixinho. Um leve tremor das varetas metálicas do chapéu de chuva denuncia-a. Nadia apercebe-se.

– Entre, entre – convida, ansiosa.

A pele debaixo dos olhos de Zara está coberta de pequenas rugas, desgastada por tudo o que ela teve de aguentar, finalmente à beira de rebentar. Zara olha para o quadro da mulher na ponte durante vários minutos antes de perguntar a Nadia:

– Gosta do seu trabalho?

– Sim – responde Nadia com um aceno, inquieta.

– É feliz?

Nadia quer estender a mão e tocar-lhe, mas contém-se.

– Sim, sou feliz, Zara. Não sempre, mas aprendi que não temos de estar sempre felizes. Mas sou feliz… quanto basta. Foi isso que me veio perguntar?

Zara olha para além dela.

– Uma vez, perguntou-me porque gosto do meu trabalho e eu disse que era por ser muito boa nele. Porém, de forma bastante inesperada, dei por mim com algum tempo para pensar, recentemente, e cheguei à conclusão de que gostava do meu trabalho porque acreditava nele.

– Como assim? – pergunta a psicóloga na sua voz profissional, apesar de lhe apetecer dizer, de modo nada profissional, que está muito contente por ver Zara. Que tem pensado muito nela. E que estava preocupada com o que ela poderia fazer.

Zara estica a mão, aproximando-a do quadro tanto quanto pode sem chegar a tocar mesmo na mulher.

– Acredito no lugar dos bancos na sociedade. Acredito em ordem. Nunca tive qualquer objeção ao facto de os nossos clientes e a comunicação social e os políticos nos odiarem; é esse o nosso objetivo. Os bancos têm de ser o lastro do sistema. Tornam-no lento, burocrático, difícil de manobrar. Para impedir que o mundo sofra muitos solavancos. As pessoas precisam da burocracia para lhes dar tempo de pensar antes de fazerem alguma estupidez.

Cala-se. A psicóloga continua sentada em silêncio na sua cadeira.

– Perdoe-me por estar a especular, Zara – observa, por fim –, mas parece que algo mudou. Em si.

Zara fita-a então diretamente nos olhos, pela primeira vez.

– O mercado imobiliário vai voltar a cair. Talvez não seja amanhã, mas irá acontecer novamente. Nós sabemos disso. No entanto continuamos a emprestar dinheiro. Quando as pessoas perdem tudo, dizemos-lhes que foi responsabilidade delas, que são essas as regras do jogo, que a culpa foi sua por serem tão ambiciosas. É claro que isso não é verdade. As pessoas, na sua maioria, não são demasiado ambiciosas; são apenas… como disse quando estávamos a falar sobre o quadro? Estão apenas à procura de algo a que se agarrar. Algo por que lutar. Só querem um sítio para viver, um lugar para criarem os filhos, para viverem a sua vida.

– Aconteceu-lhe alguma coisa desde a nossa última sessão? – pergunta a

psicóloga.

Zara faz um sorriso torturado. Como há de responder a uma pergunta dessas? Assim, responde a uma pergunta que nunca foi feita.

– Tornou-se tudo mais leve, mais fácil, Nadia. Os bancos já não são lastro. Há cem anos, praticamente todas as pessoas que trabalhavam num banco compreendiam como é que o banco ganhava dinheiro. Agora há, no máximo, três pessoas em cada banco que compreendem realmente de onde é que o dinheiro vem.

– E está agora a questionar o seu lugar no banco porque acha que já não compreende? – palpita a psicóloga.

Zara abana a cabeça com uma expressão triste.

– Não. Apresentei a minha demissão. Porque me apercebi de que era uma dessas três pessoas.

– O que vai fazer agora?

– Não sei.

A psicóloga tem finalmente algo importante para dizer. Algo que não aprendeu na universidade, mas que toda a gente tem de ouvir de vez em quando.

– Não saber é um bom ponto de partida.

Zara fica em silêncio. Esfrega as mãos, conta janelas. A secretária é estreita; as duas mulheres provavelmente não se sentiriam à vontade em estar sentadas tão perto uma da outra se não houvesse algo entre elas. Às vezes não precisamos de distância, apenas de barreiras. Os movimentos de Zara são ponderados, os de Nadia, cautelosos. Só passado muito tempo a psicóloga arrisca falar de novo.

– Lembra-se de me perguntar, numa das primeiras vezes em que falámos, se eu conseguia explicar o que era um ataque de pânico? Acho que nunca cheguei a dar-lhe uma boa resposta.

– E tem uma melhor agora? – pergunta Zara.

A psicóloga faz que não com a cabeça. Zara não consegue conter um sorriso. Nadia continua, usando as suas próprias palavras e não aquelas que aprendeu no curso de Psicologia ou que ouviu de terceiros:

– Mas sabe que mais, Zara? Aprendi que ajuda falar sobre o assunto. Infelizmente, penso que as pessoas ainda teriam mais compreensão por parte dos colegas e chefes se aparecessem um dia de manhã e dissessem «estou de ressaca» do que se dissessem «estou a sofrer de ansiedade». Mas acho que passamos todos os dias na rua por pessoas que se sentem como você e eu, só que muitas delas não sabem o que é. Homens e mulheres que passam meses com dificuldade em respirar, a procurar médicos atrás de médicos porque acham que têm algum problema nos pulmões. Tudo porque é tão difícil admitir que há outra coisa… avariada. Que temos uma dor na alma, pesos de chumbo invisíveis no sangue, uma pressão indescritível no peito. O nosso próprio cérebro mente-nos, diz-nos que vamos morrer. Mas não temos problema nenhum nos pulmões, Zara. Não vamos morrer, você e eu.

As palavras ficam a pairar entre elas, a dançar, invisíveis nas suas retinas, antes de o silêncio as engolir. Não vamos morrer. Não vamos morrer. Não vamos morrer, você e eu.

– Ainda! – observa Zara por fim, e a psicóloga desata a rir.

– Sabe que mais, Zara? Talvez possa arranjar um novo emprego a escrever frases para os biscoitos da sorte. – Sorri.

– A única frase que se deve encontrar dentro de um bolo é: «É por isto que és gordo» – responde Zara. Ri-se também, mas o estremecimento no seu queixo denuncia-a. Olha primeiro para a janela, depois para as mãos de Nadia, para o seu pescoço, o queixo, sem nunca chegar mesmo aos olhos, mas quase. O silêncio que se segue é o mais longo que já partilharam. Zara fecha os olhos, aperta os lábios, e a pele sob os seus olhos cede finalmente. O terror manifesta-se sob a forma de gotas frágeis e desliza em direção à beira da secretária.

Muito devagar, solta o envelope que tem na mão. A psicóloga pega-lhe, hesitante. Zara quer murmurar que foi por causa desta carta que aqui veio, da primeira vez, ao passarem exatamente dez anos desde que o homem saltara. Que precisa de alguém que leia em voz alta o que ele lhe escreveu e depois, quando o peito dela explodir em chamas, que a impeça de saltar também.

Quer murmurar-lhe tudo, sobre a ponte e sobre a própria Nadia, e como viu o

rapaz correr para ela e salvá-la. E como passou todos os dias desde então a pensar na diferença entre as pessoas. Mas tudo o que consegue dizer é:

– Nadia… você… eu…

Nadia tem vontade de abraçar a mulher mais velha do outro lado da secretária, mas não se atreve. Então, em vez disso, enquanto Zara fecha os olhos, a psicóloga enfia o dedo mindinho no canto do envelope e abre-o. E tira um bilhete manuscrito com dez anos.

Cinco palavras.

# 70

A ponte está coberta de gelo, cintilante sob as últimas estrelas corajosas, à medida que a alvorada se iça sobre o horizonte. A cidade respira profundamente à sua volta, ainda adormecida, aninhada em edredões e sonhos e pezinhos minúsculos pertencentes a corações sem os quais o nosso não consegue bater.

Zara está encostada ao parapeito. Inclina-se, olha sobre a beira. Quase parece, por um breve momento, que vai saltar. Mas se alguém a visse e soubesse toda a sua história e tudo o que acontecera nos últimos dias… bom, nesse caso, seria óbvio que ela não vai fazer nada disso. Ninguém passa por tudo isto para terminar uma história dessa maneira. Ela não é o tipo de pessoa que salta.

E depois?

Liberta-se.

A distância é maior do que parece, mesmo para quem está ali mesmo. Demora mais do que esperamos a atingir a superfície da água. Um leve sussurro, o vento a pegar no papel, que estremece e se vira enquanto a carta desliza sobre a água. Os dedos que seguraram naquele envelope dez mil vezes desde que o apanharam do tapete por baixo da ranhura do correio abandonam a sua luta, e a carta desliza em direção à própria eternidade.

O homem que lhe mandou a carta há dez anos escreveu tudo o que pensou que ela precisaria de saber. Foi a última coisa que disse a alguém. Apenas cinco palavras, não mais do que isso. As cinco maiores palavrinhas que uma pessoa, qualquer pessoa, pode dizer a outra:

*A culpa não foi sua.*

Quando a carta toca na água, Zara já está a afastar-se do local, em direção ao

fim da ponte. Está um carro lá estacionado, à sua espera, com Lennart sentado atrás do volante. Os olhos de ambos cruzam-se quando ela abre a porta. Ele deixa-a pôr a música tão alta quanto quer. Zara tenciona fazer todos os possíveis para se fartar dele.

# 71

Dizem que a personalidade de uma pessoa é a soma das suas experiências. Mas tal não é verdade ou, pelo menos, não é inteiramente verdade, porque se o passado fosse tudo aquilo que nos define, nunca conseguiríamos aturar-nos a nós próprios. Temos de poder convencer-nos de que somos mais do que os erros que cometemos ontem. Que somos também todas as nossas próximas escolhas, todos os nossos amanhãs.

A rapariga sempre pensou que o mais estranho era que nunca conseguia zangar-se com a mãe. O vidro que cercava esse sentimento era inquebrável. A seguir ao funeral, fez as limpezas e tirou garrafas de *gin* vazias de todos os esconderijos que nunca tivera coragem de dizer à mãe que conhecia. Talvez seja a última boia de salvação a que uma mãe viciada, ou um pai, se agarra: a ideia de que os filhos talvez não saibam. Como se fosse possível esconder o caos. Nem sequer é possível enterrá-lo, pensa a filha; é simplesmente herdado.

Uma vez, a mãe murmurou-lhe ao ouvido em voz arrastada: «A personalidade é apenas a soma das nossas experiências. Não deixes que ninguém te diga o contrário. Portanto não te preocupes, minha princesinha; o teu coração nunca será partido, porque cresceste num lar disfuncional. Não serás uma romântica quando cresceres, porque as crianças de lares disfuncionais não acreditam em amor eterno.»

Adormeceu com a cabeça no ombro da filha, no sofá, e a filha tapou-a com uma manta e limpou o *gin* entornado no chão.

«Estás enganada, mãe», murmurou na escuridão, e tinha razão. Só um romântico assaltaria um banco pelos filhos.

Porque a rapariga cresceu e teve as suas próprias filhas. Uma macaca e uma rã. Tentou ser uma boa mãe, apesar de não ter um manual de instruções. Uma boa esposa, uma boa funcionária, uma boa pessoa. Passava todos os segundos de todos os dias morta de medo de falhar, mas durante algum tempo acreditou mesmo que estava tudo a correr bem. Relativamente bem, pelo menos. Relaxou

e, como não estava preparada, a infidelidade e o divórcio atingiram-na com força na parte de trás da cabeça. A vida atirou-a ao chão. Acontece à maioria das pessoas, mais cedo ou mais tarde. Talvez já lhe tenha acontecido também a si.

Há algumas semanas, no caminho de regresso a casa depois da escola, o alce e a macaca e a rã saíram do autocarro, como de costume, e começaram a atravessar a ponte. A meio, as meninas pararam. A mãe não reparou logo e, quando olhou para trás, viu-as paradas a dez metros de si. A macaca e a rã tinham comprado um cadeado, depois de verem na *internet* pessoas a prendê-los às balaustradas de pontes em outras cidades.

«Se fizermos isto, trancamos o amor para sempre e nunca deixaremos de nos amar!»

A mãe ficou de rastos, porque pensou que as filhas tinham medo que ela deixasse de as amar devido ao divórcio. Que pensassem que tudo ia ser diferente agora, que ela deixaria de lhes pertencer. Foram precisos dez minutos de soluços e explicações confusas até a macaca e a rã pegarem pacientemente no rosto da mãe e murmurarem: «Não estamos com medo de te perder, mamã. Só queremos que saibas que nunca nos perderás.»

O cadeado fechou-se com um estalido. A macaca atirou a chave por cima do parapeito; viram-na rodopiar até atingir a água e choraram as três.

«Para sempre», murmurou a mãe.

«Para sempre», repetiram as filhas.

Enquanto se afastavam, a filha mais nova admitiu que, quando vira pela primeira vez *online* esta coisa dos cadeados, pensara que era porque tinham medo que alguém roubasse a ponte. Depois questionou se deviam preocupar-se que alguém levasse o cadeado. A irmã mais velha teve de lhe explicar, mas conseguiu fazê-lo sem que a mais nova se sentisse estúpida. A mãe não consegue deixar de pensar que ela e o pai das meninas pelo menos tinham acertado em alguma coisa, porque as filhas eram capazes de admitir quando estavam erradas e de perdoar os outros quando eles erravam.

Nessa noite comeram piza, o prato preferido das duas meninas. Depois de elas adormecerem nos seus colchões, no chão do pequeno apartamento que

custava seis mil e quinhentas coroas por mês, e cuja renda nesse momento ela não fazia a mais pequena ideia de como iria pagar no próximo mês, a mãe ficou sentada na escuridão. Não faltava muito para o Natal, e logo a seguir seria o Ano Novo, e ela sabia como as meninas estavam ansiosas pelo fogo de artifício. Estava a dilacerá-la saber que as filhas ainda confiavam nela, por desconhecerem tudo aquilo em que ela fracassara. Quando o dia nasceu, arrumou-lhes as mochilas, e um caderno caiu da mochila da filha mais velha. Ia guardá-lo, mas o caderno caíra aberto numa página que começava com as palavras: «A Princesa com Dois Reinos.» Ao princípio, a mãe ficou aborrecida, porque passara a vida a tentar persuadir as filhas a não serem princesas – esperava que elas quisessem ser guerreiras. E, como as meninas amavam a mãe, naturalmente faziam o que ela queria, ou pelo menos fingiam, e depois faziam precisamente o oposto, porque o dever dos filhos é não ligar nenhuma aos pais. Na escola, a professora pedira à filha mais velha que escrevesse um conto de fadas e ela escrevera «A Princesa com Dois Reinos». Era sobre uma princesa que vivia num grande e lindo castelo, e que uma noite encontrou um buraco no chão debaixo da cama, e dentro desse buraco havia um mundo secreto e mágico, repleto de criaturas estranhas e fantásticas, dragões e *trolls* e outras coisas que a filha devia ter inventado. Coisas tão fantásticas que a imaginação e a fuga da realidade que se encontrava por trás delas quase destruiu a mãe, porque só conseguia pensar: *É preciso que a vida real seja muito má para ela precisar deste tipo de… de escape.* Todas as criaturas eram felizes, viviam em paz, e não havia sofrimento no seu pequeno mundo. Mas a princesa da história depressa descobriu uma terrível verdade: que o mundo mágico que encontrara, onde viviam todos os seus novos amigos, ficava na realidade localizado entre dois castelos de dois reinos diferentes. Um deles era governado por um rei, outro por uma rainha, e estes dois reinos estavam a travar uma guerra horrível um contra o outro. Mandavam os seus exércitos combater e disparar armas terríveis, mas as muralhas de ambos os reinos eram demasiado altas e fortes para cederem, e por fim a menina percebeu que a guerra não destruiria nenhum deles. Ia apenas arruinar e matar tudo o que havia entre eles. E foi então que soube a verdade: que o rei e a rainha

eram os seus pais. Ela era a princesa deles, e toda a guerra era por sua causa – estavam a tentar vencer-se um ao outro com o objetivo de a conquistar. Quando a mãe leu as últimas palavras da história, as filhas estavam a acordar nos seus colchões, e tudo o que valia alguma coisa dentro dela estava em ruínas. A história terminava com a princesa a despedir-se dos seus novos amigos e a partir, sozinha. Uma noite, desapareceu na escuridão e nunca mais voltou. Porque sabia que, se desaparecesse, os pais não teriam mais motivos para lutar. Assim, conseguiria salvar os dois reinos e o mundo mágico entre eles.

Depois de as filhas se levantarem, a mãe tomou o pequeno-almoço com elas e tentou agir como se nada se passasse. Deixou-as na escola, voltou a pé até à ponte e parou no meio desta, onde apertou o cadeado com todas as suas forças.

Não lutou com o ex-marido por causa da casa, não discutiu com a ex-chefe por causa do emprego, não enfrentou o advogado, não disparou armas, não causou caos. Pelo bem das crianças. Fez tudo o que podia para impedir que os erros dos adultos as afetassem. Isso não explica porque tentou assaltar um banco. Não é uma desculpa. Mas talvez você também já tenha tido uma má ideia de vez em quando. Talvez merecesse uma segunda oportunidade. Talvez não seja a única pessoa.

Na manhã da antevéspera de Ano Novo, ela saiu de casa com uma pistola. Nessa mesma noite, agora, está de regresso a casa. Algumas horas depois do drama de reféns de que a cidade ainda falará daqui a muitos anos, a mãe vai buscar as filhas e pergunta:

– Divertiram-se com o papá?

– Sim, mamã! E tu? – pergunta a filha mais nova.

A mãe sorri, pensa por um momento e encolhe os ombros.

– Oh, sabem como é… não aconteceu nada de especial. Tudo como de costume.

Mas quando atravessam a ponte, a mãe pousa ao de leve a mão no ombro da filha mais velha e murmura-lhe rapidamente ao ouvido:

– És a minha princesa, e a minha guerreira, e podes ser as duas coisas ao mesmo tempo…, promete que nunca te esquecerás disso. Sei que nem sempre sou uma mãe fantástica, mas o facto de eu e o teu pai nos estarmos a divorciar não é tua… nunca podes pensar, nem por um segundo que a culpa é…

A filha mais velha acena e tenta conter as lágrimas. A mais nova diz-lhes que se despachem e elas correm para a apanhar. A mãe limpa as lágrimas do rosto e pergunta-lhes se querem piza ao jantar e a mais nova grita:

– Isso pergunta-se?

Nessa noite, pouco depois de se deitarem na nova casa da mãe, no apartamento de uma senhora idosa simpática e ligeiramente doida chamada Estelle, a mais velha pega na mão da mãe e murmura:

– És uma boa mãe, mamã. Não te preocupes tanto. Está tudo bem.

E aí encontram-na, finalmente: a paz para o mundo entre os dois reinos. Todas as criaturas mágicas, maravilhosas e imaginárias podem dormir descansadas, em segurança. Macacas, rãs, alces, velhotas, toda a gente.

# 72

O Ano Novo chega, o que, já se sabe, nunca significa tanto como esperamos, exceto para quem vende calendários. Um dia torna-se outro, o «agora» passa a «antes». O inverno espalha-se sobre a cidade como um parente com excesso de autoconfiança, o prédio em frente do banco muda de cor de acordo com a temperatura. Não parece grande coisa, um edifício cinzento sob a sua cobertura branca temporária, num sítio onde as pessoas não parecem querer viver, mas onde apenas toleram ser armazenadas. Dentro de alguns anos, sem dúvida, um dos habitantes locais apontará para a porta e dirá a algum visitante presumido de uma das cidades grandes: «Ali houve em tempos um drama de reféns.»

O visitante olhará para o prédio e responderá com ceticismo e desdém: «Ali? Imagino!»

Porque toda a gente sabe que essas coisas não acontecem em cidadezinhas como esta.

Passam alguns dias do Ano Novo e uma mulher está a sair da porta do prédio. Vem a rir – tem as duas filhas consigo e elas disseram alguma coisa que as fez rir tanto que têm os narizes a pingar no meio dos flocos de neve que esvoaçam à sua volta. Dirigem-se ao caixote do lixo, onde deixam uma caixa de piza, e então a mulher levanta a cabeça e estaca subitamente. Uma das filhas começa a trepar por ela enquanto a outra saltita.

Está a ficar tarde, o céu tem o negrume de janeiro e a neve que cai reduz a visibilidade, mas ela vê o carro da polícia do outro lado da estrada. Dentro dele, dois polícias, um mais velho e outro mais novo. Olha para eles; as filhas ainda não repararam no seu terror. Só consegue pensar numa coisa: «Em frente das meninas não.» São meros segundos, mas ela consegue viver duas vidas inteiras. As vidas das filhas.

O carro da polícia aproxima-se lentamente.

Passa por ela.

Continua a andar, vira à direita, desaparece.

– Eu compreendia se quisesses detê-la – murmura Jim no banco do passageiro, com medo de que o filho tenha mudado de ideias.

– Não, só queria vê-la, para sermos os dois cúmplices – admite o filho atrás do volante.

– De quê?

– De a deixar em liberdade.

Não falam mais sobre ela. Nem sobre a mulher à porta do prédio nem sobre a outra de que ambos têm saudades. Jim salvou uma ladra de bancos e enganou o filho, e Jack talvez nunca mais consiga perdoar-lhe completamente por isso, mas é possível que ambos sejam capazes de seguir em frente juntos, mesmo assim.

Percorrem a cidade durante alguns minutos até que o pai diz, por fim, sem olhar para o filho:

– Sei que te ofereceram um lugar em Estocolmo.

Jack olha para ele, surpreendido.

– Como raio soubeste disso?

– Não sou estúpido. Pelo menos, não sou *sempre* estúpido. Às vezes só pareço.

Jack sorri, envergonhado.

– Eu sei, pai.

– Devias aceitar. O trabalho.

Jack liga o pisca, vira, demora algum tempo a encontrar uma resposta.

– Aceitar um emprego em Estocolmo? Fazes ideia do nível do custo de vida em Estocolmo?

O pai tamborila com a aliança no porta-luvas, tristemente.

– Não fiques aqui por minha causa, filho.

– Claro que não – mente Jack.

Porque sabe que, se a mãe ali estivesse, argumentaria: «Sabes que mais,

filho? Há razões piores para ficar num sítio.»

– O nosso turno acabou – diz Jim.

– Queres café? – pergunta Jack.

– Agora? Já é um bocado tarde – responde o pai com um bocejo.

– Vamos parar e comprar um café – insiste Jack.

– Para quê?

– Pensei que podíamos ir buscar o meu carro à esquadra e fazer uma viagenzita.

– Aonde?

Jack responde como se fosse óbvio.

– Ver a minha irmã.

Ao ouvir isto, os olhos de Jim afastam-se do filho e viram-se para a estrada.

– O quê? Agora?

– Sim.

– Porquê… porquê agora?

– Porque ela está quase a fazer anos. Porque tu estás quase a fazer anos. Porque só faltam onze meses para o Natal. Que interessa o porquê? Só pensei que ela gostaria de vir para casa.

Jim tem de ficar concentrado na estrada, na linha branca que se estende no meio dela, para não perder o controlo da voz.

– Mas isso é uma viagem de carro de pelo menos vinte e quatro horas, não é?

Jack revira os olhos.

– Mas que porra, pai! Não disse que íamos parar para comprar café?

Assim, é o que fazem. Conduzem a noite inteira e o dia seguinte. Batem à porta dela. Talvez ela volte para casa com eles, talvez não volte. Talvez esteja pronta para encontrar uma maneira melhor de descer, talvez saiba agora a diferença entre a sensação de voar e a sensação de cair, ou talvez não. É impossível controlar essas coisas, tal como o amor. Porque, se calhar, é verdade aquilo que dizem – que, até uma certa idade, os filhos nos amam de forma incondicional e incontrolável por uma simples razão: nós pertencemos-lhes. E os

nossos pais e irmãos também podem amar-nos para o resto da vida, precisamente pela mesma razão.

A verdade. Não há verdade nenhuma. Tudo o que conseguimos descobrir sobre os limites do universo é que eles não existem, e tudo o que sabemos sobre Deus é que não sabemos nada. Assim, a única coisa que uma mãe que era sacerdote exigia da família era simples: que dessem o seu melhor. Plantamos uma macieira hoje, mesmo sabendo que o mundo acabará amanhã.

Salvamos aqueles que podemos.

# 73

Chega a primavera. Ela encontra-nos sempre, no fim. O vento varre o inverno, as árvores sussurram e os pássaros começam a fazer barulho, e de súbito a natureza irrompe pelo mundo com um rugido ensurdecedor, onde a neve engolira todos os ecos durante meses.

Jack sai de um elevador, confuso e curioso. Traz uma carta apertada na mão. Encontrou-a no tapete uma manhã, sem selo. Lá dentro, um bilhete com esta morada, o andar e o número de um gabinete. Por baixo, uma fotografia da ponte e outro envelope, selado, com outro nome escrito.

Zara viu Jack na esquadra e reconheceu-o, apesar dos anos que tinham passado. E como ela tem revivido esses mesmos momentos uma e outra vez desde aquele dia, percebeu que ele tinha feito o mesmo.

Jack encontra o gabinete certo, bate à porta. Passaram dez anos desde que um homem saltou, quase exatamente o mesmo tempo desde que uma rapariga não o fez. Ela abre a porta sem saber quem ele é, mas o coração de Jack desfaz-se em pedacinhos assim que a vê, porque não se esqueceu. Não a via desde que ela estava em cima do parapeito da ponte, mas tê-la-ia reconhecido até na escuridão.

– Eu… eu… – gagueja Jack.

– Olá! Está à procura de alguém? – pergunta Nadia, amável, mas confusa.

Ele tem de se apoiar na ombreira da porta e os seus dedos roçam nos dela. Ainda nenhum deles sabe como pode afetar o outro. Ele estende-lhe o envelope maior, com o seu nome rabiscado do lado de fora, e lá dentro a fotografia da ponte e a morada do gabinete dela. Por trás, o envelope mais pequeno com as palavras «Para a Nadia» escritas no exterior. No interior, um pequeno papel no qual Zara escreveu, numa caligrafia consideravelmente mais cuidada, duas simples frases.

*Você salvou-se a si própria. Ele estava lá por acaso.*

Quando Nadia perde o equilíbrio, por um breve instante, Jack segura-lhe no braço. Os olhos de ambos procuram-se. Ela agarra-se com muita, muita força àquelas duas frases, mas mal consegue formular uma em voz alta:

– Era você… na ponte, quando eu… Era você?

Ele acena em silêncio. Ela debate-se para encontrar mais palavras.

– Não sei o que… Dê-me um momento. Preciso de… preciso de me recompor.

Dirige-se à secretária e deixa-se cair na cadeira. Passou dez anos a pensar em quem ele seria, e agora não faz ideia do que há de dizer. Por onde começar. Jack entra cuidadosamente no gabinete, vê a fotografia na estante, a que Zara ajeitava sempre quando lá ia. É uma fotografia de Nadia com um grupo de crianças, num grande acampamento de verão, seis meses antes. Nadia e as crianças estão a rir e a brincar e vestem todas *t-shirts* iguais com o nome da organização de solidariedade que patrocina o acampamento. É uma organização que angaria dinheiro para trabalhar com crianças como as da fotografia, crianças que perderam alguém da família por suicídio. Quando ficamos para trás, ajuda saber que não estamos sós. Não podemos carregar sozinhos a culpa e a vergonha e o silêncio insuportáveis, e não devíamos ter de fazê-lo, e é por isso que, todos os anos, Nadia vai para aquele acampamento de verão. Para ouvir muito, falar um pouco e rir tanto quanto possível.

Ela ainda não sabe, mas a instituição acaba de receber uma doação substancial na sua conta bancária. De uma mulher com auscultadores que se demitiu do emprego, doou toda a sua fortuna e atravessou uma ponte. Graças a ela, poderão continuar a fazer o acampamento de verão durante muitos anos.

Jack e Nadia sentam-se, um de cada lado da secretária estreita, e olham um para o outro. Ele sorri debilmente e, passado algum tempo, ela sorri também, ao mesmo tempo aterrorizada e cheia de risos. Um dia, daqui a dez anos, talvez contem a alguém que foi assim. A primeira vez.

# 74

A verdade? A verdade em relação a tudo isto? A verdade é que esta foi uma história sobre muitas coisas diferentes, mas principalmente sobre idiotas. Porque todos tentamos fazer o melhor que podemos, a sério. Tentamos ser adultos e gostar uns dos outros e perceber como raio é que se enfiam as fichas USB. Procuramos algo a que nos agarrar, algo por que lutar, algo por que ansiar. Fazemos os possíveis para ensinar os nossos filhos a nadar. Temos tudo isto em comum e, contudo, permanecemos quase sempre estranhos – nunca sabemos o que fazemos uns aos outros, como a sua vida é afetada pela minha.

Talvez nos tenhamos cruzado hoje, com pressa no meio da multidão, sem darmos por isso, e as fibras do seu casaco roçaram no meu por um instante fugaz, e seguimos caminho. Eu não sei quem você é.

Mas quando chegar a casa mais logo, quando o dia terminar e a noite se instalar, pare e respire fundo. Porque nós também chegámos ao fim deste dia.

E amanhã haverá outro.

**Se precisar de alguém:**

Linha SOS voz amiga. Linha de apoio emocional e prevenção ao suicídio:
213 544 545 / 912 802 669 / 963 524 660
(diariamente das 15h30 às 00h30)

# Agradecimentos do autor

J. Muito poucas pessoas tiveram na minha vida tamanho efeito como tu. O amigo mais amável, estranho, engraçado, desorganizado e complicado que já tive. Passaram quase vinte anos e ainda penso em ti quase todos os dias. Lamento muito que não tenhas aguentado mais. Odeio-me a mim próprio por não ter conseguido salvar-te.

Neda. Doze anos juntos, dez anos casados, dois filhos e um milhão de discussões por causa de toalhas molhadas no chão e sentimentos para os quais ainda estamos a tentar encontrar palavras. Não sei como conseguiste conciliar duas carreiras, a tua e a minha, mas, sem ti, não estaria onde estou hoje. Sei que te deixo louca, mas sou louco por ti. Os patos voam juntos.

O macaco e a rã. Estou a tentar ser um bom pai. Estou mesmo. Mas quando entraram no carro e perguntaram: «Que cheiro é este? Estás a comer guloseimas?», eu menti. Desculpem.

Niklas Natt och Dag. Nem sei há quantos anos partilhamos um escritório. Oito? Nove? Posso dizer honestamente que nunca conheci um génio, mas és o que mais se aproxima disso. Também nunca tive um irmão.

Riad Haddouche, Junes Jaddid e Erik Edlund. Não o digo tantas vezes como devia. Mas espero que saibam.

Mãe e pai, a minha irmã e Paul. Houshang, Parham e Meri.

Vanja Vinter. Teimosa como tudo desde 2013, e a única pessoa que trabalhou comigo ao longo de quase toda a minha carreira. Editora, revisora, mais um par de olhos, um turbilhão, e uma boa amiga para todas as minhas histórias. Obrigado por me dares sempre cem por cento.

A Agência Salomonsson. Principalmente, claro, o meu agente Tor Jonasson, que nem sempre compreende o que raio eu estou a fazer, mas que me defende

sempre com a mesma obstinação. Marie Gyllenhammar, que é como um membro da família quando a maquinaria e o circo rodopiam demasiado depressa e estou a tentar encontrar-me a mim próprio. Cecilia Imberg, que foi uma segunda revisora e conselheira linguística na parte final deste projeto. (Nos casos em que discordámos sobre a gramática, claro que tinhas razão, mas às vezes eu cometo erros só porque sim.)

Bokförlaget Forum, os meus editores na Suécia. Em particular John Häggblom, Maria Burlin, Adam Dahlin e Sara Lindegren.

Alex Schulman, que, quando eu estava a tentar que este livro funcionasse, me recordou da sensação quando um texto nos deixa completamente sem palavras. Christoffer Carlsson, que leu e corrigiu e riu. Devo-te uma cerveja. Ou duas. Marcus Leifby, a minha primeira escolha incontestável quando preciso de beber café e de falar sobre a segunda divisão de hóquei no gelo e documentários da guerra do Vietname durante seis horas a uma terça-feira.

Todas as editoras noutros países que publicam os meus livros, da Escandinávia à Coreia do Sul. Em particular, gostaria de agradecer a Peter Borland, Libby McGuire, Kevin Hanson, Ariele Fredman, Rita Silva, e a todos os que continuaram teimosamente a ter fé em mim na Atria Books/Simon & Schuster nos EUA e Canadá, e a Judith Curr, que me ajudou a lá chegar. Tornaram-se o meu segundo mercado natal.

A todos os que traduziram os meus livros, em particular Neil Smith. Ao meu capista, Nils Olsson. Ao meu livreiro preferido, Johan Zillén.

Aos psicólogos e terapeutas que trabalharam comigo nos últimos anos. Em especial a Bengt, que me ajudou a lidar com os meus ataques de pânico.

A si. Por ler isto. Obrigado pelo seu tempo.

Finalmente: os autores a que Estelle se refere em vários pontos desta história. Por ordem, são: Astrid Lindgren (pág. 267), J. M. Barrie (pág. 267), Charles Dickens (pág. 278), Joyce Carol Oates (pág. 278), Khalil Gibran (pág. 279), William Shakespeare (pág. 303), Lev Tolstoi (pág. 326) e Bodil Malmsten (págs. 326 e 335). Se algum estiver erroneamente citado, a culpa é apenas minha, ou

possivelmente do meu tradutor, mas nunca de Estelle.